

A EVOLUÇÃO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. de Hartmann, *Philosophie de l'Inconscient* t. 1.º pg. 430

Caminhamos para um ideal político em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. Spencer, *Classification des sciences*, pag. 119.

SEMANARIO REPUBLICANO



A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. Comte, *Cours de Philosophie positive*, t. 6. pg. 298.

Agradecemos cordealmente a todos os cavalheiros que se interessaram por esta folha, angariando assignaturas e noticiando a sua publicação.

Especiallissimos no nosso agradecimento os distinctos escriptores que desinteressadamente nos prestam o valioso concurso da sua collaboração.

Apresentando-nos na imprensa cumpre-nos expôr e justificar os principios que vamos defender.

Nós entendemos que a fórma de governo que nos pôde dar maior somma de garantias materiaes e moraes é a Republica.

Dizendo-nos clara e abertamente republicanos satisfazemos um dever indeclinavel da consciencia e uma feição particular do nosso espirito a qual nos torna incompativeis com as tergiversações e com os rodeios.

Passou o tempo das afirmações vagas e banaes. Hoje a primeira obrigação do jornalista consciencioso e digno é dizer francamente o que pensa, é declarar formalmente o que pretende,—demonstrando a verdade do seu pensamento e a justiça das suas pretensões.

É o que vamos fazer.

Estudando o estado social das diversas nações da Europa vemos que a Inglaterra e a França são indubitavelmente as que sobre nós teem uma influencia mais sensivel.

A Inglaterra exerce sobre Portugal uma pressão official, deprimente.

Todos os partidos monarchicos vão buscar a este paiz capitaes para restaurarem o thesouro e idéas para povoarem o cerebro.

A sua constituição politica é apontada pelos philosophos officiaes como exemplar e impecavel. Da sua bocca saem a cada momento estas palavras:

«Vejam a Inglaterra. Que perfeição: a liberdade amplissima, a riqueza inexaurivel, a ordem inalteravel.»

Apezar d'isso, enquanto os pensadores nacionaes discorrem com esta lucidez, Parnell está na prisão, vagueiam milhares de mendigos em Londres, e a Irlanda subleva-se contra um governo tão perfeito.

Mas admittamos que a Inglaterra tem as instituições politicas que mais garantias de prosperidade lhe podem assegurar. Isto não basta para que as desejemos ver entre nós.

As instituições d'um paiz não convêm a outro pelo simples facto de darem excellentes resultados no primeiro. Uma dada fórma politica corresponde a um determinado estado social; e as condições sob que se desenvolve a civilização ingleza são radicalmente differentes

das que se realisam nos outras nações da Europa.

Os escriptores que teem apreciado scientificamente a constituição ingleza, tão preconizada, depois de Montesquieu, pelos publicistas metaphysicos, demonstram que as suas instituições são especiallissimas e constituem uma anomalia politica verdadeiramente especial.

Henry T. Buckle, o eminente auctor da *Historia da Civilização na Inglaterra*, diz que este paiz deve á sua posição insular, que tornava difficis as relações com o estrangeiro, o ter uma civilização caracteristica e propria perfeitamente distincta da de todas as nações continentaes.

E Augusto Comte sustenta que os philophos e estadistas que desejam a transplantação para o continente europeu do regimen politico inglez commettem um erro capital, desculpavel unicamente em face do atrazo das sciencias sociaes.

Querer, pois, apresentar as instituições inglezas como um modelo que a Europa deva seguir é desconhecer as leis do condicionalismo social e os resultados da sciencia moderna.

A constituição ingleza, correspondendo a necessidades puramente locais, não pode aspirar ao cosmopolitismo.

E se nos referirmos particularmente a Portugal ninguem hoje duvida que de termos seguido de mais a Inglaterra provém a maior parte dos nossos males.

Todas as considerações nos levam, portanto, a pôr de parte o typo politico inglez.

A outra nação que dissemos ter uma influencia directa sobre a nossa sociedade é a França.

É para ella que convergem hoje, como sempre têm convergido, as atenções do mundo culto.

Em 1789 a França subleva-se e o grande movimento revolucionario repercute-se em toda a Europa. Agita-se em 1848 a França e a commoção propaga-se n'uma area immensa. Se o primeiro impulso teve mais em vista a decomposição do antigo regimen do que a organização do regimen novo, se a republica de 48 definiu n'um meio creado pela esterilidade sentimentalista dos seus chefes,—o movimento de 1870 tem, pelo contrario, um caracter essencialmente organico de renovação e de regeneração social.

Quem estuda a lição proficua da historia sabe que a França exerce, senão em toda a Europa, pelo menos na Europa latina, uma incontestavel preponderancia hegemonica.

Em todas as manifestações da nossa vitalidade social se faz sentir esse predominio. Impellidos na direcção que a França nos imprime, inspirados pelas mesmas idéas, sollicitados pelos mesmos interesses, nós vemos augmentarem de dia para dia os obstaculos que se oppõem á sustentação do regimen monarchico e dimi-

nuem as difficuldades que encontra o estabelecimento do governo republicano.

Herbert Spencer demonstrou, generalizando a lei de Maupertuis até ao campo social, que o movimento humano—economico, politico ou de qualquer outra natureza—segue, como todos os movimentos, a linha da menor resistencia, propaga-se no sentido em que encontra menos obstaculos.

A evolução politica segue, pois, o sentido republicano.

Não somos levados a fazer esta affirmação por interesses partidarios. O que dizemos é uma verdade fundamental accete e proclamada por todos os pensadores eminentes do nosso seculo que discutem as questões sociaes á luz do mais elevado criterio e das mais generosas aspirações.

As theorias philosophicas que mais se combatem, o materialismo do dr. Büchner e o inconscientismo de von Hartmann, o espiritalismo de Victor Hugo e o positivismo de Littré encontram-se n'este campo neutro.

Usando uns dos processos laboriosos e fructificaveis da sciencia, servindo-se outros da sua poderosa intuição philosophica, chegaram todos á affirmação da Republica, como um ponto central para onde convergem todas as philosophias, como um fim social para que tende todo o progresso.

Poderá a vontade dos estadistas, poderá a intriga dos politicos desviar este movimento do seu curso normal?

Ha quem responda affirmativamente. O idealista Carlyle deu uma amplitude tamanha a intervenção individual na marcha dos acontecimentos historicos que reduz á historia da humanidade á biographia dos homens eminentes.

Sobre tão estranha concepção baseou-se uma escola cuja inanidade de principios comprometteu todos os partidos politicos que a seguiram.

A sciencia combateu esta doutrina e provou que as façanhas dos grandes generaes e os planos dos grandes estadistas, quando se oppõem ás tendencias da sociedade em cujo meio se produzem, teem uma existencia perfeitamente ephemera.

«Os crimes gigantescos d'um Alexandre ou d'um Napoleão, diz um escriptor notavel, não produzem effeito algum, passado um certo tempo, e os negocios do mundo recuperam o seu primitivo equilibrio.»

A lenda napoleonica está destruida pela sciencia e apenas é hoje explorada pelo mais antipatriotico dos partidos politicos da França.

Concluimos, portanto, que as sociedades teem uma força intrinseca propria que não pode ser annullada nem mesmo desviada da sua direcção por qualquer esforço individual por mais poderoso que

seja, e que trabalhar no sentido opposto ao da evolução social é dar uma prova de insanias. A acção do homem é tão insignificante n'este caso que se não fór exercida convenientemente é nulla.

Por isso somos republicanos e movidos por estas considerações vimos com toda a sinceridade e com todo o entusiasmo dos peitos juvenis juntar os nossos esforços aos que trabalham na regeneração politica da nação portugueza. E áquelles que nos lembrarem a nossa pequenez responderemos que só a somma de pequenos esforços dá os grandes resultados.

Diz o *Diario Popular* de 22:

«Quem ganhou então e muito com tantos desatinos? Unicamente o partido republicano, já forte em Lisboa, e que seria na capital invencivel, se a destreza e a força dos seus chefes por um lado, e a união dos seus elementos por outro correspondessem ao numero dos adeptos e á firmeza das convicções. Se elle amanhã encontrar chefes vigorosos e habeis, a causa da monarchia estará perdida na capital do reino.»

E' a imprensa monarchica que o diz: é um dos seus órgãos mais acreditados quem assim vem declarar que o partido republicano engrossou á custa dos desatinos dos governos.

E' facto, em frente dos partidos monarchicos desacreditados pelos seus desatinos, existe organizado, compacto e com o prestigio de um nome sem mancha o florescente partido republicano, que vae tornar-se invencivel não só na capital, como diz o *Diario Popular*, mas em todo o paiz. Com effeito a imprensa onde tem illustres representantes e a opinião publica claramente manifestada nas luctas eleitoraes e nos grandes comicios em que a nação se tem levantado imponente para stigmatizar os crimes d'estes governos que nos amesquinham, ahí estão para demonstrar a utilidade vitalidade e força do partido republicano e quanto elle tem direito a esperar do futuro.

Decididamente a realza não navega em mar de rosas.

Ainda não ha muito que a monarchia gozava pacifica e bonacheironamente do prestigio e... dos rendimentos que as instituições lhe davam.

Que importava á monarchia que o paiz se agitasse contra os erros d'um gabinete qualquer?

Que importava á monarchia que no parlamento se desencadeassem terriveis as paixões politicas? Nada ou quasi nada, quando muito o aspero trabalho de encarregar algum chefe politico de organizar o ministerio.

—Deixal-os lá; no fim de contas era tudo gente amiga.

Republica! era uma utopia realisavel lá para o anno 2000.

E entre tanto as instituições gozariam de uma vida feliz e farta.

E' provavel que Luiz XVI, Luiz Philippe, Napoleão III e o proprio Amadeu assim tinham pensado algum tempo. Mas a mesma força que depoz Luiz XVI e Luiz Philippe, que precipitou Napoleão III e obrigou Amadeu a fugir é a mesma que hoje impulsiona a consciencia portugueza, e põe em grave risco a estabilidade das instituições.

Foi ao accordar da consciencia popular que nasceu o partido republicano portuguez. Os principios de 89, iludidos tanto tempo

pelas ficções do governo representativo vão pouco a pouco, actualizados pelos recentes e conscienciosos trabalhos da sciencia politica tornando-se o patrimonio de todos os que pensam, que são quem pode.

Hoje o que mais ha a combater é a indifferença; o que é preciso é acabar de levantar a nação da apathia em que a tem lançado o systema representativo.

Muito se tem já feito n'este sentido.

O patriotico levantamento contra o tractado de Lourenço Marques e a intervenção cada vez mais larga de todos os cidadãos na gerencia dos negocios publicos, claramente manifestada nas ultimas eleições camarárias de Lisboa e outras localidades são a obra do partido republicano.

Os estafados principios do direito divino e hereditario já ninguém os pôde encerrar a serio. O principio da liberdade é hoje um axioma politico e a maioria dos que pensam vae-se convencendo da sua incompatibilidade com o principio monarchico. O governo representativo, regimen de transição para as formas democraticas — considerado inopportuno vae cada vez mais, perdendo terreno nas consciencias. O povo portuguez que tanto sacrificio tem feito pelas suas dynastias, vae-se convencendo da inutilidade dos seus serviços e da exploração de que tem sido objecto.

Nos principaes centros d'actividade, que são quem definitivamente ha de orientar o resto do paiz, a ideia republicana germina, trabalha e fructifica em esplendidas manifestações de patriotismo, todas as vezes que a moralidade publica e a autonomia nacional recebem novos ataques, como não podem deixar de receber das instituições que nos regem.

Ao partido republicano cumpre aproveitar-se da boa direcção do pensar nacional, em prol da civilização, em prol da republica.

Partindo do principio de que a união faz a força, deve concentrar todas as actividades dos seus membros na consecução do seu fim ultimo, dotar o paiz com um governo republicano, cuja natureza as côrtes constituintes determinarão, convenientemente prevenidas e elucidadas.

É menos exacta a affirmação do illustrado collega quando se refere á falta de unidade no partido.

Felizmente não temos a sentir luctas internas entre os diversos grupos do partido.

Republicanos unitarios, republicanos federaes, republicanos moderados e republica-

nos radicaes todos nos auxiliamos n'esta lucta pela verdade e pela justiça.

Só assim é que o partido republicano, respeitavel pelo seu numero, pela sua força e pela sua disciplina se poderá impor á consideração do paiz e ao respeito dos partidos monarchicos, cuja actividade se vae consumindo em infructiferas luctas intestinas.

Só d'esta maneira se conseguirá consolidar em Portugal a forma republicana, unica solução razoavel para os graves problemas politicos, economicos e financeiros de que depende a vida e prosperidade nacional.

Collaboram n'este jornal os seguintes escriptores:

Abilio Maia, Affonso Vargas, Alfredo Xavier Pinheiro, Antonio Feijó, Antonio Furtado, Augusto Tavares, Bruno, Eduardo Araujo, Fialho d'Almeida, Fortunato da Fonseca, F. Xavier de Carvalho, Gomes Leal, Horacio Ferrari, Joaquim de Araujo, Joaquim Coimbra, Julio de Mattos, Luiz de Magalhães, Luiz Osorio, Manuel Duarte d'Almeida, Manuel Teixeira Gomes, Salazar Moscoso etc.

O vaso de marmore

N'uma quinta ducal, em frio outomno em luto, vi um marmoreo vaso, entre arvores curvadas, com plantas tropicaes, direitas como espadas, por um grande silencio, estúpido e absoluto.

Não cantavam as rãs no pantano corrupto. O sol ensanguentava as aguas estagnadas. Não pairavam no ar as aves fatigadas. Toda a vegetação era sem flor nem fructo.

Então n'esse silencio immenso e inolvidavel, áquelle pôr de sol na matta impenetravel esse vaso glacial, grande, marmoreo, e serio...

esse vaso glacial na grande quinta antiga lembrou-me o teu olhar, ó pallida inimiga! que em meu peito floriu como n'um cemiterio.

Gomes Leal.

Numero do «intermezzo»

(HEINE)

Chorei em sonhos; vi-te morta e fria,
Sem brilho n'esse olhar,
Nas faces ainda o pranto me corria
Ao triste despertar.

Os pecegueiros tinham attitudes elegantes, incommodas. As olaias pareciam espumar vinho, embriagando a vista.

À esquerda e ao fundo da cerca o pomar dava uma frieza sombria, cortada das scintillações metallicas das folhas polidas, e da nudez arredondada das laranjas, que sobresahiam como balas esbrasiadas.

Os verdes succediam-se pelo declive n'uma escala viva, com reflexos escuros, e em matiz de malmequeres, de tenues umbelliferas, de papoulas.

Sentia-se correr nas calleiras a agua n'um grú-grú continuo, adormecedor.

Os muros baixos da cerca eram acompanhados de ruas estreitas e tortuosas; assim uma seguia o que defrontava com a cidade; outra o que dava sobre outeiros que limitavam o valle, outra o que para oriente olhava as serras que ao longe se desenhavam esfumadamente no horizonte, e a corda de collinas pittorescas revestidas de verdura que se seguia á que o collegio coroava com a sua fachada branca, fria.

Além d'estas ruas uma outra cortava a cerca parallelamente ao edificio.

Nas sebes que aqui e além se levantavam, penduravam-se caixas de fumarías, leves.

Uma sombra lenta vinha invadindo a encosta, e começava a dar a toda a verdura um tom uniforme.

A rua que corria ao fundo tinha do lado opposto ao muro, que se esboroava, uma sebe luxuosamente revestida e de cujos verdes, temperados pela luz branda da tarde, irrompiam o vermelho macio das rosas, e os gigantescos Calices de Venus, que se abriam como clarins festivos entre a tristeza das saudades e dos lyrios roxos, atirando aromas finos, d'uma agudez ativa no meio da confusão suave dos aromas, dando uma nota

Chorei em sonhos; vi que me deixavas.
Um choro de amargor,
Muito tempo depois, as faces cavas
Sulcava-n'as de dôr.

Chorei em sonhos; vi que me querias
Inda do coração,
E a torrente das lagrimas sombrias
Não cessa desde então.

Joaquim de Araujo.

Instigado por qualquer ordem de motivos —benevola curiosidade, ou intenções de caracunda critica—abriste, caro leitor, o primeiro numero do nosso hebdomadario; e sabendo-o republicano deste (quem sabe) liberdade plena á tua phantasia, imaginando ver diante de ti a cratera fumegante d'um vulcão enraivecido. Figurou-se ao teu espirito que não poderiamos viver socegados, um só instante, sem a queda do ultimo throno que esmagasse nas ruinas o corpo do derradeiro monarcha.

Tal acontecimento, na verdade, seria espectacular e dramatico; um bello ensejo, mesmo, para entumecer grandes phrases, fortemente coloridas, em que a soberania popular, a equaldade universal e outras lindas chymeras se apresentariam com a sua toilette de gala.

Lindissimo! concordamos em que devia ser espantoso...!

Nós, porém, vamos proceder aberta e lealmente; e ficas desde já prevenido amigo leitor, de que o teu espirito demagogico vae soffrer uma grande decepção.

Onde julgaste encontrar o entusiasmo irreflectido d'um revolucionario, verás a discussão imparcial e severa.

Empallideces de surpresa, não é assim? desculpa, mas preferimos a um rastilho de polvora uma cadeia de raciocinios. Quando fortes, desaparece igualmente o inimigo e podemos contar sob a nossa bandeira um partidario mais.

E não te admire darmos preferencia a este genero de lucta: em face do inimigo é mais agradável crivar-lhe o espirito de convicções, do que o corpo de balas. Tu, proprio, não hesitarias facultando-te a escolha...

Accordando, pois, em que somos incapazes de descer á pequena miseria de oppor á tua opinião, devidamente respeitosa, outra coisa que não seja a nossa opinião, vejamos

viva no meio do entorpecimento dos vegetaes.

Dos ramos sahiam cantos vibrados, de vivas modulações, e o rumor das azas dava a tudo um palpitante doce e macio. Os insectos em vôos loucos, passavam por entre as folhagens amortecidas, iriados, sonoros: internavam-se nas corolas das flores: refrescavam-se nos fluidos das petalas, mordendo-lhes as veias entumecidas, n'um zumbir soffreg, continuo. As lagartixas espreguçavam-se nas hervas, com o olhar vivo, infatigavel.

Despertavam-se rumores vagos nos recantos, segredos mysteriosos; os vegetaes tinham trabalhos palpantes; apossavam-se d'elles, percorriam-nos tremuras lubricas. Parecia que se preparavam para um rude combate da noite, cheios de anceios de desfallecimento. Davam-se abraços prementes, na frescura das sombras.

Às vezes passava sobre a relva, taciturno e pesado, um sapo deslocando preguiçosamente os membros escorregadios, e arredondando o dorso manchado; parava, lançava em roda olhares arregalados; numa larga consolação; aspirava o ar soffregamente, dilatando-se, deixava sahir asperamente um monossyllabo, e continuava imperturbavel. Depois apenas se sentia um pequeno rumor nas espessuras.

Os outeiros d'além do rio quebravam, com as suas saliencias bruscas, a luz do sol poente, que se estendia pelos verdes carregados, ou por algum terreno barrento, e projectavam sombras largas. Nas faldas uns amarellos seccos irrompiam do meio das terras cavadas, d'uma cor de sépia. As arvores tomavam estranhos aspectos doirados que lhes dava o sol que descia gradualmente.

um dos ultimos acontecimentos que Coimbra presenciou.

Correu ha dias, a noticia de que passava por Coimbra a familia real. Senão conheces Coimbra leitor amigo, devo dizer-te que na população academica, espalhar-se uma noticia de tal ordem e nascer a idéa do feriado—o mesmo é..

Resolvido em assembléa geral no Club Academico que se pedisse feriado, foi eleita uma commissão. É o processo mais simples e mais antigo. Tinha ella por fim cumprir a S. M. e aproveitando a occasião... formular o desejo nunca saciado de interromper, por alguns dias o trabalho lectivo.

Assim aconteceu. Apesar de tudo, fica sabendo, briosa academia, que a nossa ingratidão é negra, é medonha, é tudo quanto encontrases no repertorio dos adjectivos furibundos—não te agradecemos e, o que é mais, não te felicitamos, sequer pelo brilho da idéa que acabas de manifestar.

Analysemos friamente. Será crível que a simples entrada na gare transformasse em convicção uma descuidada indifferença?—seria absurdo o imaginal-o, sequer. Pois bem, muitos academicos a quem ouvimos dizer que iam ver chegar o expresso como simples espectadores, levantaram e acompanharam vivas, d'uma significação indubitavel e que respeitamos, permitindo-nos o direito de notar a incoherencia.

Quanto a pedir feriados, já uma penna bem mais auctorisada do que a nossa, mostrou quanto era tristemente symptomatico substituir um pedido banal e frivolo a mil requisições, seriamente fundamentadas que se deviam fazer.

Eu bem sei, illustre academia, que te parece extranho ser d'uma franqueza tão rude quem pela primeira vez se apresenta em tua casa. Mas imagina que, uma vez obtida a honrosa permissão de te visitarmos te damos as amabilidades mais finas, as phrases mais traidoras e lisongeiras, que te envolviamos n'uma atmosfera impregnada de adulação e perfidia.

Mais tarde sabias que era desleal o nosso procedimento, vindo igualmente a saber a diversidade de nossas opiniões. Tornava-se impossivel uma reconciliação, ao passo que assim, trocando agora, tranquillamente, os argumentos que estribam a opinião de cada um, evitamos trocar, mais tarde, nossos cartéis de desafio.

Babinet.

Os reflexos pareciam voar d'um para outro ponto.

A luz ora dava nas campinas verdes, passando atravez dos ramos afastados, e fazendo assim largas barras pelas terras, ora cahia sobre um amontoado d'arvores; via-se morrer pouco a pouco uma sombra, e n'outro ponto nascer outra, com uma substituição vagarosa, como a pesar.

Nas alturas os pinheiros finos recortavam-se nitidamente no azul banhado de claridade branda.

Nos montes longiquos havia tons d'um azul escuro.

A estrada, como uma facha branca, interrompia a grande palheta de côres vivas, e alegres de que a luz tirava effeitos maravilhosos, e as arvores que a bordavam empoeiradas, tinham um aspecto envergonhado, uma attitude humilde deante de todo o valle, que entoava a grande symphonia da cor.

O rio com fulgurações prateadas tinha nos recantos, nas sombras dadas pelos salgueiros uns tons verdes, carregados. Encastellavam-se em volta do sol nuvens avermelhadas, franjadas d'ouro, que se rasgavam, se desfazião, se reuniam vagarosamente illuminadas pela luz branda.

Os montões de areia dispersos por entre as aguas formavam um pequeno archipelago triste e despido.

Nas margens, os choupos tinham uma apparencia tristonha, scismadôra que lhe deixara o inverno.

Só ao longe junto da volta do rio apparecia por sobre os ramos dos mais retardatarios, uma longa fita de verdura, que já indicava que alguns tinham recebido o primeiro beijo da primavera.

Manuel da Silva Gaió.

FOLHETIM

PAISAGEM

(Pagina d'um romance em preparação)

Tinha estado um dia quente de primavera.

O sol, declinando, espelhava-se vivamente nas vidraças estreitas do collegio, que se estendia pesado e anguloso no dorso d'um outeiro, a nordeste da cidade.

Em frente estendia-se um pequeno cerco, limitado por um muro que uma porta cortava, dando communicação para uma cerca mais vasta.

Esta descia rapidamente, rodeada de muros, até um terreno irregular, em parte coberto d'uma pequena mata de azinheiros, e que ia até junto d'uma insua, de que o separava um muro alto. A insua era atravessada pela estrada, e um renfe de choupos que a distancia d'esta se enfileiravam na beira do terreno baixo e semeado, parecia defendel-o do rio largo e scintillante, que corria docemente. Na margem esquerda estendiam-se algumas terras de semeadura, e com herdades alegres, sorridentes. As oliveiras trepavam aos outeiros que se encadeavam no fundo, a sul, n'uma linha sinuosa, que franjava o ceu.

Na cerca, e em toda a encosta que ella atravessava, as arvores fructiferas, em plena seiva, distanciadas, expunham flores vivas e frescas.

As pereiras com os troncos roliços pardacentos, cuspidos de manchas pareciam, na sua florescencia alegre, cobertas de farripa de algodão, onde os ninhos escuros se envolviam, perfumados, n'uma palpitação ansiosa.

(M.)

A rosa falla d'amor
Ao lago que ali dormita,
Este de leve se agita
Mas finge não ver a flor.

Meu coração dolorido,
E a tua alma regelada
São como a flor debruçada
Sobre o lago adormecido.

Eduardo de Araujo.

Invernadas

A cupula celeste,
A vastidão cerulea,
—Larga camisa herculea
Que a natureza veste—

Temendo ao grande louco
—O mundo—a epilepsia,
Carrega pouco e pouco
A negridão sombria.

Aperta mais as malhas,
Desprende os aguaceiros,
Arranca em mil chuviros
O fogo das metralhas.

E o doido erguendo os pulsos
—Nos arvoredos nus—
Tem fremitos convulsos...
Tem sede... e quer mais luz.

Desnudam-se as montanhas,
Escalvam-se os fragedos,
Nos magros arvoredos
Pairam canções estranhas...

E o vento, que assobia
Em notas mil sinistras,
Comigo noite e dia
Lá vai jogando as cristas.

Ulula pelos montes.
Rebenta nas quebradas
Canções angustiadas,
Por ver que os horisontes,

Temendo o pobre louco,
E a grande epilepsia,
Condensam pouco e pouco
A negridão sombria.

Apertam mais as malhas,
Desprendem aguaceiros,
Jorrando em mil chuviros
O fogo das metralhas.

Coimbra.

Luiz Osorio.

CAMBIANTES

É n'um eden chammejante de côr. As vegetações exuberantes têm tons vivos, carregados, irrompendo umas d'entre as outras n'uma grade lucta de colorido. Afirmam-se rudemente, agressivamente as tintas fortes. Não ha a branda condescendencia dos meios tons, a mistura suave dos brilhos temperados, as doces concessões de esbatidos leves, a pallidez de côres que desmaiam, n'um banho de luz que amortega, que equilibre, que funda as profundas hostilidades dos toques ricos.

Ha uma opulencia congestionada, apoplectica nas petalas grossas das rosas. Os lyrios têm nos seios castos a brancura das neves. São como urnas pequeninas e geladas.

Os verdes dos arvoredos destacam n'uma mancha poderosa sobre a monotonia d'um azul, d'um ceu igual, sem fusão de tintas, sem passagens graduas, imperceptíveis, vagarosas.

É tudo brusco. O amarello alegre lucta firmemente, atrevidamente contra um rôxo modesto, vigoroso, que o despreza na sua garridice importuna.

O vermelho aventureiro olha triumphante para o verde paciente, que se espregueia descuidado.

O branco resiste com um pudor inabalavel ás tentações d'um azul profundo, e macio. Isto dava-se nos bosques, no ceu, em toda a parte. Foi o periodo da grande

anarchia das côres. Uma independencia altiva, insolente as separava, as tornava incompatíveis. Parecia que um sopro d'odio as fizera assim inimigas; parecia que entre ellas existia uma adversidade intima de constituição. Tinham então magnificamente combinado este combate continuo! Havia comunicações mysteriosas d'um campo de lucta para outro, com uma certeza, uma precisão admiráveis, dominando em todas o horror a qualquer indulto, a qualquer fraqueza. O combate dava-se, pois sobre a aza aveludada das aves, no fundo dos bosques umbrosos, entre as nuvens do ceu, que o sarapintavam de berradoras pincelladas, que se entreolhavam com um rancor verdadeiramente diabolico.

Foi o periodo, o cyclo da lucta a outrance. Mas a tal guerra havia de acabar.

Temos razões para crer isto. Uns trombetas viciosos, mercenarios, que se chamam insectos, eram muito facéis de subornar pelas riquezas dos diversos guerreiros intrasigentes. Voavam ao sol, como corpusculos d'ouro, com uns zumbidos marciaes, que inflammavam poderosamente os combatentes, que sem isso poderiam ter desfallecido na renhida lucta. Ora como estes insectos se deixavam seduzir pelas opulencias d'uns e d'outros, como já dissemos, começaram a encontrar-se, por exemplo, no campo do branco, no fundo do calice d'um lyrio, os trombetas do arraial vermelho e os do verde. Tramavam então entre si, em quanto os chefes dormiam, uma traição infame.

Foi o seguinte. Os insectos do vermelho (foi d'estes que partiu a ideia) escutavam os planos dos seus, internavam-se nos intimos segredos dos seios vivos das rosas, picavam ousadamente as pennas das aves espaventosas com uma soffregidão de corsarios, investigavam até a dobra mais funda e macia, sugavam, sugavam... depois partiam, e iam confiar tudo n'um beijo doido, quente, trocado á luz do sol, aos insectos, que partindo, do campo do branco, do fundo dos lyrios quasi sempre, os vinham esperar.

Isto deu em resultado que os dois adversarios entraram sem grande difficuldade nos planos um do outro. Porém como eram mais em campo não poderam decidir-se a uma lucta truculenta, decisiva, p'ois que, já meio desconfiados, tinham receios que nos outros campos estivessem tambem inteirados dos seus planos. Deu-se então um interessante acontecimento.

Começaram a manifestar-se incobertamente, com certa diplomacia mutuos desejos de alliança. O vermelho, todo á uma, de todos os pontos onde dominava desde a rosa macia até ás pennas dos colibris e ás nuvens do ceu, começou a mostrar uma certa benoventencia pelo branco. Os insectos tinham-lhe dito na aza dos passaros e nas petalas das flores que o branco era corajoso, mas sereno, que tinha em todos os transes um porte altivo, aristocratico, que se batia com uma firmeza serena, mas heroica.

O vermelho, entusiasta, communicativo, generoso até á imprudencia, sympathizou, elle que era todo fogo, com o frio branco. Começou a reprimir as bravatas não pelo minimo receio—elle era bravo entre os brabos—mas pela necessidade que reusentia o seu temperamento opulento de dar treguas a um odio que se julgava ser eterno.

Todos devem confessar que as negociações eram facéis n'uns certos pontos. Mas n'outros? Eu tambem me espantei de que os planos das côres cá debaixo fossem conhecidos das nuvens, que correspondiam bizarramente os conflictos do eden com uma lucta de monstros alados a quem o ceu incendiava em pompas de luz.

Desfiz-se porém toda a minha duvida quando vim a saber, (escuso de dizer por quem) que as nevas matutinas e os orvalhos da noite se encarregavam do papel que os insectos exerciam cá em baixo. É escusado dizer que os taes agentes das nuvens fizeram tambem partida como os insectos, mas com uma hypocrisia digna de toda a censura. Comettiam todas as traições silenciosamente, insinuando-se, infiltrando-se imperceptivelmente, encapotados, com disfarces.

Estava, pois, como dissemos, lançada a semente d'um grande acontecimento, que vamos ver desdobrar.

Foi n'uma doce manhã de primavera. Tudo cantava, tudo se expandia n'um rude contentamento luminoso, febril; havia gritos

estridentes d'aves magestosas; picadas entoadas por colibris; murmurios mysteriosos nas folhagens; ondas de luz pelos ceus, abraços convulsos de vegetaes, rugidos extasiados de animaes bravios, que bebiam nas aguas cristallinas, soffregos, babando-se em fios de prata, arregalando para o sol os olhos profundos. Os pòmos tinham redondezas macias, tentações irresistíveis. Tudo dizia vida, mas vida crua, brusca, hostil.

Pouco a pouco, todavia, começou a soprar por sobre as florestas e a correr os espaços um vento fresco, sereno, que cantava docemente nas ramadas, que segredava coissas encantadoras ás flores.

Ao contacto singular, ao beijo doce da viaração os mortaes inimigos, as côres, começaram a olhar-se com uma certa benevolencia; depois fitaram-se muito; começavam a sentir dentro em si alguma coisa que antes lá não tinham; percorriam-as uma força subtil, um impulso ignoto, que as mandava ser boas, ser concordes. Era irresistível. Como era natural, a primeira que ce-deu foi o valente vermelho. Com este exemplo as outras fizeram o mesmo.

Ouviu-se então uma voz colossal que cantava n'uma doce harmonia, e que juntava as notas que andavam dispersas, inimigas; e as côres reconciliaram-se n'um longo beijo, que as misturou, que as compoz, e que as fecundou. Houve n'esta occasião grandes noivados. O roxo, por exemplo, teve uma paixão doida pelo branco, rivalisou com o temível vermelho, e venceu: foi no calice d'um lyrio que teve logar o noivado. Uma abelha doirada que lá fora sem ser convidada roubou a essencia d'um beijo, e foi, malicioso industrial, fabricar o mel.

Ora foi d'estes enlaces felizes das côres, cujo drama intimo vos quiz descrever, que nasceram os—Cambiantes.

De Géry.

LISBOA VICIOSA

Coincidiram, no mez que finda, as aberturas dos cursos superiores com a abertura do anno lyrico, podendo classificarse qualquer das inaugurações como estopadas desopilantes. Tenho em especial recato a opinião tenaz, de que é preferível inda assim, uma filia da Turolla na *Africana*, a uma filia do lente Pina em *Physica*; por quanto se a uma senhora se tolera estrague uma opera, não pôde aturar-se que um militar de pera, torne impermeavel e cornea uma sciencia qualquor.

Não sei o que succede por Coimbra, a respeito dos vulgarisadores e dos cathedra-ficos. Em Lisboa, ha cinco ou seis homens de talento e saber, que, espalhados portres ou quatro Escolas ou Institutos, facilitam o estudo dos alumnos, pela elegancia com que fallam e pela lucidez com que, da escoria rebelde das theorias complicadas e das experiencias multiplices, extrahem por algum subtil criterio o filão de ouro fino da verdade inabalavel e scientifica. Gravitando em torno d'aquelles cinco ou seis asteróides, desgrenhados, achatados, inexpressivos e impotentes, os maestros de quinta ordem repetem pelas mesmas palavras sorvadas, impessoaes e idiotas, todos os annos o que nos bancos das aulas, seis ou dez annos antes decoraram.

Os seus modos de vér são rançados de banalidade cachética, por via de regra o seu orgulho cresce na razão directa da sua insignificancia.

Na sciencia como na opera, ha passagens cujo brilho depende todo da interpretação. Na *Africana* este anno, a *berceuse* do segundo acto, verdadeira *corbeille* do que ha de mais raro nos jardins do som, passou esquecida e vulgar nos labios da dama que usada se incarnára em *Selika*. Bom Deus!—no inverno passado, esse trecho extranho, electrisado de amorosas doçuras adquiria relevos mordentes e dava extraordinarias commoções, cantado por Herminia Borghi, o genio da musica que a todas as creações prendia as suas azas, irientes de sol, e todas palpitantes de amor! Ha uma grande obra a iniciar nas escolas superiores—expulsar os idiotas das cadeiras do ensino, rasgar os regulamentos imbecis que opprimem a mocidade e envilecem a sciencia,

fundando, de uma vez para sempre, os cursos livres e destruindo a chibatadas de escarneo, o despótismo senhorial em que muitos lentes se empalham, e que tantos desastres muitas vezes acarretam sobre os estudantes e sobre a sciencia.

A Universidade, que deu o primeiro brado, de revolta não poderá erguer a primeira barricada?

Devo dizer-lhes que a cidade entra a povoar-se dos seus medalhões classicos, das suas celebriades de acaso e das suas familias elegantes. Manadas e manadas de conselheiros e pares, vão entrando as portas, atraz dos respectivos penates e em regresso das villegiaturas dormidas em praias de banhos, na epocha calmosa que vem de expirar. Alguns d'esses venerandos ornithorincos mudaram o talhe da barba, outros fizeram aquisição de roupas brancas, poucos porém mudaram de opinião—devo affirmar-o para honra d'estes emporios, já agora curvados ao poderio do Hildalcão Assis, especialista e algarvio, e regidos pelo cabecilha sr. Fontes, o *Gros-Guillaume* do caporalismo lusitano.

Pelo romance do meu amigo Eça de Queiroz, os senhores ficaram sabendo que soberba columna dorica, é no Collyseu constitucional (tambem baptisaram de *Collyseu*, o velho *Circo-Price*; afinidade!.....) o conselheiro. Não podem fazer idéa, com appellidos patuscos e velhaços a chacota anonyma da massa tem acrescentado o appendice caudal de muitos d'esses mamiferos desdentados. Conheço por exemplo um, cognominado *Trambolho*, que é um velhito atarracado e pergaminhoso, todo em cheviote claro, com pastilhas desavergonhadas nas algibeiras, e que eu desconfio guarda um despertador no ventre. Ponham os amigos um bico de gaz na mão d'este Montpavon, e digam-me se não fica ao depois um lindo movel para escada ou balcão de pastellaria.

O diabo é que estas mercenarias destinem muito! De outro ainda me lembro, o Ch... grande banqueiro, n'esta capital de assombros onde, na expressão feliz de um escriptor infeliz, os bancos nascem já quebrados. E ainda *Pata-Burro*, que abalou de Campihas, sobrescriptado á Havaneza, homem galante com pedras na bexiga, que outro dia me entrou por uma livraria, exclamando:

—Quanto *mi* custam dois palmos *di* livros? Desculpa-se a burrice, a velhacaria e o dinheiro de muitos—pelas filhas. Conheço verdadeiras tulipas por um capricho do vento, nascidas dos concavos (dos concavos, meu Deus!...) d'essas tronçanhas pobres, que os musgos do egoismo avassalam, e os vermes da dissolução vão corroendo. Se na Coimbra de hoje grassa o conselheiro, tanto peor para Coimbra! Pôde bem ser, que no meio d'essas aventesmas venerandas, haja um, melhor que os outros. Sequem-no, meus filhos... para semente.

—Como escrevo para rapazes, devo noticiar-lhes com certa pena, que o mundo galante vem de perder duas estrellas de primeira grandeza.

Ah, as pobres gallinhas da India!... Lembrem-se de uma loira alta e magnifica, trazida de Italia por certo ministro, hein? Pois, meus amigos, perdemol-a para sempre—cazou-se! Não se sabe que dolorosa enfermidade levou a misera a tão desastroso lance. Amor, penso bem que não seria. Dinheiro, tambem me não cheira. O marido ganha seiscentos mil reis, posto tenha esperanças no futuro—é constituinte. Quanto á outra, é mais alegre o caso.

Começou vida, aqui ha seis annos, como agora acabou a italiana, desposando um mariolão de hespanhol, que na primeira noite, finda a ceia de nupcias, lhe disse assim:

—Dá-me oito tostões por dia, e dou-te a liberdade de usares o meu nome, em todos os trajos e... posições. Ella, que tinha a viveza musical de um passarinho, accitou logo.

E tóca pela vida fóra, atirando a touca por todos os moinhos, e vendo raiar a aurora de varios pontos da cidade, com derrota pelo Restaurant do Silva, pelos gabinetes do Matta, pela casa do Largo de S

Carlos e até, quando queria Deus, pelo Daundo. Hontem coitadinha, vestiu-se, perfumou-se, cobriu-se de pós, tocou as orelhas de carmim, e com o seu melhor sorriso, fo atirar-se ao rio.

A deliciosa creatura!...

Outubro de 81.

Perrichon.

REVISTA ESTRANGEIRA

Se bem examinarmos o procedimento dos povos e dos monarchas n'estes ultimos tempos não podemos deixar de dizer com o illustre prelado viziense *que anda uma coisa no ar*.

Ha pouco tempo visitava o Imperador Guilherme o novo autocrata das Russias e alli n'um fraternal amplexo prometiam continuar a esmagar os seus respectivos povos. Mas as coisas não melhoraram, e se d'um lado os nihilistas redobrando de actividade mostram todos os dias ao novo Czar que é preciso entrar abertamente no caminho liberal, para não ter uma sorte igual á do Pae; do outro vemos o partido socialista augmentando e a reputação do omnipotente chancellor compromettida, obrigando-o a falta de partidarios no reichstag a ameaçar a Allemanha com o *papão*—a sua retirada dos negocios politicos. E certo que ao pé do Capitolio está a rocha Tarpeia. Não vemos longe a punição das demasias de Bismarck.

A França que está mostrando ao mundo como debaixo da forma republicana um paiz pôde florescer e desinvolver-se; mostra-nos ao mesmo tempo, que *quasi livre das roupetas* continua progredindo cada vez mais; pois cada dia diminuem os obstaculos ao seu desenvolvimento moral.

Em consequencia de um telegramma de Sfax do dia 24 vemos que a insurreição da Tunesia está proxima do seu fim.

A nossa vizinha Hespanha procura sahir do marasmo em que por muito jazeu, empregando para isso todos os meios, entrando no caminho das reformas liberaes.

Discute-se actualmente na reunião da commissão do senado o casamento civil; é impugnado, e isso era natural, por tres Bispos, o de Salamaca, Santiago e Barcelona; ainda bem que o actual ministerio não está disposto a transigir, como se vê do telegramma seguinte:

Madrid, 25

«Na reunião da commissão do senado, os bispos de Salamanca, Santiago e Barcelona, que são senadores, pronunciaram discursos energicos contra o projecto de lei do casamento civil.

«O ministro da justiça declarou que o governo está em negociações com o Vaticano para harmonisar essa questão.

«O governo espera uma solução favoravel das suas negociações a tal respeito; mas, se não succeder assim, o governo, inspirando-se nos exemplos da historia de Hespanha, manterá as bases do seu projecto de lei, e sustentará a todo o transe as prerogativas do Estado. (Applausos).»

Como fallámos na dança dos monarchas, não devemos esquecer-nos do rei Humberto que, talvez para fazer esquecer a Italia *irridenta* á Austria, foi tambem visitar seu illustre Primo; visita, que pelo que vemos nas folhas estrangeiras, não produziu o resultado desejado. Segundo a imprensa estrangeira cada vez a Austria se aproxima mais da Allemanha.

D. Luiz... foi a Cáceres!

Os commentarios fal-os-hemos n'outra secção.

John Bull continua esmagando a Irlanda que é hoje o que nós fomos antes de 1640. Talvez que a Inglaterra bem cedo se arrependa dos males que tem causado n'aquella pobre terra.

Não é bom jogar com fogo.

NOTICIARIO

Não é perfeitamente favoravel o estado sanitario de Coimbra.

N'esta ultima semana tem fallecido de febres typhoides bastantes pessoas, não fallando na variola, que já obrigou o digno administrador dos hospitaes da Universidade a improvisar em S. Antonio dos Oliveas um

outro hospital para os atacados d'esta ultima epidemia.

Em Lisboa ha o conselho de saude publica do reino; aqui uma faculdade de medicina com as suas cadeiras de hygiene publica e policia hygienica, varios delegados de saude a quem provavelmente os seus muitos affazeres particulares, inibem de ver se são rigorosamente cumpridas as prescrições scientificas tendentes a diminuir a mortalidade que infelizmente vae tomando proporções bem para temer.

Referimo-nos aos delegados de saude que legalmente *devem* existir; mas suas excellencias na distancia respeitosa a que se apresentam das suas obrigações, levam-nos a crer que renunciaram os seus cargos.

Parece-nos que sendo falsa esta hypothese, não veriamos os generos alimenticios simplesmente venenosos; não fallando n'essa tintura de qualquer coisa que de commum com o vinho só tem a agua em que é dissolvida; os pantanos especialmente na margem direita do rio, que dão causa a bastantes febres, etc.

Estivemos para fallar das ruas da baixa mas um resto d'olfacto, que ainda possuímos, nos lembra que não devemos escandalizar o publico com a lembrança d'aquelles canos d'esgoto.

Não estamos plenamente convencidos de que o sr. delegado de saude faça votos pela historica sujidade conimbricense e nem supponmos que prohibirá o encanamento das aguas do Mondego só pelo prazer de tirar ao bom povo de Coimbra a esperança de um dia lavar a cara.

Terminamos pedindo-lhe que note que a sua obrigação consiste em mais alguma cousa do que juntar aos seus titulos o de delegado de saude, mas tambem em evitar que a cidade de Coimbra fique reduzida simplesmente a sua Ex.^a.

Procedeu-se hoje a eleições no Club Academico.

Segundo as imperfeitas informações que pudemos obter, ficaram eleitos os seguintes academicos que faziam parte da lista chamada da opposição:

Dr. Antonio Centeno.

« Roque de Seixas.

Henriques da Silva.

Antonio Feijó.

Bandarra de Seixas.

Alfredo Vieira.

Soares de Moura.

Gabriel Samora.

Sousa Andrade.

José d'Ornellas.

Narciso d'Oliveira Silva,

Pedro dos Santos.

Do governo ficaram os srs:

Arthur Teixeira.

João Pinto dos Santos.

José Maria d'Aguiar,

Anthero Garcia.

Manuel Joaquim Martins.

Empataram os srs:

João Arroyo,

Antonio Tavares Festas.

Da commissão do julgamento ficaram os srs:

Tiço Vespasiano Castello Branco.

Egydio Herculano Malheiro.

João Baptista Rebello de Sousa.

Ignoramos os demais nomes, que segundo nos consta são do governo.

O art. 269.º, n.º 7 do codigo administrativo que actualmente vigora diz:

Não podem ser eleitos os juizes ou membros dos tribunales judiciaes, etc.; e todavia saltando-se por cima da lei que é expressa, resolveu-se que o sr. visconde de Rio Sado, que alem de não estar nos cadernos do recenseamento como elegivel, está inapto para o ser pelo facto de estar incluído nas disposições do art. 269.º, n.º 7, fosse ainda assim considerado como vereador da camara municipal de Lisboa! O sr. visconde do Rio Sado é juiz substituto de uma das varas do tribunal de 1.ª instancia, de Lisboa. Vá sem mais commentarios.

O *Progressista* houve por bem calumniar a *Evolução* insinuando que ella fazia causa commum com os regeneradores.

Não nos incomodam nem melindram

apreciações de tal ordem, mormente quando ellas partem d'onde partiram.

São amabilidades proprias que distinguem e caracterizam o collega e ficam-lhe realmente bem.

Fique-se, todavia, sabendo que o *Progressista* enganou vilmente quem o lê.

A *Evolução* repugnam e enjoam quaesquer alianças com os bandos monarchicos sejam, de que variedade forem, visto como a elles todos prende e une pelo cordão umbelical, na sua essencia, a homogeneidade de ideias e principios, que se resumem n'uma fórmula unica e fundamental—explorar o povo que paga.

Houve no dia 23 secção da Delegação do Sociedade de geographia do Porto n'esta cidade, para discutir uma proposta apresentada por um dos seus illustres membros o sr. dr. Miguel Archanjo a delegação *deve tornar-se independente, e constituir-se uma Sociedade geographica conimbricense*.

Sobre este assumpto tomaram a palavra alguns socios e entre elles o sr. Lacerda que fundando-se na letra e espirito dos estatutos da sede rejeitou com considerações muito sensatas a proposta do sr. dr. Miguel Archanjo, ponderando mais que inoportuna era semelhante proposta quando era certo que a mesa da delegação ainda não estava definitivamente constituída.

Sobre o mesmo assumpto fallou o sr. dr. Athaide considerando ainda que em vista da lei organica da sociedade não podia a delegação tornar-se independente.

Depois de ter continuado a discussão entre os srs. drs. Athaide e Miguel Archanjo sobre a oportunidade ou conveniencia da independencia, e depois de todos os socios terem divagado sobre o assumpto; posta á votação a proposta do sr. dr. Miguel Archanjo foi rejeitada por maioria. Resolveu-se em seguida por maioria que a delegação passasse do 2.º ao 1.º typo e que no dia 26 houvesse eleição de direcção e commissões.

Foram ultimamente eleitos para a vereação da cidade de Santarem os cavalheiros conde de Fornos, João Maria d'Oliveira e Sampaio Sirne. Haviam ficado do biennio transacto os cavalheiros: Tavares Serrano, Adrião Malleito e Paula Castro.

Fiamos muito da boa vontade e competencia dos cavalheiros indicados e não reccamos dizer que promettem a Santarem uma administração honesta e acertada. Oxalá que Santarem bendiga os seus esforços e trabalhos.

Lembramos-lhes simplesmente que levem ás localidades vizinhas os melhoramentos que ellas reclamarem. Descentralisem.

Partiu no dia 25 d'esta cidade, onde esteve gravemente enfermo, para o seminario patriarchal de Santarem o sr. Manuel Xavier Pinto-Homem.

Foi nomeado recebedor da comarca da Louzã o sr. dr. Joaquim Luiz Machado, natural d'Alcanena.

CARTAS DE LISBOA

Devo á extrema amabilidade de um dos redactores d'este semanario, o honrosissimo encargo de que procurarei desempenhar-me consoante as minhas forças.

Antes de tudo, caros leitores, preciso prevenir-vos de que o meu *programma* não se parece, com o do sr. Fontes, que é o mesmo hoje que ha 30 annos, nem tão pouco se assimelha, nem por sombras ao do partido progressista, que está agora, a concertar no albard... oh! que ia dizendo!... no alfaiate, para depois se exhibir ás multidões, mais seductor, e tambem naturalmente mais hypocrita.

Por isso o melhor é não o apresentar para não lhe acontecer o mesmo que a qualquer d'aquelles. Por agora só prometto enviar-vos todas as semanas uns periodos de prosa semsabor, destinada, senão a dar-vos conta do que se passa em Lisboa ao menos propria para vos servir de narcótico á noite quando quizerdes dormir.

A nova mais palpitante, e que eu acabo

agora mesmo de ler nos telegrammas do *Diario de Noticias* é que as *instituições vigentes* chegaram ao Porto de perfeita saude, tendo previamente saboreado em todas as estações boas doses de sympathico acolhimento, recheado dos vivas estrondosos dos presidentes da camara, dos officiaes dos corpos, das auctoridades civis e administrativas e dos chefes da estação. Isto é o que se me offerece mais *à sensation*, porque com a ausencia dos *regios viajantes* e sua comitiva desapareceu de Lisboa, a actividade politica, os boatos, as crises, e até o sr. Arrobas despachou hontem um enorme caixote de querellas que tinha reservado para o *Seculo*.

A escacez de noticias é completa. Vou terminar por onde deveria começar. Felicitar-vos pela aparição da *Evolução* é o o primeiro dever de quem avalia a difficuldade de empresas semelhantes, tanto mais porque não recebem subsidio dos governos; mas representam um esforço superior de espiritos esclarecidos. Pode-se afirmar affoutamente que a mocidade das escolas se vae compenetrando de que é preciso mudar de vida.

Aqui, ainda ha pouco morreu um jornal republicano, redigido por alguns estudantes; em Coimbra surge agora outro. Prova isto que a opinião da academia é que o rei dispensava-se bem, apesar mesmo dos feriados que concede de vez em quando...

Está a partir o correio; até breve.

Sylla.

PUBLICAÇÕES

J. P. OLIVEIRA MARTINS

LYRA INTIMA

POR

Joaquim de Araujo

Devemos este opusculo recentemente publicado no Porto á amabilidade do nosso amigo, Joaquim de Araujo.

É a reprodução d'um folhetim do *Primeiro de Janeiro*, transcripto no *Diario de Portugal* e no *Diario da Manhã*, em que o sr. Oliveira Martins aprecia o livro do inspirado poeta.

Todos conhecem a *Lyra intima*, expansão brilhantissima d'aquella alma genuinamente peninsular, cheia de sonhos dourados e de ingenuidades adoraveis, d'onde a poesia derivava suavemente n'um idyllo perpetuo e encantador.

O auctor da *Historia de Portugal* tem em grande conta o livro que aprecia. Joaquim de Araujo pôde vangloriar-se de que um dos nossos mais illustres homens de letras o julga dotado d'um attributo essencial do verdadeiro genio poetico: a originalidade.

Quando do auctor d'um livro de versos se diz, com a grande auctoridade com que o pôde dizer o sr. Oliveira Martins, que a sua obra, dá uma nota nova na poesia e que tem um logar seu na historia da arte contemporanea, o auctor d'esse livro é realmente um poeta. — essa cousa tão rara, tão bella tão grandiosa.

O opusculo de que nos occupamos está nitidamente impresso e não entra em commercio.

Agradecemos ao sr. Joaquim de Araujo os exemplares com que nos brindou.

EXPEDIENTE

A «Evolução» publica-se aos domingos e a sua assignatura é de 300 réis por cada serie de 15 numeros.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria de João José Baptista, kiosque do Rocio, lado norte.

O sr. Francisco Pereira encarrega-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas na villa do Cartaxo, Praça de S. João Baptista.

Toda a correspondencia deve ser dirigida provisoriamente para a «Evolução», Terreiro da Pel-la, 6, Coimbra.



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pg. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient. 1.º pg. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 2

CONDICÕES DA ASSIGNATURA
Cada serie de 12 numeros 300 reis.

COIMBRA, 4 DE DEZEMBRO DE 1881

PUBLICAÇÕES

Annuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

FUNÇÃO TRANSITORIA DO CONSTITUCIONALISMO

O melhor meio de avaliar a justiça d'uma instituição qualquer consiste em determinar a natureza da sua função, e ver se o organismo social precisa d'ella no momento em que o consideramos.

Ora a função do constitucionalismo é, segundo a opinião dos mais auctorizados publicistas, preparar o povo que o absolutismo educou para a democracia que tem de lhe succeder. Vê-se, pois, que o constitucionalismo é de sua natureza transitorio e está condemnado a desaparecer como todo o orgão que não tem função.

Von Hartmann pensa que este regimen não passa d'uma evidente e grosseira mentira, mas reconhece o valor da sua missão historica.

Na *Physica Social* diz Quetelet que os governos mixtos, querendo conciliar as idéas d'uns com as idéas contrarias dos outros para agradarem a todos, não agradam por fim a ninguém. Esta opinião é insuspeita porque parte d'um escriptor belga, e, como se sabe, a Belgica é um dos exemplos decisivos com que os jornalistas monarchicos nos pretendem fazer calar. Nem se diga que as paixões politicas podiam levar Quetelet a exprimir-se d'esta fórma. Quem, pela applicação rigorosa e fria do calculo mathematico trouxe á sciencia social uma tão larga e valiosa contribuição, não se

deixa de certo dominar pelas paixões politicas de momento.

Apesar d'estes defeitos que se notam no regimen constitucional, não podemos deixar de reconhecer que elle foi muito util, indispensavel mesmo. Censurar os povos por terem supportado a monarchia é fazer uma censura absurda. Todas as instituições que existiram tiveram a sua razão de existir, foram determinadas por causas que haviam fatalmente de operar. As accusações á historia são, portanto, mal cabidas porque a historia tem um caracter accentuado de irresponsabilidade e de inconsciencia.

Na sociedade existe uma determinada quantidade de força que não póde augmentar nem diminuir, e é dentro dos limites d'essa força que se produzem os acontecimentos. Ao esforço empregado na dissolução do antigo regimen não puderam as sociedades junctar desde logo o esforço necessario para constituirem a nova ordem politica. Foi preciso um periodo de descanso, de elaboração. A esse periodo corresponde o constitucionalismo. Tal é a sua justificação historica.

Está, pois, demonstrado que o constitucionalismo é uma forma transitoria, imposta ás nações, por circumstancias que tendem a desaparecer. A questão que hoje nos occupa é saber se essas circumstancias ainda podem ter logar.

Os que exploram a monarchia em proveito proprio querem fazer suppôr que

ella tem um caracter permanente. Demonstra-se-lhes a falsidade do que affirmam, e, batidos em toda a linha pela força d'argumentos irrefutaveis, intrincheiram-se afinal n'um ultimo reduto.

—O povo, dizem-nos, não está ainda preparado para a republica: a vossa propaganda é, portanto, absurda, perigosa, antipatriotica.

Mas como quereis então que elle se prepare? Lendo os vossos jornaes? Ouvindo o vosso parlamento? Seguindo a tradição miseravel da vossa politica de intrigas? Não é de certo na escola onde a dignidade se deprime e onde o caracter se abate que um povo ha de aprender o respeito de si mesmo e tornar-se digno de se governar por si proprio.

Isto prova que a vossa missão acabou.

O unico serviço que ainda prestaes ao paiz é permittir a discussão das fórmulas politicas que pretendeis defender; mas o proprio direito que d'ahi deriva está-nos sendo contestado a cada momento na imprensa e nos tribunaes.

A impotencia dos vossos esforços demonstra a vossa inutilidade; deveis, pois, desaparecer, como todos os inuteis, e deixar-nos o logar que vos não pertence.

Pensaes acaso que se a França republicana tivesse ainda a educação do imperio poderia apresentar ao mundo um exemplo tão elevado de dignidade e de prosperidade material?

Podeis responder-me que estes effectos não são produzidos por uma simples mudança de fórma de governo. Dizeis a verdade, e longe de nós o suppormos que a fórma politica tenha uma influencia tão importante. É certo, porém, que nas sociedades se dá um facto analogo ao que se dá nos organismos, o qual devemos ter em conta. Se o exercicio mais energico reage sobre o orgão exercitado desenvolvendo-o e fortificando-o, o exercicio de instituições mais dignas reage sobre o caracter dos cidadãos tornando-o mais nobre, mais energico.

A prosperidade da França provém em parte, directamente, da suppressão das despesas inuteis feitas para conservar o prestigio do imperio, e em parte e, principalmente, da influencia da moralidade sobre o augmento da riqueza, influencia que Stuart Mill pôz em toda a evidencia.

Portanto, se a educação politica do povo portuguez está incompleta, o que é contestavel, só a republica a pode completar.

Pouco ou nada importa que os monarchicos nos admittam estas razões. O que teem forçosamente de admittir, é que a educação do povo já lhes não pertence e que a sua missão está terminada. Não invoquem, pois, o sagrado nome da patria, tenham a rude franqueza dos sinceros: invoquem o seu interesse pessoal.

E continuem embora a forjar intrigas ignobeis que nós continuaremos a nossa doutrinação scientifica, digna, patriotica.

FOLHETIM

ELSA

(LENDÁ DE LOHENGRIN)

—Nas horas em que reina a singular magia Do silencio que cabe do vasto firmamento, Quando o Sonho carrega a tela—Phantasia— De mil colorações, e o nosso pensamento Vae adejando ao largo em busca de Chimeras —O poeta percorre estranhas regiões, Afasta o denso véo das devolidas éras E evoca, da legenda, as pallidas visões D'um tempo que passou.

SONHO

—E' n'uma selva umbrosa:

O firmamento azul profundo e constellado Bessombra todo luz—a lua silenciosa Vae rolando no ceu—qual disco prateado. Os astros atravez das folhas dos carvalhos Semelham gotas d'ouro, o choro que em segredo —Como quando desprende os frigidios orvalhos —A abobada verteu no seio do arvoredo! No silencio da noite o ramalhar do abeto Anima brandamente o fundo bosque denso Onde não se levanta—ou cantico secreto Ou rugido que anime esse recinto immenso.

O poeta percorre a grande selva fria, E vae andando andando até parar á beira.

Para além da floresta apenas descobria Um valle ermo e profundo—o mar d'uma geleira, Um desolado plaino inanimado e quedo, Monotono d'alvura, e onde refulgia Azulado o luar. A's vezes, como a medo, N'aquella vastidão phantastica e sombria O grito do pinguim vibrava o desalento Como se fora a queixa angustiosa e breve D'um mysterioso ser—Talvez da flôr da neve Que nasce e que fenece apenas n'um momento!

Do alto d'onde o poeta as neves contemplava, Rude vegetação de fórmulas singulares Pendia sobre o abysmo, e a méta desmarcava Entre a vida da selva e as regiões polares.

E o pinguim dominava a solidão calada Piando sempre ao longe em funebre agonia, Como contando á lua a magua soffocada De viver na mansão inalteravel, fria.

Mas no longiuo espaço os vultos fugitivos D'estranha apparição, á doce luz do luar Começam a surgir, caminham pensativos N'um comprido cortejo—e avançam de vagar.

São velhas creações dos tempos tormentosos Que elle vê perpassar na gélida planura Em fórma de visão, aos raios luminosos Como n'um banho doce e brando de candura.

O poeta julga ver as fórmulas primitivas De que se povoara uma epopéa vasta, E na bruma escutar as vozes afflictivas De sombrios heroes d'uma grandeza casta.

E' toda a legião das lendas d'Allemanha Que em frente lhe desliza em funebre cadeia. E elle conheceu aquella turba estranha, Sobre que a noite doce e fulgida pranteia.

E o pinguim dominava a solidão calada Contando ao ceu profundo a magua soffocada,

Aquelle vulto nobre, athletico e potente Que passa além no fundo envolto em nevoeiros E' o bravo Sigur de coração valente, O mais puro e leal dos velhos cavalleiros.

A espada que vencera os rudes inimigos Mostra firme a seu lado a lingua rija e nua, Sobre que vem espelhar-se em brilhos fugitivos Um raio amortecido e pallido da lua.

Ergue-se mais ao longe a fronte de Chriemild. Brilha no seu olhar o raio da vingança, Com que sacrificara a bellica Brunhild No festim d'esponsaes—em noite de alliança

P'ra desforçar Sigfredo—esse guerreiro ardente O seu amante ideal—um rei que possuia Sobre o Rheno um castello, em que o luar dormente Em noites estivaes, sereno refulgia.

E Gunthero, Gernot, e Gisheler, Sigmundo Todos na legião de sombras confundidos Seguem-se nm apoz outro e n'um silencio fundo, Enquanto o pinguim solta os gritos doloridos....

Coimbra, 1881. (CONTINUA).

Manuel da Silva Gago.

Passeiam os monarchas, *folga* o povo, e os *vivas unisonos ao nosso rei* repercutem-se por toda a parte! Hontem a *magestade* passava por Coimbra e a academia dava vivas, mais ainda, *hurrahs* freneticos; recebia em troca tres feriados.

Chegou a *magestade* ao Porto, e a cidade invicta está delirante, diz o *Diario de Noticias*, por ter alli o *chefe* do estado, os augustos penhores etc.

O sr. D. Luiz foi ao Porto receber o premio dos seus *trabalhos humanitarios*, ou, como diz a *Folha Nova*, *arranjar* mais uma medalha para a sua colleção numismatica. O sr. E. Moser ainda não disse o contrario.

É certo que tudo isto nos faz lembrar o *Antonio Maria*, quando n'uma das suas caricaturas nos mostra as *instituições* pescando a popularidade nas aguas turvas de Vallada. E é assim.

Ha pouco viamos o sr. D. Luiz em Cáceres conferenciando com seu amado Primo, a fim de alcançar uma nora e uma aliança que dominasse a *hydra*.

O povo, que sabe como S. M. o considera e estima, sobresaltou-se, porque acima de tudo põe a sua independência, e ainda se não esqueceu da *illustre* D. Carlota Joaquina, que nopaiz deixou as consequencias que ainda estamos tolerando...

A *magestade* extranhou que o povo portuguez, demasiadamente tolerante, censurasse as expressões empregadas no seu discurso a Sagasta? Já o devia esperar.

Respeitamos a Hespanha; sómos por origem hespanhoes; mas hoje somos portuguezes, e não queremos que alguém, chame-se rei, ou presidente da republica, vá dispôr da nossa autonomia, para sustentar a familia, e continuar tradições, que são já simplesmente historicas; *augmentar* a preponderancia do nosso paiz que já a tem, que a ha de ter.

O sr. D. Luiz foi a Cáceres, fallou; o sr. Hintze Ribeiro riu (?), e chegados a Portugal, o povo gritou!

Lisboa, a capital do reino manifestou bem a maneira como tinha apreciado o procedimento da *magestade* nas ultimas eleições municipais a *magestade*, *pimpalhos* etc. foram para o Norte, para a cidade invicta, que deitou foguetes, fez explosões de dynamite, tocou a rebate, ouviu *Te-Deum*, e as instituições estão salvas, o paiz de velas enfumadas váo no caminho do progresso, e exulta de contentamento; porque o rei *desceu* (?) ao povo, abraçou o Maio, o Simão, etc. etc.

Se podessemos tomar tudo isto a serio, diriamos ao sr. D. Luiz—*vira*; mas, bem comprehendendo que sua *magestade* vem da capital ao norte á procura da popularidade, *pescar nas aguas turvas*, e pretende, fazer esquecer o seu procedimento em Cáceres e o Sr. Arrobas em Lisboa; não podemos deixar de pedir ao *Antonio Maria* que repita a caricatura das inundações do Tejo.

Nós estamos convencidos de que o *nosso angusto soberano*, que agora abraçou o bom Maio, era capaz de abraçar o Janeiro frio como é, só por causa da popularidade. Mal do rei quando *só desce* até o povo para o illudir!

A nossa fiel aliada

Não é verdade que esta phrase, com que entre nós se costuma indicar a Inglaterra está muito longe de exprimir a verdade, e hoje, só pôde ser empregada como uma ironia pungente atirada por um povo ás faces d'outro que o explora?

Effectivamente, não é preciso ter uma grande penetração d'análise nem um conhecimento muito profundo da historia, para se reconhecer a verdade do que deixamos dito.

Consulte-se a historia desgraçada dos nossos tratados com a Inglaterra, desde o de 1661, em que, sob promessa de protecção futura, a dynastia de Bragança cedeu os importantes emporios de Tanger e Bombaim, até ao funestamente popular de Lourenço Marques, e ver-se-ha que tem razão os estrangeiros, quando nos consideram uma simples colonia de commercio da que nós continuamos a chamar a *nossoa fiel aliada*. Contra a vontade das populações, que persistiam em querer ser portuguezas, e apesar

da importancia commercial de Bombaim, a cedencia fez-se, porque acima dos votos das populações e acima dos interesses nacionaes estavam os interesses dynasticos e a liberalidade real.

A dynastia de Bragança, sentindo-se pouco segura deante do leão de Castella, n'um throno em que uma revolução popular a acabara de collocar, entendeu que precisava de adquirir um apoio forte e certo.

Ella, que já havia protegido os sobrinhos de Carlos I contra as esquadras da Inglaterra republicana, entrou em relações mais intimas com Carlos II pelo meio que ainda hoje não perdeu de moda dos enlaces matrimoniaes.

A nuvem negra, que hoje está perturbando os horisontes limpidos e esperançosos da dynastia, não vem das bandas da Hespanha; muito pelo contrario. Parece averiguado que Braganças e Bourbons acabam de fixar em Cáceres os preliminares d'uma intima aliança; dizem que não faltaram tambem os costumados enlaces de familia.

Que necessidade urgente levou os dous reis da Península a essa liga?

O inimigo deve ser commum; nem o rei de Portugal foi a Madrid sollicitar os favores de seu Primo de Hespanha, nem este veio a Lisboa; o interesse era commum, dividiram o caminho.

Que inimigo ameaça então a Península? Será a França, que depois da queda do imperio tem um pensamento só—a combinação por meio da republica, do progresso e da ordem, e que tem um inimigo unico, a Prussia?

Será a Suissa, que interrompe a educação do seu povo, paralysa o seu commercio e industria, e chama ás armas os seus cantões, para vir por esses mundos á conquista da Península?

Serão os Estados-Unidos, a Allemanha, a Russia ou a Inglaterra, á qual convem conservar em quanto a nós o *statu quo*, que se traduz em muitos lueros sem a minima despesa?

O inimigo é outro; é que as idéas de republica vão adquirindo entre os dous povos sympathias nada tranquilisadoras.

Mas voltemos ás alianças anglo-brigantinas. Em 1654 um novo tratado estreita os laços da alliança com a Inglaterra, cujos productos ficam pagando nas nossas alfandegas simplesmente vinte e tres por cento.

Este tratado revogado em 1664 é em 1703 substituido pelo tratado de Methuen.

Não apresentaremos ao leitor a serie fastidiosa dos algarismos que indicam os valores da nossa importação e exportação, pelos quaes se vê diminuir esta, ao passo que aquella vai crescendo: concluiremos somente com todos os escriptores que se occupam d'este assumpto que o seu resultado definitivo foi a completa ruina do nosso commercio e industria.

A influencia d'estes contractos, perfeitamente leoninos pesa actualmente sobre as nossas industrias e sobre todas as nossas fontes de riqueza com todo o numero de cortejo das suas deploráveis consequencias.

Em parte alguma os productos inglezes pagam quotas tão insignificantes como nas nossas alfandegas.

Nós estamos na mesma plana das colonias inglezas: somos um mercado quasi exclusivo dos productos britannicos: só da Inglaterra importamos tanto como de todos os outros mercados.

Os leopardos inglezes fazem uma concorrência triumphante ás quinas nacionaes na moeda mais numerosa e de mais valor com que realizamos as nossas trocas.

A libra sterlina ha de por fim fazer desaparecer a moeda d'ouro portugueza, como observa F. Garrido.

Nos nossos primeiros centros commerciaes o inglez ostenta-se com a altivez dos povos conquistadores. Elle é o director das nossas fabricas, tem nas suas mãos a nossa marinha mercante; construindo, nos seus estaleiros, couraçados dos mais solidos, a nós vende-nos por preços fabulosos navios como o *Pimpão*.

É o nosso primeiro credor; pesa com a sua influencia official sobre todos os ministerios, e n'este momento anda elle promovendo festas á monarchia, pondo obstaculos á evolução portugueza. É o parasita que vai sugando este velho organismo decomposto.

O procedimento da Inglaterra para com

Portugal é identico, só menos vexatorio para com todos os povos.

Por isso, nós afastamos-nos radicalmente da opinião dos que com Pi y Margall pretendem que a hegemonia da Europa possa vir a ser exercida pela Inglaterra.

Sem sombras sequer de quaesquer sentimentos altruistas e levantados, e preocupada com os seus interesses mercantis ha de ser sempre o symbolo dos povos para quem as grandes vistas ligadas á solidariedade humana representam uma palavra vã.

ESTATUETAS

I

Luiz Guimarães Junior

Em pequenino ouvia docemente
O canto dos escravos desolado,
E ia vêr declinar o sol ardente,
Como hoje vê brilhar um rosto amado.

Nos olhos fluctuava-lhe dolente
Todo o meigo luar d'um inspirado,
E o ceu fitava mysteriosamente,
E a luz dos astros n'um tremôr sagrado,

Da Vida a taciturna ventania
Jámais apaga as rosas da alegria,
Da infancia,—que ainda ao longe nos sorri...

Vêde! a esta ideia, anima-se, remoeça,
E, no silencio tepido da roça,
Ouve chorar a triste jury...

Outubro—81.

Joaquim de Araujo.

Um auto de fé

(A Manuel Gajo)

.....
E, na meia sombra d'aquelle quarto d'estudo, a chamma de um auto de fé traçava phastasticamente curvas luminosas.

Elle confiára-me muitas vezes o seu confidente mais intimo—o livro que manuscruvia. No verso d'uma pagina primorosa de alexandrinicos, encontrava-se resumida uma theoria, ou os traços geraes de um estudo sobre arte; em seguida a umas quadras, francamente risonhas, d'uma alegria despreocupada e sã, liam-se paginas de tormentosa duvida: entre uma larga citação de Littré e um pensamento de Taine transcrevera nma Ode de Victor Hugo.

Emfim aquelle livro traduzia, no correr de suas paginas, mil impressões variadas.

Ignoro as causas que o transformaram em Torquemada de loucuras, de sonhos, que mais ou menos têm fervilhado na risonha imaginação de quem vive ao sol de vinte primaveras. Um dia, entrou no quarto com agitação febril, tinha na vista reflexos de allucinado, e o seu bello rosto, um tanto peninsular, exprimia successivamente as phases de uma lucta enorme.

Militando em campos inimigos elle imaginava—d'um lado, todos as doiradas illusões, tão bellas e tão queridas, os seus primeiros versos de morbido lyrismo; elevando o ponto de vista, descorriam horisontes mais largos e, abalaçando-se a trabalhos do maior alcance, vinculou a este producto do seu cerebro intelligente sympathicas recordações. Do outro lado, o futuro atrahia-o com os encantos do mysterio.

Resultou d'este paralelo a crença em que tudo, que tinha feito, era incompatível com a utilidade, que tinham o direito de exigir-lhe.

E, convulsivamente nervoso, abria e fechava as gavetas, lia e relia os papeis que tirára da carteira, Tinha no rosto uma expressão de dôr que commovia. De repente, com a precipitação de um criminoso, accendeu um phosphoro e, tremulo, reduziu a cinzas aquelle amigo tão discreto—o velho livro de papel almasso. E o ar viciado pelo funo tornou inhabitavel o aposento. Sahuu.

.....
Meia hora depois, estava no meu quarto.

—«Que demonio, dizia elle, reflecti que podia ser mais util de qualquer outra forma e alimentei uma fogueira com aquella papelada. Para que podia ella prestar?»

Mas a indiferença, que pretendia simular,

e. Desmentida pela agitação da voz. Esta traduzia o sentimento; as palavras—o raciocinio, talvez.

De balde me interrogo sobre os motivos que o levaram a extinguir nas espiraes da labareda o effeito de inspirações tão diversas.

Por ventura...
Mas é impossivel, que está muda para sempre a guitarra de D. João.

Mudando de assumpto. Não devo calar o meu reconhecimento aos srs. compositores que d'uma forma tão graciosa tiveram a benevolencia de collaborar no meu ultimo artigo.

E a circumstancia de serem os meus collegas objecto de eguaes atenções (ou talvez maiores; com inveja o digo) não diminue o grato sentimento, de que me sinto possuido. Alguns exemplos da maneira como elles intervieram na redacção dos artigos.

No artigo principal, era citado o auctor da «Historia da civilização na Inglaterra». Mas o pessoal da typographia, suspeitando ser menos verdadeiro o nome que vinha no original, folheou dictionarios, consultou os catalogos e, depois de longa faina, apresenta, cheio de satisfação e com ares triumphantes, o que tinha sabido ser verdadeiro.

E o publico, que laborava no mesmo erro que o auctor do artigo, viu, com uma surpresa indescriptivel, «Henry T. Buckle.»

Ainda mais. Achando irregular a redacção do 2.º artigo—porque não procederia o collega a uma consulta previa?—o pessoal, sempre obsequioso, houve por bem esmaltar aquella prosa, até então incapaz de apparecer em publico, com —«utilidade»— e, assim aperfeiçoado, vemos o artigo brilhar com a maior correção.

Os officiosos collaboradores, cuja dedicação nos commove até ás lagrimas, tiveram mesmo a amabilidade de descer ao *rez-de-chaussée* e, encontrando alli uns pecegueiros, que, francamente, não apresentavam a linha da mais fina distincção e que o nosso collega (como elle se enganava!) achára des-elegantes, compadeceram-se d'aquellas arvores infelizes e, graças aos seus cuidados, o leitor viu, estupefacto «Os pecegueiros tinham attitudes, elegantes, incommodas.» Um assombro de verdade.

Por estas finezas os nossos agradecimentos.

Babinet.

(II)

Andei a gravar teu nome
No tronco dos arvoredos:
Que os meus intimos segredos
O tempo assim não consome.

Lamentei que os passarinhos
Não soubessem soletrar
E em delicioso trinar
O lessem mesmo dos ninhos.

O nome encontro maior
Quando lá volto, em o vendo:
—É que o tronco vai crescendo
Como cresce o meu amor.

Eduardo de Araujo.

PERFIS LITTERARIOS

I
GOMES LEAL

Gomes Leal, antes de ser, por graça de Arrobas, o grande, o terrivel demolidor das instituições, o intractavel e vermelho demagogico, (não te posso resistir, ó belleza das phrases retumbantes!) era simplesmente a poeta que em Portugal soube ainda desferir com mais vigor a nota grandemente epico do sentimento democratico.

Ha hoje talvez sete annos que o vi pela primeira vez. Nessa noite recitou-se em D. Maria O *Tributo de Sangue*.

Aquellas estrophes vigorosas e firmes, repassadas de largas aspirações humanitarias communicaram aos espectadores a commoção electrica do entusiasmo. De todos os pontos da sala saia a mesma invocação:

—Gomes Leal. Gomes Leal! O poeta não apparecia. A plateia, em pé, subjugada por uma impressão violenta, continuava a bradar no meio do estrondar ininterrupto das palmas.

De repente, do fundo d'um camarote destacou uma figura extremamente pallida.

Era Gomes Leal que, cheio de timidez e embaraço, vinha finalmente agradecer ao publico a primeira solemne consagração do seu alto valor poetico.

Algum tempo depois, em 1875, creio, sahio a colleção de poesias intitulada *Claridades do Sul*. Este livro teve um exito inferior a qualquer das obras do academico Alberto Pimentel. O facto explica-se por Gomes Leal se declarar dissidente de todas as escolas que dividiam e dividem a litteratura.

Apezar d'isto, os que não liam Alberto Pimentel, que o Porto acabava de suppurar, apreciaram o livro de Gomes Leal como se aprecia um manjar raro, que nunca mais esperamos provar.

E assim foi com effeito. O livro não fez escola; o elogio mutuo, que n'esse tempo ainda conservava restos do antigo poderio, votou-o ás feras, e o poeta apenas ficou conhecido e estimado pelos que não tinham estragado o gosto com as banalidades litterarias hafejadas pelos encomios da seita.

Gomes Leal continuou a publicar algumas poesias, e trechos admiraveis destacados do *Anti-Christo*, um poema onde o genio do poeta reluz a cada momento com faiscas brilhantissimas.

Das poesias citaremos a *A morte do athleta*, que é, a nosso ver, a mais perfeita composição poetica do auctor.

No *Anti-Christo*, o excerpto intitulado *A Fome*, que saiu em folhetim no *Diario de Noticias*, a *Introdução* e uma parte da *Carta ao Papa*, que tive o gosto de ouvir dos labios do poeta são revelações verdadeiramente geniaes.

Por occasião do centenario saiu *A fome de Camões*, onde, a par de versos pouco cuidadas e sem relevo, se encontram passagens de inestimavel valor.

Veio depois a *Traição*, vigoroso pamphletto que zurze sem piedade a torpe corrupção dominante. A introdução do poemeto é realmente bella, e, se as azas da inspiração, abatendo de cançadas, deixam por vezes decair o poeta, é para o fazer subir depois em levantado voo até o canto esplendido do *Mineiro*, até á admiravel apologia do *Odio*.

A *Traição* carregou o horizonte de nuvens, que rapidamente se desfizeram n'um violento chuvisco de pamphletos e de criticas, que deixavam transparecer umas vezes a inveja mal contida, outras o patriotismo posto, quasi sempre a banalidade sonora e óca.

A tempestade serenou por fim; a *Traição* lia-se já sem relutancias e sem resentimentos, quando, n'uma bella tarde de julho, Gomes Leal foi preso, ao sair de casa fumando distraidamente o seu charuto.

Um mez depois o poeta foi solto, graças á Relação de Lisboa, que tem provado estar superior a miseraveis intrigas politicas, fazendo justiça, imparcial e nobremente.

O numero de pessoas que o visitaram no Limoeiro foi incalculavel, e a manifestação de alegria e entusiasmo que lhe fizeram quando d'ali saiu é completamente nova em Portugal.

Antes de ser preso Gomes Leal escreveu o *Herege* que saiu durante a prisão. Este poemeto é litterariamente superior á *Traição*, e o publico, esgotando n'um curto periodo as suas tres primeiras edições, provou que fazia d'elle um subido conceito.

Ha pouco tempo o adoravel conselheiro Arrobas, sentiu-se magoado por um soneto, e Gomes Leal voltou para o Limeiro.

A perseguição á imprensa, inaugurada pelo governo regenerador, dirige-se a elle como ao seu alvo mais dilecto; mas se os poderes publicos continuam a fazer-lhe *reclames* tão pomposos, eu começo a ter o terrivel presagio de que o vão inutilisar!

Elle não está costumado a estas cousas, respeitaveis poderes publicos! E' um nobre character e um grande talento desenvolvido fora das protecções officiaes, seguindo em linha recta pela estrada da vida, sem o auxilio de ninguem, na mais ampla liberdade.

Vejam lá se o estragam com o mimo!

A.

Do sr. Carrilho Videira recebemos a carta que publicamos:

Illustres redactores da *Evolução*:
Avisaram-me de que a *Folha do Povo*, n.º 449 de domingo ultimo, formou algumas insinuações diffamantes contra um membro do partido republicano, affirmando «que não terá duvida em formular clara e precisamente a accusação quando o entender necessario.» Ha no publico quem julgue que estas insinuações são dirigidas á minha obscura individualidade e como estou já farto de calumnias e falsas interpretações sobre o meu procedimento politico, sempre coerente e inflexivel nos actos particulares e publicos, e visto nenhum membro do *Centro Republicano Democratico* da Rua do Norte publicamente ter apresentado até hoje provas justificativas do procedimento inquisitorial que tiveram para comigo depois de publicamente, em 1876, os intimar a exhibil-as sob pena de passarem por calumniadores, classificação que acceitaram submissos, convido hoje tambem o sr. Silva Lisboa, director do referido jornal, a declarar no mesmo se as alludidas insinuações se referem ou não a mim e em caso affirmativo intimo-o a satisfazer ao seu compromisso espontaneamente contrahido perante o publico, nas linhas que transcrevemos acima, isto é, publique todos os documentos veridicos comprovativos da minha deslealdade para com o partido republicano, visto interessar o esclarecimento d'este caso ao partido e a mim, sobretudo.

Agradece desde já penhoradissimo a publicação d'esta o vosso

Correligionario amigo e obrigado
Carrilho Videira.

Lisboa, 29 de novembro de 1881.

REVISTA ESTRANGEIRA

Não correm prosperos os ventos á monarchia; é esta una affirmação que todos os dias vemos corroborada pelos acontecimentos politicos.

Nem as conferencias dos reis, nem as suas aproximações dos elementos reaccionarios obstarão a que todos os seus planos tenham um desenlace, com que os povos hajam de folgar, e os reis não estimarão.

Ainda hontem Bismarck era derrotado nas eleições para o Reichstag e ameaçava a Alemanha com a sua retirada á vida particular e já hoje o vemos procurando dar a mão ao Vaticano, para assim poder com o elemento catholico esmagar os socialistas, que são o seu espectro negro.

É isto o que se conclue do telegramma que transcrevemos:

BERLIM, 30.
«Reichstag.»—O sr. de Bismarck respondendo ao dr. Wirchow, disse que tencionava pedir um credito para renovar as relações diplomaticas da Alemanha com o Vaticano, e que seria inoportuno fazer outra comunicação, pois as negociações entre a Alemanha e o Vaticano ainda estão pendentes.»

Com quanto lastimemos qualquer attentado contra os chefes do estado, ou seja o imperador Alexandre ou Garfield, não podemos tambem deixar de censurar o procedimento de qualquer imperante, que vendo todos os dias claramente manifestada a opinião do povo, bem longe de satisfazer ás suas aspirações, procura mais e mais reprimir os impulsos da liberdade, que esse povo pretende adquirir. É o que succede na Russia; repetem-se os attentados contra o imperador da Russia, e todavia elle, não querendo reconhecer a illegitimidade das aspirações do seu povo, prefere o *morrer ao crer*. O telegramma, que damos em seguida, é uma prova d'esta affirmação.

«Confirma-se a noticia da descoberta do novo attentado contra o czar. Os conjurados propunham-se construir uma especie de machina volante carregada com dynamite. Esta machina devia ser alirada ao pé do palacio de Gatchina e cahir no meio do pateo do palacio. Os nihilistas contavam aproveitar a confusão causada pela explosão, para se apoderarem do czar e da familia imperial.»

Entre as pessoas presas acham-se o chefe de policia de um districto importante, duas filhas de um funcionario do Estado e dois negociantes israelitas.»

Embora, na ultima revista que fizemos, dissessemos que a insurreição em Tunis estava proxima do seu fim, e o telegrapho nos diga que a Inglaterra vai d'alli retirar os seus navios de guerra, é certo que em França ha ainda bastantes apprehensões a tal respeito.

NOTICIARIO

A Sociedade Dramatica Philantropica Conimbricense, sociedade de que é ensaiador o nosso illustre coreligionario Adelino Veiga, vae encetar uma serie de espectaculos particulares no theatro Conimbricense, sendo o primeiro no dia 10 do corrente, levando á scena o drama de grande espectaculo em 5 actos e 6 quadros *O Sargento-Mór de Villar*; Está confiado a Adelino Veiga o papel de *De profundis*; temos assistido a alguns ensaios, que nos tem feito prever um desempenho rasoavel.

A assignatura para os espectaculos, dados por esta sociedade, póde fazer-se em casa dos ill.ºs srs. José Correia d'Almeida, rua do Visconde da Luz—José Marques Pinto, Praça do Commercio.—José Guilherme dos Santos, Largo da Sé Velha—Salazar, Largo de S. João—Sampaio, Largo da Feira.

Voltou de Paris, no dia 30 do mez passado, o ex.º sr. dr. Viegas, que tinha ido em commissão ao congresso de electricidade. Na *gare* foi cumprimentado por sua ex.ª familia e mais algumas pessoas das suas relações.

Pedimos desculpa aos nossos collaboradores e assignantes dos lastimaveis desastres typographicos de que foi victima o primeiro numero da *Evolução*. O desejo que tinhamos de que o jornal apparecesse com brevidade fez com que o trabalho typographico não corresse com a regularidade devida.

Segundo ouvimos dizer, pensa-se em annullar as eleições do Club Academico.

Queixam-se geralmente os estudantes de preparatorios da falta condemnavel da uniformidade de compendios. Em cada lyceu se adopta de preferencia o compendio do sr. X, porque o sr. X, estando intimamente relacionado com os professores d'esse lyceu, toma a liberdade de lhes exigir tão subida fineza; mas quem soffre as consequencias d'essa fineza é o estudante que muitas vezes se vê obrigado a decorar automaticamente certas e determinadas definições que ou nada significam ou significam disparates.

Se, porém, o estudante protesta contra esse systema pouco aceitavel e não tem a bastante coragem e illimitada paciencia para reproduzir fielmente o—*ipsa verba*—do compendio adoptado, arrisca-se a uma apreciação desfavoravel, que póde importar-lhe a inutilidade do seu trabalho d'um anno, a perda do tempo precioso que consumo e ainda o desperdicio de não pequena quantia que dispendeu.

Não é raro tambem observar que o examinando, interrogado acerca d'uma doutrina qualquer, seja injustamente apreciado, porque segue uma doutrina de compendio diverso, com a qual o examinador se não digna sympatizar, embora ella seja rigorosamente exacta, verdadeira e até mais scientifica.

É realmente duro que estas contingencias se produzam no meio social em que vivemos, porque demonstram á saciedade o estado d'atrazo em que se encontram a instrucção secundaria e a sciencia do professorado.

É preciso accentuar que reconhecemos excepções honrosas; mas accentuemos por igual que se nomearam professores provisorios a sabor das influencias politicas de campanario e se mandaram *passar* os professores que se não curvam reverentes perante fatuidades ridiculas.

Ora com factores d'esta ordem a instrucção é hoje e será amanhã o que hontem era—simplesmente impossivel.

A reforma verdadeiramente util e genuinamente pratica ha de ser aquella em que se consignarem os dois artigos seguintes:

1.º Ficam desde já banidas dos lyceus todas as incapacidades que alli vegetam e todas as velharias inuteis que ali se espreguçam.

2.º Incumbir-se-ha do ensino quem manifestar em concurso publico as mais evidentes demonstrações de competencia scientifica e de honestidade inconcussa.

O sr. Pedro A. Monteiro, distincto professor do lyceu de Lisboa, está publicando em fasciculos um compendio de philosophia perfeitamente adequado ás doutrinas exigidas pelo respectivo programma official d'instrucção secundaria.

Se é licito avaliar da obra pela competencia do auctor, não duvidamos affirmar que o sr. Monteiro fará um trabalho util e consciencioso.

Recebemos e agradecemos os seguintes jornaes:

—*O Instituto*, (revista scientifica e litteraria) que se publica em Coimbra. O numero que nos foi enviado é o 4.º da segunda serie, e contém as seguintes materias:

Estudos financeiros por Miguel Baptista, da Silva.—Hospital de Coimbra, por Costa Simões.—Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez, por Adolpho Frederico Moller.—Felicidade (poesia), por Henrique O'Neill.—Sobre a natureza das cousas (poesia) por A. de M. de Falcão.—Lenda de Ignez de Castro, por A. A. da Fonseca Pinto.—Boletim bibliographico, por A. T.

—*Justiça Portuguesa*, do Porto.
—*O Alto Alemtejo*, de Elvas.
—*Correspondencia de Coimbra*.
—*Campino*, de Villa Franca.
—*Trasmontano*, de Villa Real.
—*Conimbricense*.
—*Progressista*, de Coimbra.
—*Bejense*.

Matricularam-se no Lyceu de Santarem, no corrente anno lectivo, 46 alumnos.

Na disciplina de latim, segunda parte, não está matriculado um só alumno; tambem na cadeira de Legislação Civil é completamente nulla a frequencia.

No concelho de Torrès-Novas matricularam-se nas escolas officiaes d'instrucção primaria, durante o anno de 1880 a 1881, 841 varões e 222 meninas. Tiveram frequencia regular 412 alumnos e 108 alumnas. Ficaram promptos no fim do anno 33 varões e 5 meninas. D'aquelles foram approvados 17 em exame de admissão aos Lyceus, obtendo apenas uma só menina a approvação.

Consta-nos que vai ser annullada a eleição camararia de um dos concelhos do districto de Santarem, ultimamente realisada, na qual venceu a lista da opposição. Não admira.

Os regeneradores não se prendem com *pequenas coisas*, porque as maiorias só valem, quando—os esbanjadores—se preparam em ordem a produzir o bom exito das suas machiavelicas aspirações.

Á annullação devia responder-se com uma votação cerrada; elegendo homens honestos, independentes e de principios accentuadamente democraticos.

O povo hade ser sempre ludibriado pelas sanguessugas insaciaveis que desgraçadamente presidem aos destinos do paiz.

Foram nomeados aspirantes a facultativos do Ultramar os srs:

Antonio Augusto da Rocha, estudante do 3.º anno da Escola Medica do Porto, com quadro de saude de Macau e Timor; Antonio José Gonçalves, estudante do 2.º anno da mesma Escola, com destino á provincia de Cabo-Verde; Leopoldino Gonçalves, estudante do 2.º anno da Escola Medica de Lisboa, com destino á provincia de Angola; José Manoel Braz de Sá, estudante do 2.º anno da Escola do Porto, destinado para Moçambique, bem como o sr. J. A. de Lacerda, estudante do 2.º anno da Escola de Lisboa; Francisco Xavier da Silva Telles e Sebastião Peres Rodrigues, o primeiro do 2.º anno da Escola de Lisboa, e o segundo do 1.º anno da faculdade de medicina na Universidade de Coimbra, com destino á provincia de Guiné.

O *Progressista* doe-se tanto com a replica da *Evolução* que promete iracundo não a perder de vista e desata a ameaçá-la. Que crueldade!

Diz que não podia calumniar-nos porque ainda não existíamos.

Ora o *Progressista* referiu-se a um jornal intitulado—*A Evolução*—que ia publicar-se em Coimbra. Nós já tínhamos ha muito distribuido um prospecto, e não se annunciou depois d'isso que nos conste a publicação em Coimbra de nenhum outro jornal com o mesmo titulo.

Foi portanto a nós que o *Progressista* calumniou.

Se o *Progressista* pretende desviar o ponto capital da questão, illude-se e não realisa o fim malicioso a que aspira. Deixe-se de subterfugios, deixe-se da *lua*, deixe-se dos *ii* e venha directamente ao que importa.

O collega disse que o redactor principal da *Evolução* era um academico *sobrinho do sr. Fontes*.

A *Evolução* responde que entre os redactores d'esta folha se não conta aquelle cavalheiro e affirma que é redondamente falso o que disse em 20 de novembro ultimo o *Progressista*. Fique sabendo quem nos lê que a asserção do *Progressista*, além d'estúpida, tem ainda o defeito de ser uma refinadissima mentira.

Emquanto o *Progressista* não demonstrar a veracidade do que escreveu, a *Evolução* mantem tudo quanto affirmou, não retira sequer uma palavra do que escreveu.

—Diz ultimamente o collega que a verdade é o seu programma invariavel.

Sel-o-ha, mas ha de concordar que não o continuou a ser, quando se referiu á *Evolução*. A invariabilidade do programma do *Progressista* tem uma explicação mais divertida.

Não podendo, entretanto, atirar com a causa efficiente da excepção, é possível que alguma omnipotencia occulta sumisse ou rasgasse o programma.

—O collega suppõe a *Evolução* na *lua*; está o collega no uso plenissimo do seu direito; ninguém lh'o contesta.

A *Evolução* toma a liberdade de se arrojar o direito tambem plenissimo de não manifestar onde suppõe o *Progressista*. Prefere calar-se por uma serie de considerações que não indica.

Olhe, caro collega, não temos feito para fugir diante de duas fumaçadas da valentia que o caracteriza.

Invocar o papão é expediente que não colhe, nem d'elle tira o minimo proveito.

Provocamol-o e desafiamol-o a declarar terminantemente *tudo isso que tem de remissa*. Falle, explique-se, dê expansão ao seu sentimento.

Concluindo, dir-lhe-hemos: Convença-se de que nem as bravatas do *Progressista* nem as de qualquer papel ao serviço da monarchia nos intimidam.

Observámos na sexta-feira de tarde na rua do Visconde da Luz, um facto bastante repugnante e indecoroso; um desgraçado doudo inoffensivo era arrastado bruta'mente por dois policiaes.

Chamamos a attenção das autoridades competentes para que taes abusos se não tornem a praticar; ou a policia serve para manter a ordem e a moralidade publica, e n'esse caso é util, de contrario é uma instituição inutil e prejudicial.

Teve lugar no dia 2 a assemblea geral do Club Academico convocada para o dia 1 por n'este dia não ter sido possível realizal-a. Concorrência rasoavel.

Tractava-se de apresentar o parecer da comissão nomeada para estudar a conveniencia ou desconveniencia da federação entre os estudantes portuguezes e hespanhoes.

A comissão é composta dos cavalheiros que assignam o relatorio abaixo publicado:

«Senhores: A comissão abaixo assigna la vem hoje desempenhar-se perante vós do honroso encargo que lhe haviéis incumbido de dar no prazo d'um mez o seu parecer sobre o delicado e grave assumpto da Federação Academica Peninsular, proposta em Madrid, por occasião do bi-centenario de Calderon, pelos academicos d'esta Universidade

que ahi foram representar-nos, e apresentada pelo sr. João Marcelino Arroyo á deliberação da assembleia geral dos estudantes de Coimbra.

«Não devemos occultar-vos, Senhores, que ao espirito da vossa comissão foi altamente sympathico o pensamento dominante da proposta dos nossos collegas e que todos os factos tendentes a estabelecer a maxima confraternidade e a mais intima ligação entre todos aquelles que estudam e que pensam, não podem deixar de ser acolhidos com viva adhesão por todos os que comprehendem os excellentes fructos, que essa confraternidade e essa ligação podem produzir, quando devidamente comprehendidas e sinceramente executadas. Não ignorais decerto, Senhores, quanto poderíamos n'este momento espraiair-nos em largas considerações sobre este ponto senão preferissemos dar uma forma concisa a este parecer e tractar sobre tudo de frisar bem as razões, em que fundamentamos a nossa opinião. Fique no entanto bem assente, que nos é sympathica a ideia principal, de que a proposta dos nossos representantes em Madrid foi manifestação, e que admittimos esta, se considerações de superior valia, não actuassem no nosso animo em sentido inverso.

«De resto, Senhores, não era só a ideia fundamental da proposta, que nos agradava, e que sobre tudo nos prendia n'ella, era o lado pelo qual tentava significar um preito de confraternidade e um testemunho de gratidão para com os cavalheiros estudantes hespanhoes que receberam os nossos comissionados em Madrid com tanta bizarrria e tanta cordialidade. Seria uma ideia absurda, que a nenhum de nós poderia lembrar, buscar corresponder a tão eloquentes provas de estima e de consideração com um acto qualquer que podesse da maneira mais remota ferir os melindres ou atacar as susceptibilidades dos academicos do paiz visinho. No entanto, apesar de todas estas ponderações, cujo valor e cuja importancia, a comissão não podia desconhecer; apesar de em todos os paizes a cooperação das diversas classes, ser hoje uma tendencia manifesta e uma verdade que a sciencia demonstra e a politica recommenda; apesar da evidente utilidade, que haveria no estreitamento da relações scientificas e litterarias entre os dois paizes da peninsula, diferentes em raça, costumes e tendencias, mas tão proximos e tão visinhos pela situação geographica; a vossa comissão

Considerando, que a utilidade immediata d'esta federação seria quasi nulla, no que respeita ao estreitamento das relações scientificas e litterarias entre os dois paizes, porquanto estas melhor se desenvolviam por meio de congressos internacionaes e por meio de traducções das obras mais importantes dos dois povos e por outros meios para a realização dos quaes é perfeitamente inutil a federação proposta;

«Considerando que a federação, no que concerna á resistencia commum a quaesquer prepotencias auctoritarias, seria incontestavelmente não só inutil mas até prejudicial, porque não podendo nunca ser um elemento para aplanar quaesquer conflictos, poderia muitas vezes ser, mais um fomento de discordia pelo facto de virem extranhos ingerir-se em assumptos nacionaes;

Considerando, que o amor e a concordia entre os estudantes dos dois paizes a que se refere a proposta dos nossos collegas, existem no espirito de todos nós, sem que para isso seja mister o facto ostentoso de uma federação, talvez imprudente;

«Considerando, que federações d'esta ordem, se não acham estabelecidas entre academicos de nações algumas, ainda que ellas, como por exemplo a Belgica e a França sejam tão visinhas e tenham entre si tão estreitas relações;

«Considerando, que para o nosso caso as difficuldades, que têm obstado em toda a parte á realização d'esta federação seriam agravadas pelas tradições historicas das duas nacionalidades, tradições que se podem apreciar livremente, mas que se não podem negar por forma alguma;

«Considerando que tal federação seria inoportuna no actual momento historico, em que as tendencias das duas nações da peninsula são tão oppostas e caracterisadas;

«Considerando que não é ainda um facto realisado a federação academico portugueza

e que, portanto, seria inoportuna uma federação academica peninsular;

«Considerando que por estas razões que são indagaveis, em nosso entender, a realisação da federação, não sendo util nem vantajosa, poderia ser altamente inconveniente e attrahir sobre a Academia de Coimbra, como iniciadora d'este facto um odioso e um stigma, que ella decerto repelle com vigor;

«Considerando, finalmente, que é já facto publico, que os estudantes das escolas de Lisboa e Porto reunidos em assemblea nas duas cidades para deliberarem sobre este assumpto, regeitaram a federação e que portanto ella a realizar-se hoje apenas poderia ser federação hispano-conimbricense e não Academico-peninsular;

«A vossa comissão é de voto, que se regeite a proposta apresentada em Madrid, pelos nossos representantes nas festas de Calderon de la Barca, fazendo entretanto justiça aos nobres intuitos, com que elles a formularam e patenteando mais uma vez, que este facto da regeição não significa de nenhum modo a mais pequena desconsideração pelos estudantes hespanhoes, aos quaes nos liga, a mais calorosa sympathia e a mais sincera gratidão.

Leopoldo Mourão; relator.

José Maria de Sousa Andrade, presidente.

José d'Ornellas Cysneiros.

Antonio Pinto de Mesquita.

Carlos Lobo d'Avila.

Sergio de Castro.»

Em seguida á leitura do relatorio pediu a palavra o sr. Arroyo para declarar (e seria esta a ultima vez que em assemblea geral se occuparia da federação academico-peninsular) que as mesmas razões que em Madrid o levaram a propor a federação aos estudantes hespanhoes, persistiam ainda no seu animo, firmes e inabalaveis, assim como no de toda a comissão enviada aos festejos de Calderon.

Ao mesmo tempo agradeceu á assemblea geral e á comissão encarregada de dar o parecer, por nunca terem duvidado da sinceridade da sua proposta e da elevação das suas intenções.

Poz-se em seguida o parecer á discussão, e como ninguém pedisse a palavra foi immediatamente posto á votação e approvedo.

Leu-se em seguida um officio da Academia de Lisboa, pedindo explicações sobre uma correspondencia de Coimbra para o *Seculo*, em que se attribuiam ao sr. Samora Moniz umas palavras offensivas para aquella Academia, pronunciadas quando em assemblea geral se discutiu a federação.

O sr. Samora declarou, vivamente indignado contra o auctor de tal correspondencia, que nunca em parte alguma proferira palavras offensivas para a Academia de Lisboa, e muito menos em assemblea geral de estudantes de Coimbra, onde necessariamente se retiraria a palavra a quem quer que as proferisse. A assemblea manifestou calorosos signaes de adhesão.

Extranhou tambem que a Academia de Lisboa suspeitasse sequer o contrario.

Concluiu por pedir á meza da assemblea geral que officiasse n'este sentido.

Assim foi deliberado.

Pela nossa parte lastimamos tambem profundamente que a Academia de Lisboa, que tão galhardamente tem sempre sabido responder á consideração, em que é tida pelos estudantes de Coimbra concebesse á ultima hora suspeitas tão abstrusas e sem fundamento, baseando-se tão sómente n'uma correspondencia anonyma.

CORRESPONDENCIA

Tavira, 20 de novembro de 1881.

Srs. Redactores.—Temos diante de nós e em cima da nossa humilde carteira o prospecto que nos annuncia a publicação da *Evolução* jornal republicano redigido por alguns membros da classe academica. Dizer-lhes, illustres cidadãos, que me regosijo por ver n'esse centro de luz intellectual um órgão do principio republicano é desnecessario, pois sabem quanto eu venero esse principio equitativo e justo, o unico em virtude do qual os nossos direitos não são usurpados, nem a vontade nacional sophismada.

O incessante caminhar da sociedade, fez dizer aos sabios mais eminentes, que o futuro é republicano, e nós convictos até o sacrificio de que esta verdade é indispensavel e de que a retrogradação não pôde dar-se, cumprimos o nosso dever apresentando-nos na imprensa, essa formidavel alavanca do progresso dos povos, a discutir o principio no campo da legalidade e a instruir a grande parte dos nossos irmãos, que victimas ainda das arbitrariedades d'um passado nefasto e intolerante, jazem na maior ignorancia.

A discussão deve ser o nosso campo de batalha, as nossas armas, a penna e a palavra e a transformação do systema de governo que nos rege, a nossa aspiração.

A *Evolução* traz no titulo o seu programma, e de facto é o meio em que se desenvolve o programma evolucionista o que está em harmonia com os direitos humanitarios e cujos resultados, sendo bastante morosos, são com tudo mais positivos.

Congratulando-me, pois, com a vossa nobre iniciativa e exortando-vos a que prosigais na senda, que encetastes, termino appossando-me d'um periodo do vosso prospecto cuja significação perflho, pois que «esclarecer os que teem uma ideia imperfeita do systema republicano e procurar vencer os partidarios d'um systema adverso, mostrando-lhes a indole, as vantagens e os meios de acção do primeiro e preparando-os assim para o receberem e pacificamente, é mais do que fazer proselytismo, partidario, é cumprir um dever de patriotismo.»

Agradecendo-vos a distincção com que me honrasteis e offerecendo-vos mais uma vez o meu limitado prestimo, subscrevo-me, vosso sincero admirador e correligionario.

R. F.

Aleanena

Um disforme cyclope preside aos destinos d'esta terra. É o Euristhes que, superior aos Hercules da camara e da parochia, *porque algumas horas antes nasceu*, impõe-lhe as penosas empresas conhecidas pelo nome dos doze trabalhos de Hercules. Este cyclope gigante d'um decimo de pollegada, que já é a duodecima parte d'um pé ou pata geometrica, destina-se a introduzir na economia administrativa local a euzoodinamia de Gilbert, e a ser como Lepée o creador d'um novo systema para o ensino dos *surdos-mudos* e instrucção para os cegos, assente sobre um engenhoso teclado de cabeças de dormideiras. Depois de tão patrióticos e preclaros trabalhos irá descansar algum tempo na Carropichana, aldeia pertencente ao districto da *Guarda*, onde, ainda assim, fará os admiraveis trabalhos pelo methodo de Lord Palmerston sobre a quadrupula aliança, entrando como parte diplomatica contratante o *patim* destinado aos passeios recreativos sobre os gelos da consciencia publica e a galocha perservativa das humidades doentias e da resudação dos esgotos.

—Entre mãos, o illustre politico e litterato tem muito adiantados importantes estudos sobre e *bull-terrier* combatendo as observações de Brehm, terminando pelo precioso apolo d'um *bull-terrier* de raça sacerdotal e uma gralha—*correio das maravilhas*.

A isto chama-se aqui na linguagem dos *insurgentes* o *progresso Zarolho*; porém no conceito dos homens de *pezo* e sem mescla de cores politicas ou scientificas, —a que pertence o auctor da presente local—isto é, a verdadeira roda do progresso tendo por centro de irradição o unico e illuminadissimo olho d'um verdadeiro homem..... d'estado.

—Isto é tudo assim; o *consulado de honrem* explica-se pelas faces distinctas do Espectro revolucionado que simbolisa as liberdades e gloria da patria, e a *revolta* da Revolução que sendo momentaneamente a soberania d'um partido, é ao mesmo tempo o para es apontamentos da historia futura d'este paiz o correr á bolina d'uma nação nos despenhadeiros mais perigosos da governação publica, marcando uma epoca de irremediavel decadencia politica.—Aqui é o mesmo: vimos das inconsequencias do passado e caminhamos como o baixel, nos rapidos de uma cataracta, para a desillusão e ruina futura.

(Continúa).

A nossa theoria historica representa necessariamente a realteza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pg. 29.

A EVOLUÇÃO



Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient. 1.º pg. 430.

SEMANARIO REPUBLICANO

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida do minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 3

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 12 DE DEZEMBRO DE 1881

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

EXPEDIENTE

Pedimos desculpa aos nossos assignantes da irregularidade com que foram distribuidos o 1.º e 2.º numeros da Evolução. Procuraremos evitar taes irregularidades na distribuição dos numeros subsequentes.

Previenem-se os srs. assignantes residentes em Coimbra, que não satisfizeram ainda a importância das suas assignaturas, que podem fazel-o em todas as vespersas de feriado da uma ás tres da tarde na administração d'este Journal—Couraça dos Apostolos, 29, 3.º

Registamos com satisfação, não tanto pela influencia que possa exercer sobre a prosperidade d'este semanario, como pela orientação mental que revela, o benevolo, sympathico e inesperado acolhimento com que a generosa academia de Coimbra acaba de honrar a Evolução.

Não é com certeza ao prestigio e renome litterario dos seus redactores, á novidade da doutrina ou ao brilhantismo da phrase que poderemos attribuir este facto profundamente característico.

É que os principios que a Evolução tem apresentado significam a crença, as idéas d'uma parte importante da academia.

Os estudantes de Coimbra tem sido alvo n'estes ultimos tempos de accusações severas d'uma parte da imprensa, que honra lhe seja, mostra d'esta forma não desconhecer a alta funcção que ás academias pertence na regeneração e renovação do nosso paiz.

ELSA

(LENDAS DE LOHENGRIN)

(Conclusão)

Depois d'aquellas formas vagabundas,
Que voejam nas humidas paragens
Entre as vozes da noite gemebundas
E as nevoas—phantasticas roupagens,—

O poeta vê surgir calma e serena
Uma figura triste, e desolada
Como a estatua prophetica da Pena
Sobre um tumulto fundo debruçada!

Parece espuma d'oiro o seu cabelo
Que a neve coroa em choro brando;
Fulge no seu olhar profundo anhele,
Ao lembrar-se do amor que anda expiando!

O seu perfil suavissimo destaca
D'entre o mar de cabelos refulgente,
Qual doce claridade estranha e fraca
Batendo sobre um lago surpreendente!

E o seu corpo de forma antiga e rara,
De breve curva elastica, harmoniosa,
Lembra tudo o que envolve a noite clara:
Raio de luz, canção melodiosa...

O bardo ao vê-la assim amargurada,
Como quem no silencio busca o olvido
D'uma vida cruel e torturada,—
Sentiu-se fundamentalmente commovido.

Numa voz que o temor faz mal segura
A pobre vagabunda elle interpella:
«Quem és, apparição altiva e pura,
Que surges do meu sonho na procella?»

A esta nobre e generosa academia tem-se attribuido uma falta de comprehensão social e da sua funcção, e a sua dignidade e elevação de sentimentos tem mesmo algumas vezes sido objecto de duvidas.

Como membros d'esta collectividade, semelhantes accusações vinham mais ou menos recahir sobre nós.

A Evolução pôde significar um protesto dos nossos brios melindrados, protesto que não envolve de forma alguma malquerença ou rancôres, que não cabem em nossas almas, para com os auctores de taes accusações, que enquanto a nós certamente as consideram inapplicaveis.

Pelo que respeita á generalidade da academia, parece-nos que uma assistencia bastante demorada no seu seio e um conhecimento mais ou menos largo, praticamente adquirido, das causas determinantes dos seus actos e manifestações collectivas nos auctorisam a declarar ao paiz que dentro d'ella existe actualmente um forte nucleo de reacção democratica.

O facto, ultimamente tão censurado, de a academia pedir feriados a s. magestade está longe de representar uma manifestação unanime d'esta corporação.

As actuaes gerações academicas lembramos que o seu dever será manter e conservar as gloriosas tradições d'aquella energica e valente academia que com tanto empenho cooperou na transformação do nosso regimen politico.

Se a historia das academias estrangeiras regista numerosos factos altamente lisongeiros e gloriosos para ellas; se hontem as escolas da Allemanha, organisando-se em poderosas associações (Burschenschaft) desenvolvem o mais acrisolado patriotismo, e se empenham nos mais arrojados planos em

«Vi perpassar na vastidão das neves
Todas as creações das grandes úras;
Mas a nenhuma d'essas sombras leves
Ouvi, muda visão, dizer quem eras.»

«Lembras tudo o que encerra de impeceavel
A larga região dos velhos poemas,
Desde o Cysne d'alvura inalteravel
As almas ideaes, grandes, supremas!

«Julgara-te um murmuro de ballada
Que se tivesse em ti crystallizado
P'ra contar-me uma historia inenarrada
Esquecida na torre do Passado.»

«Julguei que, como um breve e doce canto,
Tu surgias da noite das edades,
E tomavas da forma o doce encanto
Para me segredar fundas verdades!»

«És como estatua muda, silenciosa?
D'um sentimento és magica expressão?
És como esphinge calma e graciosa,
Que vele juncto ao portico—Ilusão?»

«Eu sou—disse-lhe a sombra em voz maviosa,
Mas triste como um canto mortuario—
—Proscripta d'uma lenda prodigiosa—
E ando só, cumprindo o meu fadario.»

«Vou contar-te essa estranha e larga historia
A ti que assim como eu buscas a noite,—
Foi feliz e viveu na immensa gloria
Esta que já nem tem onde se acoitel!»

«—No tempo em que vivi, chamaram-me Elsa.
Era filha dos duques de Brabant,
E todos me aclamaram bella e excelsa.
Então vivia alegre e triumphante.»

defesa da liberdade e da unidade allemã, legando á historia os nomes immortalmente celebres de Mauricio Sand e Laening; se os estudantes de Vienna produzem por uma respeitavel e vigorosa manifestação a queda do ministerio reaccinario de Metternich; se n'este momento as academias russas andam envolvidas no plano grandioso, mas pessimamente executado, de libertar o seu paiz do despotismo atroz dos czars—a academia de Coimbra não tem nas suas memorias paginas de menos esplendor, e como ellas tem combatido sempre pela liberdade dos seus concidadãos.

Este facto constante e universal d'uma accentuada tendencia e sympathia por tudo quanto é desinteressado e moderno na philosophia e na arte, na politica e nos costumes, tem a sua explicação psychologica n'uma intuição e afinidade dos espiritos novos sadios e illustrados para tudo quanto revela as qualidades indicadas.

A adhesão do espirito realisa-se fatalmente por processos incognitos e inconscientes.

Nos velhos dá-se, em geral, o phenomeno inverso; batido pelo egoismo, e envolto n'uma atmospheria mais ou menos densa de scepticismo, o seu espirito é quasi sempre refractario a qualquer innovação, porque pôde ferir-lhe interesses ou direitos adquiridos, e a todo o progresso, cuja lei pôde reconhecer, mas cujas ultimas consequencias é incapaz de tirar.

Portantos nós, que representamos os espiritos novos e sadios, que estamos no periodo brilhante dos grandes entusiasmos e das generosas dedicações, procuremos realisar conscientemente a alta funcção que nos incumbe.

Não vamos preterir os nossos deveres escolares, principal causa que aqui nos retém,

«Quando meu pae morreu vi-me forçada
A desposar um bellico vassallo;
Chamava-se elle Fritz Telramundo;
Mas eu, ó ceus, eu não podia amal-o!»

«Houve um rude combate a que assistiu
O imp'rador Henrique. Mas somente
Aprestado na liça então se viu
Telramundo feroz e reluzente!!»

«Pendia d'essa lueta a minha sorte,
E Fritz me fitava—o meu vassallo,
Que se julgava já ser meu consorte—
Mas eu, ó ceus, eu não podia amal-o!»

«Quando já ninguém espera um campeão
Que vá com Telramundo quebrar lança,
Vejo surgir ao longe n'um clarão,
Como se conduzisse a minha esp'rança,

«Sobre as aguas do mar um bote d'oiro
Trazido por um cysne immaculado.
Este bote era o meu doce thesoiro,
Fanal do meu destino torturado!»

«Sabe de dentro do bote um cavalleiro
—Cavalleiro do cysne ouço chamal-o—
E ao ver esse gentil aventureiro
Eu confessei, ó ceus, poder amal-o!»

«Entrou depois na liça, e vencedor
Deixára destroçado o meu vassallo,
E, ao ver o seu olhar fulgir d'amor,
Eu confessei, ó ceus, poder amal-o!»

«Adivinhou de certo o que eu sentia
O bravo Lohengrin do cysne branco,
Pois que a mão vencedora me estendia,
Acompanhada d'um sorriso franco.»

não vamos transformar-nos em galopins ou instrumentos d'este ou d'aquelle partido, mas se os direitos e garantias que emanam da constituição nos forem negados, ou se nos convenceremos que o nosso regimen politico actual é incompativel com a sciencia e com a dignidade e prosperidade do paiz, não hesitemos um momento em cooperar de qualquer forma, a exemplo das gerações que nos precederam, e das mais respeitaveis academias da Europa, no movimento salutar que se dirija a operar a sua transformação.

Á sympathica e generosa coadjuvação que nos têm dispensado as restantes academias do paiz, corresponderemos com a mais profunda gratidão.

As nossas colonias

Temos por mais de uma vez ouvido afirmar que a extensão das nossas colonias é um obstaculo ao seu desenvolvimento material e moral; e isto, infelizmente, já foi dito no parlamento por um deputado que representava uma d'ellas e que propunha a venda d'algumas.

Se isto se dissesse a rir, era digno de dó quem assim procedesse; mas affirmado no parlamento por um homem que se não é serio, tem obrigação de sel-o, não sabemos como classificar-o. Argumentam alguns com a Russia, com a Dinamarca que têm vendido as suas colonias; mas não vêem como essas colonias são pouco importantes, e que apenas servem de onus para a metropole.

Poderemos dizer o mesmo das nossas? podemos comparar a Zambesia com Alasca? Ou não conhecemos as nossas colonias, as suas riquezas, o que produzem e o que

«Enlevada na luz do seu olhar
Sem nunca contentar-me de fital-o,
Senti dentro em meu peito segredar
Que era bem certo, ó ceus, poder amal-o!»

«Na noite de noivado elle me disse
Que jámais quem elle era perguntasse,
Que nunca a sua historia lhe pedisse,
Que nunca o seu segredo investigasse!»

«Mas eu, ó triste sorte ingrata e dura,
Olvidando a promessa que fizera,
Um dia, ao oscular-lhe a boca pura,
Perguntei-lhe, infeliz, quem é qu'elle era!»

«Desde então para sempre me deixou.
Partira no seu lindo bote d'oiro,
Levado pelo cysne... que levou
Com elle a minha vida, o meu thesoiro.»

«E agora só, vagueio na geleira,
Soffrendo a minha amarga viuvez
Ando n'esta eternal doida canceira
A ver se encontro o cysne ainda outra vez.»

«Sinto em volta de mim vagos lamentos
Sobre a sorte da louca que morreu,
E que anda desfiando os seus tormentos
Na existencia de sombra.
Ta! fui eu.»

E o poeta viu fundir-se mansamente
Na esteira que o luar lança no gelo
Aquella forma altiva surpreendente.

E o pingim solta ao longe o meigo appelo.
Para a lua fulgente e silenciosa.»

Coimbra, 1881. Manuel da Silva Goyo.

podem produzir, e n'esse caso podemos admitir semelhante asserção porque a consideramos sem valor: ou conhecendo-o, quem as apresenta é um reu de crime de lesa-nacionalidade.

Vemos todas as nações procurar estabelecer colonias ao pé das nossas, invadidas e procurarem extorquirlas.

Vemos a Belgica no Zaire, a Alemanha pretendendo occupar o muato Ianvo, e a Inglaterra contestando-nos os nossos direitos ás nossas possessões comprehendidas entre o rio Loge e o rio Loango Luso na costa occidental d'África; roubando-nos por toda a parte, e quando o não pode fazer com a sua costumada lealdade britânica, tratando de o fazer por meio de vantajosos tratados que simplificam o seu velho methodo; porque então são os bons governos que tem presidido aos negocios do nosso paiz que lh'as dão de mão beijada, e depois ainda proclamam a alienação d'algumas d'ellas.

Os nossos politicos monarchicos para dissimularem a sua pessima administração, a sua falta de bom senso na administração colonial, a sua absoluta carencia de conhecimentos acerca das nossas colonias, dizem-nos por meio dos seus órgãos e amigos: — temos muitas colonias não as pedimos bem administrar, e por isso é melhor darmos algumas — para assim justificarem o seu pessimo procedimento com relação a ellas, e ver se d'alguma maneira estas idéas calam no animo do povo. Não ha de ser assim.

O povo está vigilante, vê quem o vende, e não o consentirá, já o tem demonstrado; e ou façam tratados como o da India, ou os pretendam fazer como o de Lourenço Marques, elle não o consentirá, como já o demonstrou.

Voltaremos a este assumpto mais de espaço.

O soneto que transcrevemos é de Sully Prud'homme e pode ler-se n'uma obra em que se estuda a personalidade artistica de Van Dyck. Folheámos o livro e tivemos ensojo de admirar heliographias e aguas-fortes magnificas, além da nitidez com que o livro está impresso.

A Antoine Van Dyck

SONNET

Robens est bien ton maître, ô Van Dyck, c'est bien toi
Dont l'influence altière en ton œuvre s'accuse:
Ta palette lui doit le prime dont elle use
Et la fécondité qu'on l'envie aujourd'hui.

Mais tu n'empruntes pas à la leçon d'autrui
La suprême élégance en tes portraits infuse;
Ce don que la nature a de plus grands refuse
De la gloire est le propre et le solide appui.

L'enfance admire en toi son naïf interprète:
Ton pinceau n'apprit pas la noblesse qu'il prête
À ses modèles, tous ou princiers ou divins;

Non, cette grâce tendre à ce goût fier unie,
Pour l'inspirer, l'exemple et le conseil sont vains.
C'est ta mère, après Dieu, qui t'a fait ton génie!

Sully Prud'homme.

A expressa declaração já feita sobre os principios que advogamos, continuará sendo o lemma da lucta em que entramos, lucta gloriosa fortificada pela crença viva nos progressos da humanidade, robustecida pela esperança, e regida por uma aspiração permanente no caminho que leva á realisação d'aquelle ideal politico, onde a consciencia publica tenha a convicção de uma existencia real, e os direitos, de cada um não sejam apenas uma chimera recamada pelos europeus d'esta ou d'aquelle constituição banal, sem critica, e envolta nas brumas do sophisma em que assenta e de que vive.

Risar dos codigos fundamentaes, o principio da hereditariedade dynastica com todo o seu cortejo de privilegios absurdos e desperdicios; eliminar um sem numero de ostentações tradicionaes sustentadas á custa do suor dos povos que trabalham, dar livre curso á manifestação da soberania nacional sophismada e corrompida, leva á realisação pratica o exercicio dos direitos de cada um considerados na sua maxima amplitude. Extinguir todos os obstaculos ao desenvolvimento progressivo da collectividade, criar o homem novo na verdadeira altura da sua dignidade individual, e extin-

guir o parasitismo, que, como cancro destruidor, corroe o que ha de mais nobre na consciencia popular, e de mais proficuo nas forças productoras da nação é hoje a grande missão dos espiritos que pensam, e dos homens que sentem no coração a crença na effectividade dos principios da razão e da justiça.

Embora os que se banqueteam fartos ás mezas dos Balthasares modernos nos vejamos como utopistas politicos, e os privilegiados e apaniguados creiam ver no povo o paria miseravel de todas as edades; nós outros que analisamos os actos da sua vida prenhes de actividade que conhecemos as fortes e sublimes comoções do seu coração sempre prompto a receber o que é grande e justo, devemos de lança em riste abrir caminho seguro que conduzirá á Terra da Promissão, ao ideal previsto, e de ha muito sonhado para a consecução do qual se envidam todas as forças dos que são dignos e laboriosos.

Deixemos os grandes nos seus sonhos de torpor, paz para elles nos recintos das orgias e lubricidades principescas, porque a hora amarga em que soem os hymnos populares, cahirá com toda a manifestação solemne da lucta do direito pelo direito.

Luiz XVI que teve para as massas a irrisão e o sarcasmo, só creu firmemente no advento da republica, quando á voz do povo despresado e perseguido se viu preso como um forçado e perdido, e destituido para sempre diante das glorias regias.

Carlos X, que só demittiu o ministerio de Polignac, quando a França, esse paiz das grandes aspirações, pediu a queda dos Bourbons, só conheceu a sua situação miseravel no momento em que sem poder salvar-se, foje vergonhosamente como o bandido diante da acção tremenda da justiça.

Luiz Filipe só sente desmoronar-se-lhe o solio real diante do estridor das barricadas, e é então, e só então que se socorre á demissão do conservador Guizot.

E se assim foi, não surprehende que os dynastas com a sua corte farta de prazeres e abundancias, e por entre os fumos das lisonjas officiaes de seus adeptos, só creiam na destruição dos apanigios conferidos em nome da ignorancia e da tradição n'aquelle momento fatal em que as massas populares se erguem altivas e conscientes, com fé na sua regeneração, para firmar com letras de fogo nos paços realengos a terrivel legenda, que outr'ora horrorisou o rei perdido.

Oh! mas vós reinantes illudidos, sois ás vezes a victima inconsciente das iras revolucionarias! Ensinou-vos a rotina tradicional uma completa separação do elemento, que vos dá a vida dos poderes magestáticos, e quer mandeis em nome de Deus quer pela alardeada vontade do povo, caminhaes quasi sempre ao sabor dos caprichos d'este ou d'aquelle aulico corrompido que traz a vossa condemnação na vanguarda das luctas fraticidas.

DEUS

Em vão pergunto á terra, á obra do Senhor,
quem te creou a ti? Que mão omnipotente
accendeu em teu seio essa formalha ardente
e faz convulsionar teu ventre abrazador?

E ao mar, ao vasto mar, quem foi que as tuas aguas
cuorrou na prisão eterna das montanhas
e te faz revolver as humidas entranhas
e rugir de continuo as infinitas maguas?

Quem creou o universo, as leis imprescindiveis
que regem a materia; as leis imprescindiveis
que dominam a terra, o mar, a vida, os ceus?

Quem creou esta luz — a vida do universo;
a belleza, a virtude, a alma do perverso;
Quem creou o infinito?... o Eterno! E onde está Deus?

Onde te escondes tu? Em vão te procuramos
nos abysmos do mar, no ceu, na immensidade!
Nem sabemos quem és, qual é a tua idade,
indecifrável Ser, em vão por ti clamamos!

Uns dizem que tu és um espirito impalpavel,
que a luz suprema sae do teu regaço eterno.
Outros que és esse Deus que edificou o inferno,
vingativo, cruel, despótico, implacavel!

Uns dizem que és materia — a força, o movimento!
Outros a humanidade — o genio, o pensamento....
Outros que és nada emfim! Um pelago profundo

onde a vista se perde e o pensamento dorme!
E tu seras o Deus, esse problema enorme
emquanto houver a ideia, emquanto houver o mundo!

E o mundo acabará? Um dia este universo
a grande concepção do genio incognoscivel
o gigante labor de Deus, do inconcebivel,
ao nada primitivo ha-de voltar disperso?

E n'esse desfazer enorme das esferas
no convulso estertor dos astros moribundos,
na extrema confusão das coisas e dos mundos,
que farás tu ó Deus, se és tu que ainda imperas?

Farás surgir emfim á tua voz suprema
um mundo mais perfeito, a concepção extrema
do bem universal, da ordem, da belleza?

Ou rolarás tambem no vórtice medonho,
como a imagem banal, ephemera de um sonho,
no abysmo onde rolar desfeita a natureza?!

Coimbra

Henrique Pereira

Chronica

Eu adoro uma chronica bem feita — uma chronica espumante de bons dictos, que desafiam no leitor um sorriso alegre, ligeiramente malicioso e bom.

Mas então? adora-se o que está superior e eu seria comparavel á bem conhecida rã de que a historia reza. se tentasse elevar-me ás alturas, em que, na região da publicidade, pairam Iriel e alguns outros chronistas de primeira ordem.

Ora, tendo a dita, ou melhor, a desventura de ver a distancia, que me separa de tão notaveis celebridades, sinto passeiarem-me pela espinha os calafrios do terror, quando um compromisso, descuidadamente contrahido, me estende (que verbo tão triste!) sobre a meza de trabalho uma tira de papel, immensa, cuja alvura eu vou macular para supplicio do desgraçado leitor.

Sim. Como Turenne ou Condé ás columnas de seus exercitos, tu, bom amigo, vaes, muito socegradamente, passando tambem revista ás columnas, não direi de tuas tropas, porque me parecees pacifico, mas da Evolução. De repente sae um soldado da fileira, agarra-te e, sem dar tempo á minima defesa, vibra-te, com pulso rijo, uma chronica, em pleno peito.

Comparado com este golpe, chega a ser voluptuoso receber a setta, despedida pela mão certa d'um selvagem, ou o punhal com que nos surprehende um bravi, ao saltarmos para a gondola que brandamente palpita nas aguas do canal.

Perante uma ousadia de tal ordem, a propria lei emudece; e, sabendo-o, confiamos, até o abuso na impunidade que nos espera.

N'um dos ultimos numeros da Folha Nova, lemos, com a costumada preferencia, o que dizia Iriel. Achámos esplendido, o que sempre acontece, e, independente do brilho, que a penna magica do distincto escriptor sabe dar a qualquer assumpto, encontramos uma verdadeira surpresa que muito agradavelmente nos impressionou.

Pedindo venia ao elegante chronista, noticiamos tambem que se está diligenciando conseguir ser original d'um maestro portuguez a opera nova que a empresa deve este anno pôr em S. Carlos.

Felicitemo'-nos com verdadeiro entusiasmo por esta idéa que oxalá possa effectivar-se e desejamos que a Beatriz não siga o fatal despenhadeiro apontado pela infeliz Bonheur, aliás uma Stella... de formosura.

Da nossa obscuridade, saudamos uma idéa que se nos apresenta duplamente sympathica — pelo merito indiscutivel do sr. Guimarães e porque, rendendo-lhe o tributo de nossos applausos mostramos não haver o exclusivismo que começam a attribuir-nos, de que só applaudimos o estrangeiro.

Sempre impellidos a consagrar pela maneira mais entusiastica qualquer gloria da sciencia ou da arte, não recusaremos de certo uma calorosa manifestação d'estima e sympathia a quem nol-a inspira, como artista e como portuguez.

Babinet.

CAMARA OPTICA

(VISTAS DA POLITICA)

Nunca este microcosmo, em que se exhibe diariamente, n'uma teimosia irritante, o mise-en-scène da nossa politica, offereceu aos olhos do espectador dissidente tanta similhaça com o scenario e jogo de situações,

que se reproduzem no palco, á luz da ribalta.

No theatro quando se tracta de representar uma peça qualquer, o primeiro cuidado de qualquer ensaiador mediocre é distribuir os papeis de modo que fiquem a caracter com as tendencias artisticas de cada actor ou actriz. É assim que muitas vezes se confia a uma velha o papel que deveria ser feito por uma ingenua, apaixonada ou garrida, só pelo simples facto de lhe sobrar em talento o que lhe falta em plastica. A verdade é então sacrificada ás urgencias de momento, ou ás exigencias do successo. Para estes deslocamentos é que serve a arte da caracterisação; o pó d'arroz, o crepe, o carmin, e todos os cosmeticos que a perfumaria tem inventado, encarregam-se de garantir as cutis enrugadas e seccas contra as apreciações severas d'um publico exigente. E o caso é que estas ficelles surtem o effeito desejado, porque não é raro ouvirmos provincianos lórpas, discutindo acaloradamente a belleza das formas, o torneado dos hombros, o dourado dos cabelos, e a frescura da pelle da sr.^a Emilia das Neves, sem se lembrarem que todas essas maravilhas da plastica, que elles exaltam em adjetivos bombasticos, o sr. Baron do Chiado se encarregaria de realizar nas suas pessoas d'elles...

Ora agora, dize-me, meu caro indigena, filho da nação portugueza, nascido na invicta cidade do Porto, nos ultimos acontecimentos de que foi theatro a sempre leal cidade, não encontraste tu alguma cousa de semelhante a estes meios, não percebeste uma certa paridade nas situações e episodios, a que assistiu ou em que tomou parte a tua sempre explorada bonhomia? Ora falla com franqueza... aquellos foguetes a estrondearem por cima das tuas cabeças, aquellas soirées, onde o champagne espumava á luz hilariante do gaz, e punha nas phisionomias e nos olhares uns tons de languidez idiota e alvar, os banquetes em que os hurrahs ondulam na atmospha, de envolta com os vapores alcoolicos do genuino Porto, os vivas atroadores, e a harmonia infernal de centenares de trombones, vomitando das boccas escancaradas umas notas sedicias, que ha 20 annos torturam os ouvidos do indigena em dias de galas, tudo isso emfim que surprehendeu a tua ingenuidade despreoccupada, e te deslumbrou a vista cançada do labor diario, essa miragem encantadora não te pareceu mais um effeito d'optica do que outra cousa? N'este paiz da Burnaysie onde tudo é falso, desde a côr dos cabelos do sr. Fontes até ao programma dos partidos militantes, é sempre prudente desconfiar e philosophar um pouco depois de terminada a festa. Foi esta duvida pertinaz que os successivos desenganos nos arreigaram no espirito que nos deixou enxergar por entre o fumo dos foguetes alguma cousa que andava no ar, pouco mais ou menos á altura da gravidade das circumstancias. Se não vejamos.

Era preciso levar á scena a peça phantastica de grande espectáculo A medalha de ouro, para compensar o fiasco da conferencia de Caceres, e arrancar d'algum modo o publico á indifferença que o affastava d'aquelles divertimentos. Distribuiram-se os papeis, ensaiaram-se os actores, dispoz-se o scenario, e até se affixaram cartazes. No dia marcado, o espectáculo correu ás mil maravilhas; para cumulo da felicidade, as palmas rompiam unisonas, os bravos repetiam-se com uma insistencia irreverente pelo silencio das occasiões solemnes; emfim a peça, o auctor e os artistas foram alvo de ovações delirantes. no Porto. No dia seguinte noticiaram os jornaes que um dos principaes artistas viera á pressa dispôr a Lisboa o scenario para a repetição do mesmo espectáculo.

Aqui é que o exito não correspondeu á fama nem satisfz a expectativa.

O fiasco foi completo devido a um expediente errado da empreza. Suppondo attrair as attentões do publico, distribuiu tantos bilhetes á cloque que, logares pagos, apenas estavam occupados uns cincoenta. Alem d'isso a critica, essa bisbilhoteira indiscreta apoderou-se da peça e poz a descoberto todos os defeitos e irregularidades que continha, e, no innocente empenho de attenuar o effeito do fiasco attribuiu-o á falta de universalidade de que se ressentia o original.

Os caracteres, os sentimentos, e até os efeitos scenicos não resistiram á perspicacia do lisboeta intrigado. E, assim, o que foi applaudido calorosamente no Porto foi em Lisboa recebido com indifferença. Falta de engenho na adaptação ao meio!...

Caro leitor, depois d'este aranzel estopante, que a tua paciência e curiosidade tem seguido talvez com o interesse unico de lhe achar o fim, eu estou d'aqui a ver esgotar-se o cabaz da tua benevolencia; antes que elle se esvasie completamente, vou apresentar-te a moralidade d'este conto.

É um facto assente em sociologia, e confirmado pela historia de todos os tempos que ás vezes uma sociedade chega a um ponto tal de desmoralisação que todos reconhecem que urge mudar de rumo; porém, uns por interesse e outros por medo, todos se deixam levar na onda que conduz ao abysmo.

E chamam os pensadores a este estado pathologico do organismo social, o *reinado da hypocrisia*. Os ultimos symptomas são frisanes, que para ahi ficam apontados, talvez te conduzam a formular assim o diagnostico da doença que corroe esta nação; sem querer avançar á opinião de que assim pensas, caro leitor, eu ousou lembrar que as apparencias estão a teu favor....

Binoculo.

Satan

Não lhe empanam o alvor dos illeaes avornos as doenças da moda, os tedios somnolentos, nem costuma calar os intimos lamentos no morno refterver dos caldos faternos.

Mas dizem que é tristonho, assim como os infernos — os seus peços roaes de rubros aposentos — quando pensa na vida e vê, por seus tormentos, que pertence tambem á classe dos eternos!

Predispõe como Deus do raio e do corisco, e recebe por anno um grandioso fisco; as almas dos mortaes que morrem sem vintem.

É grande, é poderoso, e immenso como o espaço, é o symbolo do Mal, o typo do devasso... A rude criação malevolta do Bem!

Coimbra.

A. RODRIGUES BRAGA.

(32)

I

Sonhei que a morte vierá
E a minha vida soprou
Como uma flor que murchou
No seio da Primavera.

Folhas dispersas havia
Sobre a campá já cerrada.
A lousa estava banhada
De pranto que até corria.

II

Eras tu que desfolhavas
Flores sobre a sepultura?
Era choro d'amargura
Que na lousa derramavas?

Mais triste do que um lamento,
Ai, uma voz me dizia
Que pranto, a noite o vertia,
E as folhas, trouxe-as o vento.

Eduardo d'Araujo.

Lisboa

(Do nosso correspondente)

Vae por esta cidade uma semsaboria atroz. Não se teve uma noticia fresca, nem ao meno um escandalo graúdo vem dar tom alegre e zombeteiro a este viver de enfados. É triste, muito triste, a situação de correspondente n'estes momentos de aridez completa. A politica nada offerce de interessante. É a mesma comedia e são os mesmos actores. Campeia a intriga villã como meio eficaz de apagar medindres, que interesses pessoas levantaram á altura de graves *questões d'Estado*. Conspira-se nas sombras contra um ministerio maldito que no curto periodo d'uma existencia miseravel tem affrontado, com egoismo revoltante, todas as regalias d'um povo livre. O trabalho politico é de miná e sapa. Fontes Augusto, o valido prepotente, acha se collocado em serios embaraços.

Veremos se elle conjura os perigos.

Cahirá o governo com as camaras abertas, ou depois d'ellas fechadas?

Tal é a pergunta que se ouve de bocca em bocca, com uma insistencia desesperada. A este respeito nada diremos, porque n'um paiz, governado pela vontade exclusiva d'um valido, não é licito invocar a logica para as previsões do futuro. O partido regenerador conta abertamente com o apoio incondicional do Paço e, n'estas condições, será governo o tempo que lhe aprouver. Os factos abonam o que deixamos dicto e nós não estamos dispostos a desconhecer as lições da experiencia. Caminhamos a passos largos para a ruina inevitavel e cahiremos no abysmo se os poucos homens honestos, que ainda resistem á tyrania da corrupção mostrarem ao povo os perigos de que somos ameaçados e o futuro de lagrimas que nos espera.

A propaganda republicana feita n'estes ultimos tempos tem derramado grande luz no nosso horizonte politico. Hoje todos sabemos a parte activa, mas inconstitucional que o Paço, toma na solução dos negocios publicos.

Este ponto está perfeitamente esclarecido no espirito do paiz. A carta é uma pura ficção de que o monarca se aproveita para satisfazer interesses proprios e conservar erguido sobre as ossadas dos popuiars o throno do D. João III.

Braganças! Braganças! Curvae a cabeça perante as sentenças da historia que é inexoravel nos seus julgamentos. A idéa monarchica corre serios perigos creados pelos seus proprios adoradores. O constitucionalismo portuguez está na sua phase de transição que será tanto mais rapida quanto maiores forem os desatinos dos que se dizem sustentáculos do throno. Por este unico motivo desejamos a conservação do ministerio actual no poder para que a formula politica respeitante ao actual momento historico tenha, no mais curto trecho, a sua realisação pratica.

—Devo contar-lhes que fui, na terça feira, ouvir uma conferencia da cidadã Angelina Vidal. Com franqueza, confesso que não gostei. Não costumo sacrificar as inspirações de minha consciencia á sympathia que me meracem todos os nossos correligionarios politicos.

Acima de tudo a verdade. Angelina Vidal e, effectivamente, uma mulher intelligente. Mas a intelligencia só por si não basta. É necessario cultivá-la, dar-lhe uma orientação scientifica e positiva. É isto o que Angelina Vidal não possui. Concedo que ella saiba meia duzia de factos da nossa historia patria e outra meia duzia da historia dos outros paizes; mas não passa d'isto.

E já não é pouco. Na conferencia a que acabam de nos referir, Angelina Vidal fez uma figura tristissima.

Começou por estropiar as doutrinas de Comte, e acabou por prégar os principios dissolventes d'um communismo exaltado. Não houve um objectivo definido, uma idéa principal a que se subordinasse toda a exposição.

Mostrou que das theorias modernas conhece o bastante para descarregar sobre um pequeno auditorio popular uma tempestade de disparates, que fariam rir o mais misanthropo jesuita.

Desculpe-nos a amavel *conferente* o desembaraço, franco e leal com que atiramos a nossa humilde mas sincera opinião aos ventos da publicidade.

—Bento Moreno, o illustrado auctor dos *Noivos*, está escrevendo duas engraçadas comedias que hão de fazer furor nas platéias de Lisboa.

—Vae publicar-se uma nova *Encyclopedia Republicana*, colloborada por distinctos homens de letras.

—Está-se fazendo em Pariz uma edição de luxo da traducção portugueza das *Fabulas de Lafontaine*. As illustrações são de Gustavo Doré.

A traducção é acompanhada de varios estudos criticos feitos por Theophilo, Ramalho, Eça de Queiroz e Pinheiro Chagas.

—Consta-nos que o governo tenciona transferir para outro corpo o coronel de *infanteria* 2.

—É esperado com muita anciadade o manifesto que o illustre chefe do grupo constituinte tenciona dirigir ao paiz antes da abertura das córtes.

—O sr. Manuel Barradas Mergulhão está escrevendo um romance historico em que procura mostrar as origens remotas do movimento democratico do nosso paiz.

N'esse livro estuda de preferencia o periodo um pouco nebuloso de 1816 a 1818.

—Está annunciada uma nova producção litteraria do talentoso escriptor Fialho d'Almeida.

É um trabalho sobre factos da actualidade.

Damião.

A VOZ DO SEculo

Com furia atroz, batida pelo vento
Quasi sossobra a nau da divindade
E surge em vez do Eterno:—a Humanidade,
Em vez da Igreja:—o Novo Pensamento!

A vulcanica voz da liberdade
Estremece do mundo o fundamento
E começa a cair o monumento,
Erguido pela mão da velha idade.

A revolução avança palpitante,
Cheia de luz em marcha triunphante
Vae ameaçando as grandes leis dos céos;

Quem poderá suster seus firmes passos,
Se até se extinguiu pelos espaços,
A trovejante voz do velho Deus!

Porto.

Xavier de Carvalho.

SABBATINA PANTHEISTA

(EXCERPTO)

(O MAR)

Não sei quem sustentava e me dizia ha pouco
—A vastidão do mar não acredita em Deus!
Que significam pois aquelles escarcéus,
E os rancores febris d'um atroz de louco?!

Mentiu quem tal dizia e sustentava ha pouco.
Desde que Alguem do azul lhe disse—«É feito o dia!»
Erguendo um canto a Deus na extranha epilepsia
O mar cantou, cantou, e de cantar—stá rouco!

Coimbra.

LUIZ OZORIO.

NOTICIARIO

O partido progressista vai em caminho da sua desorganisação que se apressa cada vez mais. Era um partido forte, vigoroso, quando subiu ao poder. O paiz recebera-o satisfeito e esperançoso na realisação do seu programma, mórmente na parte que tocava ás reformas politicas. Guindado ás eminencias do poder e respirando a atmosfera palaciana que é essencialmente deleteria, deixou-se seduzir por palavras vãs e promessas mentidas.

Um dos chefes do ramo historico, cujo valor e talento não contestamos, foi por sem duvida o factor principal da impopularidade do partido, porque, acariciado por um alto personagem, convenceu-se do que era mais estimado e amado de que o omnipotente valido. A vaidade constitue um elemento de desordem no seio do partido progressista.

O homem, que melhor conhecia as intrigas palacianas e que mais precisamente lhes media o alcance politico, era um dos vultos importantes do ramo reformista:—este homem indicou certamente a sua opinião, mas a vaidade ridicula combateu-a com o maximo vigor, de modo que não conseguiu vingar.

D'aqui procedem, a nosso ver, as causas determinativas do começo de decadencia de um partido que tão bem bafejado assumira as redeas da governação publica.

Nós acreditamos que o sr. Mariano de Carvalho a quem denominavam—poder occulto, nunca realisou impor a sua opinião ao partido, porque se lhe oppunham vivamente os elementos retrogrados d'esse partido, alimentamos todavia a convicção intima de que era elle o unico vulto politico, capaz de conservar a supremacia dos progressistas pelo seu incontestavel talento, e pelas suas arrojadas idéas; e sobretudo pela sua provada repugnancia a obedecer a exigencias inconsideradas.

Quando o partido progressista, presidia á administração publica, e a camara alta e

empenhava em derrubar o governo, affiançava o sr. Braamcamp que se não demittiria em face de uma votação desagradavel n'aquella camara. Assim o tinha elle assegurado aos seus amigos politicos.

Dá-se a primeira manifestação hostile e s. ex.^a recua não possuindo a precisa coragem para cumprir a sua palavra.

É então que o sr. Mariano de Carvalho, tendo por si a adhesão da maioria dos seus correligionarios, se levanta, e ataca com vehemencia esse acto de fraqueza do chefe visivel do partido progressista.

Por estas considerações parece-nos que o sr. Mariano de Carvalho não é capaz de curar os orgãos affectados do partido progressista o está portanto alli perfeitamente deslocado.

Que a sua intelligencia finissima e o seu valioso auxilio de jornalista intrepido advoguem a causa republicana; e prestará assim um relevantissimo serviço ao paiz.

Para nós é questão resolvida que os progressistas virão substituir os regeneradores, quando estes pelos seus frequentes desatinos tiverem exaurido o thesouro e comprometido as receitas publicas.

Os progressistas hão de ser novamente illudidos na questão da aliança hespanhola, como o foram com o tratado de Lourenço Marques. Se a opinião sensata do paiz protestar pela imprensa e pelos comicios contra essa especulação monarchica, o alto personagem, de commum accordo, com o caro valido, encarregará os progressistas de formar ministerio no intuito de lhe fornecer elementos para a sua ultima condemnação.

Quando porém seguros, terão o desenganho formal, esmagador. Embora o sr. Mariano de Carvalho reaja, os vaidosos impõem-se, e argumentam com a dissolução do partido, exigindo d'um correligionario leal a submissão aos interesses de vitalidade do partido, os quaes na sua essencia não passam de caprichos banaes.

As reformas politicas que o *Diario Popular*, apregoava não serão realisadas, comquanto nós friamente acreditemos que o sr. Mariano de Carvalho esteja intimamente convencido da necessidade imperiosa e inadiavel da sua execução.

Hão de oppor-se-lhe aquelles que trocam as convicções profundas pelas fardas de ministro e pelas adulações fingidas dos supremos governantes.

Podemos errar n'esta apreciação mas é o que a tal respeito sentimos.

O nosso amigo Frederico Guimarães compoz uma opera intitulada *Beatriz* que a empresa de S. Carlos tenciona pôr em scena n'esta epocha.

Já ouvimos um trecho d'esta opera, se bem nos recordamos, no concerto que a Associação Musical 24 de Junho deu no Circo de Price por occasião do centenário de Camões.

O sr. Guimarães é um notavel compositor e um apreciador critico de arte.

Felicitemo-lo pela sua obra, que estamos certos corresponderá ao alto apreço em que o seu auctor é tido pelos amadores de boa musica.

Recebemos o prospecto da *Encyclopedia republicana—Revista de sciencias e litteratura ao alcance de todas as intelligencias*. Pelo conhecimento que temos da maioria dos colloboradores, muito confiamos na elevação com que será redigida a nova publicação.

Condições da assignatura—Cada folha de oito paginas, oitavo grande, bom papel e impressão nitida, 20 reis. Publicam-se duas folhas cada semana. Em Lisboa o pagamento é feito no acto da entrega; para as provincias tambem se accitam assignaturas por fasciculos de 8 folhas pelo preço de 160 réis. Não se satisfazem pedidos que não sejam acompanhados da sua importancia.

Recebem-se assignaturas no escriptorio da empresa litteraria de Maximiano e Azevedo, rua dos Fanqueiros, 266, 1.^o—nova livraria internacional, rua do Arsenal, 96—Livraria Ferreira, rua do Ouro, 132 e 134—Livraria Verol Junior, rua Augusta, 135 e e no kiosque do Rocío.

Toda a correspondencia dirigida a Xavier de Paiva, largo do Mastro, 29 e 30, onde tambem se recebem assignaturas.

A redacção d'este jornal foi sexta feira à gare de Coimbra cumprimentar o sr. Gomes Leal.

O poeta disse-nos que durante a viagem fora agredido por dois desconhecidos.

Falleceu hontem o sr. padre Antonio de Almeida, distincto quartanista de Direito.

Mais um favor da Inglaterra.

Este paiz está em negociações com a curia romana afim de obter o enfraquecimento do nosso padroado na India e na Africa.

Achamos bem entendido, e chamamos para este facto a attenção dos partidos monarchicos que não cessam de tecer louvores à nossa fiel alliada.

Fizeram no sabbado as lições de concurso para uma das cadeiras vagas na faculdade de Direito os srs. drs. Antonio Candido e Guimarães Pedrosa.

Assistimos à lição do sr. Antonio Candido que orou brilhantemente sobre o *verdadeiro fim do Estado*.

Diz o *Diario de Noticias*, de 11 de dezembro:

«Ao que hontem publicámos n'um confuso telegramma, noticiando o attentado de que foi victima o conhecido poeta, sr. Gomes Leal, temos hoje a acrescentar o seguinte:

Vinha este cavalheiro do Porto para Lisboa no comboio do correio, quando entre as estações de Estarreja e Aveiro dois passageiros desconhecidos que vinham, ao que parece, na mesma carruagem de 1.ª classe em que o sr. Gomes Leal tomara logar, lhe dispararam um tiro que fôlhou, agarrando-o em seguida pelo pescoço e dando-lhe algumas pancadas na testa, de que lhe resultou alguns ferimentos.

Os aggressores evadiram-se, saltando da carruagem quando o comboio ainda vinha em marcha, n'uma passagem de nível, pelo que não poderam ser presos. O sr. Gomes Leal, ao chegar à estação de Aveiro apresentou-se ao respectivo chefe dando-lhe parte do facto; e este zeloso empregado depois de ter sollicitado a presença do medico da secção da companhia, que com o maior disvello fez ao sr. Gomes Leal o primeiro curativo, officiou ao administrador d'aquelle concelho dando-lhe parte da occorrença. O sr. Gomes Leal seguiu para Lisboa no mesmo comboio, acompanhado do sr. João Pinheiro Chagas, primo do illustre escriptor do mesmo appellido.»

—A *Liberdade*, do mesmo dia diz:

«Tentaram assassinar hontem Gomes Leal, proximo de Aveiro. A arma errou fogo, mas feriram-n'o com o cano na cabeça... N'um outro paiz—n'um paiz onde não abundassem os cobardes, as canalhices commettidas contra um poeta revolucionario e só porque o é... já teriam custado caro a muita gente. Aqui os assassinos do povo andam à larga e sem responsabilidade! E ha dias preveniram-nos de que os fadistas do Chiado, tambem o ameaçam, e que fadistas foram os que o atacaram no theatro. E não é só elle o ameaçado...»

A monarchia tem bons defensores, não ha duvida.

Mas os assassinos talvez não sejam tão felizes com os outros republicanos como com Gomes Leal! Que experimentem, mas de cara.»

Pousou sobre a tristeza absoluta do sr. Hintze Ribeiro a Aguia Branca da Russia. Parabens ao illustre misanthropo pela distincção que lhe veio da Russia.

À *Evolução* responde o *Progressista*:

«As argucias, expostas pela *Evolução* em seu numero de 4 do corrente, temos simplesmente a dizer o seguinte:

1.º Que em parte alguma d'esta folha classificámos a *Evolução*, por modo peremptorio de folha regeneradora.

2.º Se falámos n'um certo cavalheiro, que era apontado como futuro redactor da *Evolução*, é porque assim nos constou.

Não affirmámos; tornando-nos echo de tal noticia, salvámos a nossa responsabilidade com um—*diz-se*.

A *Evolução* que é composta de intelligencias profundas e de consummado saber, sabe bem que nós nos referimos a ella em 20 do passado por força de circumstancias. Mas se ella então não existia, temos a consciencia segura de não havermos insultado nem calumniado pessoa alguma..

As restantes *amabilidades*, que a *Evolução* teve o mau gosto de nos dirigir, devolvemos-lhas intactas. Não lhes tocaremos para a não melindrar.»

Acceptamos a satisfação do *Progressista* e damos por liquidada a questão.

Simplemente lhe lembramos que as nossas *amabilidades* podiam ser duras, mas eram verdadeiramente exactas.

Sempre que sejamos injusta e falsamente apreciados por quem nos mereça consideração, não deixaremos correr á revelia a nossa dignidade propria e a nossa dignidade jornalística.

Deixaremos de responder tão sómente áquelles que não tem a responsabilidade dos seus actos, e bem assim áquelles que exclusivamente nos offendem quando nos elogiam.

Publicámos no ultimo numero o movimento das escolas officaes, relativo ao concelho de Torres-Novas e daremos egualmente conta do que a este respeito se passa nos restantes concelhos do districto de Santarem no anno de 1880 a 1881.

Hoje damos o movimento escolar do Cartaxo onde se matricularam 285 varões e 105 meninas. Ficaram promptos no fim do anno 88 alumnos e 1 menina, sendo 2 d'aquelles approvedos em exame de admissão aos lyceus.

N'este concelho funcionou por espaço de 5 annos, de 1875 a 1880, uma escola municipal d'instrução secundaria, da qual alguns filhos do Cartaxo tiraram bastante proveito.

O povo honrado do Cartaxo foi porém atacado d'uma *doença social*; estava evidentemente n'um estado morbido, formando a maioria da camara de elementos contrarios á educação popular, visto que essa maioria tratou denodadamente da suppressão da referida escola, o que finalmente conseguiu.

O que mais admira é que lhe não faltaram as protecções de quem devia por coherencia auxiliar o desenvolvimento intelectual dos povos.

Se o municipio applaudiu a medida, sentimol-o pelos que queriam instruir-se e d'isso ficaram privados.

Recebemos os seguintes jornaes:

Jornal da Manhã.

Aurora do Cávado.

Correspondencia de Portugal.

Jornal de Agricultura e sciencias correlativas, publicação quinzenal illustrada destinada aos lavradores portuguezes.

A Esperança.

Jornal de Vizeu.

Districto de Beja.

Progresso do Algarre.

Jornal de Horticulura Pratica, publicação mensal, redactor Duarte de Oliveira Junior, proprietario José Marques Loureiro.

Redacção—rua do Carmo, 6, Porto. Administração—rua dos Fogueiros, 5, Porto. Preço da assignatura:—Por anno 2\$250 Numero avulso 300, contendo estampa colorida 400, Cada um dos volumes publicados 2\$250 réis.

Districto de Faro.

Contemporaneo.

Recebemos e agradecemos o almanach do *Seculo*.

E' demasiado reconhecida, para precisarmos encarecê-la, a utilidade das publicações d'esta ordem, que alliam n'um conjuncto atrahente a indicações, muito necessarias no tracto da vida, um certo numero de verdades sociologicas, postas por meio da poesia e da prosa amena ao alcance do maior numero.

Oponhamos com disvello á trica ignobil dos partidos monarchicos uma propaganda illustrada e cordata, e teremos feito ao paiz um bom serviço, ao mesmo tempo que iremos aplanando o caminho para a realisacão do nosso ideal politico.

E' isso o que reconheceram os principaes membros do jornalismo republicano, que n'elle collaboraram com distincção.

O almanach traz artigos dos srs. Theophilo Braga, Gomes Leal, Magalhães Lima, Costa Goodolphim, Augusto Rocha, Jacintho Nunes, Martins Contreiras, Reis Damaso, etc. etc.

O editor resolveu reunir-lhe no proximo anno uma secção d'annuncios, que lhe deverão ser enviados até 31 de julho.

Vende-se em Lisboa na Tabacaria de João José Baptista, Kiosque do Rocio (lado norte).

Alguns amigos e condiscipulos do mallogrado academico Antonio de Oliveira, ultimamente fallecido em Coimbra, victima d'uma febre typhoide, pensam em erigir-lhe um mausoleu. São poucos todos os elogios que se façam aos iniciadores esta idéa, reveladora das mais nobres qualidades e dos sentimentos mais puros e elevados.

Estranharam alguns amigos nossos que publicassemos no segundo numero da *Evolução* uma carta do sr. Carrilho Videira.

Temos a responder a estes distinctos correligionarios que a publicação d'uma carta assignada nunca importou responsabilidade moral ou juridica para a redacção do jornal em que apparece. Se dos factos a que se refere o sr. Carrilho Videira resultar gloria ou condemnação para alguém, não é de certo para nós, pela circumstancia de termos publicado a referida carta.

Precisavamos de dizer estas palavras, para que o nosso procedimento não tivesse uma interpretação errada.

Apreciação da imprensa

Campino—Recebemos o novo jornal de Coimbra *A Evolução*, que se diz clara e francamente republicano.

Não desejamos longa vida á nova empresa, porque seria duvidar do espirito democratico da geração que a auxilia e da lealdade e intelligencia d'aquelles que se impõem a tarefa de a dirigir.

Porta-Ferreira:—A *Evolução* é o nome de um semanario academico, defensor da causa republicana. Viu a luz da publicidade no dia 27. Vem bem redigida, traduzindo em todos os artigos a sinceridade e firmeza das crencas politicas dos seus redactores.

Anteriormente á sua publicação um jornal de Coimbra accusou-a de *regeneradora*; podemos affirmar que o nosso collega foi mal informado n'essa noticia; a nenhum partido monarchico pertence a *Evolução*.

Agradecemos a troca do novo jornal e festejamos a sua chegada.

Conimbricense—Recebemos o primeiro numero da *Evolução*, semanario republicano, publicado n'esta cidade.

Damos as boas vindas ao novo collega e lhe desejamos todas as prosperidades.

É o segundo periodico que em Coimbra se publica com o titulo de *Evolução*. O primeiro foi a de 1876 a 1877.

Seculo—Em Coimbra principiou a publicar-se um semanario republicano com este titulo, que se nos affigura filiado na escola da politica positivista. O primeiro numero merece ser lido pelo alto criterio scientifico que a elle presidiu.

A *Evolução* está destinada a ter um futuro auspicioso.

REVISTA ESTRANGEIRA

Ao passo que o presidente dos Estados-Unidos se felicita com os seus concidadãos, pelas boas relações que mantem com todos os povos civilizados, e, ainda mais acaba, de dizer ao paiz que a divida publica estará extincta no fim de 10 annos, nós vemos com tristeza que o estado financeiro de todos os paizes, em que domina a monarchia, dia a dia se vae agravando.

E é assim. Vemos a França republicana, ovante na senda do progresso, depois de esmagada pelo segundo imperio, e de ter pago toda a *indemnisação* de guerra, reclamada pela Prussia; vemos a Suissa quasi sem divida, e os Estados-Unidos acabam de nos dizer pela bocca do seu presidente que em 10 annos nada hão de dever. Se con-

frontarmos o estado prosp ero das finanças dos povos, que tem a felicidade de serem governados pela formula republicana, podemos sem receio affirmar que, pelo que respeita ao desinvolvimento material, estes povos não retrogradam, caminham, e, se encarmos ainda pelo lado moral, diremos sem reboço que estes estados assim governados são os primeiros e podem servir de exemplo a todos.

Cada dia mais se confirma a opinião que apresentámos na nossa ultima revista. Bismarck, que vê a popularidade fugir-lhe e o imperio abandonado por quasi todos os partidos militantes, acaba de dizer do Reichtag que, se os partidos se não conciliarem, elle verá em pouco a revolução no paiz e o governo republicano implantar-se na Allemauha.

Isto, dito pelo chanceller do imperio allemão, não precisa de mais commentarios.

A insurreição Tunisina, conforme com o que nos diz o telegrapho, está concentrada e os insurgentes quasi inhabilitados de a continuar; pois que as divisões do general Sausier que está em Gafsa communicam com a divisão do general Sogerot que está em Gabès, impedindo-os portanto de voltar ás terras cultivadas, até á sua submissão.

«ROMA 7. A allocução proferida pelo Papa no domingo foi muito moderada.»

Quasi todos os dias, o telegrapho e os jornaes ultramontanos collaboram nesta affirmacão. É certo porém que nem por isso o elemento clerical deixa de contrariar a apparente moderação de S. S., por meio de actos mais e mais reaccionarios e bem oppostos á caridade evangelica.

CORRESPONDENCIA

ALCANENA

(Continuação)

—Aqui tem o que saltou dos bicos da penna para a *Evolução*, se a indole de tão bom nome o não repulsa.

Saiu como está, sem menos ou mais adornos de que os que tem. Se pretendessem dar-lhe forma e inspirar-lhe o espirito de que elle necessariamente carece, não chegaria ahí.—Novo Saturno não posso mirar as feições d'estes meus filhos, sem que os devore.

Não ha aqui a moralidade da fabula—causa-me sempre horror o aspecto d'estes filhos acephalos. Faça a redacção da *Evolução* d'este o que entender necessario e quizer, como se tivesse carta de curso.

Elle mira a um unico fim: desadornecer esta terra que no fundo do coração amo, e borrar com a saliva frigidissima do ridiculo as faces de um truaço qualquer.

N'esta terra vai tudo regularmente; nesta regularidade imperturbavel do comer bem, dormir bem e fallar do peor modo possivel. Aqui o espirito aconchegando-se ao corpo, como invejoso da realesa do segundo, vive entre a sopa d'ovos e o carneiro guisado com batatas, usando barrete republicano na forma exterior, porém com forros bem accentuados de realesa.

N'esta terra o unico homem que eu conheço de verdadeiro valor, e a quem todos, pelo menos duas vezes por dia, tiram respeitosa e o chapéu é o Manuel da Santa—uma ao romper d'alva e outra ao toque das ave-marias.

Z.

EXPEDIENTE

A «*Evolução*» publica-se aos domingos e a sua assignatura é de 300 réis por cada serie de 15 numeros.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria de João José Baptista, Kiosque do Rocio, lado norte.

O sr. Francisco Pereira encarrega-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas na villa do Cartaxo, Praça de S. João Baptista.

A nossa theoria historica representa necessaria mente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pg. 298.

A EVOLUÇÃO



Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

SEMENARIO REPUBLICANO

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient. 1.º pg. 430.

N.º 4

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 19 DE DEZEMBRO DE 1881

PUBLICAÇÕES
Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

A HEREDITARIEDADE

É sobre a hereditariedade que se fundam as monarchias.

Vamos examinar a solidez da base para avaliarmos a firmeza do edificio. Mas antes precisamos destruir uma objecção que nos póde ser feita. A existencia de reis electivos não invalida a nossa asserção, porque a experiencia tem mostrado que as monarchias electivas não podem persistir por muito tempo. H. Passigny, apresentando muitos factos historicos que o comprovam, estabelece indestructivelmente esta opinião, e só considera verdadeiras monarchias as que são hereditarias.

Feito isto, analysemos a questão.

A hereditariedade é uma lei biologica, segundo a qual os seres vivos tendem a repetir-se nos seus descendentes. Esta lei abrange na sua larga generalidade as qualidades physicas e as aptidões psychologicas do individuo.

Formulemos agora o argumento monarchico na sua maxima simplicidade. É o seguinte. Se no primeiro rei d'uma dynastia concorrem os predicados que o tornam competente para exercer o mando supremo, — a energia, o talento, a probidade, o tino politico, — nos seus descendentes devemos encontrar os meritos que recommendavam o progenitor.

Esta conclusão será deduzida logicamente dos principios que a sciencia expõe? É o que vamos ver. Em primeiro logar o phenomeno notavel do atavismo, — em virtude do qual as qualidades do progenitor, conservadas no estado latente pela segunda geração, e ainda ás vezes pela terceira, se vão reproduzir na seguinte, — mostra que as leis da transmissão hereditaria não podem applicar-se como pretendem os nossos adversarios. Suppunhamos que se escolheu um rei por se reconhecer n'elle o merito necessario para conjurar um perigo eminente. Esse perigo não chega a manifestar-se na vida do rei escolhido, e vem a tornar-se effectivo exactamente na vida d'um dos seus descendentes que conserva as virtudes do progenitor no estado latente. O perigo existe requerendo um remedio prompto, mas o paiz tem de esperar que sobrevenha uma outra geração real. Estranho absurdo este a que nos leva a applicação inconsiderada d'uma theoria!

Ha outro facto capital que parece ter sido esquecido pelos partidarios da hereditariedade. Se elles admittem a transmissão das virtudes hão de tambem admittir a transmissão dos vicios, e, quanto a nós, esta simples consideração bastaria para contrabalançar os efeitos benéficos que nos apresenta a escola mo-

narchica. Mas se a nossa opinião é insufficiente nós pediremos auxilio a dois dos mais distinctos sabios d'este seculo. Diz Hæckel: «Os vicios transmitem-se, fortificando-se, pela herança. Se tiverdes o cuidado de comparar na historia universal os individuos que pertenceram ás diversas dynastias, achareis em toda a parte mil provas attestando o poder da hereditariedade, mas muito menos a hereditariedade das virtudes que a dos vicios.»

Um alienista, cuja competencia scientifica é reconhecida por todos, Esquirol, demonstrou, na sua obra monumental sobre as doenças mentaes e sua relação com a hygiene publica e a medicina legal, que os reis estão 60 vezes mais sujeitos a estas doenças que a massa da população.

Á sagacidade dos nossos antagonistas deixamos a deducção das consequencias que d'esta doutrina se devem tirar.

E citaremos ainda um outro escriptor, T. Ribot, o qual, quando, no fim do seu longo trabalho sobre a hereditariedade, deduz as consequencias sociaes d'esta lei, afirma que o poder hereditario e o poder da liberdade estão sempre n'uma razão inversa, diminuindo o primeiro á medida que o segundo augmenta.

De resto a lei da hereditariedade nunca se realisa com todo o rigor; ha immensos casos que ella não póde subordinar. Mencionemos alguns. Elles nos provarão que o talento e a virtude, estes bellos predicados da alma humana, apparecem indistinctamente no filho do grande e do pequeno, e que o unico e seguro criterio para avaliar um homem é conhecer o seu merito pessoal e proprio.

D. João VI fugindo para o Brazil e entregando Portugal ao estrangeiro pôz em perigo a independencia da patria. — Benjamin Franklin, simples typographo, foi um dos mais estrenuos campeões da independencia dos Estados-Unidos, que conseguiu libertar da Inglaterra.

Emquanto Luiz Bonaparte, sobrinho de Napoleão I, inflige á França a vergonha de Sedan, — Gambetta, descendente d'uma familia obscura, restitue-lhe a dignidade, lavando-a do lodo ignominioso do imperio.

Quando a monarchia franceza, herdeira de gloriosas tradições seculares, accumulava as iniquidades que a fizeram cair coberta do odio dos povos, — um pobre engeitado, D'Alembert, e o filho d'um cuteleiro, Diderot, lançam as bases d'um mundo novo, brilhante, todo cheio de justiça e de ideaes magnanimos.

O rei Luiz I, filho do omnipotente Carlos Magno, nem seus proprios filhos poude sujeitar-se á lei, — Kepler, filho d'um humilde taberneiro, estabelece leis a que obedecem os mundos.

E, no entanto, a hereditariedade monarchica, por mais absurda que nos pareça hoje, teve a sua razão de ser n'um momento da historia. N'outras epochas os filhos seguiam naturalmente a proffissão dos paes. Em tempos de paz no governo, em occasião de guerra na conquista ou na defeza, os reis eram auxiliados pelos filhos, que d'esta fórma faziam a sua aprendizagem, conheciam as necessidades do povo sobre que haviam de exercer o mando, e ficavam sabendo como se repellia uma invasão e como se sustentava a independencia nacional. Actualmente os filhos dos soberanos recebem uma educação que os sequestra completamente do paiz que têm de governar. Pode dizer-se que o herdeiro da coróa é quem menos conhece as necessidades, os interesses, as aspirações da sociedade sobre que ha de exercer uma acção tão consideravel.

Os proprios partidos monarchicos estão convencidos de que a hereditariedade é hoje um principio que se deve pôr de parte. Os seus actos, incoherentes com as suas palavras, ahí estão para o demonstrar.

Nenhum d'elles admittre hoje que um crime seja punido, como era pelas legislações germanicas, na descendencia do criminoso. E, por mais absurdo que isto pareça, funda-se na mesma razão que ha para transmittir um throno vago para o filho d'aquelle que o occupou. A hereditariedade da monomania homicida e da tendencia para o roubo são factos perfeitamente averiguados pela sciencia. E ha mais razão ainda para seguir os costumes germanicos, porque os vicios, como vimos, transmitem-se mais facilmente, e até augmentam com a transmissão. Primeira incoherencia.

Todos os partidos monarchicos considerariam insensato a quem pedisse para succeder a seu pae na representação d'um circulo eleitoral, na presidencia d'um municipio ou n'outro qualquer cargo d'esta ordem. E todavia o cargo de reinar é de certo mais importante que qualquer d'estes. Segunda incoherencia.

Quando, por qualquer motivo, lhes falta o chefe é por acaso ao filho d'elle que se dirigem para o investirem na direcção suprema do partido? Não é. Reunem a sua associação, o seu centro, e escolhem d'entre si o que mais provas tem dado da sua competencia politica. Terceira incoherencia.

Como se explica, pois, que os mesmos individuos, tão escrupulosos n'outras occasiões ponham de parte os escrupulos quando se trata da magistratura suprema da mais elevada das associações politicas? Sim, porque um paiz não é mais

do que uma associação politica. A propria Carta, evangelho d'estes senhores, assim o define.

Não lembra immediatamente a resposta que se deva dar; parece-nos satisfatoria a seguinte que está, de certo, na mente de todos os partidos monarchicos:

— Emquanto nos queremos governar a nós mesmos para satisfazer os nossos interesses e ambições, empregamos os meios mais sensatos e racionais; quando, porém, se trata da nação entendemos que é mais conveniente que ella se governe mal para nós nos governarmos bem.

Não ha, comtudo, da sua parte a sufficiente franqueza para o declararem abertamente. A resposta que dão é outra.

A eleição para um cargo tão elevado, dizem, dá logar a gravissimos conflictos, desencadeia o jogo terrivel das ambições desordenadas, faz oscillar a sociedade nos seus mais solidos fundamentos.

Esta resposta é muito velha já; foi o escudo dos tyrannos e, apesar de ser contradictada pela razão e pelos factos, é ainda hoje a ultima ratio dos tyrannos. No entanto nada ha mais absurdo. Quando se pergunta a um povo quem deseja que o governe todas as iras se levantam, todos os braços se armam; quando se lhe impõe um chefe attendendo apenas ao acaso do nascimento, esse povo conserva a maxima tranquillidade! Nós pensavamos, pelo contrario, que o unico meio de prevenir revoluções é dar a maxima amplitude á manifestação da vontade nacional; nós julgavamos que aquelle que póde exprimir o que sente e o que pensa pela fórma legal do voto terá pouco desejo de recorrer á fórma extralegal da insurreição. Nós cuidavamos que a Suissa e os Estados-Unidos faziam a eleição dos chefes de Estado no mais completo socego. Suppunhamos tambem que em 1879, quando na Russia Solovieff disparava um tiro contra o Czar, quando na Allemanha Nobiling e Hoedel attentavam contra a vida do imperador Guilherme, quando na Hespanha Moncosi levantava o braço criminoso contra Alfonso XII, quando na Italia Passavanti pretendia apunhalar o rei Humberto, — suppunhamos nós que 1879, a França obrigava a demittir-se o duque de Magenta em seguida á emboscada de 16 de maio e fazia no mais completo socego a eleição de Julio Grévy.

Mas estamos de certo enganados. A França tremeu nos seus fundamentos, a França foi o ludibrio das ambições mais desenfreadas. Os Estados-Unidos e a Suissa tremem periodicamente nos seus fundamentos de 4 em 4, ou de 6 em 6 annos. Nós é que não sentimos as terriveis oscillações.

Pobres argumentadores estes, que só têm em seu favor argumentos de tal ordem! Pobres argumentadores e pobre causa, tão pobres que causam dó!

Parece-nos ter demonstrado que a hereditariedade política é um principio que tem as mais deploraveis consequências sociais.

É condemnado pela sciencia e renegado na pratica pelos mesmos que em theoria o defendem. Não ha razão que o justifique, não ha sciencia que o sustente. E, como na hereditariedade se funda a monarchia, esta cáe n'uma derrocada fatal com a ruina d'aquella. Se, porém, o systema monarchico deve continuar, nós pediamos aos seus partidarios, em nome da coherencia e da logica, que estabeleçam d'uma vez para sempre todos os absurdos que derivam fatalmente do principio pelo qual tão denodadamente combatem.

Basilio Alberto de Sousa Pinto

Morreu no dia 16 pelas 8 horas da manhã, depois de demorada enfermidade o velho ex-reitor da Universidade o sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto, visconde de S. Jeronymo, etc.

É do nosso dever, como liberaes, e republicanos, prestar a devida homenagem ao unico homem que ainda restava d'quella patria e honrada geração que dirigiu o movimento revolucionario de 20. O partido republicano dedicava uma alta consideração a essa reliquia d'um passado tumultuoso, d'uma data, que embora não tenha por si a consagração brilhante d'uma victoria, representa uma aspiração patriótica para um futuro mais digno, e uma primeira manifestação do principio fecundo e vigoroso da liberdade, que a revolução franceza lançara ao seio dos povos, d'envolta com a metralha dos seus canhões.

O partido republicano, que promove a ideia generosa de levantar um monumento aos revolucionarios de 20, não pôde deixar de sentir a perda d'um dos mais illustres. Ainda ha pouco, quando os centros republicanos de Lisboa festejaram a data memoravel de 24 de agosto de 1820, o visconde de S. Jeronymo foi honrado com uma mensagem de felicitação.

Os acontecimentos de 1820 estão ainda muito perto de nós, para que a historia tenha pronunciado sobre elles o seu *verdictum* consciencioso e severo.

A tendencia á glorificação das grandes individualidades e das epochas ruidosas, de resultados decisivos e immediatos, tem influido um pouco nos juizos que sobre elles se tem formado.

Carece de exito,—carece de gloria diz-se. Lançou-se até um pouco de ridiculo sobre esses bons e solemnes demagogos, que não tinham com certeza o porte *irréprochable* dos *dandys* dos nossos dias.

Elles vestiam-se do grosseiro briche nacional, conheciam o direito romano, e eram sufficientemente ingenuos para expandir os seus sentimentos democraticos n'uma multidão de hymnos, sonetos, canções e dramas, adubados com um pouco de *Te-Deum*; por isso a geração subsequente soube agradecer-lhes e honral-os, pondo em luz o pretendido ridiculo das suas manifestações.

Não; nunca é ridicula uma manifestação qualquer, quando parte d'uma consciencia honrada e convicta.

Do contrario, teriamos de condemnar como ridiculas muitas das mais esplendidas manifestações do espirito humano.

Se a revolução não produzira os efeitos desejados: se a sociedade portugueza profundamente abatida pelas invasões de Bonaparte, sem commercio e industria aniquilados pela aliança britânica, de população cada vez menos densa e constituída quasi exclusivamente de frades, desenlargadores, conegos e capellães; se a sociedade portugueza se não achava ainda em condições de ser entregue a si para si organizar e constituir; se mais precisava de uma vontade forte, absoluta que fosse, mas conhecedora da moléstia e necessidades do organismo nacional;

se a revolução de 20 foi impotente para fazer vingar os principios que fazem a gloria da de 32; se lhes faltou, como muito bem diz o sr. Oliveira Martins, uma espada para os impôr e uma victoria para os consagrar—nem por isso são menos benemeritos os seus auctores, que a patria agradecida e todos os corações verdadeiramente liberaes devem honrar e venerar.

Desgraçadamente a nação respondeu com a mais completa indiferença e um pouco mesmo de hostilidade surda ás mais importantes reformas: supressão da antiga legislação municipal, judicial e fiscal; abolição das jurisdições senhoriaes e ecclesiasticas; creação do jury; restituição ao dominio publico das propriedades ecclesiasticas e dos bens da corôa; extincção de varios mosteiros; prohibição do voto, etc.—mas serão por isso menos meritorios os esforços dos seus propugnadores?

Nós dedicamos uma verdadeira gratidão e um profundo respeito a essa veneravel assembleia, um pouco abstracta e sentimentalista, é verdade, mas essencialmente nobre e honrada.

A biographia do visconde de S. Jeronymo, não temos tempo nem dados para escrevel-a. Para merecer o nosso respeito, basta-lhe a sua cooperação no movimento de 20, e o ter tomado parte nas côrtes constituintes de 21; é esse para nós o seu principal titulo de gloria.

Os outros factos da vida publica de Basilio Alberto não obscurecem os seus titulos á gratidão nacional.

Dos poucos dados que, muito precipitadamente, podemos reunir, sabemos que Basilio Alberto de Sousa Pinto nasceu em Tendaes, concelho de Lamego, a 16 de março de 1793.

Cursou os estudos universitarios, e recebeu em 1817 o grau de doutor pela faculdade de Direito.

Pelo decreto de 14 de julho de 1834, era nomeado lente.

O periodo que vae de 1859 a julho de 63, durante o qual exerceu o cargo de reitor da Universidade, correu tormentoso para o visconde de S. Jeronymo.

É bem conhecida, quasi legendaria, a rigida severidade com que sempre se houve no desempenho das suas funções, perante a mocidade irrequieta, e pouco disposta a respeitar disciplinas que não justifica.

Por esta epocha, lavravam com extraordinario vigor no seio da academia as ideias de independencia; e a necessidade de reforma nos Estatutos da Universidade, o sonho dourado das ultimas gerações academicas, preocupava vivamente os espiritos.

O visconde de S. Jeronymo, pela rigidez da sua vontade, constituia um obstaculo poderoso, que era necessario remover. Foi n'esse intuito que se organizou em abril de 1851 a celebre sociedade secreta do *Raio*.

Como base dos trabalhos, determinaram os seus fundadores empregar todos os meios para obrigar o reitor a pedir a sua demissão.

A direcção da sociedade pertencia a um conselho de 5 membros, e dividia-se em varias secções, com um respectivo chefe.

Os membros da direcção eram somente conhecidos pelos chefes das secções.

No acto da iniciação, que tinha lugar em sitios ermos e afastados da cidade, por alta noite e com determinado ceremonial, os socios juravam, sob palavra de cavalheiro, guardar segredo, obedecer ás ordens do conselho, transmitidas pelos chefes de secção, e empregar todos os esforços phisicos, moraes e pecuniarios para a realização do fim da sociedade.

Algumas sessões tiveram lugar (estranha coincidência) na propria casa, onde por fim veio morrer o objecto tão odiado dos seus planos. Em 1862 contava a sociedade do *Raio* mais de 200 socios.

Depois de varias manifestações de desagrado, promoveu-lhe uma terminante e solemne, que deu em resultado o pedir a exoneração do seu cargo. No dia 8 de dezembro, por occasião da distribuição dos premios universitarios, quando o visconde de S. Jeronymo se preparava para lêr o seu discurso, os estudantes, que enchiam a sala, sahiram precipitadamente para o pateo, dando vivas á liberdade e á independencia da academia.

Assim terminou a carreira universitaria do visconde de S. Jeronymo, depois de ter occupado todos os graus da sua hierarchia.

De mais importancia do que estas luctas inglorias com a mocidade, é incontestavelmente a sua carreira politica.

Aos 28 annos era secretario das côrtes constituintes de 1821.

Continuou a ser deputado em 1826 e 1833. Temos á vista uns *Apontamentos sobre os oradores parlamentares em 1833 por um deputado*, que collocam o visconde de S. Jeronymo na classe dos oradores-pedagogos.

Preconizado para presidente da camara n'esta sessão legislativa, deixou por combinações politicas de exercer tão honroso cargo.

Relativamente a attitude que tomou em frente dos actos do governo e aos seus dotes oratorios, diz o folheto citado. «—O sr. Basilio Alberto é favoravel ou adverso ao ministerio? era a pergunta que todos reciprocamente se faziam, e ninguém acertava com a resposta.—Chega o momento solemne da discussão dos actos da dictadura. Pedem o sr. Basilio Alberto a palavra; cresce a anciedade na assembleia. É *pró* ou *contra*? pergunta o presidente. *Contra*, responde tranquillamente o sr. Basilio Alberto....

Chega-lhe a palavra, levanta-se o sr. Basilio Alberto, falla tres quartos de hora sem tomar folego, como quem desejava ver-se livre depressa d'uma pesada carga.

Toma por assumpto explicar as diferentes formas de governo, e desenvolver a seu modo as leis geraes appropriadas á natureza de cada uma.

—É o discurso mais castiço na dicção, mais primoroso na phrase, mais elegante no estylo, mais sonoro na cadencia, que se tem pronunciado n'esta sessão....

Não foi verdadeiramente um discurso para uma assembleia parlamentar; era uma elegante preleção academica, ou antes uma bem trabalhada dissertação inaugural.»

—D'aqui se vê que se Basilio Alberto não tinha os dotes d'um verdadeiro orador parlamentar, possuia contudo o segredo de, na paz do gabinete, architectar o discurso, mais primoroso mais elegante e mais sonoro (folh. cit.) que se pronunciou n'uma sessão legislativa.

Tal foi o papel politico do visconde de S. Jeronymo.

Que esta ligeira noticia da sua vida e do seu tempo, incompleta e imperfeita como vae, signifique um respeitoso preito de homenagem á sua memoria de benemerito.

Realizou-se hontem pelas 2 1/2 horas da tarde o enterro do sr. visconde de S. Jeronymo. Foi muito concorrido.

Dirigia o prestito o sr. dr. Luiz da Costa. As fitas do caixão pegavam os srs. visconde de Almeida, dr. Seifça, dr. Castro Freire, dr. Mattoso, dr. Miguel Osorio, e dr. Abilio Monteiro.

O feretro foi depositado no cemiterio de Santo Antonio dos Oliveas no jazigo do sr. dr. Nuno de Azevedo Pereira.

O sr. João Arroyo pronunciou á beira do tumulo um breve, mas brilhante discurso, e em nome da academia de Coimbra depoz uma corôa junto dos restos mortaes do eminente liberal.

Um dos redactores d'esta folha depositou tambem uma corôa com esta inscripção:

AO LIBERAL DE 1820

A «EVOLUÇÃO»

MADRIGAL

C. DE P.

Quando nasceste, Deus, querendo attenuar dos teus olhos o ardôr e o brilho singular,—para que te ficasse uma expressão serena sem a luz que incendia as illusões humanas—pôs-lhes um *abat-jour* feito pelas pestanas e deu-te a sobranceira escura e a côr morena...—tal como no principio, exausto de crear, pôs as manchas no Sol para o poder fitar...

ANTONIO FERD.

Por ter saído com grandes incorrecções tornamos hoje a publicar a seguinte poesia:

SABBATINA PANTHEISTA

(EXCERPTO)

(O MAR)

.....
Não sei quem sustentava e me dizia ha pouco:
—«A vastidão do mar não acredita em Deus!»
Que significam pois aquelles escarcêus,
E os arrancos febris d'um atroar de louco?!

Mentiu quem tal dizia e sustentava ha pouco.
Desde que Alguem do azul lhe disse—«É feito o dia!»
Erguendo um canto a Deus na extranha epilepsia
O mar cantou, cantou, e de cantar—'stá rouco!

Coimbra

LUIZ OSORIO.

POLITICA INTERNA

É triste o reflectir um pouco sobre os factos culminantes da actual politica portugueza.

Deixa uma profunda impressão de desalento e de descrença na vitalidade e na dignidade mesmo da moderna sociedade portugueza a consideração do que por ahi se faz desde o gabinete dos ministros aos mais afastados e restrictos centros em que a politica exerce a sua acção.

Não nos quadra o papel de Jeremias politicos.

Tambem nos repugna o pessimismo systematico d'alguns espiritos. Nesta quadra da mocidade em que geralmente se encara tudo á luz d'um optimismo irreflectido e espontaneo, em que a natureza e a sociedade costumam apparecer envolvidas n'uma aureola consoladora de belleza e de bondade, em que a pureza das nossas intenções vem sempre sollicita advogar os erros alheios—nós, dizemol-o com pesar, estamos longe de partilhar as doçuras d'esse optimismo e é com profundo nojo que descemos á analyse da nossa politica e dos nossos homens publicos.

Por vezes chegamos a convencer-nos que a sociedade portugueza atravessa um d'esses periodos anormaes e desoladores que se encontram na historia de todos os povos, e que representam a preparação lenta d'algum acontecimento fulminante e grandioso que quebra a continuidade historica e abre os horisontes d'um novo viver.

É possivel que nos enganemos, e oxalá que a sociedade portugueza não precise de remedios tão energicos para sahir d'este estado tão funestamente morbido.

Mas deixemos estas considerações, sobre que não seria máu insistir, mas que por geraes e abstractas, poderão por alguns ser taxadas de gratuitas, e desçamos á sua comprovação pelos factos da politica actual.

O egoismo e a indiferença são os dois grandes males que mais profundamente minam a nossa sociedade; o egoismo antepondo as conveniencias pessoais e partidarias aos mais importantes interesses nacionaes, a indiferença sancionando tacitamente os processos ignobis de qualquer aventureiro politico.

Não nos referimos ao povo, essa grande maioria desgraçadamente ignorante e nulla, que não tem uma verdadeira responsabilidade dos seus actos, e que seguio sempre o impulso d'uma direcção superior, de que em ultima analyse nunca ha de prescindir.

Proclame-se muito embora com adjectivos pomposos a soberania popular, estenda-se ás multitudes o suffragio universal, revista-se, em palavras, o povo, a grande massa ignorante, das mais apreciaveis qualidades— a direcção dos negocios publicos ha de ser sempre uma funcção das classes superiores e instruidas do paiz.

É entependo as suas conveniencias partidarias aos interesses do paiz, que o ministerio regenerador, para manter a sua popularidade á custa da mais revoltante padrinhaagem, dispende prodigamente os diuheiros publicos, augmentando d'uma maneira assustadora a nossa divida publica.

Nas contas ultimamente publicadas, relativas aos mezes de julho, agosto e setembro prova-se um augmento de despeza de 338.832\$494 sobre a correlativa á gerencia do anno passado.

É principalmente pela impossibilidade de satisfazer a todos os pretendentes, que a actual situação está luctando com uma crise,

cujo desfecho será a queda inevitável, segundo afirma a imprensa opposicionista.

São também apregoadas pela imprensa graúda, tanto opposicionista como governamental (*Jornal do Commercio, Diário Popular, Primeiro de Janeiro* etc) as graves desintelligencias que lavram no seio do partido.

Qual é a causa d'essas desintelligencias? Os mesmos jornaes o dizem: «alguns membros de posição consideravel no partido julgam poder reivindicar o direito de se desinteressarem da politica e dos destinos do novo governo na hora em que lhe é mais necessaria a coadjuvação de todas as forças, sem attender a conveniencias particulares e pessoas».

Um outro facto recente: um a companhia americana acaba de apresentar ao governo uma proposta para a construcção do caminho de ferro de Lourenço Marques, sem subsidio dos cofres publicos. Por causa do tratado de Lourenço Marques talvez não se possa effectuar transacção alguma. Ainda n'este caso, são as conveniencias dynasticas, antepostas aos interesses nacionaes, que vão talvez privar-nos de realizar um contracto manifestamente vantajoso.

Tambem se diz que a Inglaterra insiste pela approvação do tratado de Lourenço Marques.

A este respeito diz o *Diário Popular*:

D'essa insiatencia e das difficuldades, que ella traz, se diz provir o projecto do governo constituir a camara dos deputados até a chegada d'el-rei D. Affonso e adiar depois as cõrtes sob pretexto de festejos.

D'este modo evitaria os dissabores que o tratado de Lourenço Marques pôde causar no meio dos festejos a el-rei D. Affonso, e daria tempo ao sr. Fontes para alinhavar as propostas de lei ácerca do imposto de consumo sobre o sal, e dos addicionaes aos impostos directos.

Mal previa el-rei D. Affonso de Hespanha, que serviria de capa para tapar as difficuldades do sr. Fontes.

As nossas colonias

Mal pensavamos quando, ha dias, no nosso jornal inscreviamos esta secção, que já hoje — nos veriamos obrigados a mencionar um facto, que aguardavamos para mais tarde!

A curia romana que todos os dias se funde em amor pelo nosso paiz, que só parece olhar pelo bem estar da nação fidelissima, acaba de entrar em negociações com a Grã-Bretanha para a nomeação de vigarios apostolicos para o Padroado da India e para as nossas colonias d'África; diz-nos isto o telegrapho, e nós não o admiramos.

Todos sabem que o reino do Congo foi Bispado suffraganeo do Bispado d'Angola, que o é ainda hoje, e ninguém ignora que, se alli não existe um vigario apostolico, tem isso sido devido a circumstancias por todos bem conhecidas: a falta de zelo d'alguns dos Bispos de Loanda, e a pouca permanencia d'estes prelados n'aquellas paragens. Vão ali para obter a dignidade, e passado bem pouco tempo voltar á metropole, Bispos resignatarios.

É isto o que quasi todos tem feito; referimo-nos por ora só á diosece d'Angola.

Já ha tempos n'outro jornal tocamos n'este mesmo assumpto, estranhando, que o nosso goveno não protestasse contra o facto de alguns missionarios francezes, residentes na nossa possessão do Molembó, tendo por chefe o padre Antonio Carrier firmarem qualquer assento com o seu sello em que se encontrava esta inscripção — *apostolado do Congo* — sendo o Congo possessão nossa alli reconhecida e acatada a nossa autoridade.

Ouvimos algumas vezes o padre Carrier, e com sentimento o dizemos, nunca o puderam convencer de que Landana era possessão portugueza. Mais de uma vez contestou os nossos direitos áquellas regiões, e o mesmo mostrava aos indigenas!

Este padre será um futuro vigario apostolico, contestará os nossos direitos, e subtrahir-se-ha á jurisdicção do Bispo d'Angola. Podemos dizel-o sem receio de sermos contestados; porque ha ainda bem poucos dias á ia para Mossamedes, agregado á missão

do padre Ribeiro o padre Duparquet, irmão do primitivo chefe da missão no Landana.

A Inglaterra tudo consentirá á curia romana, para que esta influa na pacificação da Irlanda.

Continuamente nos dizem que nada ha melhor do que as missões religiosas para se poder alcançar a civilização das nossas colonias; pôde ser; mas não, apresentando-se com o caracter das missões d'essa ordem que alli existem.

Pensa alguém que o missionario ou catholico, como o francez ou baptista ou anabaptista como o inglez vão alli catechisar, pregando ás turbas, educar religiosamente, instruir scientificamente?

Estão enganados.

O padre catholico compra o preto, para o acorrentar e obrigar-o a fazer todos os misteres, os mais servis. Não receiamos contestação.

O missionario inglez não faz isso; mas em compensação prega ao preto, que o não comprehende, a biblia, que não conhece.

Vimos algures que os dignos missionarios do Ladana sustentam alli uma prospera fazenda.

É verdade; mas devemos dizer que os colonos são escravos, e comprados pelos excellentes missionarios que os não tractam tão bem como alguns negociantes, que alli ainda os tem, tractando-os estes melhor do que são tractados os nossos irmãos açorianos nas illhas Sandwich.

Alguem nos disse que indo um dia ver a fazenda do padre Antonio Carrier encontrára no caminho uma multidão de negritos, perseguindo outro mais pequeno que elles e gritando — *voltá un volent*; effectivamente era verdade, o pequeno tinha roubado (*horribile dictu*) uma malagueta; por isso foi á ordem dos reverendos padres amarrado ao páu da bandeira que está collocado juncto da casa, até que os parentes pagassem o respectivo resgate.

Serão estes os futuros missionarios na Africa?

Na India é desnecessario inquirir quaes elles serão:

Vão para lá o padre Valente & C.^ª. Continuaremos.

Chronica

Ainda não leste as «Aventuras do Barão de Muneauzen»?

É um tecido imaginoso de historias engraçadas que o *fidelissimo* Barão nos conta, revestido d'uma seriedade heroi-comica. Uma que me acode á mente é a seguinte:

Fôra convidado para uma caçada; ou — não me recordo bem — era elle quem a offercia. Pouco importa.

Chegando a este ponto, e, sabendo quanto Talleyrand dizia ser difficil saber escutar, dou-te dois minutos para bocejos e querendo, para maldizeres a importancia de minhas visitas.

Agora que, resignadamente, continuas a leitura, vou entrar no caminho que segue, mais curto, ao ponto que desejo attingir.

Era uma caçada em forma, com as indispensaveis matilhas, batedores etc., não esquecendo enormes trompas de caça para animar na carreira a perseguição dos veados. Quem sabe se algum era ascendente do famoso veado que mereceu as honras de figurar no *Antonio Maria*? Sim. Quem sabe?

Mas continuemos.

Era um dia frigidissimo de inverno o escolhido para a diversão venatoria. Aparece uma victima. Lançam-se-lhe na pista cães e cavalleiros; mas a respeito de ouvir a nota alegre e marcial das trompas, caro leitor, é que ninguém podia gabar-se; pois houve toda a diligencia possível — debalde. Foram inuteis os esforços para convencer as trompas do transtorno que causava a sua teimosia silenciosa. Rogos, instancias, supplicas, nada fazia abalar aquella resolução; o silencio continuava.

Terminou a caçada. Ao jantar, no meio da larga expansão dos convivas, já *alegres* e esquecidos do incidente, é a sala inundada por uma onda de notas atroadoras, que confusamente se atropellam. Os caçadores, de surpresa, não sabem como explicar. E, comtudo, nada ha mais natural. É o Barão quem nol-o diz.

Pelo frio, as notas gelaram dentro das trompas e não podiam sahir; mas, á temperatura agradável que havia na sala pela agglomeração de pessoas e pelo calor das luzes, as notas, como gelo, fundiram-se e os convivas foram surprehendidos por aquelle diluvio de sons.

Como vêem, é muito aceitavel esta maneira de explicar.

E, demais, quem poria em duvida a palavra do Barão?

Se, n'este ponto, o teu reconhecido bom gosto ainda me concede a benevolencia de ter quem leia esta chronica infeliz, devo declarar que não foi simplesmente para encher uma columna que eu citei o popular auctor allemão.

Desejava dizer-te que n'esta correria pela imprensa, na perseguição em que vamos de tudo quanto é baixo e indigno, eu tambem queria soltar alegres notas de entusiasmo vibrante. Mas debalde me esforço, a trompa não deixa enternecer-se e ficam geladas, n'um silencio tumular.

Possa fundil-as o calor do teu bom acolhimento, honrado amigo que, por caridade, ainda me acompanhas.

Conversemos. A primeira coisa que fazes é — o que me dás, se eu adivinhar? — pedir noticias do caso Gomes Leal.

Ora, meu amigo, a esse respeito espere-mos um pouco, que o tempo desrendará este mysterio, como é de estylo dizer-se nos dramas succulentos.

Noticia de vulto — ardeu o theatro principal de Vienna; e, entre nós, conserva-se magnifica tanta coisa, boa para reduzir a cinzas! Ah providencia, providencia, como eu duvido de ti! (Ao escrever isto, metti os dedos pelos cabellos, para completo effeito scenico).

Continuando a fallar de theatros; temos o «Theatro Conimbricense».

— «O sr. chronista, pois onde tem a cabeça! vai fallar no barracão, a proposito de um dos primeiros theatros da Europa?» Perdão, eu nunca ousaria tal, se não fosse conhecida a historia do pintor, a quem o caizador chamou collega...

Variando de assumpto. Continuam as provas publicas dos concorrentes aos logares vagos no corpo docente da Universidade. Tem se revelado merecedores da honra que sollicitam.

Outra novidade, mas esta é fresquinha... Mudei de tenção, espera para o numero seguinte.

Babinet.

POSITIVISMO

A sciencia cavou o abismo do passado. Desentranhou da historia as crencas primitivas e arrastando Jehovah á luz, já verminado, cravou-lhe o historial nas carnes inda vivas!

O terrivel senhor colerico e violento, que em chamas se mostrou nas fragas do Sinay, deixou-se espelagar soltando o ultimo alento, nem erguendo sequer uma blasphemia, um ai!

Era velho de mais, aborrecen-lhe a idade. Minava-o o rheumatismo, a gota, o desalento e deixou-se morrer em nome da verdade.

E as cinzas que deixou levadas pelo vento perderam-se no ar; e o livre pensamento, creou um novo Deus — O amor da humanidade!

Coimbra

HENRIQUE DUREIRA.

Verdades amargas

Todos os dias se está clamando contra a parca fatia, que na mesa do orçamento os Lycurgos da governação distribuiram aos alferes graduados. Com effeito nada mais ridiculo do que o soldo d'estes servidores da nação. Com as exigencias da posição que representam, e sobretudo com a progressiva carestia da vida, é-lhes materialmente impossivel prover a tudo, só com os magros seis tostões diarios.

Em Lisboa é este o preço de qualquer hotel *chinfim*, e na provincia tambem ninguém, por este dinheiro, pode nadar em mar de rosas. Esta situação d'uma classe

honesto e digna a todos os respeito, já teria merecido a attenção dos nossos governos, se algum d'elles tivesse no poder uns vislumbres de equidade e justiça.

Porém como os nossos ministros da guerra costumam ser das *armos especiaes*, não admira que todos elles concentrem a sua attenção de preferencia n'aquelle lado d'onde lhe pôde tambem advir algum proveito.

Esta questão, parece-nos, dever ser resolvida de prompto, não só pela vergonha que representa para a nossa dignidade, mas muito mais porque as reformas do sr. Abreu e Sousa, garantindo aos sargentos as gratificações da readmissão, collocaram aquellos officiaes na condição de ganhar tanto e alguns menos do que muitos sargentos. Ora isto é, além de tudo o apontado, anti disciplinar e dissolvente n'uma classe em que a hierarchia estabelece a equitativa distribuição das garantias em harmonia com a dos postos. E demais, não vemos motivo forte para a enorme desigualdade do soldo, que existe entre o alferes graduado e o alferes effectivo; quando é certo que ambos têm as mesmas necessidades e ambos fazem o mesmo serviço. E não se diga que o posto d'alferes graduado é transitorio, porque a morosidade da promoção nas armas geraes, especialmente na cavallaria, attesta bem a sua *permanencia*.

Pelo modo como as coisas correm calcula-se que os alumnos que este anno saem da Escola hão de esperar 10 a 12 annos n'aquelle... *engano da alma ledo e cego*. Sem querermos entrar, por agora, na questão da enorme desigualdade de soldo d'arma para arma, apontaremos, como uma das causas proximas d'este triste estado de coisas a leviandade com que os ultimos ministros da guerra têm deixado pejar os quadros excedendo todos os annos o numero preciso de admittidos nos cursos da Escola do Exercito.

Seja dito com justiça que o sr. Abreu e Sousa, o anno passado teve coragem para se affastar da rotina illegal dos seus antecessores e regulou a entrada por um concurso documental, fixando em 40 os admittidos.

Porém este anno voltamos aos tempos dourados do sr. Fontes, e por isso lá vemos todos os dias entrarem novos alumnos, fôr do praso legal da matricula, alguns, dizem, nos com falta de preparatorios, e porfazea do já a parca somma de 120!!!... isto só para cavallaria e infantaria.

No estado actual do exercito e das necessidades da defesa nacional só achamos uma desculpa para este *affan de licenças* do sr. Fontes, é collocar o exercito á altura da *gracidade das circumstancias* — *Dopo vedremo*.

Militaire.

GOMES LEAL e a imprensa monarchica

Quando fomos cumprimentar á *gare* o sr. Gomes Leal, não pudemos colher os esclarecimentos necessarios para narrarmos com toda a verdade o attentado de que o distincto poeta foi victima. Durante os poucos minutos em que conversámos com Gomes Leal era elle interrogado simultaneamente por muitas pessoas, e d'aqui a difficuldade de alcançarmos informações precisas. Preferimos dar uma simples noticia a enganarmos os nossos leitores com pormenores inexactos.

Quasi todos os jornaes affirmam que o attentado teve lugar, duvidando comtudo alguns que se disparasse qualquer arma.

As folhas imparciaes, como o *Diário de Noticias* e o *Conimbricense* crêem que effectivamente se disparou um tiro contra o poeta.

E' de todo o ponto incontestavel que houve aggressão. As noticias transmittidas de Aveiro devem ter destruido as duvidas dos scepticos.

E' realmente lamentavel o procedimento da imprensa monarchica para com o poeta.

Gomes Leal é, ninguém o duvida, um homem de bem e um grande talento. Em Portugal não é preciso mais para ser ridiculo. Foi o que os srs. jornalistas comprehenderam muito bem. Além d'isso Gomes Leal nunca mendigou empregos, nunca se envidceu na politica reles d'estes senhores. Tanto basta para que o odeiem. E como é um homem honrado, concluiram logo, sem terem tirado informações, que elle — men-

tia; e, como lhe reconhecem o talento, chamaram-lhe idiota.

Um jornal disse que elle não trazia do Porto as costellas quebradas e os ossos n'um feixe, por não lhe darem importancia n'aquella cidade. Alguns jornaes dizem que o devem metter em Rilhafolles. Um outro ainda dirigiu-lhe uma amabilidade affectuosissima—chamou-lhe bebedor.

Santa confraternidade litteraria! Doces finezas de gente bem educada!

A imprensa progressista, regeneradora e constituinte affina pouco mais ou menos no mesmo tom; não ha dissidencias a este respeito na grande familia monarchica.

Quando Gomes Leal esteve preso os ventos sopravam d'outro lado; os progressistas lançavam sobre o rei e sobre o sr. Arrobás, seu andarilho, a mesma condemnação. Hoje... disputam a gloria das bajulações no Porto, hoje... o sr. D. Luiz já abraçou o sr. Braamcamp...

Neste concerto o *Diario da Manhã* dá uma nota verdadeiramente original.

N) final do seu artigo faz-se critico de arte e apresenta uma regra esthetica, que é boa, excellente mesmo, mas que nos parece um pouco deslocada. E' a seguinte:—o poeta deve cultivar o genero do poesia mais consentaneo com a segurança do seu corpo.

Perante esta elevada concepção do ideal artistico descobrimo-nos respeitosamente.

Eis sobre este grave assumpto a auctorizada opinião da imprensa monarchica. Ahi está tudo que ella pensa, e pensa isto por uma razão unica e indiscutivel, que nos faz emmudecer:—porque não pôde pensar mais nem melhor.

Noticias d'Odemira

É d'uma difficuldade grande para as minhas forças o trabalho de que me incumbem; era meu desejo escusar-me, mas visto que me falla em «amor da terra que me serviu de berço» não quero que pense estar apagado em mim esse amor. Lançarei mão dos poucos recursos de que disponho e começarei a tarefa.

Preveni-o-hei já de que na exposição dos actos serei o mais simples, e ao occupar-me d'alguem é só do seu procedimento na vida publica.

É tão escassa de noticias palpitantes esta terra que não sei o que dizer-lhe; tudo velho... Ah!... a *Evolução* foi aqui muito bem acolhida, dispensa-me que lhe diga o motivo, este não lhe deve ser desconhecido. Verdade é que terão curiosidade de saber os que lerem esta correspondencia; tenham porém paciencia, contentem-se com a curiosidade.

Não imagina o meu contentamento ao ver este hebdomadario tão bem redigido, e defendendo uma causa tão sympathica, o que é proprio de corações generosos e de aspirações impollutas como a dos vinte annos!

Conto já bem mais do que estes, e ainda sinto vivo enthusiasmo por tudo quanto é grandioso e nobre, e desprendido de ambições terrenas!

D'aqui d'este cantinho desconhecido permitto que eu os acclame e lhes diga: tende coragem, trabalhai, obreiros do futuro, nós cumprimos a nossa missão, legando-vos o que vossos paes e vós gozaes, agora é tempo que cumpraes tambem a vossa. Derrubae e edificaes com o auxilio da sciencia o que nós outr'ora fizemos com as armas; o tempo é outro, portanto os meios a empregar tambem serão outros.

Nós vos esperamos.

Emfim vamos ao promettido que é dar-lhe noticias, e hoje serão das antigas.

Todos sabem que em agosto ultimo tiveram logar as eleições politicas. Pois muito bem: dias antes d'estas, chegaram a Odemira duas cousas diferentes, vindo de partes diversas, mas ambas para o mesmo fim.

Foram ellas, de Lisboa uma portaria concedendo um conto e quinhentos mil réis para obras publicas, e de Beja um conductor das ditas e outro sujeito que julgo fosse apontador. Tudo isto para que? Julgava eu que d'esta vez se daria começo a alguns dos melhoramentos de que esta terra tanto carece; enganai-me porém, como vae ver.

Este acontecimento causou sensação, formando-se logo diversas conjecturas; diziam

uns que era chegado o momento de se construir o caes, outros queriam que fosse a ponte, etc... Por fim soube que o deputado, vendo a eleição um pouco duvidosa, porque os influentes exigiam que elle traduzisse em factos o que promettera em palavras, não teve outro remedio, senão fazer com que o ministro respectivo concedesse aquella verba, e os empregados viessem comel-a.

Assim foi. Os recémchegados rodearam-se de todos os malandros que por aqui havia (trabalhadores que só se entendem com quem os não conhece) e encetaram os trabalhos, pregando algumas estacas na margem direita do rio, e fazendo medições em que gastaram um tempo precioso.

O conductor tomava apenas nota d'estas medições e fazia, segundo elle dizia, os seus estudos.

Notava-se, porém, que estes estudos eram feitos sómente das quatro ou cinco às sete e meia horas da tarde e não eram todos os dias. Mostravam assim a pressa que havia em dar andamento aos trabalhos, e que cumpriam as ordens que receberam.

O conductor, homem novo e pretencioso, trazia alguns factos que mostrou, e poucos conhecimentos do officio. Entendeu elle que Odemira era uma terra de tolos, e fez correr, para ganhar importancia, que sabia fallar muitas linguas e possuia seu peculio d'instrução, que queria occupar o tempo em cousas uteis e por isso ia fazer umas conferencias sobre *astronomia*.

Nem fez tal conferencia, consumiu quasi todo o dinheiro e só pragueou... estacas!

Custa-me a crer como alguém se lembrou de mandar para outro officio tal *heroe!*

O que o substituiu nada pôde fazer, porque o dinheiro está acabado.

Eis como se gastou um conto e quinhentos mil réis!

Odemira ficou sem caes, e os seus habitantes não souberam protestar contra o conductor que os espoliou, divertindo-se e governando-se.

É certo que esta obra não se effectuava com a verba concedida, mas fazia-se com certeza muito mais do que pregar estacas e faser medições!

Continuem os odemirenses no mesmo estado de indifferentismo em que tem jazido até agora, que os seus males não ficarão por aqui, e não serei eu quem os acompanhe.

Dou-lhe mais outra noticia para terminar. O homem que é padre colado d'umas das freguezias cá da terra, e procurador de causas perdidas, já foi reintegrado nos dois lugares.

Será este o assumpto da outra correspondencia.

Odemira dezembro de 1881.

Z.

NOTICIARIO

Viaja-se mentalmente pela Africa, admira-se a luxuriante vegetação das suas florestas, o escaldado das suas montanhas, a impetuosidade das suas torrentes, as cascatas d'estas, e talvez pouca gente se lembre dos sacrificios dos que ali vão, para trazer aos que não querem ou não podem trabalhar, o producto das suas observações; vae ali Cameron é elogiado, para em breve ser censurado; segue-se Stanley, e lá está a critica alvar e me-nos pensada a acalcanhal-o, não tarda Serpa Pinto, e se d'um lado vemos a bajulação sem critica, d'outro vemos o desejo de esmagar um homem que se arriscou ao que os seus detractores não eram capazes de chegar, critical-o sem senso, sem sciencia e mais ainda sem conhecimento algum do que criticam.

Sucedem-se-lhes Capello e Ivens, ninguém lhes pôde contestar a sua boa vontade, os seus conhecimentos, os seus trabalhos, e todavia pequenos são os incentivos a que estes trabalhadores continuem o que começaram; e pena é porque ninguém mais competente, que elles.

Ha pouco foi nomeado chefe da estação civilisadora no Zaire e commandante do vapor Vilhena o sr. Nuno Queriol e já hoje vemos com sentimento que s. ex.^a pediu a sua demissão.

Não podemos avaliar os motivos, porque

os ignoramos, que o levaram a isso; mas estamos certos que nenhum com mais conhecimento dos costumes dos indigenas e das paragens, onde será situada estação civilisadora ao Congo podia ser escolhido.

Lastimamos do coração que s. ex.^a tomasse semelhante resolução; porque conhecemos a sua energia, a sua boa vontade e a sua actividade.

Insistimos ainda; se foi o ministro ou algum dos seus subalternos que concorreram para que o sr. Nuno Queriol tomasse semelhante resolução, bem cedo se arrependerão; porque sabemos de quanto é capaz este illustre cavalheiro, e já sobejamente o demonstrou quando guarda marinha na estação d'Angola.

Errata:—O penultimo verso da poesia do sr. Eduardo d'Araujo, publicada no n.º 3 da *Evolução* deve ler-se como segue: «Que o pranto, a noite o vertia.»

Assistimos á recita que a companhia portuense do sr. Coelho Ferreira deu no teatro-circo.

Representou-se o *Fausto*, magica de grande espectáculo, alguma musica e muito drama.

A peça, apesar de ser nova, ainda tem os fmeos dos antigos dramalhões que inspiraram nas *Farpas* os artigos sobre teatro e que Ramalho apontava, como: *Oh Ceus! É elle! Matei meu filho!* etc; não esquecendo o anjo salvador... do enredo quando este no fim se complica além de *os mysterios que com o tempo se não devesdendar*.

O desempenho foi regular, sobresahindo alguns actores e entre elles talvez Paulo Cabral, que nos parece ter bastante habilitade para a comedia, apesar de não ser de grande difficuldade o papel que lhe competiu.

Mephistopheles não foi mal interpretado pelo actor Guerreiro, apesar da voz tão fraquinha com que cantou as suas coplas do *Dio del oro* da opera.

Fausto apresentou-se bem, especialmente no prologo. *Wagner e Margarida* desempenharam discretamente os seus papeis assim como *Sulphurina*. Os côros foram regulares e o desempenho por parte da orchestra soffrivel.

A *mise-en-scene* foi talvez mais que regular para uma companhia nas condições d'esta. As mutações bastante rapidas, houve alguns quadros de bello effeito pela magnifica distribuição dos fogos de bengala, como nos *jardins encantados* e na *apothose*.

A casa estava muito boa. O povinho gostou e appl... não admira: a virtude foi premiada e o anjo que finalmente appareceu calçou aos pés o infeliz Mephistopheles subido a tenor. Pobre Goethe!... Pobre Gounod!...

Quanto ao *Zé Povinho* que subiu no dia 16 á scena, limitamo-nos a consideral-a uma... verdadeira peça.

No *Perdão d'Acto*, ha scenas engraçadas, mas conhece-se-lhe muito a antiguidade.

Do desempenho diremos que, sobresahindo Paulo Cabral, todos os artistas mereceram mais ou menos o acolhimento benevolo que o publico lhês dispensou.

Os regeneradores, contam as gazetas, andam solememente intrigados com as meiguices realengas ao sr. Braamcamp, porque julgam ver n'ellas a proxima rehabilitação dos progressistas e portanto a queda proxima de si proprios.

Nós encaramos sob um prisma diverso as meiguices reaes e cremos sem esforço que ha regeneradores despeitados; mas ha outros da mesma grey a quem ellas fornecem causas de prazer e riso; acreditamos até que ha alguns que as bemdisseram, se as não encommendaram.

Os que estão saturados cifram o seu ideal em ante-gostar as delicias resultantes de apañhar novamente na *gaiola* os pintasilgos progressistas.

Aquelles, cuja anciedade de saturação é indivisivel, é que não acceptam resignados a mutação ridicula dos actores politicos. D'esta pleiade insigne das *esperanças patrias* é que dimanam as lamentações e os amargoses queixumes; não lhe agradam as meiguices,

porque apreciam em mais o estomago do que o exito favoravel de todas as *gaiolas* certas, provaveis e possiveis.

—Que turbilhão de sandices não ha de girar furiosamente no cerebro incandescente dos intrigados!!

Ha quem desconfie que de tão acelerado movimento pode originar-se uma porção de calor tão subida e intensa, que produza a dilatação d'aquelles craneos por forma tal que não seja d'espantar um completo desarranjo mental.

Só nos resta ver que as meiguices dêem tão desastrosa consequencia.

D'um funcionalismo anomalo não admira que saiam monstruosidades.

Recebemos uma carta d'um nosso correspondente de Lisboa, a qual por falta de espaço reservamos para o primeiro numero, e pela mesma razão retiramos a Revista *Extrangeira*.

Em Londres houve um d'estes dias um *meeting* relativo á exposição internacional de electricidade que os directores do Palacio de Crystal querem organizar em Sydenham n'este mez.

M. Mac-George director do Palacio de Crystal lembrou o successo extraordinario da exposição franceza e prometteu, que se as corporações de Londres, e o ministerio dos correios e telegraphos o auxiliarem a exposição ingleza não será inferior.

Siemens, inventor do tramway electrico, o celebre Edison inventor da lampada electrica, Brusk, Swan etc, prometteram já tomar parte na exposição.

Matricularam-se no concelho da Chamusca, districto de Santarem, nas escholas officiaes d'instrução primaria durante o anno lectivo de 1880 a 1881—150 alumnos e 47 alumnas. Foi approvedo simplesmente um alumno no exame d'admissão nos lycens.

—O povo chamusquense tem justamente reclamado dos governos a creação d'uma nova comarca; até á data d'hoje tem-lhe sido constantemente promettida e constantemente negada.

Desenganem-se os povos. A monarchia cuida apenas d'injustiças; para ella não existem ideias de moralidade e justiça. Responda a Chamusca á monarchia, votando nos candidatos republicanos.

Os dois numeros do *Contemporaneo*, cuja recepção já accusamos, publicam as photographias de Theophilo Braga e do actor Portugal, acompanhadas de traços biographicos.

Recebemos mais:
Jornal das Colonias.
Folha Nova.
Protesto.
Gil Vicente.

Esta elegante publicação é destinada a assumptos theatraes e litterarios. Cada numero é formado de 8 paginas d'impressão magnifica que offerecem leitura agradável e selecta. Custa 240 reis por trimestre, e 20 réis, avulso.

Agradecemos aos seus redactores a fineza de trocarmos com o nosso semanario.

EXPEDIENTE

A *Evolução* publica-se aos domingos e a sua assignatura é de 300 réis por cada serie de 15 numeros.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria de João José Baptista, Elosque do Roelo, lado norte.

O sr. Francisco Pereira encarrega-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas na villa do Cartaxo, Praça de S. João Baptista.



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient*. 1.º pg. 430.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, *Cours de Philosophie positive*, t. 6.º pg. 298.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

N.º 5	CONDICÕES DA ASSIGNATURA Cada serie de 15 numeros 300 reis.	COIMBRA, 25 DE DEZEMBRO DE 1881	PUBLICAÇÕES Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.	ANNO 1.º
-------	--	---------------------------------	--	----------

EXPEDIENTE

Encarregam-se de receber a importancia das assignaturas da «Evolução» em Tavira o sr. Sebastião Galvão e em Lagoa o sr. Domingos Faria.

Os srs. assignantes das localidades onde não temos correspondente, obzequem-nos enviando em estampilhas a importancia de suas assignaturas á Administracão da «Evolução» na Couraça dos Apostolos 29, 3.º.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria do sr. João José Baptista, Kiosque do Rocio, e na loja do sr. Manuel Monteiro á Praça das Flores.

IDEIA MODERNA DE DEMOCRACIA

Podemos definir democracia—a formula politica que mais protege e provoca a manifestação das qualidades superiores.

Varios escriptores, e entre elles Ernesto Hæckel, fundamentando-se nas verdades e conclusões das sciencias biologicas e anthropologicas, affirmaram e tentaram provar que, applicando ás sciencias sociaes o mesmo criterio, e as mesmas observações que ás sciencias naturaes, se chegava á conclusão de que a organisação das sociedades ou estados devia ser uma organisação aristocratica.

Hæckel no cap. VI das suas — *Provas do transformismo* — diz-nos que a grande lei da *differenciação*, quer a tomemos na sua maior latitude, na theoria geral da *evolução*, quer a tomemos reduzida á sua parte biologica, no que diz respeito á theoria de *descendencia*, nos ensina que a variedade dos phenomenos sahe d'uma unidade original, que a diversidade das funcções sahe d'uma identidade primitiva, que a complexidade da organisação sahe d'uma simplicidade primordial. Isto resulta do sem numero de condições dissimilhanes a que qualquer ser fica sujeito desde que entra na vida.

Podemos além d'estas condições externas que cercam, e actuam sobre um ser em todo o decurso, em todo o desdobramento da sua existencia, constatar a poderosa influencia de condições ou aptidões hereditarias sempre mais ou menos dissimilhanes de individuo para individuo, e as aptidões proprias, por assim dizer innatas.

Diz o escriptor citado que a somma de todas estas forças ha de produzir uma desigualdade perfeitamente definida em todos os actos da vida dos diversos ndividuos.

Conclue com o principio geralmente admittido e provado da divisão do trabalho—que nas sociedades (e quanto mais adiantadas mais provam a asserção) a existencia duravel, permanente de todo o Estado exige que os diversos membros partilhem entre si os diversos deveres da vida social. Ora na realisacão d'estes deveres ou cargos sociaes ha para uns um maior dispendio de força, para outros um maior dispendio de meios, para outros um maior dispendio de talento. Affirma Hæckel que a *recompensa* social d'estes diversos trabalhos deve ser tão variada quanto os proprios trabalhos o são d'um membro para outro.

Passando da theoria de *descendencia*, dentro da qual elle faz as considerações acima expostas, para a theoria de *selecção*, o auctor continua dizendo que é a organisação aristocratica da sociedade que nos leva o estudo e applicação d'esta lei, pela qual se reconhece que um diminuto numero de seres triumpham da grande *lucta pela vida*; que esse numero diminuto é o que, pelas qualidades superiores que o tornaram vencedor, tende a dominar; que esse limitado grupo enfim constitue uma aristocracia complexa, isto é uma elite onde reside—a maior força—a maior habilidade—o maior talento—os melhores planos etc.

Hæckel diz mais adeante, comtudo, que ha sempre um grande perigo em transportar da abstracção pura da sciencia theorica para o campo da pratica umas certas conclusões; e que nas condições tão complexas da moderna civilisação se tem a attender a um tão grande numero de elementos, que é preciso grande circumspecção e um bom e solido criterio historico para se applicar á pratica da vida social uma *lei natural*.

As objecções que indirectamente, e do seu reducto de investigador theorico Hæckel apresenta á democracia social necessitam para a sua completa comprehensão, de que se comparem os organismos—individual e social.

Escolhemos para termo de comparação um organismo individual e não uma sociedade animal, e portanto rudimentar, pelas seguintes razões: 1.º é de mais facil e limitada observação: 2.º é n'elle muito mais facil e rapida a transmissão d'uma acção d'um ponto para outro, ou a correspondencia das partes que o constituem: 3.º dentro d'uma especie animal não ha as differenças que ha dentro da especie humana, e portanto qualquer individuo nos pôde servir para o estudo da evolução embryonaria, assim como a sua especie nos serviria para o estudo d'uma evolução mais geral mas identica: 4.º porque a lei da concorrencia pôde estudar-se tanto entre as partes

d'um organismo individual como entre os membros d'uma especie.

Enumeramos em primeiro lugar os pontos de semelhança, que são muitos, para depois entrarmos no exame das differenças que existem entre um organismo vivo e uma sociedade.

Neste trabalho temos a valiosissima opinião e observação de Spencer por guia.

O primeiro caracter commum aos dois organismos, que encontramos é o augmento de massa, o crescimento: soffrem os organismos uma certa integração ou durante toda vida, ou durante um certo periodo.

As sociedades crescem até que se dividem ou são absorvidas por outras sociedades mais fortes.

O segundo caracter commum ás duas ordens de organismos é o augmento de volume ser acompanhado da complicação da estrutura. Assim como no rudimento d'um corpo qualquer as partes se não differenciam, se não evidenciam, assim n'uma sociedade em começo os diversos grupos d'unidades não se destacam uns dos outros. Mas á medida que as unidades augmentam de numero começa-se a notar a differenciação das partes, differenciação que se continua até o corpo chegar ao estado em que realisa completamente o typo.

Em terceiro lugar temos as differenças de funcção a corresponder ás differenças de estrutura.

Um membro d'um organismo tem cada uma das suas partes encarregada d'uma determinada funcção. Uma sociedade tem varias classes; uma d'ellas domina as outras, e dentro de si admite, como não podia deixar de admittir, uma divisão de poder, assim como as outras classes admittem dentro em si uma subdivisão nos trabalhos que executam.

Neste ponto poderíamos responder á doutrina de Hæckel que considera o predominio de individuo sobre individuo, em vez de considerar o predominio de classe sobre classe. Desde o momento em que tomámos para comparação um organismo individual qualquer, assim como não podemos tomar em separado uma unidade que entre na constituição d'uma parte, tambem não podemos considerar na sociedade um individuo separado d'outros individuos que com elle actuam n'um certo sentido. Não devemos tomar em conta uma cellula em vez do corpo que ella com outras forma. Um ser eleito ordinariamente só faz sentir a sua acção com a d'outros que por um concurso de qualidades se lhe aproximam.

Posto isto continuemos seguindo a linha de comparação.

O quarto ponto de contacto que encontramos entre um organismo e uma

sociedade consiste—na interdependencia de differenciações.

Assim a transformação d'uma parte traz consigo a transformação d'outra.

N'um ser inferior todo o corpo á uma executa todos os trabalhos; quando n'um typo mais perfeito apparecem orgãos para executar um grupo de funcções como quando por exemplo se desenvolvem os orgãos de locomoção é necessario que a parte de trabalho que estes orgãos desempenhavam seja executada por outros; é preciso que as funcções de nutrição que elles em parte executavam fiquem a cargo d'outro que os alimente etc.

O mesmo se dá n'uma sociedade. Ao principio todos são ou caçadores ou guerreiros; depois formam-se corpos para executar trabalhos differentes e é preciso que outros se encarreguem depois do trabalho que antes era por todos realisado.

Em virtude da lei da divisão physiologica do trabalho a paragem ou interrupção do trabalho d'um orgão traz consigo a interrupção ou a destruição do trabalho geral.

A interrupção das funcções pulmonares, por exemplo, prejudica o trabalho do organismo inteiro.

Em virtude da lei de divisão sociologica do trabalho a interrupção do trabalho d'uma classe vae repercutir-se em todas as outras. Os fabricantes de vestuarios desde o momento em que os fabricantes de tecidos suspendam o seu trabalho não podem produzir.

Temos ainda mais duas analogias entre os organismos vivos e as sociedades.

Qualquer d'estes corpos é constituído por unidades que têm vida propria.

E as acções combinadas d'estas partes mutuamente dependentes constituem a vida do conjuncto.

Assim como na superficie mucosa d'um orgão qualquer ha cellulas que accusam uma vida propria, assim n'um organismo social ha unidades humanas mais ou menos independentes e livres e com uma vida propria.

Temos finalmente em sexto lugar o caracter commum da relação, que na existencia social e na existencia organica une a vida das unidades á do agregado: destruição do agregado sem a destruição completa das partes, e *vice-versa*.

Exemplifiquemos.

N'um animal de sangue frio a cessação de vida deixa ainda algumas partes e orgãos em movimento durante certo tempo. Numa sociedade uma conquista, uma transformação brusca pôde fazer parar a actividade commercial e os actos coordenados do governo, que constituem uma vida geral, sem que por isto as acções de todas as unidades cessem.

As que estão situadas longe do theatro de lucta podem sobreviver por algum tempo.

Agora o caso contrario.

N'um corpo as diversas cellulas quando são gastas no trabalho são substituidas por outras sem prejuizo.

N'uma sociedade ou corporação a falta d'um individuo que é substituido por outro tambem não detem o trabalho.

Vejamos agora as dissemelhanças.

A primeira objecção que se apresenta é que as partes d'um organismo vivo formam um todo concreto, e as d'um organismo social formam um todo discreto.

Esta objecção não é tão forte como á primeira vista póde parecer, porque analysando bem, vemos que o corpo vivo se compõe de partes mais vivas e d'outras que recebendo das primeiras a existencia e sustentação, accusam contudo muito menos vitalidade.

As cellulas que se formam na camada protoplasmica da pelle tornam-se depois inertes.

N'uma sociedade tambem podemos considerar além das unidades que têm mais vida, além das unidades humanas, outras menos elevadas que têm com as primeiras mais ou menos relação, e que são indispensaveis na sociedade. Referimos-nos aos animaes e aos vegetaes. Evidentemente a flóra e a fauna exercem grande influencia em qualquer grupo social.

Ha pois n'um e n'outro organismo continuidade não só entre as partes superiores, mas entre estes e outras muito inferiores.

Se a diferença que acabamos de apresentar não é tão decisiva como á primeira vista parece, ha outra que tambem a até certo ponto destruida.

Póde objectar-se que se um corpo social não é, e evidentemente não é, tão concreto como um corpo vivo, as acções d'uns membros do corpo social são intransmissiveis para outros.

Mas se nos corpos organicos a transmissão de parte a parte se opéra por meio das moleculas, nas sociedades a transmissão opera-se pelos meios multiplos da linguagem.

Apresentámos duas diferenças mais ou menos attenuadas. Agora vamos apresentar a que é mais conclusiva.

Diz Spencer «ainda que o estado discreto d'um organismo social não impeça a subdivisão das funções e a dependencia mutua das partes, esse estado obsta a uma diferenciação tão grande que faça com que uma parte se torne um órgão de sentimento e pensamento, enquanto que outra fique insensivel.» N'um organismo particular ha e póde haver uma distribuição desigual de certas qualidades. O systema nervoso domina, e tem o exclusivo monopolio das qualidades superiores. Na sociedade não se póde admitir que umas partes trabalhem exclusivamente em favor d'outras.

Não se póde dizer que uma classe tem a sensibilidade, tem a intelligencia, enquanto que outras executam um trabalho perfeitamente mechanico. Diz mais Spencer «... se os órgãos reguladores do organismo social tendem, como os do organismo individual, a tornar-se a sede da sensibilidade, a falta de cohesão phisica que dá a fixidez á função oppõe obstaculo a esta tendencia; ha ainda outra causa d'obstaculo: e é que a sensibilidade é para as unidades votadas ao traba-

lho mechanico uma necessidade permanente para o cumprimento das suas funções.»

Esta diferença, como vemos, é a mais capital.

N'um d'estes organismos a consciencia está n'uma pequena parte do agregado, n'outro está espalhada por todos os membros, que têm direito á felicidade ou participação de bem estar. A sociedade existe em proveito dos seus membros e não estes em proveito da sociedade.

Podemos condensar em duas regras estas profundas observações de Herbert Spencer.

1.º N'um organismo individual a interdependencia das partes e das funções d'essas partes ou órgãos, tem como effeito o predominio exclusivo do systema nervoso.

2.º N'um organismo social a interdependencia das partes e das funções d'essas partes constituidas em órgãos tem como effeito o proveito ou participação cada vez maior de todas essas partes ou unidades humanas no bem estar e felicidade.

Em frente d'estas leis parece-nos que a theoria de Haeckel é injusta:

1.º porque, como já dissemos parte d'uma consideração individual, ou só da influencia egoista sem attender a acção aperfeiçoadora e attenuadora que a sociedade exerce sobre o que ha de animal no individuo.

2.º porque defendendo a aristocracia ha de defender a classe privilegiada; e esta é inadmissivel pois que qualquer unidade desde o momento em que se aperfeiçoa póde, pelo deslocamento, que é peculiar a uma unidade social qualquer, passar d'um órgão ou classe para outra.

3.º porque parece admitir diferentes gradações de recompensa social, quando se deve considerar tão recompensavel o trabalho que executa o aparelho productor, como o que executa o aparelho distribuidor, como o do aparelho regulador.

Parece-nos que a definição que demos de democracia se harmonisa com as observações de Spencer que acompanhámos, por isso que as qualidades superiores em qualquer das classes de trabalhos apontadas vão melhorar o bem estar geral—fim da democracia—, impedindo e vencendo o predominio de classes estereis, que só tenham virtude historica.

A realza

Ella deixou de ser um bem para ser um mal. Perdeu o seu caracter de utilidade para se converter em elemento de resistencia ao progressivo desenvolvimento dos povos.

Quando na idade media a sociedade se achava envolta na anarchia mais desordenada, quando a nação se via retalhada, campeando os despotismos feudaes, então a realza, symbolizando a ordem, reunia os elementos dispersos e esforçava-se na grande obra do nivelamento das condições. O dynasta auxiliado pelas communas, cerceava o poder de um sem numero de tyranos existentes em nome do feudalismo, e assim assumia o desempenho de um papel importante. O absolutismo dos seculos XVI e XVII era inquestionavelmente preferivel ao despotismo feudal dos seculos precedentes.

Mas a forma monarchica absoluta determinada por varias circunstancias especiaes devia desaparecer, quando o desenvolvimento da civilização trouxesse o conhecimento intimo de quanto esse governo era incom-

pativel com a justiça, com a razão e com a dignidade humana.

As proprias dynastias comprehendem que o seu direito não era fundamentado, e mais accentuada se torna esta comprehensão, quando a voz da sciencia lhes patenteia todos os erros philosophicos economicos e sociais em que se baseam.

Como poderia o facto do nascimento legitimo o poder de um homem sobre os outros, sobre a sua propriedade e até sobre a sua vida?

Foi então que os monarchas acostados ao poder da igreja conceberam a idéa salvadora de se tornarem delegados da Divindade; e em nome d'ella transformam-se em representantes do ceu aquelles que foram verdadeiros flagellos dos povos.

Carlos IX que arcabusava os inermes calvinistas das janellas do Louvre, Luiz XIV que revogava o edicto de Nantes, o devasso Luiz XV, todos representam sobre a terra o poder conferido por Deus mais ou menos assegurado pela preponderancia romana, agora fiel aliada das monarchias por virtude das circunstancias que presidiam ao facto da Europa do Norte se lhe subtrahir ao seu imperio.

Rousseau condemnando a forma monarchica, sustentava que só a nação tinha o direito de se governar: ser rei era um crime social e politico, o monarcha era um usurpador dos direitos que por natureza pertenciam a todos os homens. Como a França, as demais nações europeas leram as suas obras, as de Montesquieu e Voltaire, que vem como que em apostolado sublime excitar progressivamente os resentimentos das classes escravizadas.

Os povos deixam de ver a realza como entidade destinada a mandar por delegação divina; destroem-lhe o berço cercado de constellações de estrellas, negam-lhe os direitos de familia, e nem sequer lhe reservam a doçura da morte só comparavel á dos anjos para a verem soltar o ultimo suspiro por entre as agonias de cadafalso.

Era o paria, o aborto desprezível no correr dos tempos que se levantava á altura da sua dignidade individual, que reconhecia a sua propria força para obrar prodigios que as gerações futuras deviam admirar.

E no meio de uma luta grandiosa entre a republica e a monarchia, entre o direito e o privilegio crescia um sem numero de victimas sacrificadas em nome da injustiça, da torpeza e devassidão monarchica.

Factos que se comparem aos referidos temol-os tambem entre nós, e não faltará occasião para os trazermos o lume.

O que é indubitavel, o que se vê é que, ao lado da realza, estão os grandes crimes.

Não obstante ainda ha homens, que, ouvindo apenas a voz do mais torpe egoismo, tentam, posto que de um modo verdadeiramente miseravel, mostrar a facil conciliação que existe entre a realza e a idéa democratica!

Mas não; analysemos os factos que nos refere a historia com toda a sua austeridade incorruptivel para acharmos que os reis odeiam por instincto as reformas politicas, mormente quando se apresentam n'um sentido amplamente liberal, por que é sob esta forma que vão directamente aniquillar os seus poderes, destruir o privilegio que os seculos de ignorancia lhes conferiram com mão larga.

Haja vista ás constituições elaboradas pelos povos: ellas tem para os dynastas todo o horror dos espectros: só as aceitam em presença das circunstancias, mas aguardam a occasião opportuna em que as possam substituir por outras que outorgam, e que são o sophisma, ou absurdo em que baseiam todo o seu poder condemnado pela sciencia e pela propria dignidade popular.

Exemplos a registrar temol-os entre nós. As nossas constituições mais democraticas jazem sepultadas no pó do esquecimento, desterradas, para se ostentar ali vergonhosamente a carta d'alforria dada por considerações de interesses pessoases.

Convençamo-nos de uma vez para sempre de que o povo não carece de concessões dos reis para se governar, e de que a monarchia nos tem illudido e ludibriado n'aquillo que no homem deve ser mais digno de respeito — a realização dos seus direitos na sua maior amplitude.

A realza absoluta terminou no seculo XVIII, a constitucional que atravessa uma phase de paroxismos deve morrer no seculo XIX.

Estão bem presentes os factos de Carlos X, de Luiz Filipe e Isabel para que ligados com todos aquelles de que tem sido theatro a nossa terra, nos convençamos de que nunca póde haver união entre a monarchia e a democracia.

E nem se quer se diga que devemos ser monarchicos porque a Europa inteira o é por tradição.

Isto que é aphorismo de grande peso para muitos, não o é de certo para os que conhecem a elevação moral e intellectual dos povos de hoje.

As constituições methaphysicas e theologicas são verdadeiramente incompativeis com a moderna civilização europea.

Os proprios reis tem perfeitamente accentuada a comprehensão d'essa incompatibilidade.

É ver como os monarchas do Norte procuram por todos os meios estabelecer uma firme aliança com os reinos do Sul.

O autocrata das Russias abraça fraternalmente seu primo Guilherme. O imperador d'Austria como que esquecido de Sadowa estreita suas relações com os proprios rivales.

Todos olham tremulos para a França como no principio d'este seculo, os monarchas tremiam de horror e odio ao presenciarem o tragico fim de Luiz XVI.

Mas que importam tantos meios empregados, tantas intrigas de reis que ainda hontem inimigos irreconciliaveis, procuram hoje achar na união o salvamento do perigo commum?

A Sancta Alliança, apesar de sustentada pelos cossacos de Alexandre VI dissolve-se, extingue-se como o ultimo vapor de uma crenga chimerica, e o czar perde com a ultima vasca de uma morte horrerosa a esperança de poder realizar a sua aspiração permanente — o restabelecimento do poder absoluto.

Nada importam os odios reaes, nem a aversão dos que vivem á sombra do throno em repasto abundante para que a idéa democratica não va dia a dia tomando proporções colossaes, para que a republica como consequencia natural do principio, que progride assombrosamente não seja entre nós como entre outros povos a forma de governo estabelecida em breve.

Tambem no principio d'este seculo a revolução teve um triumpho esplendido, e contudo foi immensa a guerra que lhe moveram todos os representantes das instituições caducas.

O segredo da sua força invencivel estava no desequilibrio notado entre o nivel moral e intellectual da sociedade e a velha forma de governo completamente incompativel com a civilização de então.

Nunca honve união tão intima entre os monarchas, nunca foi maior o sacrificio de tantos soldados, nunca se consumiram tantos milhoes, e apesar de tudo, o immenso facho da revolução illuminou a Europa inteira.

O mesmo succederá hoje: o nivel da sociedade exige uma outra forma de governo, e a despeito de todos os rancores hereditarios, de todo o apego ás velharias irracionais, os povos acharão em si a mesma força dos heroes do passado para destruirem obstaculos e aniquilarem opposições sempre encontradas no caminho que leva á realização dos seus direitos mais sagrados.

A reforma do seculo XVI liberta a consciencia embrutecida e abre novos e amplos horizontes á razão e á sciencia.

No seculo XVII a philosophia Carteziana e Baconiana, desprezendo o pensamento das sbilidades escolasticas, trazem ao espirito humano uma nova vida. No seculo XVIII, os encyclopedistas, lutando corajosos com o passado conduzem por varios meios á revolução de que sahio o governo constitucional.

Cada seculo tem a sua missão a cumprir: a do seculo XIX é estabelecer a forma republicana mais em harmonia com a razão, com o direito, com a dignidade dos povos, e perfeitamente compativel com o presente de grande civilização.

CHRISTUS NATUS EST NOBIS

Ha dois mil annos já que o filho de Maria, erguendo a fronte andaz em face á corrupção, gritou á plebe, ao pé da cruz — esmaga a tyrannia! gritou ao vil escravo — esmaga a escravidão!

Ha dois mil annos, sim! E o povo dorme! Dorme, embalado a sonhar no grito de Jesus; e vê a tyrannia erguendo o vulto enorme e louco, vae rojar-se humilde aos pés da cruz!

Homem, louco immortal, levanta a fronte e escuta a dor da humanidade! Encara o nobre exemplo do pareo que morreu... Ergue-te, vive, lucha e expulsa d'uma vez os vendilhões do templo!

Coimbra HENRIQUE PEREIRA.

As nossas Colonias

O ministerio regenerador fez o tractado de Lourenço Marques; o ministerio progressista que lhe succedeu aceitou-o, depois de se ter servido d'elle como meio para subir ao poder; declarando por via dos seus órgãos na imprensa que era máu, que era detestável, que trazia consigo a alinação de uma das nossas melhores colonias; e, todavia chegado ao poder só tem em vista, para alcançar os bons officios do Paço, conseguir a sua approvação pela camara, que era obra creada á sua imagem e similitude. Não o consegue, porque receia o povo que começa a comprehender os seus direitos e não quer consentir que o que lhe pertence, e representa as esforços de muitas gerações precedentes, seja malbaratado para satisfazer desejos, que não são, que não podem ser os seus.

É adiado o tratado, porque o povo disse: não dou o que me pertence, embora os que se dizem meus representantes o queiram fazer. E pensamos nós de boa fé, que não tinha existido carta alguma para a rainha Victoria; que o governo simplesmente accedia á vontade do povo e que o tractado não seria só adiado, mas mais tarde annullado.

Enganamo-nos. O tractado será apresentado na proxima reunião de camaras, e ouzamos dizelo, será approved; porque a omnipotencia do sr. Fontes se ha de impôr aos seus partidarios, ou antes commensaes; e succeda o que succeder o tractado será aceite pelos seus satellites; não o duvidamos.

É certo que o tractado hoje não tem razão de ser pois que o Transval que era uma colonia ingleza, objectivo aparente do tractado, é hoje um paiz autonomo, e portanto se alguma combinação se deve fazer, é com esse paiz e não com a nossa *fiel aliada*.

Assim o comprehendem todos os homens de boa vontade que veneram as tradições do passado e almejam pelo progresso das nossas colonias no futuro.

Não podemos deixar de admirar a coherencia dos nossos governantes! Hontem reivindicava Lourenço Marques ou Alagoa Bay, (que os nossos aliados tudo *britanizam*) para hoje lhes entregar esta importante colonia, esta magnifica bahia, o melhor porto da Africa oriental e não só ella, mas a Zambezia; que não significa outra coisa o tractado de Lourenço Marques.

Dizem alguns: A Inglaterra a troco d'este tractado confirmará os nossos direitos aos terrenos comprehendidos entre o rio Loge e a margem esquerda do Rio Zaire!

Como é boa e generosa a nossa *boa aliada*! Dá-nos o que é *nosso*, e mais ainda tira-nos Cabinda e Molembo. É de agradecer!

A carta constitucional diz no art. 2.º. O seu territorio forma o reino de Portugal, e Algarves, e comprende na Africa occidental Bissau e Cacheu; na costa da Mina, o forte do S. João Baptista d'Ajuda, Angola, Cabinda e Molembo etc. etc.

Mas a Inglaterra tira-nos a Zambezia, a região da Africa occidental comprehendida entre a margem direita do Zaire e o rio Loango Lusó; e nós porque ella *nos dá* o que nos pertence, e de ha muito é nosso; o terreno comprehendido entre o Loge e o Zaire devemos congratular-nos, e entusiasmados bradar viva a nossa generosa aliada! vivam os nossos bons governos! e viva não sabemos mais o que!

É demais, é tudo isto causa nojo! É preciso que o povo esteja vigilante,

continue a olhar pelos seus direitos, e quando algum se lembre de fazer voltar ás camaras o celebre tractado de Lourenço Marques, lhe diga: não o aceitamos e faça tornar bem patente a responsabilidade de tal tratado, vá ella recahir sobre quem for.

É já tempo de pôrmos um termo aos abusos que os nossos governos cometeram, comettem, e cometerão, se os negocios do paiz continuarem a ser geridos pela forma porque o tem sido até hoje.

NUVEM

(L)

É como um lago quieto, de crystal, Onde se espelha a face avelludada D'uma flôr esquisita e delicada, Que se ostenta na riba marginal;

O meu seio, mulher, onde descança A flôr mais ideal da minha esperança.

Quando o vento, soluça tristemente, Como um impio, talvez, na sua dor Desfaz-se emurchecida a pobre flôr, E perturba-se o lago transparente...

Socega o temporal e bonansoso O lago é como o ceu, azul, formoso.

No meu seio, mulher, já não descança A flôr mais ideal da minha esperança.

Porto, dezembro de 1881.

CLAUDIO RUIVO.

CHRONICA

Para tudo se revoltar contra mim, até o tempo nos apparece lacrimoso e triste, chorando não sei que desditas. Ainda, quando ha dias alegres e claros, em que o sol nos inunda e vem, risonho e presenteiro, esteirar de luz o nosso caminho, então lá se formam grupos, que dizem alguma coisa, onde pôde ouvir-se uma novidade, que projectam um passeio, que *vivem*, n'uma palavra. Mas no tempo dos aguaceiros, como agora por exemplo em que a chuva monotona está lavando a vidraça da minha janella? as ruas parecem salas de baile, pela facilidade, com que se deslisa. Uma unica differença é que na sala, há o encanto da musica, a scintillação de bons dietos, o delirio d'uma walsa etc, e na rua? deslisa, amigo, deslisa, e contar-me-has o resultado...

Ora, não havendo assumpto palpitante de novidade, vamos respigar entre os menos antigos, alguns de maior sensação.

Supponho que não julgarás offendida a tua modestia, por eu pensar que te diz respeito uma noticia, interessante para todos que estudam e que trabalham. Quero fallar-te d'uma obra importantissima, que, ha pouco, deu entrada no mundo scientifico de Paris. Dizendo-te que estuda a *hygiene do gabinete de trabalho*, e é este o titulo, manifestei claramente quanto importa conhecê-la e quanto é util seguil-a. De certo, não ignoras a phrase bem conhecida: *O homem é o producto do meio em que vive*. Se na maneira geral de exprimir, ha exagero porque se põe de parte o elemento hereditario, é indubitavel que encerram aquellas palavras merecida homenagem á influencia que sobre nós exercem as condições em que vivemos.

Parece-me, portanto, leitor estimado, que (declaro abertamente que não faço *reclame*) procederias muito ajuizadamente, se ao estabeleceres o teu escriptorio de advogado, o teu gabinete de sabio, o teu *atelier* d'artista, recorresses á licção d'aquelle livro.

Elle indica-te, por exemplo, a distribuição de luz, que mais horas te permite de trabalho; aconselha-te a melhor maneira de conservares o ambiente na temperatura devida; apresenta-te o plano, segundo o qual pôdes ter melhor mobilado, mais agradável, e hygienicamente, o teu pequeno gabinete; elucida-te sobre as cores que devem alli predominar; finalmente habilita-te, seguindo-o a regulares da maneira mais digna e sensa-

ta tudo quanto, pela influencia mesologica, pôde actuar no teu trabalho mental. Como vês, é precioso. Pois bem, previno-te — estou nos meus dias de desinteresse e dedicação — de que só aceito como recompensa, a noticia de que confiaste no livro e que elle correspondeu á tua confiança, com uma boa dose de methodo, saúde, e disciplina adquirida na pratica dos seus conselhos.

Quizera fallar-te do venerando Visconde que ha pouco ainda representava uma das nossas glorias — a revolução de 1820.

Já é tarde, porém; nada direi. Eu creio bem que, semelhante ao phenomeno luminoso, que o seu corpo causará talvez sobre o chão do cemiterio, ha de o seu espirito pela phosphorescencia d'aquelle grande talento e d'aquelle character inflexivel, illuminar tambem a pagina das edades. Quanto a nós, para merecermos a consagração da historia, basta que sejamos tanto do nosso tempo como elle soube prestar homenagem á epocha que o viu nascer.

Trabalha-se em Lisboa — e com um affan, que merece os maiores elogios — para commemorar o centenario do Marquez de Pombal.

Eu quero suppôr que a academia não cruzará os braços e ha de vincular o seu nome á historia honrosissima d'aquelle brilhante manifestação.

Quem pretender biographar este grande vulto do seculo 18.º terá de fazer um estudo muito complexo; mas uma das suas feições mais vivamente accentuadas é, de certo, a maneira energica como soube affastar a influencia jesuitica. E o preito que se deve ao Marquez de Pombal — porque é um dever protestar bem alto contra as idéas, que elle soube combater, tão vigoroso — mira principalmente á affirmação de que, sabendo exercer a tolerancia, sabemos tambem conservar illesos os nossos direitos de liberdade e independencia, na accepção scientifica d'estas palavras.

Não offenderei o vosso brio de academicos, julgando necessario pedir que desempenheis n'um acto de tão larga significação o papel que compete á mocidade. Ella deve saber impôr-se pela elevação dos intuitos e pela nobreza do procedimento.

Faço justiça á tempera do seu character, e espero.

Estamos em ferias de natal. Quer sejam gozadas no alegre bulicio dos salões, ao som da musica que nos convida a sollicitar d'uma dama (que tu bem conheces, conquistador feliz...) a honra d'uma quadrilha; quer seja n'uma vasta cosinha patriarchal, ouvindo crepitar o fogo na lareira e seguindo com a vista a derrota do lume no velho tronco, que é usança sacrificar, n'aquellas noites, é certo que não conheço ferias de maior encanto, d'uma tranquillidade mais serena e feliz. Para mim, pelo menos, o natal, passado em familia, é como que uma ablução que purifica pequeninas fraquezas, que muitas vezes pretendem avassallar o espirito. Amigo leitor, quando voltares, alegre e com saúde, vem com a maxima tensão de vontade, para que recomences, cheio de enthusiasmo, a tua tarefa gloriosa e digna. Eu tractarei do mesmo.

Por agora, faço-te as minhas despedidas. Adeus, e se feliz.

BABINET.

CAMARA OPTICA

No meio esteril, acanhado, rachitico, em que a nossa penna vae buscar os assumptos, para offerecer á avidéz d'um leitor exigente em materia da novidades, como devem ser os leitores d'um semanario é difficil, e até raro encontrar um, que dissipasse ao mesmo tempo os escrupulos religiosos com que lutamos todas as semanas, quando se trata de encher esta secção que inaugurámos espontaneamente.

Esta difficuldade impõe-se ao nosso espirito como um remorso, domina-nos, intriga-nos e compromette a nossa boa vontade n'esta quadra, em que a politica offerece o aspecto monotonico e triste d'um barco velho, esburacado, vogando n'um mar morto, onde

não ha nem sorvedouros, nem abysmos, nem ondas encapelladas, nem tempestades, enfim nada do que inspirou a Guerra Junqueiro aquelles magnificos alexandrinos do D. João; mas sómente a exhalação miasmatica das aguas estagnadas.

Por aqui pôdes calcular, leitor, os suores frios que humedecem a minha testa, quando peço á imaginação caçada dos labores da semana escolar, uma idéa boa, nova, attraente ou sympathica, para communicar á tua benevola attenção. Eu bem sei que os olhos *rasgados, petulantes* e o perfil artistico, greço de Sophia Menter, ou a voz de Donadro, vibrante, afinada e perfeitamente familiarisada com as mais difficeis partituras, todos esses attractivos de Lisboa elegante ali estão a provocar a minha falta de assumpto, offerecendo-me um thema magnifico para enegrecer a alvura d'estes linguados que tenho deante de mim.

Por outro lado se eu quizesse observar com o meu *binoculo* a physionomia immovel, a impassibilidade nunca desmentida do *homem que não ri*, talvez conseguisse descortinar n'aquella nebulosa *alguma cousa que anda no ar*, pelo menos a Aguia Branca da Russia. Ou então bastava tambem abrir a *carta adorada*, observá-la com o microscopio da critica philosophica, e depois desenrolar perante a tua prespicacia os mil sophismas, as innumerables valvulas, que n'aquelle *apparelho constitucional* dão saída franca e livre a todos os erros, a todos os absurdos dos nossos politicos *gazosos*.

Mas eu hoje queria affastar a minha pobre penna d'esses lodagões, onde porventura terá muitas vezes de ir buscar assumpto, quero dar-te uma noticia fresca, palpitante, que te exalte as tuas crenças, e te alegre o espirito pelo pensamento que traduz. Por isso direi parodiando Thomaz Ribeiro na Indiana:

«Fujamos d'aquella casa, Onde já Deus não mora.»

Sim fujamos da politica, onde não é possível encontrar coisa alguma nas condições desejadas.

Ahi vae em primeira mão. Na ultima sessão da assembleia geral da Associação Academica, d'esta cidade foi approvada uma proposta para haver no domingo 18 do corrente, uma reunião magna de todos os estudantes de Lisboa, na qual se tratasse de nomear uma commissão encarregada de realizar qualquer manifestação em Maio d'este anno lectivo por occasião do centenario do Marquez de Pombal.

Esta idéa que já ha muito existia latente na Academia de Lisboa, e que ahi tambem de certo germina impõe-se á sympathia de todos quantos consideram o governo de Pombal como derradeiro lampejo da nossa grandeza passada. A academia portugueza, dando a este pensamento uma realisação condigna, prova bem o sentimento que anima a geração de hoje, geração de fortes, que tem deante de si o enorme dever e a tremenda responsabilidade do futuro d'este paiz. Investir com os rotineiros carumebosos que para ahi se ostentam de mãos dadas com os jesuitas, mostrando ao mesmo tempo que se possui uma elevada noção da dignidade civica é um brilhante exemplo que só podia brotar das almas sinceras e entusiasmaticas dos moços trabalhadores da sciencia.....

Hurrah!!! pela academia!!!

BINOCULO.

LISBOA

13 de dezembro de 1881

A publicação d'um jornal republicano n'essa cidade é um facto que me regosija immenso e que deve igualmente regosijar todos os republicanos; tornava-se necessario que algum protestasse contra umas certas leviandades que parte da academia de Coimbra tem praticado ultimamente e que ainda actualmente practica, quando se refere em termos menos justos ao nosso collega *O Seculo*, como acabam os de ver na *Porta-Ferreira*.

A actual geração academica de Coimbra necessitava ter um órgão seu na imprensa

onde affirmasse as suas convicções democraticas, onde manifestasse perante o paiz, que espera d'ella muito, que ha ali tambem quem se interesse pelo movimento politico.

Comprehenderam-no assim alguns academicos, e apresentam-nos um semanario desassombadamente republicano e esplendidamente redigido — *A Evolução*.

Permitti que vos saude, como a moços cheios de vida e de aspirações generosas, que se interessam pelo futuro da sua patria, e que procurando cumprir o que prometti, envie por hoje uma meia duzia de noticias que julgo interessantes.

N'estas ferias politicas que geralmente precedem a abertura do parlamento, qual quer assumpto que apparece é logo tomado pela imprensa, e ella tracta de o explorar quanto pôde para sustentar os leitores. N'esta semana temos o caso Gomes Leal e o caso de Grandola. Quanto ao primeiro temos simplesmente que observar duas cousas, visto que todos os episodios a elle relativos são já demasiadamente sabidos. Lamentamos, ao mesmo tempo que nos repugna, que a imprensa tenha feito *blague* com o attentado de que se diz victima o poeta do *Renegado* e da *Traição*; a missão da imprensa n'um caso d'estes, era insistir com a policia para que descobrisse os auctores do attentado contra um cidadão d'este paiz, quer elle tenha atacado as instituições quer não. A imprensa monarchica seguindo este caminho faz suppor que applaude o acto, que a julgar pelas circumstancias referidas pelo *Diario de Noticias*, foi cobarde e traçoeiro. Por outro lado—tambem nos parece que Gomes Leal e o seu companheiro teriam posto termo a toda a questão narrando cathogorica e comprovadamente o que lhes havia succedido, não deixando margem a quaesquer duvidas. Que Gomes Leal foi ferido, não nos resta duvida alguma, porque o vimos; se o attentado foi premeditado ou se foi de momento, ignoramol-o.

Outro caso, o de Grandola, é grave, e podem os desatinos do sr. Arrobos levar aquella população, que até aqui vivia feliz e independente e comprehendendo bem os seus deveres, a praticar quaesquer actos violentos, que serão justificados porque essa população practica-os em sua legitima defesa.

As arbitrariedades de que os municipios grandolenses têm sido victimas e que têm sido narradas no *Seculo* pelo nosso honrado correligionario e digno presidente da camara municipal d'aquelle concelho, devem ser repellidas com energia, e mostrar ao governo e ao sr. Arrobos que o povo de Grandola tem aquella camara municipal porque quer.

Domingo verificar-se-ha uma reunião academica, no edificio da Escola Polytechnica, com o fim de resolverem sobre o modo de ser commemorado o centenario do Marquez de Pombal.

Consta-nos que alguns membros do partido republicano tractam novamente da organização d'um directorio, para o que tem sido já feitas algumas reuniões.

Ouvimos dizer que será primeiramente convocado um congresso de representantes de todos os centros e jornaes republicanos do paiz e que d'esse congresso sahira então a eleição do directorio. Achamos este alvitre bom e devemos todos desejar que elle tenha a sua realisação practica.

Acabam de nos informar que *O Povo d'Aveiro*, semanario republicano que yae brevemente publicar-se em Aveiro, conta grandes elementos de vida; a empreza adquirio uma typographia propria e o corpo de redacção está sendo escrupulosamente escolhido.

Antonio Furtado.

Opinião da Imprensa

Vanguarda: — *A Evolução*. Com este titulo começou a publicar-se em Coimbra um semanario republicano, cujo primeiro numero sahiu em 27 de novembro findo. As ideias sustentadas n'este periodico acham-se consignadas nos lemmas que rodeam o titulo e que são os seguintes:

«A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.» *Augusto Comte*. «Com os progressos da cultura geral o governo republicano

deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.» *Hartmann*. «Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.» *Herbert Spencer*.

Esta folha é colloborada por muitos escriptores de verdadeiro merito, entre outros por Julio de Mattos, Xavier de Carvalho, Bruno, Xavier Pinheiro, Horario Ferrari, Luiz de Magalhães, Joaquim de Araujo, Gomes Leal, Salazar Moscoso, Abilio Maia, Antonio Feijó, etc.

Desejamos ao novo collega prospera vida.

Progresso do Algarve: — Recebemos e agradecemos o 1.º numero d'um jornal que começou a sua publicação em Coimbra e que tem por titulo — *A Evolução*.

É francamente republicano, traz artigos muito bem escriptos e apresenta uma redacção escolhida.

Felicitemos o novo collega e que goze prospera vida.

Jornal de Vizeu: — *A Evolução*. Recebemos os dois primeiros numeros d'esta folha republicana, redigida e publicada em Coimbra por um grupo de homens competentes.

Desejamos-lhes prosperidades para ter longa existencia.

— Nas suas correspondencias de Coimbra dizem:

A Folha do Povo. Esquecia-me dizer algumas palavras a respeito d'um jornal academico que acaba de ver aqui a luz da publicidade — *A Evolução*.

É um periodico extremamente serio e esplendidamente redigido. Com estes predica-dos deve ter, cremos nós, uma longa e brilhante vida.

Felicitemos, pois, os seus illustres redactores pela generosa idéa que presidiu ao seu empreendimento e pela maneira dignissima como fizeram uma estreia nas lides da imprensa.

— *O Diario da Manhã*. «*A Evolução* procura demonstrar nas suas columnas que a monarchia constitucional é uma forma transitoria para a democracia. Sem concordarmos n'este ponto, affirmamos que insere artigos bem pensados sobre politica, e litteratura.

Parece-me entretanto que ambos os semanarios (o nosso e a *Porta-Ferreira*) não terão muito tempo de vida.

Auguro-lhes a existencia d'uma rosa: *l'espace d'un matin*.

Encontramos-nos na mesma opinião Malherbe e eu.

Longe vá o seu agouro, estimavel correspondente.

REVISTA ESTRANGEIRA

O sr. de Bismarck que pretendeu aproximar-se do partido ultramontano, foi por este repellido e a sua posição em frente do Reichstey não melhorou. Por outro lado as relações da Prussia com a Russia parece-nos esfriarem e é o que concluimos do telegramma que transcrevemos:

Londres, 22, m.

O *Morning-Post* publica um despacho de Berlim affirmando que voltam a estar muito tensas as relações da Allemanha com a Russia.

O sr. de Saburoff foi chamado a S. Petersburg para explicar qual é o fim da missão turca.

A Hespanha que uos de boa fé supposemos entrada no caminho das reformas liberaes hesita em parte da reacção clerical, e longe de progredir, recusa porque sabe que o ultramontanhismo, tem um forte apoio no paço.

Em França terminou o processo Roustam e Rochefort, sendo este absolvido.

NOTICIARIO

O partido *Constituinte* acaba de prometter ao paiz um *manifesto*, onde exhibirá o programma da sua administração politica, se for chamado aos conselhos da corôa,

O sr. Dias Ferreira, chefe do partido de que vimos falando, quando foi ao Porto homologar a sua alliança com o grupo politico, capitaneado pelo sr. de Samodães, indicou ahi, se bem nos recordamos, as bases fundamentais do seu programma administrativo, acerca do qual nós ouvimos queixar alguns correligionarios, distintos pelo seu talento e valia eleitoral, do grave erro politico que no Porto commettera o sr. Dias Ferreira. O pacto jesuitico-politico, fez estremecer as adhesões d'alguns valiosos soldados do partido *constituente*, os quaes diligenciaram ver n'esta alliança outro fim, cujo alcance não pretendemos investigar.

Mas estes fogos-fatuos do partido *constituente* não illudem ninguem; representam apenas um simulacro de valor, porque os partidos, regenerador e progressista entendem-se e aproximam-se, não obstante as suas inimidades, ora surdas, ora declaradas, quando se trata de vencer e suplantiar qualquer elemento que porventura possa hostilizar-os, porque estes partidos não duvidam alliar-se sempre que seja preciso combater e debelar o inimigo commum.

Para quem escreve estas palavras é convicção intima que o partido *constituente* morrerá de cansado, exaustivo, porque realmente incommoda e exaspera julgar-se a gente proximo, muito proximo a *entrar* e ser constantemente repellido por aquelles, que nos empurram para empecer a passagem d'outrem.

Tal suplicio é cruel, e impaciente; perde-se a coragem; desfalece-se, e vem ainda o ultimo arranco que, no cazo sujeito, é o apregoado *manifesto*.

O *poder* é e será sempre para os *constituente* uma miragem; nada mais e nada menos.

Podem dizer-nos que o partido *constituente* tem feito um *recrutamento* importante, mórmente no *estado maior*; que importa isso, se essas novas forças, reunidas ás já existentes ainda não possuem uma tensão capaz de vencer nem sequer equilibrar a resistencia que lhes oppoem o paço, os regeneradores e progressistas? A energia d'esta resistencia snbsistirá inalteravel; a sua duração depende da conservação malefica d'estes tres elementos que guerreem a todo o transe o partido *constituente*, porque estão profundamente convencidos de que o sr. Dias Ferreira, uma vez em posse do malhete, só o abandonaria a tiros de dynamite.

Não lhes convém as redeas do governo nas mãos do chefe do partido *constituente*, e por isso julgamos incommensuravel a distancia que separa este partido dos tão invejados attractivos da *publica administração*.

Entendemos pois que ao partido *constituente* resta apenas um alvitre aceitavel: — combater com a maxima lealdade e energia os partidos monarchicos, alistar-se com dedicação provada na causa do povo, repellir as conveniencias reaccionarias e enfileirar-se no partido republicano, que tem por si a maioria do paiz.

Se o partido *constituente* não adoptar esta norma de proceder, ficará indefinidamente meio de passagem, simples degráu, sem lograr jámais o seu desideratum, *monarchicamente* considerado.

Falleceu no Porto o pae do nosso estimado amigo Leopoldo Mourão.

O finado era um dos mais distinctos advogados portuenses.

A seu filho enviamos os nossos sinceros pesames.

Recebemos e agradecemos a GANASTILHA INFANTIL, *gaceta illustrada para recreo, instrucção y utilidad práctica de los minos y de las madres*.

Este magnifico jornal excellentemente impresso, tendo uma gravura colorida á parte publica-se em Paris no dia 15 de cada mez.

Preço na Europa, por anno 5 pesetas; com figuras e debuxos 7 pesetas.

Assistimos na quarta feira á recita *particular* dada pela Sociedade Dramatica *Philantropico-Coimbricensis*.

Esta Sociedade composta de artistas, alguns dos quaes de muito merecimento, dá de trez em trez recitas uma representação cujo producto reveste em beneficio da Sociedade *Philantropico-Academico*.

Foi a scena o *Sargento-Mór de Villar*, cujo desempenho nada deixou a desejar da parte de alguns dos interpretes. Especialisaremos os srs. Adelino Veiga, Santos, Lucas, Antonio Sanhudo, e a sr.ª Julia Arminda.

Sentimos que o pouco espaço de que dispomos não nos permitta occupar-nos desenvolvidamente d'este assumpto.

Agradecemos o bilhete com que fomos brindados e felicitamos os distinctos amadores que ás nobres e generosas qualidades do seu coração reúnem eminentes meritos artisticos.

Aos leitores d'este jornal e aos nossos estimados colloboradores Antonio Furtado e *Binoculo* pedimos desculpa da demora que houve na publicação dos seus artigos. Esta delonga fez com que perdessem o caracter natioso, não, porém, o merito intrinseco que possuem.

Ao nosso estimavel collega *O Seculo* agradecemos as transcripções que fez do nosso jornal e as palavras lisongeiras que nos dirigiu.

A imbecilidade dos nossos governantes é muitas vezes a causa de que grandes committimentos não tenham bom resultado.

Por iniciativa da sociedade de geographia de Lisboa resolveu o governo fundar na Africa estações civilisadoras, á similhança da Belgica, que infelizmente nós deu o exemplo; procurou homens com conhecimento das localidades e do caracter das populações indigenas; e até agora, que nós sabemos, só tinha nomeado chefe da estação civilisadora do Zaire o sr. Nuno Queriol, digno official da armada; que, contente, acceitou; porque ia trabalhar em prol do seu paiz, deixando o conforto e doce remanso da familia, e esquecendo os incommodos, as doencas, os trabalhos de quem vive n'aquellas regiões, por s. ex.ª já experimentados. Pois bem; o governo por meio, pensa nos nós, de não poucas desconsiderações obriga este distincto official a pedir a sua demissão de tal cargo; ordena que um outro official seu filho — assista e superintenda na construção d'um vapor que não ha de commandar, e que será destinado a regiões, que *talez* este official desconheça — 2.º que este official seja nomeado commandante do vapor *Vilhena* para poder vir a Lisboa passar a epocha de S. Carlos!

É de mais!

Não admiramos que as nossas colonias decáiam, que as nossas estações civilisadoras fiquem em embryão, que o paiz se mostre indifferente ao apello da sociedade de geographia de Lisboa, quando vemos os altos poderes do Estado serem os primeiros a descurar os interesses das colonias e pertenderem mostrar-nos que ellas só são boas para a venda.

Desejavamos saber se o official que vem a Lisboa commandar o vapor *Vilhena* o levará tambem para a Africa e alli se conservará o tempo marcado para sua estadia.

Duvidamos; porque no verão pôde viver-se em Londres.

São coisas nossas!

Houve, segundo nos consta, grave desordem nas proximidades da rua da Sophia. Dizem-nos que um policia, cujo numero ignoramos, procedeu menos briosamente.

A abertura da exposição d'arte ornamental deve verificar-se no dia 12 de janeiro assistindo a este acto os reis de Portugal e Hespanha. O nosso ministro em Hespanha já entregou a respectiva carta de convite a D. Afonso XII.

Partiu d'esta para a cidade de Braga a passar as ferias do Natal o nosso amigo João Baptista Martins Jorge.



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient. 1.º pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. Comte, Cours de Philosophie positive, t. 6, pag. 298.

N.º 6

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 1 DE JANEIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

EXPEDIENTE

Encarregam-se de receber a importância das assignaturas da 'Evolução' em Tavira o sr. Sebastião Galvão e em Lagoa o sr. Domingos Faria.

Os srs. assignantes das localidades onde não temos correspondente, obsequiem-nos enviando em estampilhas a importância de suas assignaturas á Administração da 'Evolução', na Couraça dos Apostolos 29, 3.º.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria do sr. João José Baptista, Kiosque do Rocio.

O PARTIDO REPUBLICANO

Como os nossos leitores já sabem trata-se de organizar o partido republicano portuguez, subordinando a sua acção a um directorio commum a todos os centros republicanos.

Este facto suggere-nos algumas considerações, que vamos expôr.

As idéas que defendemos acham-se profundamente radicadas em Portugal, e o partido que as acceita e propaga é hoje fortissimo, porque se compõe dos elementos mais sinceros e dignos com que a nação portugueza pôde contar.

Assim é e assim devia ser. As fórmulas de governo que não teem uma base scientifica vivem quasi sempre do prestigio dos seus adeptos ou da corrupção dos governados. Napoleão III imperou na França com o systema de corrupção que tornou celebre a sua epocha, e Victor Manuel reinou sem contestação na Italia com o prestigio do seu nome e a gloria da sua espada.

Em Portugal os actos do sr. D. Luiz são discutidos na imprensa d'uma forma pouco propria para lhe conquistar um nome glorioso. Pobre inviolabilidade real! Como os teus sectarios te respeitam no tempo em que não são governo!

A monarchia está morta em Portugal: ha ainda homens sinceros que a desculpam; que se enthusiasme ou se deixe deslumbrar por ella é que já não ha ninguém.

Mas compram-se adhesões e compra-se enthusiasmo. Para defender uma causa, por mais injusta que seja, é facil encontrar mercenarios. É o meio de que usam os nossos governos para sustentarem o rei, que os sustenta a elles. A corrupção é uma arma de cem gumes habilmente manejada em Portugal pelos governantes. Elles corrompem com ameaças, com promessas, com augmento de ordenados, com gratificações, com dinheiro. Mas a corrupção é um meio

que só pôde servir passageiramente nas epochas em que o senso moral está mais abatido. A sua acção é transitoria, como transitorio é tambem, felizmente, o estado da nação em que se exerce.

Contra esta corrupção protesta a maioria da classe commercial, que odeia as honrarias e que só procura no trabalho honesto a sua nobreza e o seu brazão.

Contra esta corrupção protesta grande numero de proprietarios em cujo espirito já não preponderam os governos monarchicos, fazendo-lhes crer republica synonymo de anarchia, de desordem, de confisco. Elles convenceram-se hoje de que quem lhes incutiua idéas não fez mais do que especular com a sua ignorancia; elles teem já uma comprehensão lucida e perfeita da republica e sabem que a monarchia foi a causadora dos maiores confiscos e das mais profundas desordens, fomentadas pelas ambições reaes.

Contra esta corrupção protestam os operarios, que, em condições precarias, podiam ser mais tentados a deixar-se corromper, mas que pensam hoje que vender o seu voto é vender o seu proprio futuro, o de suas familias, o da sua patria. E cumpre dizer que é d'elles que vem ao movimento republicano a cooperação mais franca, mais leal, mais sincera.

Contra esta corrupção protesta, finalmente, a grande maioria da mocidade enthusiaslica das escolas, que prefere viver no futuro honrada e nobremente a vestir uma farda agalada ou a disfructar um emprego rendoso, envilecendo-se na torpe camaradagem dos politicos de bordel sem consciencia, sem dignidade e sem honra.

São todos estes elementos fortes, sinceros, trabalhadores; são todas estas forças utilissimas, mas dispersas, que o partido republicano vae tratar de coordenar.

As associações em que se reuniram, separadas umas das outras, indifferentes quasi, não podem, taes como existem, cooperar com todo o proveito no movimento republicano. Sommar estas energias, em parte perdidas por falta d'uma direcção harmonica; encaminhal-as no mesmo sentido, fazendo-as convergir no mesmo foco, parece-nos um dos maiores serviços que se podem prestar não só ao partido, mas ao paiz inteiro.

Não é ousada a nossa affirmacão. Já n'outro lugar sustentámos que propagar as idéas republicanas era cumprir um dever de patriotismo. Nas nações como a nossa, á qual o curso infallivel dos acontecimentos ha de impôr n'um futuro proximo o governo republicano, demonstrar as vantagens de tal instituição, evitando que o paiz receba o seu estabelecimento

como um mal, que não é, affigura-se-nos um dever de todo o portuguez.

Esta missão elevada e patriótica pertence ao partido republicano. Elle é responsavel perante o paiz pelo modo por que dirigir a sua acção, que é d'uma importância superior.

Da boa ou má direcção que a si proprio dêr pôde depender não só o seu futuro, mas o destino da patria.

Terão todos os republicanos pesado bem a importância d'estas considerações? Os que não o fizeram que o façam agora, quando o partido vae ser finalmente organizado.

É do mais alto interesse politico que pensemos detidamente nas bases em que nos vamos organizar e nós chefes que elegeremos para nos dirigir.

As nossas Colonias

Pelo que acabamos de lêr n'uma correspondencia do sr. A. R. Saraiva cada vez nos convencemos mais de que é bem verdadeiro o que dizia o bom Tolentino:

..... Promptos contendem.
Promptos decidem do que nada entendem.

O sr. Saraiva é homem que muito respeitamos, que veneramos até; porque é um portuguez de convicções, boas ou más, que temos de acatar, porque não podemos impôr as nossas a quem as não quer acceitar; nem é a nossa missão o chamar ao nosso credo os contumazes.

O sr. Saraiva terá razão em tudo, nos desgostos que soffreu pelo sr. D. Miguel, nos que lhe causaram os seus partidarios e bons amigos; mas no que de certo a não tem é na maneira como quer civilisar as nossas colonias que tanto parece estimar e que com certeza desconhece.

É talvez arrojada a nossa affirmacão, mas se só encararmos o que s. ex.ª affirma, pelo lado geographico podemos desde já asseverar que Landana está tanto na foz do Zaire, como Portugal está na Cochinchina.

Landana está proxima da foz do Caongo lat. 5.º long. 12.º com pequena differença; está portanto situada esta povoação na região africana occidental, contestada pela nossa boa alliada.

É alli que se abrigou a missão franceza que se denomina do Espirito Santo; é d'alli que já partiu para a margem direita do Zaire uma sucursal que lá se acha em Bôma confortavelmente estabelecida; e note-se que não foi ainda para a margem esquerda do rio por temer que mais tarde ou mais cedo esta seja occupada por auctoridades portuguezas.

É preciso historiar a razão d'este procedimento.

Em Portugal, em que pese ao sr. Saraiva, não se admitem congregações religiosas. O sr. Carrier que esteve em Portugal, no seminario de Santarem, o seu superior o padre Duparquet e mais alguns que então eram lazaristas, e mais tarde passaram para a ordem do Espirito Santo, foram d'aqui expulso com as boas irmãs da caridade, que muito respeitamos, (apesar de admirarmos o ar seraphico com que os nossos bons padres

lhes chamavam les bonnes sœurs). D'aqui marcharam para Gibraltar e mais tarde depois de terem estado em Paris, onde receberam instrucções do geral da ordem, foi o padre Duparquet para o Gabão onde estabeleceram uma missão, e d'alli sabiram em seguida, o padre Carrier e outros para Loanda onde ficaram por algum tempo.

Até aqui temos procurado narrar os factos que nos contaram; e pensamos serem veridicos.

Depois de estabelecidos em Loanda e no Ambriz os missionarios, que lá são desejados pelo sr. Saraiva, chegava á capital da diocese um Bispo, que muito naturalmente, inquiria do numero e da qualidade dos subditos e cooperadores na grande obra da civilização das suas ovelhas; pois bem os missionarios francezes que alli estavam, que tinham para alli ido simplesmente para ensinar aquelles ignorantes e realizar o que o Divino Mestre lhes tinha imposto:— Euntes docete omnes gentes;—esses recusaram-se a reconhecer a auctoridade episcopal, para só reconhecerem a do geral da sua ordem.

Pôde alguém chamar a isto caridade evangelica, amor pelo rebanho e todos esses palavrões, que por ali vemos mal baratados e que assim empregados nada significam?

Lastimamos do coração que o sr. Saraiva nos venha dizer: exultemos pela ida de Mgr. de Borrel, bispo d'Archis com um seu companheiro, que subsidiados pela França vão estabelecer-se em missão na foz do rio Zaire, Landana (sic) (Congo).

Mal pensam os que vêem este amor dos missionarios francezes pelos indigenas das nossas colonias, que elle apenas significa a ruina d'ellas, ou que assim lhes succederá o mesmo que se deu no Paraguay.

Vimos alli os missionarios francezes, sabemos o que elles são e d'elles nada esperamos!

Sabemos que procuram introduzir-se nas colonias portuguezas, e ainda ha pouco para lá foi o irmão do padre Duparquet, mas estamos certos de que não vão trabalhar na vinha do Senhor.

Sobre este assumpto muito temos que dizer, e lamentamos que, homens de boa vontade advoguem uma causa que os factos todos os dias condemnam.

Continuaremos.

Na Vanguarda de 23 de dezembro escreve o sr. Reis Damaso estas palavras:

«Temos visto a Evolução semanario democratico redigido por alguns intelligentes academicos. Sejamos francos: não obstante as aspirações generosas d'estes rapazes o que não podemos deixar de louvar, a Evolução peca por falta d'uma orientação definida. Os artigos que insere, ordinariamente bem escriptos, tem pontos de vista falsos, o que não admira, se attendermos á pouca experiencia d'estes mancebos que se filiam no partido republicano, e á sua instrucção metaphysica. A universidade de Coimbra carece de grandes reformas. Os livros por que alli se estuda ainda hoje, são os mesmos porque se estudava ha muitos annos, ao passo que todos os dias novas faiscas nos vem allumiar o espirito fora da academia. É triste, é doloroso realmente, termos ainda entre nós a faculdade de theologia. Que pôdem os rapazes avançar em contacto com os padres, ouvindo as lições estupidas dos theologos?»

«Louvamos as ideias democraticas dos redactores da *Evolução* crendo-os sinceros e convictos, mas pedimos-lhes mais estudo e firmeza nas theorias que avançam. Esperamos vê-los mais praticos e positivos.»

Para justificar as censuras que nos dirige apresenta o preclaro escriptor a affirmação hoviíssima de que a universidade precisa de grandes reformas, assevera que os livros n'ella adoptados são velhos, e que novas fascias nos vem allumiar o espirito fóra da academia. Tudo novidades!

Mas damos a nossa palavra de honra ao sr. Reis Damaso que não fomos nós que fizemos os estatutos da universidade, e que não foi precisamente do fôco universitário que destacou a farsca republicana para nos allumiar o espirito. Em tempo algum nos achámos investidos das altas funcções legislativas necessarias para reformar esses estatutos, nem tam pouco das attribuições precisas para fazer adoptar outros compendios.

Que mais quer? Que clamemos pelas reformas?

Já o temos feito na imprensa; já o fizemos em varias assembleias da academia, representando aos poderes publicos que têm invariavelmente despedido as nossas representações. Quer que levantemos barricadas? É bonito, mas é antigo, e para homens de processos novos...

Que lhe diremos a respeito dos livros? Que temos lido mais alguma cousa do que os compendios das aulas, e que, por isso, o nosso cerebro, apesar de não ter uma orientação definida, como o sr. Reis Damaso diz, está um pouco mais bem orientado que o de s. ex.^a

A orientação foi sempre a monomania do sr. Reis Damaso. Elle sempre tem sido bem orientado, o diabo do intransigente! Foi a sua bella orientação que o levou a escrever o *Anjo de Caridade*, excellent livro com um appendice impresso a vermelho, cheio de bajulações á ramha. Sentimos não termos á mão esta obrasinha para darmos um alegrão aos leitores.

Proseguindo, diz o escriptor que temos pontos de vista falsos, o que é devido a pouca experiencia e á nossa educação metaphisica. Estamos certos de que, se o tivessemos por guia, apesar de inexperientes, obrariamos prodigios. Mas, paciencia, não temos tamanha dita!

Segundo nos parece o escriptor chamamos metaphisicos porque frequentamos a universidade. E' capaz de chamar metaphisicos aos srs. Theophilo Braga e Emygdio Garcia, por terem cursado com distincção a faculdade de direito. E' capaz de chamar reaccionario a Raspail, porque foi educado n'um seminario, e a Ardigo, o mais eminente dos positivistas italianos, porque foi conego da cathedral de Mantua. Ora o diabo do homem!

Continuemos. «E' triste, é doloroso realmente, termos ainda entre nós a faculdade de theologia.» Effectivamente a theologia, tal como se ensina no nosso paiz, é uma vergonha nacional. Mas d'aqui a pedirmos a sua suppressão, como o articulista quer, vae uma grande differença. A religião é um phenomeno social que cae sob o dominio da sciencia, exactamente como a arte, como a litteratura, como a legislação, como as linguas. Sobre a sciencia das religiões ha hoje trabalhos do mais alto valor scientifico; supprimir o seu estudo seria um absurdo tal que só poderia ser applaudido por escriptores da força do sr. Reis Damaso.

Hoje não se pensa em supprimir a theologia; o que se deseja é expurgal-a do sobrenatural, applicar-lhe os novos processos de critica, reformal-a, enfim. Em 1876 decretou a Hollanda a secularisação das faculdades de theologia nas universidades de Leyde, Utrecht e Groningue, e desde 1877 que a theologia se ensina ahi, como deve ser ensinada, scientificamente, positivamente.

Os jornaes scientificos tem-se occupado d'este assumpto. O sr. Damaso ignora-o. A culpa é sua.

Falla ainda o nosso illustre censor: «Que podem os rapazes avançar em contacto com os padres, ouvindo as lições estupidas dos theologos?» É naturalmente por estarmos em contacto com os padres que o pasquim que elles publicam em Coimbra — ao qual não respondemos porque respeitamos a irresponsabilidade dos idiotas — nos saudou,

chamando-nos «assassinos da honra, da virtude, da propriedade e de tudo quanto ha de mais santo sobre a terra.»

Por estas considerações podem os leitores avaliar a auctoridade com que o inflexivel republicano, auctor do *Anjo de Caridade*, nos pede mais firmeza nas theorias que sustentamos, e o jornalista, que diz tão descompassados disparates e revela tão grande ignorancia em tão pequeno escripto, nos aconselha a que estudemos mais.

Algumas palavras ainda e terminamos. Em todas as manifestações em que a academia tem revelado falta de espirito democratico, arrastada por alguém que faz d'ella materia de especulação politica, o auctor d'estas linhas tem sido sempre um dissidente franco e declarado. A *Vanguarda* sabe isto muito bem; o proprio sr. Reis Damaso o escreveu, se nos não falha a memoria, quando noticiou o apparecimento da *Evolução*.

Os redactores d'esta folha conseguem sustentar um jornal republicano n'uma cidade em que o partido não tinha sequer um orgão das suas ideias.

Para alcançarmos este fim pozemos de parte o nosso interesse pessoal, as advertencias benevolas dos amigos e até as proprias considerações de familia. Trabalhando sem descanso e fazendo os maiores sacrificios pecuniarios, sob o peso do desdem dos indifferentes e das calumnias vilissimas dos adversarios, temos seguido o nosso caminho, com a consciencia limpa e com a fronte levantada. E quando, respeitando o nosso procedimento digno, a quasi totalidade da imprensa nos dirige palavras de animo e de benevolente affecto, apparece a *Vanguarda*, que nos devia conhecer melhor, com as suas censuras asperas, duras, injustissimas!

Obrigado, senhores, obrigado! Ficamos de hoje em diante convencidos de que os maus correligionarios são mil vezes peiores do que os adversarios leaes.

Se a *Vanguarda* não seguisse tal caminho, não seria alcunhada de diffamadora pela *Folha do Povo*, o jornal mais antigo e um dos mais auctorizados do partido.

O mesmo jornal ainda se occupa de nós n'outro logar. Como o auctor do artigo a que se refere não se acha actualmente em Coimbra, remettemos-lhe a *Vanguarda*, e ficamos esperando a resposta que talvez saia ainda n'este numero.

AO GENIO

(FRAGMENTO)

Quer seja a dura voz ironica e febril que a meus ouvidos soe intemerata e hostil n'uma viva explosão de calida risada; quer seja o ribombar d'uma epopeia alada que faça estremecer os longos do Universo os negros corações — o que haja mais adverso e o que haja mais amigo — as almas somnolentas e as almas ideais, eternas, virulentas; — seja de Rabelais, Cervantes, Molière, doce como Mozart, rija como Voltaire, — essa voz que pelega, ardente e resoluta se é justa e se é viril, se é pelo Bem que luta — é sempre a voz do genio austero e vingadora, que vae correndo o mundo im avida e sonora! Eu queria-vos cantar, genios per'grinos, bons e ter na minha lyra uns delicados sons, grandes almas viris, eternos deslumbrados que illuminas de ha muito os tempos perpassados! E' vossa lenda estranha um rastro de cantares! Só vossa lyra angusta, a vossa lyra santa conserva a nota ideal, longinqua e sacrosanta, que vae de mundo a mundo e vae d'idade a idade, inundando o porvir, sulcando a immensidade!

MANUEL DA SILVA GAYO.

CAMBIANTES

Depois do gasto immoderado de tintas que me permitti ao apresentar-te esta secção, amigo leitor, era justo que te desse um quadro simples e util em que, não descobrindo, ao menos estudasse alguma coisa.

Não estranhes a rude apparencia do artigo que precedeu este.

Nunca entraste no atelier d'um pintor?

De certo já, e com certeza tambem vistas a um canto uma palheta, a victima da experimentação das tintas, onde estas se amontoam, se confundem, dando ao pobre pedaço de madeira uma apparencia estranha e mendicante, um trajar comico de *bric-a-brac*.

Pois o meu artigo anterior, que não foi escripto, mas pincellado n'uns toques rudes, afirados sem procurar effeitos, semelha-se um pouco á tal palheta que tomei para exemplo.

Infelizmente para mim não poderei continuar a sustentar a comparação entre as minhas obras, e as que um pintor (ainda que modesto) poderia tirar da tal palheta.

Não te darei nitidamente um canto de paisagem risonha, com sombras tentadoras d'arvoredo verdejantes, com um pequenino casal feliz e alegre, d'uma apparencia confortavel, com uma fonte limpida e sonora, onde ao cahir da tarde os bois fatigados do trabalho vão mergulhar os focinhos lúsidios.

Não te darei uma marinha, com o seu horizonte brumoso, com um mar picado, com embarcações arribadas, onde pescadores bronzeados trabalham activamente, emquanto n'um canto do quadro duas formosas raparigas concertem redes, e garotos semi-nus, selvagens briguem denodadamente.

Em fim não te darei um estudo completo d'um costume caracteristico; não te mostrarei um ridiculo social em todas as suas attitudes.....

— Tu já leste o livro de Maxime Rude — *Les Dames* — (d'après nature)?

Não prima pela forma. Não tem um grande rigor esthetico, não tem uma nitidez perfeitamente satisfatoria.

Não chrystaliza n'uma phrase segura e synthetica nada do que de leve estuda.

É como um cliché onde pouco a pouco se vão sumindo, sumindo uns typos deliciosos, que o auctor, malicioso photographo, surpreendeu na travessia d'um salão ou d'um boulevard, ao rapido volitar d'uns pés pequenos, *mignons*, que cantam sobre o asphalho, dando arrippos.

Mas tu já de certo conheces o livro. Despertou-te evidentemente a attenção aquella grinalda de perfis, que circundam o titulo, como uma tentação, como uns diabitos pretos, assustadores.

Aquella de mantilha..... olhar de sevilhana..... e a outra que está com uma pequena mascara muito condescendente, que mal abriga o rostosinho provocante..... etc.

É verdade que se Maxime Rude não estuda bem um typo, poucos ha que como elle denotem n'um traço gracioso a passagem d'uma d'aquellas sylphides (civilizadas). Tudo n'aquelle livro é rapido como um olhar fulminante, como o agitar d'um leque, como o esfuizar de phrases curtas, d'uma mordacidade caustica!

Maxime Rude *pilha* perfeitamente uma attitude provocante, *effrontée* d'uma das suas heroínas; — mas isto n'um curto momento, com a prestesa mecnica d'um apparelho ricamente montado; logo apoz o typo que elle acaba de dar, segue-se outro e outro n'um turbilhão de risos, de motejos, de *espiegleries*, de *poses*: acabamos de ver no cliché do seu estylo a cabeça febril d'uma morena ardente, que de certo amaria um toureiro, e logo a vemos desaparecer, e substituir por uma loira, phantasiada, que talvez amasse alguns milhões; passados tres ou quatro typos já nos não lembramos do primeiro; o que nos provoca a voltar ao principio, e nos envolve na cadeia brilhante, n'aquelle grande bailado de formas captivantes.

E vai tudo *au grand galop*!!

Pódes crer, leitor: depois de leres Maxime Rude não ficas tão moralisado como..... como Santo Antonio, mas ficas menos sem-saborão do que o sr. Alberto Pimentel!...

DE GÉRY.

Festas na Córte

Vimos n'uma folha de Lisboa o projecto dos festejos que se hão de realizar em hon-

ra de S. S. M. Catholicas, que n'este mez visitarão a nossa capital ao som alegre dos foguetes nacionaes, das musicas afinadas das nossas tropas e dos jornaes do governo.

Estreitando a solidariedade monarchica julga o actual regimen justificar os numerosos desfalques no thesouro e as exigencias que constantemente assaltam a bolsa do pobre burguez que teve a desventura de nascer n'este jardim da Europa á beira mar plantado.

Leiam e admirem:

«Inauguração da exposição de arte ornamental; banquete de 150 talheres no Paço da Ajuda, espectáculo de gala no theatro de S. Carlos, sendo entrada por convite; parada em que figurarão 500 marinheiros e 12:000 homens de exercito, com 100 canhões Krupps e 9 esquadrões de cavallaria; collegio militar e escola de alumnos marinheiros; passeio a Cintra; visita a varios estabelecimentos; baile no Paço da Ajuda, indo os convidados de farda ou de casaca, calção e meia de seda preta, sapato e fivela; illuminação e fogos de artificio no Tejo; baile da classe commercial e outro dado pelas senhoras; grandes caçadas em Villa Viçosa, para as quaes se fará grande numero de convites, devendo assistir o corpo diplomatico estrangeiro.»

Começa o projecto que transcrevemos por nos annunciar a inauguração da exposição e em seguida um magnifico banquete no Paço para conchego dos estomagos reaes.

Se olharmos estes dois factos mais de cima e attendermos á sua significação social uma triste verdade nos fere: a incoherencia que entre nós transparece em todas as manifestações da vida nacional.

Para celebrar um facto, verdadeiro producto das ideias modernas, para solemnizar a abertura d'uma exposição, que não é mais do que uma enxadada profunda nas barreiras que separam os povos e os impedem de cooperar no grande trabalho humano, dão-se banquetes na Ajuda ás classes privilegiadas, commemorando a unidade dos povos pela separação das classes.

N'esta incoherencia, n'este meio termo fatal em que oscillamos com a maior parte dos povos europeos é que está a decadencia da nossa vida politica.

Somos o producto d'uma epocha que se desmorona ante os lucidos clarões do futuro; tenhamos ao menos coragem para olharmos para as nossas ruinas e não respondermos com uma ironia sarcastica e indigna ás imposições da nossa consciencia de homens e de cidadãos.

Entre as nossas convicções e os factos existe um profundo desequilibrio imposto pela constituição official da monarchia, e para destruir esse desequilibrio ou havemos de transgredir a lei produzindo a anarchia ou havemos de cortar o mal pela raiz estabelecendo novas instituições fundadas nos principios da sciencia.

Por isso ou obedecemos á corrente de ideias modernas que na Europa civilizada produz como symptoma caracteristico as exposições e os congressos, ou então deixemos-nos amarrados aos velhos principios que ha seculos pretendem entreter a vida da nação.

Tomemos um aspecto decisivo porque se a hyprocrisia cynica da nossa politica actual pode ainda abrir durante um certo tempo numerosos canaes para os estomagos, não póde de certo levantar esta nação que rapidamente vae mergulhando na lama até que um forte impulso da consciencia collectiva a traga ao nivel onde hoje se movem os povos mais civilizados e progressivos.

Ou exposição ou banquetes reaes; ou uma vida social digna e activa ou um adormecimento bestial sobre glorias passadas que hoje só devem ter o merecimento de serem incentivo para progressos futuros.

Posto o dilemma deixamos ao bom senso do povo o escolher, não appellamos para a opinião dos convidados, porque um jantar no Paço tem tantos attractivos que seria ingenuo esperar a sua imparcialidade.

Concluimos desejando que a companhia de S. Carlos não faça estremecer d'uma maneira desagradavel os ouvidos reaes, e pedindo a Santo Humberto que em Villa Viçosa dê boa pontaria ás catholicas e fidelissimas Magestades.

Necessidade d'uma reforma politica

Por mais que alguns homens queiram de boa ou má fé encobrir o nosso mal estar social, elle é já tão peizado e grave, que poucos poderão deixar de senti-lo. O espirito menos observador e perspicaz, que olhar um pouco para os negocios publicos, reconhece immediatamente que estamos n'uma phase de abatimento enorme e n'um periodo de transição.

Egoismo, interesse e ambição, são sentimentos, que predominam em todas as classes, são vermes, que corroem todas as consciencias.

O gladiador esterilizador e incessante dos partidos absorve toda a actividade dos governantes, e corrompe os governados: e no furor das lutas calcam-se todos os direitos, e atropella-se a justiça.

O exercito permanente, como elle se acha organizado, arranca muitos braços á agricultura, commercio e industria, para os inutilizar na ociosidade e no vicio; accrescenta uma verba enorme ás despesas do estado, e colloca nas mãos das auctoridades administrativas um instrumento de despotismo e de falsificação do suffragio.

O clero (á parte honrosas excepções) em geral ignorante, fanatico e ambicioso, berra contra a sciencia, anathematiza o progresso, e bestifica os povos, a ponto de os arrastar até á urna, como rebanhos de alimarias, servindo-se muitas vezes infamemente das attribuições que a igreja e o estado lhe têm posto nas mãos.

Os governos por seu lado não querem a separação da igreja e do estado; porque do modo como as cousas se acham, os padres são os mais fortes instrumentos de corrupção eleitoral.

A agricultura e a industria, não progredem, nem podem progredir; porque a monarchia lhes suga os fructos, sem lhes promover o adiantamento.

O agricultor e o industrial desanimam, ao lembrarem-se de que uma parte do seu trabalho não é para matar a fome a seus filhos, mas para sustentar o luxo, o fausto e a ociosidade da corte.

O commercio, que outr'ora foi uma das nossas glorias, tem sido nos tempos modernos uma das nossas vergonhas, pelo desleixo a que se tem votado, e pelos infames tratados, que se têm celebrado, especialmente com a Inglaterra.

A instrução publica, essa grande alavanca do progresso não tem merecido a attenção dos governos; e a ignorancia é geral e profunda.

E que as monarchias são inimigas da instrução, porque vêem que a sua existencia é incompativel com o progresso; e gostam de viver entre as trevas da ignorancia, para lhes não descobrir a monstruosidade da sua existencia, como diz o sr. Theophilo Braga.

Verdade é que nos ultimos tempos se têm creado escolas d'instrução primaria: mas que importa, se ellas estão de tal modo organisadas e dirigidas que o resultado é quasi como se não existissem?

Verdade é tambem que se têm feito reformas d'instrução secundaria: mas a improficuidade de todas ellas mostra bem ou a incapacidade ou a intenção dos reformadores e dos governos. Especialmente esta ultima parece ser feita de proposito para dificultar a instrução.

Na instrução especial e superior notam-se as mesmas causas de atrophiamento e o mesmo desleixo: além da falta de cursos praticos, ha a má direcção de muitos estudos e o pesado tributo da matricula.

Acima d'estas calamidades e como remate de todas ellas, está a enorme divida publica, augmentada cada anno com um deficit quasi sempre crescente, e ameaçando-nos constantemente com a terrivel banca-róta.

O throno portuguez pôde e caruncho já reconhece estas cousas e o seu estado precario, e por isso se encosta timidamente ao solio inglez; mas este, mais manhoso e resolute, empalma-lhe quasi sem elle dar por isso a riqueza e as colonias a troco de fingidas protecções.

Eis em rudes mas fieis traços o esboço das publicas desgraças, que pesam sobre nós, e afeiam a presente epocha de crise.

Se perguntarmos quem nos levou a este estado, em que se sente a desorganização de todas as forças vitales, ninguém poderá deixar de responder que foi a longa exploração monarchica.

Todos com effeito reconhecem a nossa decadencia, e todos ou quasi todos a attribuem á desmoralização dos governos. E vós mesmo, apologistas da monarchia, já que a ella attribuis toda a nossa grandeza do seculo manuelino, não podereis deixar, para serdes consequentes, de lhe attribuir tambem a nossa ruina do seculo actual.

É por isso que eu condemno a monarchia, que do seculo XIV nos tem arremessado de precipicio em precipicio, e que desde então nunca foi nem tornará a ser capaz de realizar as aspirações da nação. É por isso que eu desejo que se substitua a monarchia por um governo mais racional, mais justo, mais modesto, menos faccioso, menos dispendioso e menos corruptor: em summa por um governo, que seja capaz de nos livrar das desgraças, que nos ameaçam.

Com effeito, que poderemos nós esperar d'uma forma de governo, que nos deitou a perder? Se a monarchia não ponde sustentar-nos antes da queda, como poderá tirar-nos do fundo do precipicio? Não vêem os monarchicos que cada um dos seus governos dá uma uma enxadada a mais na sepultura d'este maldadado paiz? Quem não vê que ao cabo d'esta senda, se não mudarmos de rumo, acharemos um abysmo, que nos sorverá a todos?

E' preciso pois desenganarmo-nos: só uma reforma politica profunda nos poderá salvar.

E a reforma, que se succede natural e racionalmente ao nosso governo, a que é indicada pela evolução das ideias modernas, e confirmada pelos exemplos brilhantes da França, Suissa e Estados-Unidos, — é a republica.

C. D'O.

Noticias d'Odemira

Ao correr pela vista o ultimo numero da *Evolução*, maravilhou-me não encontrar a minha humilde correspondencia.

Anciava por ver estampada n'um jornal que não está sujeito a suggestões de pessoa alguma, que é independente, e cujos redactores ainda se não enlodaram nos charcos da ignominia nem se confundiram com os maltrapilhos, que povoam este pobre torrão portuguez; anciava, sim, por ver o effeito que produziria em letra redonda, o sudario do tristemente celebre *heroe* d'estas paragens.

Só uma causa superior, como a necessidade de publicar correspondencias atrazadas, retiraria a minha, que tem por fim accentuar bem o indifferentismo morbido d'esta maldadada terra a quem os forasteiros querem arrastar a uma completa ruina, para depois sobre as suas cinzas lançarem o escarro da pestilencia, que anda misturada com o seu sangue.

Deu-me Deus a coragem bastante para não recuar perante o perigo, e quanto mais tendo em meu auxilio a paz da consciencia, que é a maior força que pôde ter, quem cumpre com os deveres de homem.

Nota com certeza a minha linguagem de hoje; acha-a talvez em demasia energica? Talvez o seja, e o motivo é não estar esvaecido em mim o enthusiasmo que illumina um patriota.

Vejo os males que dia a dia opprimem a minha patria, e sinto-os com a paixão, que atormenta o bom filho ao vêr approximar-se a esponja, que ha de apagar o nome de sua mãe do numero dos existentes!

Ponhamos porém ponto a este desabafar d'uma paixão violenta; outro assumpto me chama.

Começara a minha correspondencia de hoje por lhe dar a noticia, que a camara de Odemira deliberára pôr em pratica brevemente a lei de Instrução primaria de 2 de maio de 1878, que manda que as juntas de parochia façam o arrolamento de todas as creanças da sua freguezia, e que estejam em idade de frequentar a escola (art. 8.º).

Alguem porém se anticipou, noticiando e commentando este facto n'uma correspondencia para o *Diario de Portugal* de 27 do corrente.

Tirada portanto a novidade, entendo ser melhor passar adiante.

Terminava o *caro* correspondente d'este jornal por nos endereçar umas amabilidades, que nós não resistimos á tentação de transcrever na integra, não eliminando uma só palavra, um só ponto, uma só virgula.

E sabe o sr. correspondente porque? Não queremos privar os nossos leitores d'um tão bom bocadinho.

Diz assim:

«A republica que na sua obra de propaganda não perde meio algum para fazer vingar a sua grande ideia—a salvação de Roma e das batatas, que é o seu sonho dourado—deslocou de si o satellite mais novato e disse-lhe:—«Tendes ainda agora só quatro dentes, é verdade, mas muita malicia e não menos desejos de vos inculcar ás turbas! pois bem se conseguirdes fazer alguma coisa boa a favor da nossa causa tereis uma distincção honrosa não porque a republica não honra ninguém—como recompensa, o que os nossos serviços merecerem; e se para tanto for preciso antepôr a mentira á verdade... calumniar... deshonrar... nada se poupe porque os fins justificam os meios: O nosso fim é bom, os meios todos uzados por nós hão de tambem vir a ser bons...»

Sabe quem é este satellite? A *Evolução* que entrou aqui com pés de lã, mas que segundo ouvimos a um nosso amigo auctorizado, ha de sair com azas de pau. Eu lhe contarei o que houver.»

Percebem a charada?

Nós confessamos francamente não lhe poder metter dente.

O nosso conterraneo (?) tem veia para fazer rir, gosta do papel de truão, que lhe afirmamos não invejar.

Continue pois, que nós estimamos muito ter *adversarios*, que nos forneçam tantas provas de ignorancia de principios politicos como de grammatica, e além d'isso dándonos gratuitamente argumentos para achar o que escrever.

E' sómente trabalho para o typographo, que tem de compôr a transcripção das suas exhibições.

Tenha animo e esperanza em Deus, para nos provar as mentiras... calumnias... deshonras... (tudo nomes felos) que encontrar em nossas correspondencias.

Quanto ás azas de pau, olhe que se pôde voltar o feitiço contra o feiteiro.

Odemira, dezembro de 1884.

(Do nosso correspondente)

LISBOA

(Do nosso correspondente)

Consta que nas altas esferas diplomaticas vai grande celeuma por causa do tratado de Lourenço Marques. Este tratado é o eterno pesadelo dos partidos monarchicos. Veremos como elles descalçam a bota.

—Vamos ter grande *parada*, uma parada luxuosa, muito lusida, em honra do monarcha espanhol. Tem havido difficuldade em accommodar os contingentes que tem chegado de varios pontos das provincias para completarem os regimentos da capital. As praças de marinha tambem, d'esta vez, hão de abrilhantar a festa.

Fontes, o Magnifico, exhibir-se-ha montado no seu cavallo rinchão.

Como deve ser adoravel!!

Com este e outros festejos, para diversão das magestades sairão dos cofres publicos centenas de contos que o fisco arrancou impietosamente ás magras bolsas dos contribuintes. Será espoliado, roubado o desgraçado povo para dar divertimentos ao rei hespanhol. Como tudo isto é baixo! Como tudo isto é vil!

—Tem subido á scena em D. Maria a bella comedia de Pailleron, *Sociedade onde a gente se aborrece*. O titulo é um pouco pifio e revella que o traductor pouco se esmerou na versão do francez. O desempenho é superior a todo o elogio. A comedia, no dizer dos melhores criticos theatraes, está superior á comprehensão e ao gosto das nossas plateias.

—No domingo passado correram á escola polytechnica cerca 500 estudantes com o fim

de deliberarem se deviam ou não celebrar o centenario de marquez de Pombal.

Resolveu-se affirmativamente.

A este respeito reserve-me para umas considerações ulteriores, devendo, todavia, desde já fazer notar que o centenario do marquez de Pombal não deve ser inferior ao centenario de Camões, o que julgo que não succederá. A academia de Lisboa por este acto acaba de mostrar que tem uma concepção nitida dos grandes ideaes modernos e, que presta culto reverente á memoria illustre do homem que com a sua vista de aguia e a sua vontade de ferro destruiu dois collossos seculares—jesuitismo e nobreza—que esmagavam a intelligencia e a liberdade populares. Honra lhe seja.

Damião

Suissa

Como dissemos ha dias está aberto o parlamento suizo, e de certo a esta hora terá eleito o poder executivo, composto de sete membros, que se suppõe seja reeleito o actual, apesar de que o partido radical trabalha por substituir tres d'aquelles, sendo naturalmente escolhido d'entre elles para presidente e vice-presidente do actual, tambem conforme o costume, esperando-se porém lucta na escolha do vice-presidente.

A proposito cremos util dizer alguma coisa acerca d'este poder na Suissa e das instituições d'um paiz, que resolveu o problema da eleição do poder executivo, pelas camaras, e portanto delegado da unica representação da soberania popular; e isto em um paiz em que se revellam os mais diversos elementos, as mais variadas raças, linguas, interesses e necessidades. Exemplo pratico que já foi em parte seguido pela republica hespanhola, e que vale a pena ser meditado pela democracia portugueza, hespanhola e italiana.

As actuaes instituições politicas da Suissa datam de 1818, epocha em que foi revisto o pacto federal de 1815, depois de vencidos os cantões revoltados pelos jesuitas em 1847, revolta conhecida com o nome de *Sunderbund*.

Expulsos os jesuitas e vencida a influencia funesta dos clericos, o paiz sentiu a necessidade de apertar os laços que uniam os estados aos cantões e trata-se de reformar o pacto que já não podia corresponder ao seu novo modo de ser.

Os gabinetes da Europa, sempre dispostos a assustar-se com os movimentos democraticos, e ainda guiados pelos principios reaccionarios e atrophiantes da *Santa Alliança*, pretenderam sustentar a doutrina de que o pacto de 1815 havia recebido a sancção das potencias, e não podia ser modificado sem o seu beneplacito.

A dieta representante dos valentes filhos de Guilherme Tell respondeu-lhes:

«A nação suissa tem o direito de se constituir como melhor convenha aos seus interesses.»

E como a revolução d'essa epocha em França, varrendo o throno de Luiz Philippe, soprava por toda a Europa, abalando a Alemanha, a Austria, a Italia, a peninsula hispanica, e até a Russia perante o grito da independencia levantado pela Polonia, martyr, as potencias não tiveram tempo para se occupar da Suissa, e a dieta pôde terminar a sua obra.

O poder central e nacional da confederação suissa é composto pela seguinte forma:

Um *conselho nacional*, composto dos deputados da nação, na proporção de um representante por cada 20:000 habitantes;

Um *conselho dos estados*, que representa cada cantão, na proporção de dois delegados por cada cantão;

Um *poder executivo central*, composto de sete membros;

Um *tribunal federal*.

O *conselho nacional* é eleito de tres em tres annos, verificando-se as eleições geraes no ultimo domingo de outubro.

O *conselho dos estados* é renovado por eleição nos cantões e segundo as prescripções constitucionaes de cada um d'estes.

Na abertura tri-annual reúnem-se em *assemblea federal*, os dois conselhos e elegem o poder executivo, ou *conselho federal*, composto como acima dissemos de sete membros que entre si escolhe o presidente, e cujas funções são as de um ministerio.

Como se vê, pois, a Suíça não tem o que ordinariamente se entende por *presidente da república*, e que existe nas repúblicas americanas, e na franceza. Este título na Suíça é apenas honorífico, e não lhe dá outra auctoridade além da de presidir o *conselho federal*, ou poder executivo, ou ministerio, durante um anno.

Este *conselho federal*, eleito por tres annos, por seu turno, e por meio de reeleição, confirma ou demitte todos os funcionarios da confederação.

Como se vê, portanto, os dois conselhos ou duas *camaras*, que *poder algum pôde dissolver*, e que resolvem os conflictos nas relações oppostas de um ao outro, por novas votações, ou adiamentos das questões são quem escolhe o poder executivo. Sendo de mais as leis constitucionaes, depois de votadas pelos dois conselhos, submettidas a um plebiscito do povo de todos os cantões.

D'esta forma do poder executivo suíço resulta uma influencia moral, que previne as crises e as discussões precipitadas, por isso que n'aquella importante república são desconhecidos os votos de confiança, ou de desconfiança, como se entende nas constituições dos paizes, mal chamados, de governo representativo.

Em 1874 demittiram-se a um tempo os quatro membros d'este poder. Pois este facto, aliás rarissimo, não produziu mais do que uma sensação relativa, e esta unicamente na imprensa e circulos politicos. Na população, no mundo dos negocios, quasi que ninguém lhe prestou attenção, porque o facto tinha apenas importancia muito secundaria no viver nacional. A assembleia federal, recebendo as demissões, procedeu ás suas substituições, os partidos politicos apresentaram os seus candidatos, e tres dias depois estavam eleitos os quatro novos membros.

A constituição suíça considera a assembleia federal, ou para melhor dizer, a delegação da democracia como a unica auctoridade soberana, tendo a responsabilidade, e o mandato de elaborar e votar as leis, eger os que devem applicar-as e vigiar o seu cumprimento, e reservando-se o *direito de graça*, porque é esta assembleia que sentença em ultima instancia todos os recursos que lhe dirigem.

Ha trinta e tres annos que na Suíça funciona este systema, que tem resistido a grandes tempestades, agitadas pelas paixões politicas, ameaçando abalal-as, e que em outros paizes têm sido causa de grandes desastres.

«Somos sete, dizia um dia á camara o sr. Welti, então presidente do conselho federal, e não temos por toda a auctoridade mais do que este rolo de papel.»

E apontava para a constituição federal, estatuto laconico, mas preciso.

(Democracia Portuguesa.)

Opinião da imprensa

Diz a *Folha do Povo*:

A *Evolução*.—Traz cada vez artigos mais esplendidos esta notavel folha republicana, que ha pouco começou a publicar-se em Coimbra.

Para a frente, amigos, mas não vos esqueças de que a evolução é a poesia da politica. No estado actual do paiz só a revolução pôde salvá-lo. Nada de poesia.

A *Folha Nova*:

Além da *Porta-Ferreira* sahia a lume em Coimbra mais um periodico semanal, dedicado á causa democratica—a *Evolução*. É seu redactor principal o sr. Azevedo, estudante de direito que já tem assumido a direcção d'outros jornaes.

Os dois primeiros numeros têm trazido em artigo do fundo algumas considerações sobre a inopportunidade do constitucionalismo, como estado transitorio para a democracia, e sobre outros pontos de propaganda politica, scientifica, cordata e prudente.

Na secção litteraria tem inserido algumas quadras originaes do sr. Eduardo d'Araujo, um rapaz que tem mais talento do que estudo e que já tinha anteriormente revelado o seu *penchant* nas columnas da *Revista litteraria e scientifica* de A. Feijó.

Tem trazido umas prosas de Gery, pseudonymo que me parece occultar o nome do

filho mais velho de Silva Gayo—o Manuel de que falla o auctor do *Mario*.

Revela uma predilecção á *outrance* pelos processos modernos, exaggerando-os em todos os *tics* caracteristicos. A *Evolução* inseriu tambem em folhetim uma tentativa poetica bordada sobre a lenda do *Lohengrin*, assignada por Manuel Gayo e onde o seu actor parece, como poeta, contrariar uma pouco as disposições litterarias do passado.

A lista dos collaboradores é distincta (não pensem que sou collaborador da *Evolução*).

Com estes predicados e uma base financeira estavel, como creio que a *Evolução* tem, o partido democratico portuguez pôde contar com mais uma alavanca segura para a destruição dos attritos creados pelos bandos aventureiros e exploradores, contra a corrente que tende a avassalar os espiritos.

NOTICIARIO

Os festejos em honra do rei de Hespanha custam á nação perto de 1000 contos!

E pouco depois o governo pedirá, como já se annuncia, novos impostos. Tal é a economia monarchica.

Parece que a exposição de arte ornamental não poderá abrir a 12 de janeiro, como se suppunha, por estarem os trabalhos um pouco atrazados. Contudo fazem-se esforços para que a inauguração seja n'esse dia. Só podem assistir á inauguração as pessoas que forem convidadas: as duas camaras, a imprensa, os expositores, etc. Terminado o acto ha, durante o resto do dia, entrada por bilhetes, que se venderão a 2250 réis. Nos outros dias custam 200 réis, excepto ás quintas feiras, em que o preço é de 500 réis. Haverá tambem entrada gratuita em alguns dias designados.

O rei de Hespanha assiste á inauguração.

Domingo repetiu-se no *Theatro-Conimbricense* o *Sargento-Mór de Villar*. Só temos a confirmar a respeito d'esta recita a opinião que fizemos da primeira.

Tudo bem. Agradecemos o bilhete que nos foi enviado.

O distincto architecto sr. Monteiro foi encarregado de apresentar o plano para o edificio destinado ao Lyceu de Lisboa.

Ainda bem que o governo tomou a final esta resolução. A casa em que se achava estabelecido o Lyceu não tinha nenhuma das condições para tal fim.

A *Liberdade* diz:

As receitas dos impostos indirectos em França renderam no mez de novembro ultimo cerca de 20 milhões de francos a mais do que as previsões calculadas no orçamento. Tres mil contos de réis de moeda portugueza!

E assim vae a republica mostrando o que vale a par da monarchia.

O governo da republica dos Estados-Unidos julga que em dez annos estará paga toda a enorme divida publica contrahida por causa da guerra da separação.

Uma peste o governo republicano!

Por nos ser pedido declaramos que o sr. José de Mattos Reis não é o auctor das *Noticias d'Odemira*.

Recebemos o n.º 103 do *Contemporaneo*. Traz o retrato do actor Carvalho Lisboa, acompanhado de biographia escripta pelo sr. Caetano Pinto.

O *Contemporaneo* insere tambem a poesia *Deus*, do sr. Henrique Pereira, a qual publicamos no 3.º numero da *Evolução*.

Segundo lemos nos jornaes de Lisboa, a familia real foi pateada no *Circo-Price*. Que popularidade!

Recebemos e agradecemos o *Noventa e Trez*, jornal republicano que se publica em Lisboa.

Folgamos com a visita do estimavel correlligionario.

Recebemos tambem o *Commercio de Villa Real*.

Agradecemos a troca.

Diz o nosso excellente collega a *Folha do Povo*:

Entre os nossos politicos e os convictos negociadores do catholicismo ha uma grande similhaça.

Imagine-se: o mesmo caso que se deu ha dias, d'um sujeito se passar da granjolada para os baldomeras e d'estes para aquellos, e ainda para estes, e depois se passar definitivamente para a granjolada, este mesmo caso se acaba de dar em Roma com um dos mais convictos sacerdotes do catholicismo.

O abbade Bichery, residente em Roma abandonara a igreja catholica para obter o logar de vigario de M. Loyson, chefe da igreja anglicana da mesma cidade.

Bichery em pouco tempo desaveiu-se com Loyson, em resultado de repetidas questões com a esposa d'este, que tinha a mania de se intrometer nos assumptos da igreja.

Bichery, sem saber o que havia de fazer, resolveu voltar á igreja catholica romana, e foi apresentar-se ao bispo de Seez, sua diocese, fez a sua submissão e mostrou um grande arrependimento.

Pois depois de tudo isto, Bichery acaba de, pela segunda vez, apostatar, verificando-se a sua abjuração em um templo protestante americano de Roma!

Naturalissimo n'estes tempos.

O *Jornal da Manhã* publicou no dia 26 de dezembro uma folha extraordinaria com uma pagina de debuxos e com o retrato do sr. Fontes.

Diz o *Conimbricense* que foi demittido de administrador interino da imprensa da Universidade o sr. dr. Manuel da Costa Allemão.

Para este logar foi nomeado o sr. D. Antonio da Costa.

Recebemos e agradecemos a *Independencia*, jornal que começou a publicar-se em Póvoa de Varzim.

Diz que será imparcial em politica fazendo critica desapaixonada.

Ao novo collega desejamos todas as felicidades.

Diz a *Folha Nova* que alguns membros do corpo commercial tencionam fundar no Porto um centro republicano em que só se poderão filiar individuos que pertençam ao commercio.

Applaudimos a ideia.

Recommendamos ao publico o novo jornal, cujo prospecto abaixo transcrevemos. E' d'uma barateza excepcional e os nomes dos collaboradores são uma garantia infallivel do merito da nova publicação.

GALERIA REPUBLICANA

Proprietario—João José Baptista.

Director—Magalhães Lima.

Collaboradores—Augusto Rocha—Alexandre da Conceição—Anselmo Xavier—Antonio Furtado—Costa Goodolphim—Gomes Leal—G. Benevides—José Jacintho Nunes—

Nuno Alves Correia—T. Bastos—Theophilo Braga—Silva Graça—Silva Lisboa—Xavier de Paiva e muitos outros.

Collaborador photographico—Manuel da Silva Campos.

Com o titulo de *Galeria Republicana*, vamos encetar a publicação d'uma folha quinzenal, que além de ser impressa em magnifico papel, conterá cada numero a biographia d'um republicano nacional ou estrangeiro, acompanhada de varios artigos de propaganda democratica, e poesias devidas á penna dos nossos mais distinctos escriptores. Cada biographia será acompanhada d'um retrato photographico do individuo biographado.

O primeiro retrato a publicar é do eminente poeta revolucionario Gomes Leal, com a biographia escripta por G. Benevides, um dos illustres redactores do *Seculo*, jornal em que já tem publicado uns folhetins conscienciosos ácerca dos ultimos poemas de Gomes Leal. Em seguida a este retrato daremos o de Henrique Nogueira, commemorando d'este modo o triste anniversario da morte do primeiro republicano portuguez, (23 de janeiro de 1858).

Será inutil procurar demonstrar aos nossos correlligionarios e mesmo ao publico em geral a utilidade d'esta publicação, porque ella é da maxima evidencia; o que podemos porém affirmar é que a *Galeria Republicana*, formará no fim de cada anno um bello volume de luxo, onde se encontrará além dos 24 retratos de diversos republicanos tanto do paiz como de fora d'ellé acompanhados de bem elaboradas biographias, uma grande collecção de artigos de propaganda democratica, archivando tambem noticias do desenvolvimento da ideia democratica, em Portugal durante o anno. O primeiro numero sahirá em 10 ou 12 de janeiro proximo.

A *Galeria Republicana* publica-se 2 vezes por mez.

Condições da assignatura

Lisboa—Trimestre ou 6 numeros 240—Semestre ou 12 numeros 480.

Provincias e Ilhas—Semestre ou 12 numeros 500—Anno ou 24 numeros 1000.

Para o *Estrangeiro*—Accresce o porte do correio.

Brazil—Anno ou 24 numeros, moeda forte 2\$400.

Avulso 40 réis, e 15 dias depois da publicação 80 réis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, sem o que não se satisfaz pedido algum.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador e proprietario da *Galeria Republicana*, João José Baptista, Kiosque do Rocio (lado norte) Lisboa.

Recebem-se assignaturas:—Em Lisboa, na redacção do *Seculo*; no Porto, na redacção da *Folha Nova*; e em Coimbra, na redacção da *Evolução*.

ANNUNCIOS

CIRURGIÃO DENTISTA CEREGHETTI DOMINIQUE

COIMBRA

POSSUE todos os apparatus anestheticos e chloroformisadores para extrahir dentes e raizes sem comoção alguma.

Tira dentes, molas, raizes sem a menor dor.—Empasta e orifica os dentes cariados, garantindo todos os seus trabalhos. Eguala os dentes demasiadamente compridos, separa os unidos e firma os vacillantes. Limpa os dentes com toda a perfeição. Tem muitos especificos para a conservação e limpeza da bocca e cura o escorbuto radicalmente.

Tira callos sem dor alguma podendo o operado calçar o calçado mais apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca houvera tido callos.

Tem a sua residencia e laboratorio na Praça 8 de Maio—Coimbra.

N. B. Adverte, que não faz uso da chave ingleza para extrahir os dentes. As suas operações são feitas perpendicularmente.



A EVOLUÇÃO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1.º pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

colladaal mudi o soni... medana

N.º 7	CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA Cada serie de 15 numeros 300 reis.	COIMBRA, 8 DE JANEIRO DE 1882	PUBLICAÇÕES Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Courega dos Apostolos, n.º 29.	ANNO 1.º
-------	--	-------------------------------	--	----------

EXPEDIENTE

Encarregam-se de receber a importância das assignaturas da «Evolução» em Tavira o sr. Sebastião Galvão e em Lagoa o sr. Domingos Faria.

Os srs. assignantes das localidades onde não temos correspondente, obsequiam-nos enviando em estampilhas a importância de suas assignaturas à Administração da «Evolução» na Courega dos Apostolos 29, 3.º.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria do sr. João José Baptista, Kiosque do Rocio.

AS FESTAS

Dentro de dois dias chega a Portugal D. Afonso XII, rei de Hespanha. O sr. D. Luiz e o seu governo prepararam os mais deslumbrantes festejos para, em nome do paiz e á custa d'elle, receberem hospede tão illustre.

Portugal tem sido visitado por muitos homens eminentes na sciencia e nas letras: Quinet, Racinsky, Ernest Hæckel e tantos outros. Ainda ha pouco se reuniram em Lisboa dois congressos, de que faziam parte os homens mais distinctos: Virchow, Quatrefages, Henri Martin, Capellini, Mortillet, etc.

Pois bem! Estes sabios, estes litteratos que dirigem o pensamento moderno, que representam o espirito da sciencia e são a gloria da humanidade, passaram em Portugal no meio da mais profunda indiferença. E realmente elles não mereciam que um governo de cretinos se incommodasse muito. Para quê? Ignora-se acaso lá fóra que nós somos uma nação onde existe o mais desvelado amor pela sciencia? Não. Portanto não era preciso dar provas do que estava provadissimo.

Chega Afonso XII. A nação não pôde ficar indifferente na sua presença. Elle é credor — pela sua sciencia illimitada, pelos seus altos meritos litterarios, pela sua grande dedicação por este paiz — dos mais extraordinarios enthusiasmos, das mais delirantes alegrias.

Mas convém saber quem é Afonso XII, qual é o papel que representa, que titulos tem á nossa estima.

É o homem em proveito do qual os revolucionarios de caserna empolgaram o governo da Hespanha, fazendo-o o representante da dynastia de Isabel a Catholica, proscripta e repudiada pelo povo hespanhol.

Quando, em 1879, um pobre portuguez, que se provou estar doido, foi condemnado á morte, Afonso XII não lhe commutou a pena, como o pedia a deferencia para com Portugal, onde essa pe-

na não existe, e como lh'o devia aconsellar a sua alma de 20 annos.

Ha pouco ainda, disseram os jornaes que o rei de Hespanha tinha, na entrevista de Caceres, tratado com D. Luiz o plano da futura unificação politica da península iberica.

Taes são as razões por que nós o vamos acclamar, taes são as razões por que se vae exigir d'nm povo n'uma situação economica deploravel o sacrificio de 1000 contos de reis.

É não pára aqui o absurdo: o governo manda dizer pelos seus follicularios que estas despezas se justificam, que são necessarias para attestar o prestigio e a vitalidade da nação.

A quem pretende o governo enganar? Ao povo? Esse desilludir-se-ha quando d'aqui a alguns dias se lhe pedirem novos impostos, se é que não está já terrivelmente desilludido.

As monarchias tem tido sempre a preoccupação de quererem apparentar força, sem se lembrarem de que as apparencias de nada valem quando os factos as contradizem com tanta eloquencia.

Dentro de dois dias, pois, os foguetes estalarão nos ares, as bandas soltarão as suas notas festivas, os gládios dos nossos caudillos reluzirão ao sol brilhante d'uma parada gloriosa, os nossos soldados, queimados pelo fumo das batalhas, mostrarão a Castella... o que?... que nós somos um povo desorganizado, que o nosso exercito é um objecto de ostentação e de luxo, e que perante uma invasão que a Hespanha tentasse, nós não poderíamos contar com a nossa força, mas sim com a fraqueza d'ella. Oxalá esta nos servisse d'alguma cousa!

Tudo isto é ridiculo, e far-nos-hia rir, se não vissemos no fundo uma parte tragica.

Os festejos, feitos por um rei em honra de outro, vão ser pagos pelo paiz, cuja existencia autónoma está, segundo parece, dependente d'um accordo feito em Caceres pelos dois monarchas da península.

E affigura-se-nos ver levantar-se do seu tumulo o cadaver do pobre doido fuzilado para espadanar sobre a abjecção d'estas festas o seu sangue irresponsavel, innocente.

O Centenario de Pombal

O seculo actual affirma-se na historia como uma epoca essencialmente rehabilitadora.

As nações sentem-se oppressas sob a responsabilidade que lhes foi legada pela ingratidão das gerações precedentes: o sentimento da dignidade, profundamente radicado nos povos, impelle-os a solver a divida em que o obscurantismo das passadas eras os constituiu para com a memoria dos que hemmereceram do seu paiz.

A humanidade reconhece-se como uma só familia, solidaria nos jubilos e nos pezares de todos os seus membros; porque sabe que n'este caminhar evolutivo para um ideal perfeito, embora mal entrevisto, cada individuo é um arroteador da larga senda que o todo vae seguindo. Por isso, se um povo rejubila, ufanando-se da conquista d'um progresso, todos os povos se lhe associam a quinboar com elle a ventura commum.

Não é outro o sentido dos centenarios. As celebrações das virtudes, geralmente egoistas, dos santos do catholicismo succedem-se as apothéoses dos que ensinaram os homens não a fugir do seu semelhante, internando-se nas desertas thebaidas para merecer um sonhado empyreo, mas a avigorem-se pelo cumprimento da justiça contra o privilegio e a reivindicarem os seus foros de liberdade contra as oppressões de todo o genero.

Os ingratos esquecimentos, as perseguições iniquas contra os benemeritos da humanidade não são já possiveis. O povo tem fome e sede de justiça, e o povo é hoje o dominador. Se os reis poderam olvidar servicos, o povo guardou o reconhecimento e hoje que está prestes a ser livre fortalece-se, recordando os nobres incitamentos dos que lhe indicaram o caminho, e proclama a sua equidade, celebrando-lhes a memoria veneranda.

Ha pouco a França glorificava Voltaire, o valente destruidor do velho e carcomido reducto do catholicismo; bem sabia essa generosa nação os encomios que Voltaire tecera á realza devassa e a fatua solicitude com que elle se enfrontava em seus contestados pergaminhos: mas a França glorificava Voltaire o propugnador da liberdade de pensamento, Voltaire o philosopho, o encyclopedista, e não Voltaire o aulico, Voltaire o vaidoso.

Mais recentemente ainda Victor Hugo recebia o tributo de gratidão que lhe deve a familia humana, sem que ao velho octogenario lhe enrugasse a fronte a lembrança de haver defendido as cruzes dos sicarios da communa.

Hontem a Hespanha movia-se sob o influxo communicado pela França e Portugal e divinisaava Calderon, esquecendo-o incenso queimado pelo poeta em homenagem aos autos de fé.

Hoje é Portugal que novamente se agita para dar a consagração ao homem que mais avulta na moderna historia portugueza; ao gigante cujas mãos de ferro conseguiram dar vida, ainda que momentanea, ao cadaver da nação: ao ministro que, depois de ter engrandecido o povo — o pária de tantos seculos — destituiu a realza do seu antigo prestigio e, desamparado do clero e da nobreza abatidos, a entregou ao povo que, ainda mal, repactuou com ella.

A mocidade academica levanta o grito entusiasta, convocando o povo á apothéose do marquez de Pombal.

Não lhe cabe a gloria da iniciativa, mas pertence-lhe a honra de despertar a nação do marasmo onde a submerge a politica nefasta que nos governa. No momento em que o governo finge esquecer a miseria publica para divertir a realza, dispendendo com ella o que extorquiu do povo, a mocidade academica portugueza dirige um appello ás forças vivas do paiz, protestando contra as prodigalidades d'um governo essencialmente perdulario, por meio da commemoração secular de Sebastião José de Carvalho e Mello, o ministro que, depois de crear a instrucção

publica, e a industria em Portugal, de levar o commercio, a navegação, a agricultura e de levar o seu espirito reformador a todos os ramos da administração, deixou milhões no cofre onde no seu adven o não havia um ceitil.

A voz de alarme foi proferida; cumpre secundal-a em todo o paiz, tanto mais quanto é certo arreceiarem-se os governantes d'esta manifestação que se lhes antolha, como o glorioso centenario de Camões, o accordar do povo para a vida politica, para a reivindicacão dos seus direitos usurpados e vilipendiados.

É quasi decorrido um seculo desde que se finou o ministro de D. José, e ainda refervem mal apagados os odios que suscitou a administração energica do grande marquez. Bemdil-o é exalta-o o povo, este juiz tão imparcial como a historia: votam-lhe rancor os netos da aristocracia que elle anniquilou; odeiam-lhe a memoria os falsos apóstolos de que elle foi azorrague. São os ultimos alentos do passado que se revolve no pó dos pergaminhos á sombra do altar derrocado.

Decorreu um seculo e a torrente da revolução franceza completou na Europa o que o braço potente de Pombal iniciara em Portugal. Mas o que a revolução edificou permanece de pé; o que Pombal instituiu baqueou, mal lhe falleceu a mão que amparava mole tão agigantada. É que a revolução fel-a o povo; a reforma de Pombal fel-a um homem. E todavia que de pontos semelhantes entre as reformas do marquez e as da revolução! Quando em França a revolução abolia os privilegios da nobreza, já Sebastião de Carvalho os annullara em Portugal. Ainda não fora apregoadá a egualdade em França, quando entre nós já o marquez de Pombal havia proclamado a abolição da es, cravatura, a egualdade dos indios na America e na India.

Todavia o espirito superior de Pombal que a todo o transe queria levar a cabo a empreza que emprehendera de erguer Portugal da atroz decadencia em que o achou, não pôde esquivar-se á influencia do meio em que viveu. São prova d'isto os falsos principios philosophicos do machiavelismo que o guiaram em muitos dos seus actos e o errado systema economico dos monopolios que entre nós fez vogar. Não ousaremos contudo decidir que os monopolios n'essa epoca, em que os negociantes fugiam de emprezas commerciaes arriscadas, fossem um mal para a sociedade portugueza que jazia no mais lastimoso estado de atrazamento. Em França a revolução acabou com os monopolios, como expressão de privilegios que a liberdade não pôde reconhecer.

Porém estes erros a que se não eximiam os espiritos mais conspicuos da epoca, são, como as repressões severas de que fez uso contra os refractarios ás suas utilissimas reformas, leves senões que não deslustram a memoria do portuguez que mais amor consagrou á sua patria, depois de Camões.

Em nome d'esse amor e para rehabilitar a memoria de nossos paes que pagaram a divida de gratidão para com o grande reformador da sociedade portugueza com o exilio decretado por uma rainha inepta, nós que temos por ideal a justiça e por movel o patriotismo, vamos celebrar em Sebastião José de Carvalho não o castigador rígido, mas o ministro revolucionario e o benemerito de Portugal.

Lisboa, dezembro de 1882.

Paula Nogueira.

As nossas Colonias

Dizamos nós em um dos numeros precedentes que os missionarios francezes estabelecidos em Landana, proximo do rio Cacongo ou Chiloango, como alli lhe chamam, em nada têm contribuido para o desenvolvimento da civilização e muito menos para desarraigado do espirito dos indigeus a idéa da escravatura; pois que s.^{as} rev.^{as} também escravizam e não raras vezes têm n'aquella missão negros acorrentados!

Diremos hoje, que o missionario francez nas nossas colonias embora subordinado ao governo portuguez, é altamente inconveniente.

O missionario francez só ensina aos seus escravos a lingua e costumes francezes, e sempre procura mostrar aos indigenas que Portugal é um paiz pequeno, sem força nem prestigio no convívio das nações europeas e portanto incapaz de os proteger ou castigar quando isso se torne preciso, ao mesmo tempo que lhes mostra a força, importancia e consideração da França entre as nações europeas. Isto é verdade.

Será por ventura util para Portugal enviar para as nossas colonias missionarios de tal procedencia que só alli vão desacreditar-nos?

É certo que o indigena pela necessidade que tem de fazer as suas permutações nas feitorias portuguezas ou estrangeiras, quasi todas dirigidas por portuguezes, se vê obrigado a aprender a lingua portugueza, e os costumes portuguezes, e por isso nós alli somos os primeiros entre o grande numero de estrangeiros que lá se encontram; e nenhum estabelecimento estrangeiro pôde dispensar os serviços dos portuguezes.

Mas continuarão as coisas assim se nós não olharmos com attenção pelo desenvolvimento das nossas colonias?

Duvidamos. Por um lado o padre francez, pelo outro as missões protestantes não de acabar por minar a nossa influencia nos paizes que são nossos, mas que infelizmente, por considerações que não sabemos como apreciar, ainda reconhecem a auctoridade portugueza e referimo-nos á região da Africa occidental comprehendida entre o rio Loge ao norte do Zaire e o Cacongo ou Chiloango proximo do qual está a missão franceza.

O rio Zaire comprehendido n'esta grande extensão de terreno é sem duvida nenhuma a via commercial mais importante da Africa occidental; o clima das suas margens é relativamente bom; todos os ramos de commercio africano, com poucas excepções, alli são explorados; nas suas margens acham-se florentissimos estabelecimentos inglezes, francezes e holandezes; centenas de navios são todos os annos carregados com os productos que sahem pela sua foz; todavia o nosso governo só ha pouco justamente excitado pela sociedade de geographia de Lisboa, se lembrou que o Zaire existia, e a instancias d'ella se determinou a estabelecer n'aquellas paragens uma estação civilisadora, que não sabemos quando alli se fixará, por falta de chefe.

Se for, quando alli chegar, já lá encontra o grande trabalhador Stanley; já antes d'este lá estava no Noque uma missão anabaptista de Cardiff de que era chefe Strom, um missionario dinamaquez, e de que actualmente é chefe Mr. Craven, inglez. Já quando o padre Lazaro foi por ordem do Governador Vasco Guedes, mandado a S. Salvador do Congo alli encontrou, uma missão anabaptista ingleza, que retirou logo que viu o missionario portuguez; finalmente já está já em Bôma, na margem direita do Zaire; a celebre missão franceza; que elles fogem da margem esquerda, fundando-se em que só até lá nós podemos fazer valer os nossos direitos!

Continuaremos.

A PLEBE

É extraordinario o quadro que nos apresentam as sociedades civilisadas, e a primeira impressão que nos fere ao contemplar-as é um desvairamento que nos perturba a razão e nos anesthesia as facultades.

Perguntamos a nós mesmos o porque de

tão estranha prespectiva, maravilha-nos o combater poderoso de correntes oppostas que se guerreiam a todo o transe, e espantamo-nos sobre tudo a coexistencia de principios tão heterogeneos.

É o periodo da lucta no auge da violencia, no seu grau maximo de tensão e força; e a Europa inteira é um enorme cadinho onde refervem elementos extraordinarios, d'uma combinação problematica.

Qual será o producto de tão extranha operação da chimica social?

No entanto todas as luctas que se ferem na vastissima arena das idéas, podem reduzir-se a uma: a lucta do passado contra o futuro. Os elementos que representam estas duas potencias enormes, cada uma das quaes contém em si toda a opposição com a outra, são nem mais nem menos que o ultramontanismo e o progresso.

A synthese parecerá arrojada, mas se procedermos a uma analyse conscienciosa veremos que é verdadeira. E não cabe no nosso intuito fazer essa analyse, que seria trabalho superfluo; outro é o nosso plano.

Só diremos que fazemos, talvez ampliando de mais a phrase, comprehender no ultramontanismo todo o enorme complexo das idéas que tendem á conservação das instituições no seu estado de utilidade exclusiva de algumas classes.

Estes elementos de vitalidade desempenham, apesar de tudo, uma enorme função evolutiva—equilibram-se.

Não somos apologistas da revolução extemporanea, que exorbitou das leis da evolução, como rude cataclismo que pouco mais produz do que ruínas; e é essa a razão porque desde já dizemos—a coexistencia d'estas forças é necessaria, é indispensavel, e se alguma d'ellas ha de ser absorvida, essa absorção ha de operar-se em proveito da que representa a função de momento; mas espontanea e naturalmente; porque uma revolução não podia certamente aniquillar forças vivas, mas sómente modificá-las.

Hoje que a lucta é um dever sagrado, cumpre a todo o espirito superior empenhar-se n'ella; mas não seja a lucta irreflectida e violenta onde se dispendem forças quasi sempre sem proveito.

É principalmente pela classe plebeia que deve luctar-se, porque ella está longe, muito longe, de poder prescindir d'essa tutela.

A revolução de 1789 deu-lhe um desenvolvimento extemporaneo e precoce que a tem perdido, porque tem feito uma applicação errada de principios geraes que comprehendem mal, porque os recebeu quasi sem preparação previa, e hoje attribue-lhes uma latidade e um caracter absoluto que elles não têm nem podem ter; e d'aqui resulta para esta classe uma degradação moral e um enfraquecimento de facultades que faz tremer, porque ella desenha nos labios um sorriso de septicismo voltairiano sem que as crenças que perde sejam substituidas por outras crenças.

É sobre tudo para este ponto que devem convergir os esforços dos apóstolos da nova fé.

Quasi todos os philosophos, quando tratam de definir e determinar a influencia do christianismo sobre os povos, elevam-se demasiado em concepções puras, desprezando o realismo frio dos factos; e muito poucos escriptores, a não ser debaixo da forma humoristica, ou então de verrina superficial e demasiado violenta para ser philosophica, encaram ainda propriamente a questão da influencia das crenças religiosas sobre as classes collocadas no ultimo grau da escala da illustração. Mas crenças religiosas taes quaes lh'as incute o clero que, ou é illustrado, e então raras vezes deixa de usar de má fé ensinando doutrinas que lhe não satisfazem o espirito, ou o não é, e o resultado é o mesmo; porque a plebe nada, ou muito pouco sabe das doutrinas propriamente ensinadas pelo Christo, e unicamente lhe enchem o cerebro crenças e superstições d'uma grosseria verdadeiramente pagã.

A moral propriamente christã impõe, é verdade, um certo numero de prescripções completamente inexequíveis por absolutamente theoricar, mas encerra no fundo os germens d'uma norma aproveitavel e quasi

completa, que soube arregar uma instituição que seria immortal, se alguma instituição houvesse bastante forte para resistir á espada athletica da evolução.

D'um espiritalissimo exaggerado até ao ponto de enlouquecer os que pretenderam dar-lhe um comprimento integro, continha n'esse exagero a força que a sustentou, conjunctamente com a necessidade historica e evolutiva da sua existencia.

Satisfeita essa necessidade desempenhou a sua missão, como a desempenham todas as instituições. Porém essa missão terminou e ella, cedendo ainda á força impreterivel das leis naturaes, tendo a desaparecer, e se alguma influencia exerce ainda, é prejudicial ao desenvolvimento dos espiritos que a professam.

Chegados a este ponto, a questão ramifica-se em duas; temos a encarar-lhe duas faces—1.^a a plebe crente; 2.^a a plebe descrente.

Como o homem proximo a afogar-se lança mão de todos os meios para subtrahir-se á acção mortal da asphixia, assim as instituições, na sua queda lenta para a valla da historia, envidam esforços cegos para conservar nos seios o resto de fluido vital que vae pouco e pouco rarefazendo-se e decompondo-se á acção fatal do tempo e das idéas.

Eis o que succede com o christianismo ou melhor com o catholicismo.

Presente a morte e, semelhante ao leão derrubado, tenta ferir, esmagar debaixo da garra, que possui a força nervosa da agonia, o braço que lhe vibrou o golpe.

O unico sustentaculo das idéas catholicas é a ignorancia, o obscurantismo, porque só por uma anomalia, em virtude de uma perfeita aberração, que importa enfraquecimento necessario de forças cerebraes, podem coexistir com a illustração.

Pois bem é para ahí que convergem os esforços ultimos dos que pretendem sustentá-las para sustentá-las impedindo a todo o transe a passagem da luz.

E tem-no conseguido a tal ponto, que inspira dó a repulsão premeditada mas inconsciente dos crantes a tudo o que seja progresso; e eis a razão porque estes cerebros mizerandos não possuem senão um pequeno numero de principios scientificos, que deturpam, porque na sua applicação, os subordinam ao criterio fanatico e retrogrado das suas crenças, que desenvolvem d'elles um espirito invencivel de conservação.

Desconhecem a verdadeira função das instituições nascentes, que as horrorizam porque o clero e seus adeptos lh'a fazem ver como instrumentos de anarchia e de morte, impedindo a observação com o dique insuperavel do anathema e da sanção phantastica e grosseira do inferno, que o vulgo teme porque não conhece, nem a sua razão pôde desprezar, porque lhe falta a força.

E as questões de toda a ordem são submettidas á apreciação cavillosa do pastor que, ou as não resolve porque as não conhece, e na sua vaidade de illustração ostenta uma solução impossivel; ou, se as conhece, impede que o vulgo as conheça se ellas vão ferir, de leve que seja, os interesses ecclesiasticos.

E todavia, amarga verdade, é mais feliz a plebe que crê do que a que não crê; porque para aquella a religião é uma barreira que raro deixa attingir o campo do vicio habitual; esse vicio chronico que tem o nome de corrupção!

A crença é um elemento necessario e imprescindivel de vida. Demonstram-no os factos.

Não é pois que a crença christã, ou, mais geralmente, a crença religiosa seja pela sua natureza conducente, ao menos hoje, ao aperfeiçoamento integral das forças sociaes; mas quando ella desaparece sem que tomem seu lugar as crenças racionais de qualquer ordem, deixa de existir um principio orientador, uma estrella que nos aponte o norte da finalidade humana.

Os espiritos a quem não allumia o immenso sol da sciencia, proscvem as crenças religiosas não porque as criticaram, porque, se se assim fosse, os elementos de critica

eram por si uma crença; mas porque lhes faltou o extremo apoio do exemplo; mas porque observaram a contradicção flagrante dos homens que pretendem sustentá-las unicamente com a palavra, cavando-lhes com o exemplo a sepultura.

É então que o paria, rodeado de trevas e vacuo, se precipita n'esse abysmo horrivel de crimes obscuros que o mais cynico d'uma classe superior observa com horror e repelle com asco,

Pretendi destruir, mas o meu trabalho seria incompleto se não tentasse também edificar.

É um erro que a cada passo se comette o dizer-se que o povo portuguez não está sufficientemente preparado para receber a luz dos principios politicos modernos. É um erro, repito.

Está-o sufficientemente, e tanto como qualquer enfermo para receber o remedio; porque esta é a verdade: o povo soffre d'uma enfermidade de que só poderá curá-lo a forma republicana de governo.

O povo, a plebe, esse eterno escravo, geme debaixo do escarneo humilhante de uma liberdade ficticia e d'uma ignorancia que o cega. Pois bem! Erga-se o povo do seu leito de paralytico baptizando-o nas aguas da nova fé, e depois o povo portuguez será o que é o francez, o suizo e o norte-americano.

Seja esta a estrella tres vezes santa que deva guiar á pelega ideal do bem os espiritos da luz; seja este o lemma que os apóstolos do novo christianismo estampem na sua bandeira: *roubar o povo ás garras da ignorancia.*

A. A.

Noticias d'Odemira

Proceden-se no dia primeiro de janeiro á eleição do corpo gerente da Sociedade Recreativa Odemirense, sendo os cavalheiros mais votados os ex.^{mos} srs. José Maria Lopes Falcão, dr. Moura, João Serrão do Valle, José Romão Nunes e Angelo Botelho.

Como as correspondencias, que tenho de enviar a respeito do *nosso* prior, são em grande numero, porque tenciono apresentá-lo sob todos os seus aspectos, sou obrigado a fazer uma prevenção.

Perguntar-me-hão os estimaveis leitores d'estas noticias, a que proposito vem fallar d'um padre, cuja vida publica se não molda por boas formas, quando pretende provar apenas o indifferentismo dos seus patricios? É mais, para que fallar d'esse indifferentismo; quando deve sómente encaminhar o povo á comprehensão da causa que defende?

Eu lhes digo: tudo isto me ha de levar a esse fim desejado, mas para o conseguir terei primeiro de derrubar os obstaculos que entulham o caminho, e ninguém ignora que um dos maiores senão o maior, é o indifferentismo que abate um povo e o colloca nos paroxismos da morte. Esta doença manifesta-se de diversas maneiras, e uma d'ellas resume-se n'estras tres palavras: *que me importa...* Pratique-se o bem ou o mal dir-se-ha sempre, *que me importa...* Ainda uma outra manifestação, é a censura d'um acto na ausencia de quem o praticou, e na presença a conservação das mesmas relações ás vezes até com mais exterioridades. Exposto isto, facil é ver a coordenação d'estes factos.

O *nosso* protagonista é um ente odiado por quasi todos os habitantes d'aqui, todos censuram os seus actos, mas ninguém se *importa* com a sua sanção, todos, contudo, desejosos que alguém um dia o chame a capitulo.

Se se importassem, onde estaria o *nosso* prior?!

Chegou-lhe hoje o dia, mostro com isso não estar enfermo, e espero mostrar-lhe não desanimar da empreza que me propuz; ou ha de ser regrado ou ha de ser demittido.

Os meios a empregar affianço-lhe serem leaes e publicos. Não prometto azas de pau, prometto-lhe honra e lei. Não o mando cavar batatas a Roma, peço-lhe moralidade e seriedade.

Estas considerações guardava-as para remate, mas a oppurtunidade d'uma declara-

ção obrigou-me a fazel-as já. É necessario dizer ainda outra cousa, que tenha sempre em vista nas minhas correspondencias, que me occupo só da sua «vida publica» e faço-o não por importancia que lhe dê, simplesmente por ser a unica sob a alçada da discussão e de nosso interesse.

O promettido é devido.

Sem me demorar em preambulos escusados, vou cumprir a missão a que me propuz, apresentando-lhe o *nosso* padre como um exemplar esthetico-intellectual-moral.

Homem alto e grosso, rosto chato e cheio, olhos, nariz e bocca pequenos, sobrancelhas negras e carregadas, tal é o typo de antipathia personalisada!

A sua intelligencia tem-se revelado em suas producções, taes são: sermões, officios, (ao regedor e presidente da junta de parochia), discursos no fóro e fóra., requerimentos, etc.... uma fecundidade comparavel á de Jayme José, mais correcta e menos augmentada.

Como remate: as suas obras apresentam-se revestidas d'um cunho de moralidade, que já attinge a virtude pela practica continua, e que n'este mundo começam a ter seu premio.....

Apresentemos alguns factos como prova.

Em tempos, em que se preenchiam lugares sem concurso, e que não vão longe, vagava o lugar de prior d'uma das freguezias d'esta villa, e por essa occasião sahia do seminário de Beja um simples mortal, a que os amos tornariam *composto*..... e pretendu-o.

Por pedido d'um tio d'elle a um vulto importante d'aqui, o capitão Eduardo Eloy, obteve o posto ambicionado, e em poucos dias era o *sr. prior*.

Estava exuberante de vaidade! tão novo investido n'um cargo tão importante, não podia ser só por influencia d'outro, devia ser também pelos seus merecimentos. Mas quando os mostrou? Não se tinha ainda manifestado, é verdade, mas esperava no futuro, e quantas occasiões não se lhe offererem!

Recorreu ao futuro, e este tem-lhe provado bem que a natureza não o destinava para aquelle ministerio; falta-lhe vocação e falta-lhe intelligencia. Ter o nome de padre é fácil, sabel-o ser difficilissimo.

A vida era-lhe affavel, a freguezia rendosa, o trabalho pois desnecessario. Mas em que se passaria o tempo? A comer?

Isso fazia, e alguns annos depois mostrava, o que valia uma vida em que as necessidades do corpo eram tudo, as do espirito nada. Nada..... não!..... alguma couza é a vileza, resultado da sua subordinação e desprezo.

Não enchia os seus desejos, comer sómente; as suas aspirações tinham um ambito maior—manifestar o seu *talento*—era necessario satisfazel-as.

Decidiu-se um dia, e começou.

As vocações porém eram multiplas. Assim em 1872 se bem me recordo, respondia a uma policia correccional, por insultos publicos feitos á camara.

Suspenderam-n'o de suas funcções durante alguns dias, segundo a lei.

Sentado no banco dos réus, foi n'essa occasião punido com o nome de quem não prova o que affirma.

Gratas recordações o acompanhavam n'esse dia ao sahir do tribunal, queria lá voltar, mas não, só, como réu; um outro ponto luminoso começava a dispartar no horizonte das suas ambições; se elle fosse um dia procurador?... Não querendo precipitar a exposição dos factos, direi comtudo já que viu realisado mais tarde o que n'esse dia ambicionou.

Em 1881 era accusado pelo administrador do concelho de graves faltas no cumprimento dos seus deveres.

Formaram-se-lhe dois ou tres processos, de que se livrou, fazendo valer as qualidades que o adornam e distinguem.

No dia em que soube d'este acontecimento teve medo, quasi que adoeceu: de noite, de dia, tinha deante si um espectro que tentava aniquilal-o.

Não havia remedio senão tomar uma deliberação: a elle porém não lhe apparecia outra, que não fosse entregar-se á protecção do seu Deus, de quem era um *tão fiel servi-*

dor. Mas só esta, também lhe parecia não bastar.

Alguem de bom coração lhe traçou um plano, que talvez desse seus resultados.

E porque o não seguiria?

Um dia, julgo que bonito, soube-se em Odemira, que o *nosso* prior partira para Beja. Visitou alli o *mui digno* vigario geral, seu intimo amigo, com quem fallou durante algumas horas sobre negocios ecclesiasticos, forenses e administrativos, o que devéras maravilhou o prelado, ao notar-lhe tão grande erudição!

Demorou-se um pouco mais no assumpto administrativo, apresentando os males provenientes d'um mau administrador, que como exemplo, tinha á mão o de Odemira.

Contou-lhe muita cousa e junctamente os males que o opprimiam.

O seu *mui digno* superior condoceu-se tanto, que lhe entregou uma receita, mas de que só em Lisboa se devia utilizar, depois de consultar um medico especialista, que havia alguns mezes abria um consultorio no Terreiro do Paço, e de quem era amigo.

Foi pois até Lisboa obrigado pelas circunstancias.

Fácil lhe foi encontrar o medico, a quem fez entrega da receita; e depois de inquirido sobre os seus soffrimentos, que descreveu sob aspecto o mais tetrico como ao causador d'elles, o medico disse-lhe: a receita que lhe deram em Beja está conforme aqui mesmo tenho botica e dou aviamento.

Quando o doente se preparava para pagar, perguntou-lhe o medico *ex-abrupto*:—de quantos votos dispõe lá na terra?

Sabida a resposta, pediu que lh'os guardasse, e estava pago.

Não podendo ser logo aviada a receita, o medico aconselhou-o a voltar para Odemira e fez-lhe promessa de prompto curativo com applicação do remedio que brevemente enviaria.

O medico era o ministro do reino da situação progressista; a doença do padre, os processos que o administrador lhe promoveu; o remedio a applicar, a sua transferencia.

Mas, fatalidade! O administrador tivera suas rixas com um membro da camara, e este exigia igualmente a sua transferencia.

Sabida comtudo, sr. padre, que não foi a sua doença, quem decidiu o ministro.

O administrador ia ser dado em holocausto, talvez porque cumpria a sua obrigação; exceptuava-se dos seus predecessores, importando-se com os deveres do seu cargo.

E assim era.

A transferencia deu-se em breve.

Nesse dia o padre jantou melhor.

Pois não..... via-se livre do seu maior inimigo!

Realizada a parte mais importante do plano que lhe traçaram, pensava agora como acabar com o fructo do seu inimigo: os processos.

Não lhe achando outra solução, que não fosse a natural, de responder a uma audiencia, esperava no bom resultado d'ella, porque as testemunhas de accusação abrandariam com a ausencia do administrador.

Odemira, janeiro de 1882.

(Do nosso correspondente)

(Continúa).

Noticias de Santarem

Fervilham as intrigas politicas e praticam disparates bravios os mandões do campanario.

Para alguns d'elles não existem homens independentes, que antes devem ser servos estupidos, obedecendo submissamente a imposições tolas, abdicando dos attributos essenciaes, que distinguem o homem.

—Quando se insurge um ou outro com independencia, porque não tem feito para palhaço, lança-se mão de todos os meios, embora ignobeis, para os amordaçar e desconsiderar. Se continuam a protestar, intriga-se tudo, comtudo que se consiga o fim.

—O grupo que está de cima, quer uma camara á sua imagem e semelhança.

Fez-se. Quiz mais tarde distribuir a presidencia e vice-presidencia a seu bel-prazer.

Fez-se. Os meios que se empregaram são

tão baixos, tão pequenos, vis e infames, como são pequenos e mesquinhos os homens que a isso se prestaram, caindo miseravelmente no lodaçal d'uma politica réles.

Uns que alardéam de independentes, são convidados para opiparos jantares afidalgados e ahí juram a sua submissão, trocando as suas convicções por um prato de sopa fervida e por um calice de cognac.

Enebriam-se com os perfumes d'uma *toilette* mentirosa e deixam-se seduzir por uma caçarola de lentilhas temperadas e adubadas por palavrões sem sentido.

São ainda esses que vem seguidamente *apalpar* aquelles que se não vendem, nem curvam a tolices injustificaveis, a combinações ridiculas, a dispauterios inclassificaveis.

—Outros obedecem cegamente ás ordens terminantes dos patrões; vão para onde os encaminham sem coragem de interrogarem o destino que lhes dão.

Toda a sua disciplina consiste na obediencia fatal á voz do governante, gravitam em redor do centro—*mandão*—como os astros gravitam em roda do sol. Note-se todavia que o *mandão* n'este caso não é capaz de illuminar. É antes opaco, escuro, tapado como uma porta.

—Aqui tem a *Evolução* uma nesga da politica monarchica em Santarem. Avalie qual é a mentalidade dos politiqueros que por aqui se ostentam.

Prometto dar-lhe circunstanciadas informações do que se passa n'esta cidade. A politica merecer-nos-ha attenção especial, darei conta da firmeza de ideias que se abrigam nos cerebros dos *mandões*.

Estes, sujeitos a uma analyse rigorosa, constituam um ridiculo espantoso.

Um d'elles porém podia ser um cidadão notabilissimo.

X.

NOTICIARIO

Mals uma vez foi posta em scena a estafada e velha farça que todos temos visto representar no dia 2 de janeiro no theatro de S. Bento. Differentes actores, comparsas os mesmos. O desempenho correu regular; mas apezar d'isso ia fazendo *fiasco*, segundo o que nos diz o nosso collega o *Seculo*, e o sr. Fontes passou um mau quarto de hora quando o sr. D. Luiz lia a *papeleta* que este anno foi entregue pelo sr. Thomaz Ribeiro. Ao sr. D. Luiz terminou a voz de commoção, é que estava no seio da *representação nacional*. E' d'uma ingenuidade esta *representação nacional* encaixada na tal *papeleta*!... Dêem-lhe outro nome menos esse: por exemplo o seio dos nossos compadres e amigos.

O tal discurso da corôa, ou como melhor lhe queiram chamar, revela bem o cynismo dos governantes e a muita paciencia dos governados que ainda toleram taes comedias.

Diz-se alli que o sr. D. Luiz dentro em pouco terá o prazer de ser causa de que o povo seja esbulhado de perto de 1000 contos, para que elle possa bem receber o seu illustre parente D. Affonso XII. Não seria melhor que estas festas de familia fossem pagas á custa da respectiva familia?

Que nós importa a nós que o sr. D. Luiz tenha tantos primos e os queira a todos obsequiar? Faça-o, nada temos com isso, mas do seu bolso.

Diz-se mais: com geral socego em todo o reino e provincias ultramarinas se effectou a eleição de deputados. Isto é de mais! se o vissemos escripto n'um jornal estrangeiro, fallando de nós, vá, mas que se diga ao paiz em pleno parlamento é muito! Já esqueceram Gouvêa e Mangualde?

O sr. D. Luiz não pôde deixar de mencionar a recepção *sincera* que lhe fez o sr. Burnay no Porto, e agradece.

No tal discurso vae-se preparando o povo para ir puchando pela bolsa para que o *deficit* seja aniquilado! E gasta-se com a recepção do parente perto de 1000 contos!

A respeito do tratado de Lourenço Marques nada se diz, é de admirar! Por ventura o tractado não existio, não foi addiado, não houve *meetings* populares contra a sua

ratificação? Foi tudo isto simples illusão nossa?

Não foi, e o tratado está ainda na carteira do sr. Fontes, para ser votado, e será approved; porque elle assim o quer.

Nós n'esta omissão vemos o bem firme proposito de obstar a que alguma cousa se diga a respeito do tratado na resposta ao discurso da corôa, que de novo levante celeuma cá fóra, e faça recordar ao povo que o tractado ainda não foi annullado.

O sr. Fontes quiz fazer esquecer o tractado de Lourenço Marques, para o apresentar á camara de surpresa, fazel-o approvar e assim ludibriar o povo; é pois preciso estarmos alerta, não nos deixarmos surpreender: fallemos todos os dias em semelhante vilania e estygmatisemol-a sem descanço.

Recebemos e agradecemos o 1.º numero do *Diario do Exercito*, que começou a publicar-se no Porto no 1.º de janeiro.

E nitidamente impresso em elzivir.

Não tem politica. Consagrará o maximo espaço possível á resolução dos grandes problemas de interesse social; á instrucção popular, a agricultura, o commercio, etc.

Occupar-se-ha principalmente da questão militar, que considera uma das mais importantes.

Desejamos longa vida ao collega portuense.

«Estação civilisadora do Zaire:—Não está ainda escolhido o official para chefe d'esta estação. Não sendo este serviço dos considerados ordinarios, e a que qualquer pôde satisfazer, claro é, que o governo tem de resolver, de accordo com a sociedade de geographia, sobre a escolha do individuo; e essa escolha devia estar já feita, a fim de dar tempo, a que o novo chefe estude os seus deveres, e se compenetre da sua missão. (*Diario de Noticias*.)»

Já esperavamos isto mesmo e n'este jornal o previmos.

São estas as consequencias de porem á frente de ramos importantes da publica administração homens levianos e sem conhecimentos proprios dos negocios que dirigem.

O sr. Mello Gouvêa desconsiderou o distincto official Nuno Queriol, homem instruido, conhecedor das nossas colonias, dos costumes dos indigenas, e muito conhecedor do Zaire, que visitou mais d'uma vez, quando esteve como guarda marinha na estação naval d'Angola; e este brioso cavalheiro que deixava uma familia extremozza e o conforto da patria, porque tudo sacrificaria a bem do seu paiz, pediu a sua demissão de chefe da estação civilisadora no rio Zaire.

Que fazer agora, sr. ministro da marinha?

O que achamos mais curial, mais digno, é s. ex.ª convencer o official a quem deu o commando do vapor *Vithena*, desconsiderando o official a quem elle pertencia, a que vá para o Zaire, sanando assim todas as difficuldades que ha, para encontrar um official que, queira acceitar tão penoso encargo.

Duvidamos porém que o official, que conduzirá o *Vithena* a Lisboa, acceite tal missão; porque ir para o Zaire não é pavonear-se pelas ruas de Londrês ou de Lisboa.

A estação civilisadora talvez se não estabeleçaria prazo de tempo que todos esperavam por falta de chefe!

São estes os fructos do compadrio!

A *Folha do Povo* começou no dia 1.º de janeiro a publicar-se todos os dias.

Este jornal é o mais antigo que conta hoje o partido republicano. Atravessando uma vida, que nem sempre foi risonha, tem sabido conservar a mais nobre dignidade jornalística, a ponto de poder ser considerado como um modelo.

Nas suas columnas tem inserido artigos do mais alto valor. E o povo, d'onde ella saiu e para quem sempre foi a benevolente e sensata conselheira e mestra, tem-lhe sabido pagar a sua grande divida de gratidão.

A *Folha do Povo* é hoje o segundo jornal portuguez em tiragem.

Estamos certos que o novo diário ha de sempre corresponder ao juizo que o publico tem formado da *Folha do Povo*.

Por chegar tarde, não publicamos hoje a resposta a um artigo publicado na *Vanguarda* pelo sr. E. d'Almeida que nos diz respeito.

Na 1.^a e 2.^a columna da 4.^a pag. do nosso ultimo numero havia duas transcripções, uma da *Liberdade*, outra da *Folha do Povo*. Por engano attribuiu-se a um d'estes jornaes o que o outro diz e *vice-versa*. A ambos os collegas pedimos desculpa d'este erro.

Falleceu n'esta cidade o sr. Albano da Costa Montenegro. Foi sempre um empregado honesto e activo. A sua desmesurada modestia privou os apreciadores de trabalhos artisticos reconhecendo quanto elle valia. Deixou alguns trabalhos de embutidos de madeira, especialidade a que se dedicou, que são um verdadeiro primor. Esta noticia não é mais que um protesto de saudade de pessoa a quem elle votou uma viva affeição.

Os estabelecimentos de ensino são representados na commissão academica que promove em Lisboa o centenario de Pombal pela seguinte forma:

«Curso superior de letras, pelos srs. João Augusto Barata e Bartholomeu Salazar Moscoso.

Escola polytechnica, polos srs. Lourenço Cayolla e Antonio Leite.

Escola medica, pelos srs. Carlos Joaquim Tavares e Augusto Faustino dos Santos Crespo.

Escola do exercito, pelos srs. Augusto Tavares e Augusto da Cunha Ferraz.

Instituto agricola, pelos srs. João Viegas Paula Nogueira e João Eduardo Portugal Pereira da Silva.

Instituto industrial e commercial, pelos srs. da Ascenção Machado e Julio Maria Baptista.

Lyceu, pelos srs. Augusto Rodolpho e Feisberto Alves Pedrosa.

Collegio academico de Lisboa, pelo sr. Victorino de Andrade Neves.

Collegio de humanidades, pelo sr. Francisco Luiz Teixeira.

Collegio Parisiense, pelo sr. Arthur Pinto da Rocha.

Escola Moderna, pelo sr. Antonio Jacintho de Mollo Junior.

Houve hontem reunião da commissão, pelas 7 horas da noite, na Associação Academica.

A CARIDADE

Recitada no sarau em beneficio dos pescadores do Faradouro

Por sobre aquella ruína, eu vejo commovido, como um consolo immenso ao peito confragido

do pae que não tem pão, da mãe, mãe, que a chorar, aperta ao seio o filho a quem já falta o lar,

uma figura extranha em tanta suavidade, uma mulher ideal, sublime—A CARIDADE.

N'aquelle seu sorriso, o mesmo que Jesus tivera para nós ao expirar na cruz,

ha não sei qué do ceu, do vasto azul sereno, que eu fico pensativo e sinto-me pequeno.

Tão grande é no poder, que as suas azas mansas, cobrindo meigamente as pallidas creanças,

vão esconder-se além, no paramo infinito, como a abraçar o mundo e não perder um grito.

Ella entra em toda a parte. Abre o palacio e diz: —Além, n'aquelle encosta, um paria, um infeliz,

em breve vae morrer; tem fome e não tem pae. Esmola ao desgraçado, é vosso irmão, oh dae.

Depois vae á choupana; enchuga ao pobre o pranto, envolve-o, como mãe, nas pregas do seu manto,

e sempre n'um sorriso, atira-lh'a ao regaço. E lá parte a correr sem nunca ter canção.

Bateu á vossa porta e disse:—Ao pé do mar, ha filhos sem ter pão, ha paes que não tem lar.

Ha lá um vosso irmão, um rude luctador, um homem que trabalha, um pobre pescador,

que tinha um só ideal—a santa aspiração— dizer á noite ao filho:—Ahi tens tu um pão.

Veio a desgraça um dia, e o pobre que sonhava, n'aquelle immenso mar que tanto e tanto amava,

perdeu em pouco tempo o leito e o seu abrigo. Correi, ide acudir, mostrae-lhe o peito amigo.

Viestes vós aqui, viestes apressados lançar a vossa esmola áquelles desgraçados.

Lá cima ha um Olhar, Olhar que tudo vé, que segue o que acredita e segue o que descre,

e lança sobre vós as benções lá dos ceus. Sabeis que dar ao pobre é emprestar a Deus.

ÓVAR.

FERNANDO COUSIM.

LISBOA

6 de Janeiro de 1882

Cada dia que passa é assignalado por um novo disparate que os defensores da monarchia praticam. O que succedeu hontem é mais de que um disparate, é um attentado contra todas as liberdades individuaes, é o mesmo que declarar esta capital em estado de sitio e decretar suspensão de garantias. O theatro do Principe Real estava cheio de cidadãos pacíficos que assistiam á primeira representação da revista do anno de Baptista Machado e á qual este nosso collega do *Seculo* poz o titulo de *Faz-me arianjo, revista á altura da gravidade das circumstancias*; tinham pago e iam ali passar entretidos durante uma noite e não com o intento de attentar contra as instituições! O attentado contra as instituições, por meio da revolução, se este povo entender que o deve fazer por esse meio, não escolhe o acanhado theatro do Principe Real para esse grande dia da revindicação dos seus direitos, tem as suas praças publicas, tem as suas ruas, tem o seu parlamento, escusa de procurar a casa d'um particular para o fazer. Que saiba isto o sr. Arrobas e todos os seus ames!

O espectáculo corria na melhor ordem e o publico applaudia-o espontanea e entusiasticamente; depois de entrarem em scena muitos dos nossos mais altos vultos politicos, entra tambem o sr. Arrobas na figura d'um tigre; aqui é que os vinte policias que estavam nas dobradiças da plateia mandados para ali por imposição do sr. Arrobas para fazerem desordem, começaram a patear e o publico indignou-se e protestou energicamente contra a auctoridade que vinha provocar a desordem.

O sr. commissario de policia que até ali estava gostando da revista, como viu que o sr. Baptista Machado não lhe poupava tambem o seu amo Arrobas, faz córo com os vinte policias, e intima os empregarios para mandarem descer o panno.

Os empregarios, os srs. Ruas, recusaram-se, mas no final do 2.^o acto, o sr. commissario, mandou suspender o espectáculo e evacuar o theatro! Isto não se acredita, é uma monstruosa arbitrariedade que se não commenta; é necessario mesmo que este povo seja d'uma indole essencialmente pacifica, que tenha mais senso do que os que se dizem seus governantes, para não dar cabo de toda esta caranguejola. Os srs. Ruas acham-se presos por desobediencia á auctoridade! Os srs. Ruas dispendem uma somma enorme para pôrem em scena a *Revista*, convidam a auctoridade para assistir ao ensaio geral, annunciam-na com o visto do governo civil, compromettem-se para com o publico a dar-lh'a em espectáculo para o qual este publico, fiado n'isso, paga as suas entradas, e haviam assim burial-o unica e simplesmente, porque o sr. Arrobas entendeu mandar para o theatro vinte policias fazer desordem. E' inaudito e francamente é necessario pôr cobro a estes attentados contra as nossas liberdades.

Depois dos desatinos em Grandola, depois do corte, pela calada da noite, das vinte frondosas arvores do Rocio para armar nma

tribuna que custa 18 contos de réis para servir duás ou tres horas, o facto practicado hontem pela auctoridade, vem confirmar a opinião d'um nosso amigo a quem estes espectaculos de escandalosas tropelias provocaram a phrase de *estão todos doidos*. E estão, que o povo cumpra o seu dever, que retome os seus direitos e os mande, já que são doidos, para onde devem ir, para..... Rilhafolles.

Houve ante-hontem uma reunião de alguns republicanos para resolverem o convocar um comicio para o proximo domingo. Applaudimos a ideia e julgamos a occasião bastante opportuna; o comicio deve ser uma manifestação imponente, um protesto significativo contra esta ordem de cousas. Os oradores que a elle concorrerem talvez não tenham tido uma occasião tão favoravel como esta para apresentar ao povo o quanto tudo isto está *pódre*. Apresentar o estado desgraçado e decadente da nossa industria e da nossa agricultura, a ignorancia geral que lavra por todo o paiz, a completa desordem e immoralidade em todos os ramos da administração publica, as tropelias e arbitrariedades provocadoras que a auctoridade todos os dias pratica, e ultimamente nos factos de Grandola, no corte das arvores no Rocio, e no theatro do Principe Real, e depois frizar bem que os que se dizem nossos governantes, em vez de estudarem todos estes males para lhes applicar o remedio, só tractam de locupletar-se e aos seus amigos e de gastarem na recepção que o seu amo e senhor D. Luiz vae fazer a Affonso XII, o que assignou o decreto de pena de morte ao infeliz louco de Pinos—Puente, cerca de 1000 contos! (1000 contos representam a 5^o um encargo de 50 contos de juros annuaes que vamos pagar a mais, emquanto não pudermos pagar o capital, que nunca poderá ser!) tudo isto deve indignar o paiz e é preciso que elle tome a serio a sua situação, se quer ainda um dia ser um paiz civilisado, livre emfim.

Tinha mais algumas noticias a dar-lhes mas esta já vae longa e não quero roubar mais espaço aos restantes collaboradores do seu esplendido semanario que estão com os seus artigos prestando valiosos serviços á causa democratica; a minha prosa nem de leve tem esse fim, traduz desordenada e febrilmente uma justa indignação e ao mesmo tempo os mais fervorosos desejos de que o futuro da minha patria, seja ao menos, um pouco melhor do que o presente. Para isto é preciso trabalharmos todos; os diversos contingentes de cada um reunidos são de grande valia.

A lucta, sempre, pela conservação da nossa dignidade, pela rehabilitação d'esta pobre nacionalidade pela republica!

Antonio Furtado.

REVISTA ESTRANGEIRA

Todos os dias temos provas de que nos enganamos, quando dissémos que a Hespanha ia entrar n'um caminho de progresso e liberdade, não receiando as imposições clericas, antes fazendo comprehender ao ultramontanismo que o seu predominio em Hespanha tinha acabado.

Ha pouco o Bispo de Santander excomungava quatro jornalistas e Sagasta, apesar dos clamores da opinião publica não procede. Agora não é o Bispo que excomunga, mas a auctoridade que prende um individuo promotor dos banquetes mançonicos em Madrid. e não contente com isto impõe multas aos proprietarios dos predios em que se realizaram aquelles banquetes.

Isto basta para nos evidenciar que a reacção é protegida pelo «hijo de su madre» e será bom que elle pense na maneira como terminou o reinado da sua illustre progenitora. Os tempos não vão melhores para as testas coroadas.

Quando em França o ministro da fazenda declara que no proximo orçamento suprimirá o imposto de sello nos recibos, aqui é affirmado pelo sr. D. Luiz que o sen ministerio pensa na criação de novos impostos.

Mais um processo contra a imprensa foi annullado; é que em França todos respeitam esta instituição. Vem a proposito as seguintes palavras do *Indépendant*:

«Sómente amigos desastrados ou inimigos habeis podem induzir um governo a processar a imprensa por crimes politicos.»

Em Italia continua a imprensa registando qualquer intervenção d'alguma potencia européa nas suas relações com o Papa e o telegramma que abaixo transcrevemos procura mostrar que a Allemanha nunca teve idéa de tal intervenção.

Berlim, 2—Segundo referem noticias vindas de Roma, as negociações travadas entre a Allemanha e o Vaticano por mediação do sr. Busch, tiveram unicamente por objecto regular definitivamente a questão das promoções e nomeações do clero, e a administração ecclesiastica no reino da Prussia. Não se tratou da saída do Papa de Roma. O sr. Busch declarou que a Allemanha não pôde ceder da letra das leis, mas promette attenuar o espirito d'ellas.

Os negocios da Irlanda não melhoram e parece que a Inglaterra vae mudar de tactica, abandonando o systema da repressão e adoptando o da conciliação. Duvidamos que seja bem succedida, porque a Irlanda depois de tantos esforços e sacrificios não transigirá sem vér realizados os principios da *liga agraria*.

Segundo o telegramma que abaixo transcrevemos, o tratado de commercio da Inglaterra com a França pôde dar origem a complicações que não podemos prever.

Londres, 5—Diz o *Times* que o mallogro do tratado de commercio entre a França e a Inglaterra affectaria gravemente a cordialidade das relações dos dois paizes. Declara que a Inglaterra não acceita um tratado menos favoravel que o anterior. O *Times* repelle a idéa de intervenção armada anglo-franceza no Egypto, porque tal intervenção não faria senão augmentar as difficuldades.

ANNUNCIOS

CIRURGIÃO DENTISTA
CEREGHETTI DOMINIQUE
COIMBRA

POSSUE todos os apparatus anestheticos e chloroformisadores para extrahir dentes e raizes sem comoção alguma.

Tira dentes, molas, raizes sem a menor dor.—Empasta e orifica os dentes cariados, garantindo todos os seus trabalhos. Eguale os dentes demasiadamente compridos, separa os unidos e firma os vacillantes. Limpa os dentes com toda a perfeição. Tem muitos especificos para a conservação e limpeza da bocca e cura o escorbuto radicalmente.

Tira callos sem dor alguma podendo o operado calçar o calçado mais apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca houvera tido callos.

Tem a sua residencia e laboratorio na Praça 8 de Maio—Coimbra.

N. B. Advérte, que não faz uso da chave ingleza para extrahir os dentes. As suas operações são feitas perpendicularmente.

COIMBRA—Typ. de Santos e Silva.



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient* t. 1.º pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, *Cours de Philosophie positive*, t. 6. pag. 298.

N.º 8	CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA Cada serie de 15 numeros 300 reis.	COIMBRA, 15 DE JANEIRO DE 1882	PUBLICAÇÕES Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.	ANNO 1.º
-------	--	--------------------------------	--	----------

AVISO

Convidam-se todos os srs. acclonistas da «Evolução» a comparecerem sem falta alguma pelas 5 1/2 horas da tarde no dia 21 do corrente mez.

O PARLAMENTO

Abriam-se ha pouco as côrtes com as respectivas formalidades. Sua Magestade mais uma vez pronunciou o discurso da corôa, embalando os ouvidos dos subditos fiejs com a musica da sua voz. Adormentá do por esta doce melopéa, ha muitos annos que o paiz assiste como somnabulo á estranha representação d'uma comedia politica que tanto se tem prolongado. De vez em quando, como succedeu este anno, um espectador mais exigente, interpella *exabupto* o protogonista. O desconhecido ouvinte que das galerias da camara perguntou ao sr. D. Luiz o que era feito do tratado de Lourenço Marques, pronunciou uma phrase que, apesar de ser expressão d'um pensamento individual, deve fazer reflectir a nação inteira.

Se, como se diz, o tratado de Lourenço Marques, tem, em virtude de compromissos com a Inglaterra, de ser posto no anno corrente em execução, convem que o povo não se descuide e saiba conservar a energia e nobre indignação com que o verberou nos comicios imponentes para esse fim realisados.

Nós, os portuguezes, somos descuidados em demasia; parece que um anesthesico poderoso nos subjuga as faculdades e nos paralisa a acção. É por isso que os governos, reconhecendo a impopularidade d'uma medida, que para proveito

proprio lhes é indispensavel tomar, raras vezes renunciam a ella. Addiam a sua execução, e tanto basta para, encontrando-nos desprevenidos, a fazerem finalmente executar.

Crêmos que é este o plano que a regeneração prepara. Avisar o povo é o dever de todos os republicanos. Elles souberam mostrar ao paiz os inconvenientes do tratado, elles fizeram vibrar energicamente a alma da nação; mas o seu trabalho seria esteril se não levassem ao fim a tarefa tão digna e nobremente iniciada.

O parlamento já se tornou uma vez cumplice d'esta traição; a nova camara em nada está acima da que o fez, nem em moralidade, nem em intelligencia, nem em saber.

Sabe-se como todos os governos fabricam as maiorias parlamentares, e que o actual é especialista n'este fabrico.

O parlamento portuguez é, ha muito, a agremiação de ineptos argentarios e de habilidosos especuladores. Se no meio de tal gente apparece de quando em quando um homem intelligente, instruido e amante da patria tem de se retirar, como fez Francisco Mendes, character nobilissimo e lucida intelligencia, que saiu da camara, cheio de nojo e desdem por aquella abjecção indigna.

Se alguma vez se apresenta um deputado que represente a genuina vontade popular e se imponha ao paiz pela sua inquebrantavel honradez, encontra-se desamparado e sem auxilio, como succedeu a Rodrigues de Freitas.

A prova mais evidente de que a chamada representação nacional, não o é na verdade, temol-a na actual camara dos deputados. Por mais baixo que esteja o nivel intellectual da nação, não chega de certo á baixeza que a deputação nacional parece indicar. Representará o sr. Rosa

Araujo o circulo mais illustrado do paiz? Não, porque n'esse caso, as galerias da camara não o recebiam á gargalhada, como fizeram. Quem se apresenta revestido de tal auctoridade nunca é objecto de manifestações d'esta ordem.

Citámos um nome, que aliás respeitamos pela sua honestidade. Podiamos citar muitos outros; é escusado, porém: o leitor conhece-os de sobra.

É preciso acabar d'uma vez com este estado de cousas, que não é devido só a maquinações dos governos, que tem, forçoso é confessal-o, uma causa organica, de que se aproveitam os partidos.

Os homens que tem mais condições para serem independentes, fogem da politica, menos por antipathia do que por egoismo, deixando d'esta forma que os ambiciosos sem consciencia e sem dignidade especulem com os negocios publicos, que só deviam ser geridos por cidadãos desinteressados e honestos.

O proprietario diz ordinariamente que a sua politica é a administração da sua casa, a gerencia dos seus bens; o commerciante e o industrial exprimem-se da mesma forma. Apesar d'isso julgam dignos de censura os governos, sem se lembrarem que estes não poderiam fazer o que fazem se não fóra a indiferença d'elles. E acontece assim que os homens mais interessados na boa administração d'um paiz são exactamente aquelles que menos se importam com isso. Chama-se ordinariamente a isto desprendimento politico, nobre isempção, etc. Mas o que é certo é que, se não fosse esta nobre isempção, explorada com habilidade pelos governos, nunca poderiamos ter uma camara de deputados como a actual.

De tão vergonhosos effeitos a acção do governo é condição apenas; a causa vamos encontral-a na indiferença, que é

um dos mais deploraveis symptomas de falta de patriotismo.

Combatamol-a, pois, por todos os modos e ensinemos a quem tão lastimavelmente o ignora que tomar parte directa ou indirecta na governação do paiz não é exercer um direito, é cumprir um dever.

A academia perante o Centenario de Pombal

Apesar de todas as classes terem feito até este momento um silencio gelido e sepulchral á roda do tumulo do marquez de Pombal, quando está quasi completando cem annos que esse tumulo se cerrou, a academia de Lisboa, n'uma reunião extraordinariamente concorrida, acaba de afirmar perante o paiz que a memoria do grande ministro ainda não se afundio nas ondas tristissimas do esquecimento, que essa grande individualidade politica do seculo XVIII ainda brilha atravez do tempo com todo o esplendor dos grandes heroes, para os que não tem como luzeiro almejado o interesse, nem como unico porto de salvação o emprego publico.

A academia de Lisboa foi digna e opportuna na sua manifestação, porque quando por toda a parte se discutem os gravissimos problemas internacionaes, quando em todos os gabinetes diplomaticos paira como que uma ameaça universal, sobretudo para os pequenos, é necessario que os povos independentes, que não tem esquadras nem exercito para responder a qualquer ameaça á sua integridade, tenham ao menos os seus annos cheios d'estas paginas vivissimas de luz, que são a mais brilhante afirmação de que um povo que assim se desenvolve, que assim respeita as suas glorias, deve, ha de ter vida autonoma.

E quando essa gloria que se eleva do jazigo mortuario por uma grande comemoração civica até se gravar n'uma das folhas douradas da historia nacional é o marquez de Pombal, é o audaz politico que fez tantas vezes recuar a diplomacia europêa clerical, então augmenta o dever de executar a mais brilhante e sublime apothéose.

Porém, como na politica monarchica se viciam todas as grandes aspirações, como

vel. Lucta por ser segunda vez como foi é-lhe impossivel.

Isto que se dá com a gentileza—feminina dá-se com tudo o mais na vida.

Mas no pequenino salão conversa-se alegremente.

As anedoctas graciosas e vivas apparecem risonhamente, como uns *pierrôts*, mostram-se, beliscam-nos para nos fazerem sorrir; deitam-nos a lingua de fóra: fazem duas *pi-roetas*, e passam, deixando-nos a rir a rir, perdidos.

No meio d'estes *gavroches* da narração vem de quando em quando uma *nova* mais serena, mais grave, quasi respeitavel. É ou o enredo d'um drama ou d'um romance; ou a descripção d'uma excorção ousada, ou as peripecias de que foi revestido o apparecimento d'um livro etc. E esta classe de *novas* passa com o seu fato correcto, com um ramo de pequenas violetas na *bontoufiere* e *gantée jaune*.

FOLHETIM

UMA HARPA

É n'um pequenino salão confortavel, com *siuteils* commodos, molduras que sobressahem do papel assetinado com ramagens douradas, á que as lozes dão reflexos duros de metal.

Os reposteiros e cortinas estão hermeticamente fechados, zombando da noite de inverno. A luz incide nas serpentinas e jarrões que encimam uma elegante mesa de marmore. A um lado um piano d'Herard, elegante, aristocratico espera recolhido que umas mãos franzinas lhe vão dizer segredos brandos a que elle responda com os beijos sonoros das suas notas.

São dez da noite, jantou-se ha pouco. O ambiente tepido, a influencia magnetica dos sorrisos femininos, dos ditos temperados de *humour*, das casquinadas, que

percorrem o ar como uma cascata de vividas notas dando toda a escala com que uma garganta juvenil define uma alegria, um prazer; o an egosto de harmonias estranhas com que esperamos que um artista poderoso nos embale o pensamento; as picadas com que se nos faz lembrado o ultimo gelo de bom Moka, dando-nos aos nervos uma vibração vivissima; tudo isto nos dispõe, nos obriga, pelo menos esta vez na vida, a termos um rasgo mais ou menos eloquente, uma apreciação mais ou menos profunda, um pensamento mais ou menos elevado, um dito mais ou menos sintillante.

Se tu, caro leitor, revestido de todas as circunstancias que enumerei, ou de identicas, nunca te sentiste capaz de fazer alguma coisa agradavel, de dizer qualquer coisa justa, de te impores em fim, de qualquer modo estimavel, então és verdadeiramente infeliz e só na Cafraria ou em S. Bento poderás hoje em dia ser julgado um ser superior.

Mas não julgo tão entristecedora a tua attitude perante as solicitações incoerciveis,

indefineis, quasi enexplicaveis que n'alguns momentos da vida nos cercam.

Todos mais ou menos, no decurso de momentos de que é composta a sua existencia se recordam d'um d'entre elles todos em que foram d'algum modo culminantes, em que se julgaram superiores.

Eu por mim tenho reconhecido que muitas mulheres, por exemplo, tiveram um momento em que attingiram na historia curta da sua gentileza uma attitude a que nunca mais se podêram transportar.

O não sei que imperceptivel, o segredo que contem ou a camelia branca que lhe destacou dos cabelos finos, posta d'um certo modo, ou o *corsage*, ou o desenho que sobre a testa eburnea o pente de tartaruga phantasiou, este segredo não se repete, não se deixa segunda vez surprehender..... Como Fulana está hoje gentil!—mas hontem estava mais; tinha um não sei que..... mas ante-hontem estava muitissimo mais.

E por mais que ella queira esquecer esse momento feliz do seu reinado é-lhe impossivel.

n'este lamaçal enorme em que Portugal se vae afundindo ninguem pôde caminhar que não seja salpicado, tem acontecido que a imprensa regeneradora e constituinte tem querido asphyxiar os noblissimos desejos da academia com a cobarde conspiração do silencio.

Effectivamente, quando toda a imprensa devia elevar-se a uma saudação unisona para aquelles que tão alto desejam ver o nome da sua patria; quando aquelles que dizem dirigir o espirito publico deviam animar todos os que querem por estas grandes festas nacionaes affirmar a razão de ser da nacionalidade portugueza, os prélos ficam mudos, as machinas typographicas não se movem na maior parte da imprensa, para levar uma palavra de entusiasmo áquelles que trabalham na realisação do centenario.

Este facto, que parece anormal e inexplicavel, tem porém uma decifração bem facil; a imprensa que tem deixado accusar os seus partidarios com os crimes da Penitenciaria, sem uma negativa, sem um protesto, a imprensa que tem visto arrastar pelas mais ignominiosas sendas do crime os seus redactores, muda como um condemnado amarrado ao poste do castigo, porque esses crimes se realizaram, porque esses roubos se fizeram, a imprensa, finalmente, que tão baixo se tem rojado, não teve, não pôde encontrar na sua imaginação uma palavra sequer para ajudar a glorificação do ministro, que tão immaculado conservou o nome da sua patria.

Além d'esta razão, que explica perfeitamente o facto, temos ainda mais que esses jornalistas, não estando ainda fartos, porque são insaciaveis, querem por todos os meios conservar este estado immoral e anarchico d'administração que tão bem se dá com a monarchia, não lhes convem advogar os centenarios, porque sabem que estas solemnisações, agitando a opinião publica, em nome da gratidão que se deve aos novos deuses, aos genios, não podem deixar de produzir uma corrente de idéas no sentido mais liberal, isto é, no sentido democratico.

É por isto que ainda ha dois annos a imprensa progressista desejava correr a pau os promotores do centenario camoniano; é por isto que a imprensa regeneradora e constituinte se calam este anno perante os projectos do centenario de Pombal.

Mas que importa á academia que parte da imprensa se colloque como obstaculo ao seu caminho?

Os estudantes, que ainda no dia 18 deram uma prova tão brilhante do seu entusiasmo, não se importarão decerto com estas difficuldades mesquinhas e antipatrioticas; pelo costume, ellas servirão unicamente para a rebustecer na sua fé, para os animar no seu apostolado, para os cobrir de novas forças com que elles conseguirão fazer uma glorificação brilhantissima ao integro perseguidor da reacção.

Felizmente a imprensa republicana, cumprido o seu dever; animando a academia nos festejos Pombalinos.

Louvando esta imprensa, só desejamos que os estudantes realizem as suas aspirações collocando na bandeira das glorias nacionaes como uma das maiores estrelas o nome do annunciador do movimen-

to revolucionario em Portugal, o nome do Marquez de Pombal.

L. C.

A Vanguarda publica no seu n.º 86 um artigo assignado por E. d'Almeida, em que este sr. a proposito d'um artigo de fundo que publicamos em o numero 3 d'esta folha, nos mimoseia com uns dislates perfeitamente á altura de quem os escreve.

Não insistiremos na oportunidade e vantagens que o partido auferê d'estas contendas tristemente reveladoras e estereis, que um pouco de sensatez e de amor á causa deveriam fazer evitar.

Não repellimos, approvamos mesmo qualquer polemica de principios, séria e razoavel; mas censuras como a que o sr. E. d'Almeida levanta, envergonham o seu auctor e enojam a quem lhes responde.

Olhe sr. Almeida a sua critica nem de leve nós magoou. Felizmente vinha assignada, e tanto bastava para nós e o publico a termos na devida conta.

Ella veio mostrar-nos até onde pôde chegar o estulto arrojo d'uns certos pareas das letras e confirmar-nos a verdade profunda d'um dictado portuguez que n'este caso tem uma applicação immediata e evidente.

Transcrevamos as suas palavras e o leitor que o não conhecer poderá avaliar de que calibre é o critico com quem nós estamos mettidos.

Diz: «A Evolução. inseria no seu n.º 3, de 12 de dezembro, um artigo de fundo altamente extravagante, em que além de outras censuras, se pretendia justificar o pedido feito pelos academicos á magestade para terem feriados.»

Ora o periodo em que mais de perto nos referiamos aos feriados era: o facto ultimamente tão censurado, de a academia pedir feriados a sua magestade está longe de representar uma manifestação unanime d'esta corporação.

E anteriormente diziamos que a academia de Coimbra tinha sido atacada com severidade por uma parte da imprensa, que lhe attribuia uma falta de comprehensão social e da sua função, pondo até em duvida a sua dignidade e elevação de sentimentos. Que como membros d'esta collectividade, taes accusações vinham tambem recahir sobre nós. Mas a Evolução ahí estava para significar um protesto digno e honrado dos nossos brios melindrados.

(Vive retro)

Em seguida apontavamos á geração academica actual, como exemplos a seguir e escola de patriotismo e elevação moral, as academias da Europa que mais se tem assignalado nas luctas da liberdade.

Só a funda e bem provada perspicacia do sr. E. d'Almeida poderia encontrar aqui uma justificação ao pedido dos feriados.

O Seculo, que tratou esta questão á devida altura, não veio encontrar em o nosso artigo opiniões em contrario á que com tanto denodo sustentou; muito pelo contrario, continuamos a dever-lhe a fineza de repetidas menções honrosas.

Além d'isto n'um artigo assignado por um

lenciosos; que as historias debandaram, e se esfumaram no longinquo horizonte da nossa memoria.

Decorrido pouco tempo as taes mãos de neve agitavam por sobre a longa grade de cordas um oceano de sons. Pareciam joieral-os de modo que as notas chegavam até nós puras, limpidas.

Ora um pizzicato percorria a bella harpa, como uma rajada que agita as aguas crystallinas d'um lago. Instigando-o, ora os sons adormeciam como o marulhar da vaga que morre sobre a areia n'um segredo d'amor.

Nada ha para mim como a harpa. O violino embala-nos, dá-nos ao ouvido a sensação do moio, do brande, do que ha de mais recondito no thesouro da melodia.

O orgão faz-nos pequenos, humilha-nos como as cathedraes gigantescas, sua habitação. O effeito é cheio, e á força de ser grande quasi que perante a magestade das suas melodias apprehendemos a sensação do nada. O canto do orgão vae alargando alargando, e o nosso ouvido soffregos, sente-se

dos redactores d'esta folha foi devidamente apreciado o péddido. E a academia não veio reconhecida agradecer-nos as palavras de louvor que lhe dirigiamos. Nós sabemos o que uma tal franqueza nos custou.

E o sr. E. d'Almeida, que á mais completa ignorancia d'estes factos allia uma extravagante comprehensão das nossas palavras, vem para a Vanguarda e firma com o seu nome, (talvez com orgulho,!) o deploravel artigo de que nos occupamos!...

Depois de transcrever o penultimo periodo do nosso artigo diz: «De fórma que os senhores academicos redactores da Evolução ainda não têm opinião formada a respeito de monarchia constitucional e de republica.»

Isto nem merece commentarios. O leitor que nos tem lido bem conhece o abysmo de insanias que vae n'uma tal affirmação.

A respeito dos tres sabios, cujos textos transcrevemos no frontispicio do jornal, diz este auctorizado critico: «Que ideia formará aquelles rapazes dos trabalhos feitos por estes sabios em prol do desenvolvimento da civilisação?»

Que tal? Estamos a desconhecel-o, sr. E. d'Almeida.

Que ideia formaremos?... Mais razão temos nós para desejarmos saber qual é a sua.

Resolva-se um dia a esclarecer-nos, que ha de ter que ver. Como comprehenderá uma pagina de Harttmann ou Spencer quem transornou completamente o sentido d'um artigo tão simples?

Metta mãos á obra, sr. Almeida que estamos com curiosidade.

Diz ainda: «Já o outro dia, n'este mesmo lugar, dissemos que um dos peiores males que alligem a sociedade portugueza é, além do clero e da classe militar a praga dos bachareis com que a academia de Coimbra inunda o paiz. E realmente isto é uma grande verdade se conseguisse emancipar as classes productoras da nação do predomínio d'estas tres classes de parasitas sociaes, é incontestavel que estava completamente resolvida uma parte do problema politico que se nos apresenta, a maior importancia (?) com certeza.

Parece que qualquer individuo ainda o de melhor criterio e mais seriedade, em estando por algum tempo em contacto com aquella sociedade doutoral, se transforma completamente e á vontade dos mestres. Ali perdem-se as convicções mais profundas e aprende-se a amar mais a commodidade e a hipocrisia do que o trabalho e a verdade.»

Ahi ficam estas palavras para que os rapazes intelligentes, trabalhadores e independentes, que os ha e muitos na academia fiquem sabendo o alto conceito em que este sr. os tem, e como elle sabe fazer justiça.

Em seguida occupa-se no mesmo tom da organização da Universidade.

Tudo indica que n'um futuro mais ou menos proximo a Universidade venha a ser reformada, mas se campeios da força do sr. Almeida começam a pugnar por esta causa, tão justa e sympathica, mal e muito mal lhe irá. Que o sr. Almeida nos faça o favor de a não advogar. Nós desejamos tanto vel-a dentro em pouco triumphante!...

doido no seio d'aquelle canto, tenta colhel-o e perde-se.

Mas a harpa! a harpa!

Possue como nenhum outro instrumento — o murmuro — o dulcissimo murmuro. O murmuro de prazer... e nada ha mais alegre, mais vivido, mais arripiado de sons agudos, estridulos... o murmuro de dor e nada ha mais triste do que a vibração das suas cordas que soltam um gemido que ás vezes chega a ser aspero como as fibras d'um peito afflicto que estala. Eu nunca recebi uma impressão tão estranha como a que me dá a harpa.

Parece que se sente cada nota por duas vezes.

O nosso ouvido decompõe o ferir da corda e o lamento com que ella responde ao dedo cruel.

Dá um grito que termina n'um queixume; solta um brado que expira n'um gemido.

Emquanto aquella harpa soltava as estranhas melodias, o meu pensamento assistia aos mais phantasticos quadros que nos é

O sr. E. d'Almeida termina o seu longo artigo, dando-nos magistralmente um conselho, com tons de admoestação: — que não continuemos commettendo imprudencias...

Mil vezes obrigado sr. critico, e para lhe mostrarmos que o conselho nos aproveita, quando de futuro encontrarmos criticos da sua laia, havemos deixal-os grasnar...

E adeus, sabio e prudente Almeida.

As nossas Colonias

O caminho de ferro de Loanda para Ambaca ficará em projecto por falta de meios; a nossa colonia d'Angola bem como a de Moçambique estão alcançadas, a ilha de Santo Antão foi ha pouco assolada por uma grande inundação; Lourenço Marques ainda não tem um caminho de ferro que ligue este tão importante porto com o Transwal; e nada se faz.

Nada se fará, porque o sr. D. Luiz quer receber convenientemente o seu illustre parente!

Não ha dinheiro para terminar o que se começou, para acudir aos desgraçados que ficaram sem casa e pão; mas ha o bastante para realisar paradas que nada significam, e que não de dar occasião a que os hespanhoes se riam de nós, ao verem a organização do nosso bem disciplinado exercito.

São coisas nossas e que bem mostram a balleza das nossas instituições.

Parece que no espirito dos nossos governantes só predomina o velho principio adoptado pelos imperadores romanos — *paenm et circenses* — Querem fazer esquecer ao povo que nada se importam com a administração quer do continente, quer das colonias; que o divirta, que folgue, que admire o — filho de su madre — e deixe o paiz pagar e só pagar, a armada sem navios, as colonias sem administração, e portanto... festas!

Nós vemos as obras publicas em Angola suspensas; vemos o mesmo em Moçambique; o mesmo succede em todas as nossas colonias!

Ninguem ignora a importancia de Cabinda e Molembo; ainda ha pouco o paiz ahí sustentava dois filhos do barão de Cabinda procurando alli conservar as sympathias dos indigenas d'aquelle parte d'Africa; todos sabem que o preto de Cabinda é o indigena mais indispensavel em todas as relações commerciaes do branco com o preto; e que se faz para conseguir que este paiz reconheça a auctoridade portugueza?

Está alli o Barão de Cabinda que nenhuma duvida teria em reconhecer; todos os dias na sua casa iça a bandeira portugueza; e por ventura, apesar da carta, é aquelle territorio considerado portuguez ou pelos indigenas ou pelos estrangeiros?

Gasta-se 1000 contos em paradas etc. e não ha dinheiro para que se olhe seriamente por assumptos de grande importancia e que poderão levantar-nos ao que já fomos!

Gasta-se 1000 contos de reis em paradas e o caminho de ferro d'Ambaca está em projecto; o caminho de ferro de Lourenço Marques para o Transwal não se começa e — o Anjo da caridade, que tem 20 contos para *toilettes*, não tem um ceitil para os desgraçados da ilha de Santo Antão!

dado aperceber no fundo do nosso espirito

Eu via agitarem-se n'um mundo de sombras leves as visões das mais graciosas legendas... as do Rheno suaves como os raios da lua que as doirava, brandas como a nevoa matutina, puras como o canto antigo d'um *minnesterger* apaixonado.

Via sahir das alvas tunicas umas cabeças formosissimas, louras, desgrehadas; parecia-me que as madeixas dos seus cabellos cahiam pelas curvas sinuosas d'aquelles corpos imponderaveis pouco a pouco, como se guindo o rythmo que me feria o ouvido.

Quando mais longe voejava o meu espirito por entre aquellas meigas aprarições fluctuantes n'um banho de luar, senti como que o grito estridente d'um sacrificado.

Accordei do meu sonho. A bella harpa, para nada de encantador lhe faltar, até era caprichosa.

Tinha partido nma corda.

MANUEL DA SILVA GAYO.

Sabemos que occupar o paiz desde o Rio Loge até cabo Lopes era apenas uma questão diplomatica e que se de alguém houvesse opposição não viria ella dos indigenas; pois que elles bem nos conhecem, e dizemos mais, só a nós conhecem; mas para isto não ha dinheiro; porque acima de tudo está a realisação das promessas feitas em Caceres.

Gasta-se 1000 contos de réis em festas de familia, e o porto de Loanda está atulhado, não tem uma ponte de desembarque; com o do Ambriz succede o mesmo; Cabinda e Moembo o Zaire etc., que a carta diz serem nossas, são nos contestados pelos Ingleses, e para resolver estas questões, para realisar estes melhoramentos não ha dinheiro!

Fartae-vos lobos famintos!

Continuaremos.

Ha thesouros escondidos
No fundo do teu olhar;
Quem me déra ser mineiro
Para lá os ir buscar.

Teus olhos, urnas d'amor
Já não vertem tanto pranto;
Es agora mais ditosa,
Mas perdeste um certo encanto!

Tuas curvas sobranceiras
Lembram porticos d'egreja,
Onde o meu olhar se casa
Com o teu olhar que o deseja.

Um dia esp'rei pela aurora
Que tardava em appar'cer
Fui encontral-a depois
Nos teus olhos a nascer.

MANUEL GAYO.

Na impossibilidade absoluta de responder convenientemente aos ataques que todos os dias se dirigem ao throno oscilante diante da grande força dos principios da sciencia, e de uso virem os adeptos da monarchia com uma affirmativa banal e officialmente accete, sahida d'entre os prazeres gozados á mesa lauta do orçamento, ou da ignorancia crassa sobre o que seja justo, moralizador e por tanto accetavel nos dominios da theoria, como no campo da practica.

Não podem, ou fingem não poder conceber que a forma republicana tenha proximo o dia do seu estabelecimento, e isto pela razão, a seu ver indiscutível, de que o povo por uma notavel carencia d'instrução, não está preparado para receber uma forma de governo embora verdadeiramente acomodada aos principios scientificos.

Accetando nós por um momento tal affirmativa chegamos a concluir d'um modo que nada aproveita aos defensores da dynastia.

Com effeito, afirmar que o estabelecimento da forma republicana depende d'instrução que seja a sua base fundamental, é formular o panegyrico scientifico e politico d'essa instituição; é chamar-lhe util, moralizadora, economica e justa; é consideral-a como um producto do homem que pensa e sabe, do homem que sente e quer para submeter aos principios da moral e do direito a forma politica mais em harmonia com a sua natureza e liberdade.

Por outro lado, se, como dizem, o povo vive n'uma notavel carencia d'instrução, e se n'esse estado as suas aspirações politicas não podem ultrapassar os limites da forma monarchica, cuja sancção na esplendida carta é o freio indispensavel ás condições da sua baixesa de nível intellectual e moral, é certo que podemos concluir sem esforços que toda a fonte de vida da monarchia que se defende está na propria ignorancia, embrutecimento ou atrazo dos povos sujeitos a ella.

N'isto em que vamos de accordo com os nossos adversarios vae a condemnação das suas doutrinas, desgraçadas na verdade, porque por ellas condemnna o que tentam defender, como defendem o que julgam condemnar.

Argumentos da mesma natureza trazem sob identica forma e a cada instante para apresentarem a expressão da demeracia como a avançada destruidora da familia, da propriedade e da religião.

E que sem crenças nem aspirações firmes o vosso lemma de insidia e guerra miseravel á luz que se expande em nossos cerebros, ao sentimento que se dilata em nossos corações, e ao mesmo tempo, por uma incoherencia lamentavel, deixaes passar em julgado a decisão condemnatoria dos principios que defendeis sem a dignidade de homens livres, consciences.

Julgais ver a vossa causa salvaguardada pela ignorancia e baixesa moral dos povos, como vivendo d'estes dois factos, e tendes para toda a alteração no estado actual da nossa organização politica, como para os iniciadores d'ella — para os inimigos do lar, da crença religiosa da familia, todo o rigor da pena só reservada a grandes reus!

Nescios! Mas não, criminoso é o que busca na ignorancia, na cegueira, na escravidão do povo que não sabe a condição essencial para a sustentação da vida de parasitas que levaes; crime é querer sustentar o mais revoltante dos absurdos, a mais flagrante das injustiças á custa do suor do povo que [não] tem pensado porque nunca lhe abristes o templo augusto da instrução; crime é maldizer uma instituição util e justa em nome apenas do interesse e egoismo de alguns, é conservar o escravo manietado ao poste das trevas para gozardes nos falsos esplendores do luxo, nos requintes das orgias em que gastaes a alma, em que perdeis o sentimento para as nobres commoções.

De razão obsecada nem sequer conheceis o ridiculo do erro!

Quereis a hereditariedade com o seu fundamento na transmissibilidade de virtudes e talentos?

Pretendeis um grandó erro philosophico! Abri as paginas da historia; no deslisar de cada dynastia achareis na maior parte dementes ou ineptos.

Dizer realza é dizer riqueza, faustos, desperdícios; exemplos a registrar eil-os ahí patentes. D'esta forma quereis a aglomeração, como o esbanjamento de capitães arrancados ao trabalho dos povos, consumidos sem utilidade e pagos amanhã com juros pesadissimos. D'qui resulta a miseria, vos sancionael-a. Sois reus de lesa humanidade.

Apregoar e defender o privilegio é offender o direito na sua accepção mais grandiosa: é o que fareis.

Pois bem proseguí como nós, sem embargo da insidia ou mentira na defeza que tentaes sem proveito, como nós que bem sabemos não serem de hoje as armas de que usaes. Os livros de Bacon e Descartes foram queimados, Galileu foi encarcerado, como Colombo entregue ao despreso, e os sophistas da Grecia propinaram a cicuta a Socrates. É que todos representavam o progresso como na nossa humidade se representa nas ideias que sustentamos. Depois, temos ainda uma convicção verdadeiramente salutar no caminho que percorremos, e é que n'esta lucta constante para demolir uma instituição caduca são tão precisos os nossos esforços, como os d'aquelles que tentam ampararal-a na sua ruina.

A monarchia agonisa

Incontestavelmente a velha monarchia portugueza entrou no ultimo quartel da sua odiosa existencia. Está impertinente, leviana, tropega, impossivel!

Ella sabe perfectamente que vive, não por graça de Deus, mas pelo apoio, mais ou menos criminoso, do povo; sabe que a sua existencia terminará no dia em que esse povo, como unico soberano, lhe lavre a fatal sentença; sabe que a resistencia á vontade popular, alonge, de lhe garantir, á vida, lhe traz a morte, tanto mais affrontosa e lenta quanto mais tenaz e iniqua foi essa resistencia imprudente; sabe que a maneira unica de adquirir as sympathias, de que tanto necessita para se sustentar por mais algum tempo, é satisfazer as necessidades da nação, fazendo desaparecer a enorme e desanimadora divida, desinvolvendo as riquezas naturaes, tornando o paiz respeitado e digno, engrandecendo-o por todos os meios, pela sciencia, pelas artes, pelo commercio, pela moralidade, pela justiça, pela liberdade. Sabe tudo isto, mas a nada attende a imprudente e lá vae despenhar-se, cega e apupa-

da no abysmo que ella propria cavou. É sina, cumpra-se!

Já de ha muito que uma parte do povo portuguez, a mais trabalhadora, comprehendeu que a realza não pôde satisfazer as necessidades sempre crescentes da nação, porque isso anniquilaria o poder real — e este ou ha de gozar uma existencia egoista, e por consequencia pondo de parte todos os interesses do povo, ou não existirá. Não é portanto n'uma monarchia que um povo civilizado pôde encontrar a liberdade de que necessita porque essa liberdade é incompativel com a existencia d'aquella. O acto mais importante da liberdade d'um povo é sem duvida a escolha sensata do administrador dos seus bens; — essa liberdade nas monarchias está destruida pela hereditariedade.

Não ha monarchicos por convicção. Todos os seus apologistas dependem da realza. Nenhum homem independente e honrado, que conheça as leis que regem este systema de governação e que olhe com franqueza para o nosso monstruoso progresso, deixará de se indignar pela conservação ruinosa d'um tal regimen! E não será justissima e nobre a sua indignação? Não teremos nós milhares de factos para provarmos a incompetencia do systema monarchico? A quem devemos a perda de muitas colonias que nos pertenceram? Aquem devemos a nossa duvidosa autonomia, a monstruosa divida, a pouca consideração com que os estanhos nos mimoseiam, a immoralidade nas eleições e em todos os actos governamentais, o vergonhoso numero de 3:700:000 analfabetos m 4:500:000 habitantes, a justa descrença arreigada no espirito do povo dos beneficios da monarchia, a despeza inutil e extravagante de milhares de contos em negocios prejudiciaes e festas aos inimigos acerrimos da nossa independencia? Aquem devemos tantos beneficios? — o povo, o martyr que responde.

Cerca de 1000 contos se gastaram com as festa do rei Affonso XII (!). Pois esses 1000 contos, sabios governantes, não seriam utilmente empregados na construcção de um caminho de ferro que fosse desinvolver o commercio em qualquel provincia, a do Algarve por exemplo, que ha dezenas de annos espera ansiosa o seu estabelecimento? Pois esses 1000 contos não seriam mais vantajosamente empregados na criação de muitas escolas para diminuir um pouco o numero de 3.700:000 analfabetos, que a orgulhosa familia portugueza encerra no seu seio como emblema precioso do seu adiantamento?

Pois não seria mais humanamente empregado esse dinheiro, soccorrendo milhares de familias que actualmente luctam com a miseria e a fome? — Tinheis ahí bem perto, na Trafaria, onde podesseis caridosamente cumprir essa obra grandiosa, que é o vosso dever. E quereis que o povo honrado e digno vos applauda? Porque vos revoltaes contra o partido republicano que guerreia lealmente? Queixae-vos da vossa insensatez provada, da pouca habilidade que vos acompanha nos vossos actos, da falta de sagacidade e illustração que mostraes nos negocios da governação. Não é perseguindo esse partido, que hoje conta nas suas fileiras as principaes intelligencias de Portugal, que podeis salvar-vos e salvar-nos. Deixae-o e respeitae-o, porque elle vos apresenta modelos de honradez e autoridade scientifica que exigem o vosso respeito.

Infelizmente não sois os unicos culpados das nossas miserias, é tambem uma fracção do povo fraca e sem brio que vende infamemente a sua consciencia e que indignamente vos elege por um copo de vinho!

E ides depois hypocritamente apregoar no parlamento que sois a representação nacional, quando representaes unicamente os vossos interesses ou a ambição vaidosa de occupardes um lugar onde pela vossa mesquinhez intellectual vos tornaes ridiculos e prejudiciaes á verdadeira representação nacional.

Mas essa fracção despresivel do povo que profana tão vilmente o sagrado direito do voto em breve receberá a desillusão.

Da analyse imparcial que dirijamos para qualquer ponto do organismo monarchico só colhemos indignação e nojo. O exercito que se organizou para a defesa da patria, e nunca para defender a pessoa do rei que pôde deixar de merecer esse sacrificio, o exercito, que deve sempre representar a vontade

nacional, esse exercito que sae do povo e é por elle sustentado, conserva-se actualmente para oppôr-se e guerrear a vontade d'esse mesmo povo. Tristissima condição a sua — ver-se obrigado a sustentar os seus proprios inimigos!

Depois d'isto são os republicanos que arruinam o povo, que o desmoralizam, que chamam a banca-rola a este malfadado paiz, que compromettem a independencia nacional, que deslustram o nome portuguez adornado por tradições tão brilhantes? São elles que illudem o povo com promessas pomposas para lhe extorquirem, em momentana satisfação os seus magros vintens?

No dia da justiça elle saberá descobrir os criminosos e punil-os como merecem.

Mas todas estas corrupções, vicios, esbanjamentos e immoralidades são os symptomas infalíveis de que a monarchia portugueza se approxima rapidamente do seu occaso. Então nada a fará deter no seu cambalacho fatal, nem as suas hostes aguerridas, nem o poderoso auxilio das intelligencias mais que provadas dos seus homens d'Estado. E nós, presagiando n'esses systomas a sua morte certa, exclamamos crentes e com solemni-dade: — a monarchia agonisa!

Lisboa, janeiro de 1882.

Coelho Junior.

Noticias de Santarem

É opinião corrente n'esta cidade, nas suas proximidades e até na capital que os mais valiosos potentados eleitoraes de Santarem são os srs. dr. Pedroso, conselheiro Mello e visconde d'Andaluz. Accentua-se mais que d'estes tres cavalheiros deve considerar-se em terceiro e ultimo lugar o sr. visconde d'Andaluz, sendo verdadeiramente difficil determinar a prioridade dos dois outros acima indicados. Os que discutem o valor politico dos srs. Pedroso e Mello julgam-nos em egualdade de poderio eleitoral; *equilibram-se* — tal é o termo geralmente empregado.

Consta que o sr. Pedroso não approva hoje a marcha politica, seguida e traçada pelo sr. visconde d'Andaluz, actual governador civil do districto e reprova mais ou menos abertamente a politica regeneradora, de que tem sido nos ultimos tempos um defensor acerrimo, um paladino fortissimo. Hoje é um dissidente.

Consta ainda que s. ex.^a se filiou no partido constituinte, do qual é aqui o representante legitimo. Não sei bem até onde é exacta e fiel esta noticia, porque se segreda tambem que s. ex.^a sollicitára de influentes progressistas, sob condições, ser procurador á Junta Geral pelo concelho da Barquinha.

O que é seguro, assentado e definitivo é que o sr. Pedroso saiu eleito procurador á Junta Geral pelo concelho da Barquinha, onde predominam influencias progressistas; mas é ainda para mim problematico, se a sua eleição por aquelle concelho foi por s. ex.^a sollicitada e accete em troca de futuros serviços que em crises espinhosas valem uma quantia calada.

Estou bem certo que tudo isto será brevemente deslindado, porque embora os altos segredos da politica sejam a principio do dominio dos escolhidos, não de transpirar mais tarde e ser patrimonio de todos.

O sr. conselheiro Mello é hoje regenerador, comquanto fosse progressista, quando o sr. Braamcamp, ainda não vae decorrido um longo espaço de tempo, presidia aos destinos do paiz.

O sr. Mello trabalhou a favor da eleição a deputado do ex-ministro da fazenda, Barros Gomes. Era então amigo intimo do chefe do partido progressista n'esta cidade, dr. Napoleões, com quem privava e fazia politica commum e de quem hoje diz umas cousas muito feias e agallegadas. Servem estas para os folhetins engraçados que costumam fazer-se na loja do Luiz e mestre João, onde a gente se ri a bandeiras desprezadas, quando faz o folhetim quem tem pillheria, e a satyra pungente do ridiculo.

O sr. conselheiro Mello vive hoje na mais doce e irreprensivel intimidade com o sr. visconde d'Andaluz, de quem hontem afir-

mava umas cousas repugnantes, de quem era inimigo encarniçado, violento e brutalmente temível.

Ralharam deveras em Alcanhões e concertaram-se durante um jantar, que tanto entreteve a curiosidade publica.

O sr. Mello desertou do partido progressista quando lhe presentiu a queda.

Fez um cambio que lhe mereceu ovações repetidas.

S. ex. é actualmente procurador á Junta Geral pelo concelho de Mação.

—Estranha-se que o sr. Mello e dr. Pedroso fossem mendigar fóra os votos dos desconhecidos, elles que se consideram os baluartes inexpugnaveis d esta terra; observando que saiu nomeado por Santarem um outro cavalheiro.

O sr. visconde d'Andaluz foi um dos fundadores n'esta cidade do centro politico progressista realisando-se a primeira reunião para tal fim na propria casa de s. ex.^a

Era o sr. visconde n'esse tempo um apostolo dedicado, *doceret omnes gentes*, definindo com o maximo rigor e pulmão o grupo regenerador de *baldomeras*, esbanjadores, etc. etc. Passado pouco tempo, sae eleito deputado regenerador; produz-se em s. ex.^a um reviramento assombroso, que lhe valeu uma phrase energica bem condensada e bem cabida do mestre Constantino.

Ninguem sabe com certeza para onde s. ex.^a caminhará amanhã, avaliando-o por estes factos, cuja veracidade garantimos.

Commenta-se muito o tremendo cheque que o honrado commerciante d'esta praça, o sr. Joaquim M. da Costa, acaba de dar ao governador civil, recusando com levantada isempção o diploma de vogal substituto do conselho de districto, que representava uma reparação hypocrita e mentida a uma desconsideração immeritada.

Bem haja o sr. Costa pelo seu procedimento digno e recto. Choveram os pedidos, vieram ao sr. Costa emissarios especiaes, aproveitaram-se todos os meios. Tudo foi inutil. A resposta dada aos emissarios é realmente curiosa.

X.

Á POMBA QUE VOU

Foste-te, ó luz das solidões amenas!
O' grandes olhos tristes, ideias!
—Partiste, casta pomba d'alvas pennas,
Em procura dos lucidos pombaes!

Tu estás hoje entre aservas e as poeiras,
Ou cheia de celestes claridades!
O' doce irmã das rolas companheiras!
Por ti ouço chorar as larangeiras!
E de luto vestirem as saudades!

Ah! quantas vezes, n'este mar d'escolhos,
Contemplando o azul duro e sem fim...
E os pés ensanguentados nos abrolhos,
Eu nas estrellas creio ver teos olhos
Que estão chorando lagrimas por mim!

Teu corpo está talvez, dilacerado
Entre as plantas escuras e as raizes!...
E, ah! que vezes talvez, n'um ai cortado
Não me terá teu seio immaculado
Entre aservas bradado—*Não me pizes!*

Por isso vou curvado para o chão
Com medo de pizar-vos, tranças bellas!
—E ah! quantos, como eu, também irão,
Correndo o mundo atraz d'um illusão,
Ou soletrando as mysticas estrellas!

Foste-te luz das solidões amenas!
O' grandes olhos tristes divinaes!...
—Partiste, casta pomba d'alvas pennas
Em procura dos lucidos pombaes!

Gomes Leal.

CARTA DE LISBOA

Caros collegas.

Encarregado por essa redacção de informar os leitores do nosso jornal acerca da tragi-comedia que se está representando aqui, vou hoje desempenhar-me d'essa missão custosa. Não é facil tratar assumptos que nos repugnam.

Mas, emfim, contrahida a obrigação, é forçoso que não me exima ao compromisso tomado.

A chegada de D. Affonso não despertou aqui enthusiasmo de especie alguma, nem mesmo enthusiasmo alugado, que de resto é facil de arranjar. O longo percurso de Santa Apolonia a Belem fel-o o rei de Hespanha no meio da maior frieza.

Não ouvi um unico viva.
Apenas um ou dois jornaes dão noticia de se terem levantado alguns *hurrahs*, que são problematicos.

D. Affonso, gravemente reclinado no fundo d'um coche de gala, mostrava á multidão a sua cara inexpressiva, banal, no meio do mais profundo silencio e sem provocar uma só manifestação de sympathia.

O prestito real deixou em todos a impressão funebre d'um enterro.

—Na quarta feira houve corrida de cavallos. A fina flor do *high-life* teve um pretexto para mostrar os seus cavallos, trens e toilettes. Não me parece que o galope dos cavallos firmasse nas consciencias o sentimento monarchico.

—Quinta feira abertura da exposição de arte ornamental.

A exposição é deslumbrante.
Não é possivel fallar n'este momento de tanta belleza que ali se accumula com uma profusão e com um brilho offuscador. Seria materia para um longo artigo, que eu não posso escrever porque me faltam conhecimentos e tempo.

Espero que no proximo numero da *Evolução* um amigo meu, muito versado em critica d'arte se occupará largamente da exposição.

O fogo esteve bom, mas pareceu-nos inferior ao que foi queimado por occasião dos festejos do principe de Galles, e mesmo ao que se queimou no Bairro Camões.

A vista do Tejo era esplendida; a illumination estava deslumbrante.

—A parada, realisada no sabbado, apresentava a novidade de figurarem n'ella os alumnos do collegio militar, que marchavam muito bem, e se apresentaram com distincção.

O corpo de marinheiros tambem era geralmente notado.

Terminando, dir-lhes-hei que estas festas, deixaram pou-o a desejar pelo lado theatral e spectaculoso; porém, se as consideramos sobre outro aspecto, são uma revelação da incompetencia politica do governo.

Todos ficaram convencidos de que a presença do rei de Hespanha em nada avivou as convicções monarchicas. Foi recebido o mais friamente possivel; na sua passagem o que houve foi curiosidade, enthusiasmo nenhum.

Era interessante ouvir os commentarios que o povo fazia a esta visita, e os gracejos picantes de que o rei de Hespanha era alvo continuo.

(Do nosso correspondente)

EXPEDIENTE

Encarregam-se de receber a importância das assignaturas da «Evolução» em Tavira o sr. Se-

bastião Galvão e em Lagoa o sr. Domingos Faria.

Os srs. assignantes das localidades onde não temos correspondente, obzequelam-nos enviando em estampilhas a importância de suas assignaturas á Administração da «Evolução» na Couraça dos Apostolos 29, 3.º.

Este jornal vende-se em Lisboa na Tabacaria do sr. João José Baptista, Kiosque do Rocio.

Encarrega-se de receber a importância das assignaturas da «Evolução» em Alcanena o sr. Antonio Mendes Garcia.

NOTICIARIO

Escrevem-nos de Torres Novas e dizem-nos que a actual vereação d'aquelle importantissimo concelho elegeu para presidente o ex.^{mo} sr. Joaquim Ribeiro d'Avellar, d'Alcanena.

Fez a camara uma escolha acertadissima e nós fiamos bastante da competencia do sr. Avellar.

Folgaremos muito que s. ex.^a faça uma administração liberal, sensata e verdadeiramente justa.

Olhe com demorada attenção para Alcanena, que tão esquecida tem andado de quasi todas as vereações e promova-lhe os melhoramentos a que ella pela sua importancia commercial tem incontestavel direito.

Tem a camara actual muito que fazer e não se sujeite a imposições politicas, venham ellas d'onde vierem. Beneficie os povos e faça uma administração progressista, sem deixar de ser economica.

Siga o caminho recto e bem mercerá do municipio.

Matricularam-se no concelho d'Almeirim em instrução primaria durante o anno lectivo de—1880 a 1881—119 alumnos e 131 meninas, das quaes ficaram promptas no fim do anno apenas trez. Nem alumnos nem alumnas fizeram exame d'admissão aos lyceus.

Sentimos que a instrução esteja tão pouco cuidada em Almeirim, que é hoje uma villa de notavel importancia vinhateira.

Ligada a Santarem pela ponte sobre o Tejo deve ainda vir a ser em tempos não distantes um ponto central para o commercio do Alentejo.

Possue Almeirim recordações historicas de subido apreço; tem ultimamente realisado valiosos melhoramentos materiaes e carece quanto antes de promover os melhoramentos intellectuaes que tanto faltam na classe plebeia.

Esperamos que dentro em pouco tempo se publicarão n'esta folha umas cartas da Bairrada, onde se descreverá com verdadeiro conhecimento de causa o estado vinicola d'aquella região.

Prometteu-nos este trabalho um amigo que muito apreciamos. Estamos convencidos de que serão interessantes e uteis.

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

ALERTA! *antidoto da reacção açoriana.*
Coimbra medica, de que é director o sr. dr. Augusto Rocha. O summario d'este numero (1.º do 2.º anno) é o seguinte: AUGUSTO ROCHA—*Preambulo*; J. NAZARETH—*A variola em Coimbra*; A. A. MONTEIRO DE FIGUEIREDO—*Encephalometro ou compasso de trez coordenadas*; A. IGNACIO SIMÕES—*Synopse das operações feitas no hospital da Universidade pelo curso do 4.º anno medico no anno economico de 1881-1882*; *Miscellanea.*

Tem experimentado consideraveis melhoras o sr. Joaquim Peres, estudante do 1.º anno da Universidade.

A vereação do Cartaxo é actualmente presidida pelo sr. Antonio Gomes da Silva.

É bem certo que os povos praticam de quando em quando uns taes dispanterios que ninguem sabe justificar.

Um dos redactores d'esta folha se fosse capaz d'abrigar sentimentos d'odio, julgava-se com este facto verdadeiramente vingado.

No entanto a minoria da camara tem homens respeitaveis que muito presamos.

Magôa-nos simplesmente que tenham a camaradagem de *almanachs da gargalhada.*

Tencionamos encetar brevemente uma analyse circunstanciada e imparcial sobre a ultima reforma d'instrução secundaria.

Apontaremos as inconveniencias que n'ella se encontram e indicaremos a nossa opinião sobre as modificações que lhe julgamos precisas.

Embora o parlamento esteja aberto, cremos que nenhuma importancia lhe darão, porque a politica monarchica simplesmente cuida de dificultar ao povo aquillo de que elle mais precisa.

Temos em nosso poder nma correspondencia de Santarem, que sairá na proxima semana.

Agradecemos ao nosso estimavel correspondente a regularidade com que nos envia os seus escriptos.

Ao nosso distincto collaborador Lourenço Cayolla pedimos desculpa da demora involuntaria que houve na publicação do seu bello artigo, inconveniente devido a um equívoco do carteiro.

Errata:—No artigo em que respondemos á *Vanguarda* um lugar de—além de outras censuras—deve lêr-se além de outras cousas.

ANNUNCIOS

CIRURGIÃO DENTISTA
CEREGHETTI DOMINIQUE
COIMBRA

POSSUE todos os apparatus anesthesicos e chloroformisadores para extrahir dentes e raizes sem comoção alguma.

Tira dentes, molas, raizes sem a menor dor.—Empasta e orifica os dentes cariados, garantindo todos os seus trabalhos. Eguala os dentes demasiadamente compridos, separa os unidos e firma os vacillantes. Limpa os dentes com toda a perfeição. Tem muitos especificos para a conservação e limpeza da bocca e cura o escorbuto radicalmente.

Tira callos sem dor alguma podendo o operado calçar o calçado mais apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca houvera tido callos.

Tem a sua residencia e laboratorio na Praça 8 de Maio—Coimbra.

N. B. Advérte, que não faz uso da chave inglesa para extrahir os dentes. As suas operações são feitas perpendicularmente.